



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Centro Universitário de Lisboa
Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Treino Desportivo

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO NA ÁREA TÉCNICA DE
GUARDA-REDES, NO ESCALÃO DE SUB.17
MASCULINO DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE
FUTEBOL ÉPOCA 2021/22**

Relatório de Estágio a provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Treino Desportivo, orientado por Prof. Doutor Filipe Luís Martins Casanova

Márcio Alexandre Henriques Gonçalves dos Santos,
Nº21004075

Lisboa
2024



Centro Universitário de Lisboa
Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Treino Desportivo

RELATÓRIO DE ESTÁGIO
NA ÁREA TÉCNICA DE GUARDA-REDES,
NO ESCALÃO DE SUB. 17 MASCULINO DA
FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL
ÉPOCA 2021/22
“VERSÃO FINAL”

Relatório de Estágio defendido em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário de Lisboa no dia 07/03/2024, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação N°688/2024, de 12 de Fevereiro de 2024, com a seguinte composição:
Presidente: Prof. Doutor Jorge dos Santos Proença Martins
Arguente: Prof. Doutor Paulo Jorge Rodrigues Cunha
Orientador: Prof. Doutor Filipe Luís Martins Casanova

Lisboa
2024

Epígrafe

*It`s never to late to feel a little more alive.
Let`s go to a new challenge.*

Quin Schrock

Agradecimentos

A Vida e o Futebol têm estado lado a lado, impossível de os viver de forma isolada, sendo a forma como vivemos o sucesso e o insucesso que nos fará crescer, desta forma torna-se inevitável e fulcral o reconhecimento das pessoas que estiveram presentes durante estes meses de dificuldades, mas ao mesmo tempo de esforço e alegria.

Primeiramente, e sem qualquer tipo de incerteza, um muito obrigado à minha família, em especial à minha mulher Cláudia e aos meus filhos Mariana, Leonor e Diogo. Pela minha presença e ausência, no caminho que continuaremos a percorrer.

Ao meu orientador, Professor Doutor Filipe Casanova, pela forma como sempre me acompanhou e incentivou neste processo de dificuldade e, por vezes, de incerteza, um obrigado de gratidão.

Uma palavra de apreço para o Professor Joaquim Milheiro, pelo apoio e pela forma como agilizou todo o processo.

Ao meu amigo José Lima e a todos os elementos do Staff dos Sub. 17, pela partilha e da forma que conduzimos a prática de forma profissional, durante os diversos momentos da época. Muito Obrigado!

Um agradecimento ao Professor Doutor Daniel Barreira pela sua presença e competência.

Um reconhecimento especial ao amigo Pedro Espinha pela sua partilha imensurável.

Por fim, à instituição Federação Portuguesa de Futebol, pela forma que promove e fomenta um espaço de união e família diferente, a da FPF.

Muito Obrigado, a todos que de certa forma me acompanharam...

A ti e para ti Mãe!

Resumo

O Guarda-redes no Mundo do Futebol, deixará de ser um elemento estranho, no momento que lhe seja dada a devida importância, este OBSERVA, REFLETE E ATUA de forma diferente, nunca será considerado O JOGADOR nuclear, no entanto, será sempre o último a corrigir os demais.

O presente Relatório de Estágio descreve e contextualiza o estágio efetuado na equipa de Sub. 17 masculina da Seleção Nacional Portuguesa de Futebol, em que participou em diversos torneios, rondas de apuramento e no Campeonato da Europa Sub.17 - Israel 2017. O objetivo primordial foi o de desenvolver as funções de treinador profissional de guarda-redes, operacionalizando todo o processo de planeamento e de intervenção nas sessões de treino, em cooperação com a restante estrutura técnica e departamentos envolvidos.

Também, o relatório de estágio apresenta um trabalho técnico-científico que abordou a caracterização do processo ofensivo iniciado pelo guarda-redes de Futebol, permitindo, subsequentemente, que o guarda-redes consiga desenvolver um melhor conhecimento da forma de jogar, assemelhando-se à Identidade de jogo nacional. Assim, na presente investigação analisaram-se 418 ações do início do processo ofensivo por parte do guarda-redes, no decorrer de 17 jogos. Os dados codificados foram submetidos a uma análise descritiva e sequencial através do programa SDIS-GSEQ, para verificar a probabilidade de existência de relações de associação significativas entre as diferentes categorias do instrumento de observação.

Ao longo do relatório descreveram-se reflexões críticas do processo de estágio que permitirá uma melhor organização funcional, na área técnica dos guarda-redes nacionais.

Em suma, os objetivos gerais e específicos delineados no presente relatório de estágio foram superados, nomeadamente pela envolvimento e interação nos momentos de treino da equipa enquanto treinador de Guarda-redes. Também, os resultados da investigação sugerem ser importante a existência de dinâmicas entre os guarda-redes e os restantes elementos da equipa, de forma a existir sucesso nesse momento do jogo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Estágio; Treino; Jogo; Processo Ofensivo; Guarda-redes.

Abstract

In the world of football, the goalkeeper will cease to be an outsider the moment he is given due importance, he will OBSERVE, REFLECT AND ACT differently, he will never be considered THE nuclear player, yet he will always be the last one to correct the others

This Internship Report describes and contextualises the internship carried out with the men`s U17 team of the Portuguese National Football Team, which took part in various tournaments, qualifying rounds and the European Championship U17 - Israel 2017. The primary objective was to develop the functions of a professional goalkeeper coach, operationalising the whole process of planning and intervening in training sessions, in cooperation with the rest of the technical structure and departments involved.

In addition, the internship report presents a technical-scientific work that dealt with the characterisation of the offensive process initiated by the football goalkeeper, subsequently allowing the goalkeeper to develop a better knowledge of how to play, resembling the national game identity. Therefore, this research analysed 418 actions at the start of the offensive process by the goalkeeper over the course of 17 games. The coded data was subjected to a descriptive and sequential analysis using the SDIS-GSEQ programme, in order to verify the likelihood of the existence of significant relationships of association between the different categories of the observation instrument.

Throughout the report, critical reflections on the internship process have been described, which will allow for better functional organisation in the technical area of national goalkeepers.

In short, the general and specific objectives outlined in this internship report have been met, specifically due to the involvement and interaction during team`s training sessions as a goalkeeper coach. Moreover, the results of the research suggest that it is important for there to be dynamics between the goalkeepers and the rest of the team in order to be successful at this point in the game.

KEYWORDS: Football; Internship; Training; Game; Offensive Process; Goalkeepers.

Abreviaturas

Adv - Adversário
Ap – Apurado
APA – *American Psychological Association*
CC – Corredor Central
CCD – Corredor Central Direito
CCE – Corredor Central Esquerdo
CD – Corredor Direito
CE – Corredor Esquerdo
CEO – *Chief Executive Office*
D/T – Dias / Treinos
DPO – Desenvolvimento Processo Ofensivo
DPOGR – Desenvolvimento Processo Ofensivo Guarda-redes
E.A – Estágios Aquisitivos
E.C – Estágios Competitivos
E/ME – Exaustivo e mutuamente excluyente
ET – Esquemas Táticos
ETD – Esquemas Táticos Defensivos
ETO – Esquemas Táticos Ofensivos
ETNF – Estrutura Técnica Nacional de Formação
F – Finalização
FC – Formato de Campo
FEFD – Faculdade de Educação Física e Desporto
FG – Finalização Golo
FIFA – *Fédération Internationale de Football Association*
FPF – Federação Portuguesa de Futebol
FPO – Final Processo Ofensivo
FPOGR – Final Processo Ofensivo Guarda-redes
FR – Frequência Relativa
GPS – *Global Positioning System*
GR – Guarda-redes
IJP – Identidade Jogo de Portugal
IPO – Inicio Processo Ofensivo
IPOGR – Início Processo Ofensivo Guarda-redes
MDS – *Multievent Sequential Data*
MTD – Mestrado Treino Desportivo
Nap – Não Apurado
OD – Organização Defensiva
OD – Organização Defensiva
PB – Pontapé de Baliza
PE – Pedro Espinha
PBCRT – Pontapé de Baliza Curto
PGr- Pontapé de Guarda-redes
POGR – Processo Ofensivo Guarda-redes
PSE – Perceção Subjetiva de Esforço
Res - Resultado
SC – Sistema de Categorias
SD – Setor Defensivo

SDS – *Sequential Data Interchange Standard*

SDIS-GSEQ – *Sequential Data Interchange Standard – Generalized Sequential Querier*

SMD – Setor Médio Defensivo

SMO – Setor Médio Ofensivo

SN – Seleção Nacional

SO – Setor Ofensivo

TD – Transição Defensiva

TGR – Treinador de Guarda-redes

Tj – Tempo de Jogo

TLEN – Transição Lenta

TMD – Transição Média

TO – Transição Ofensiva

TRANS - Transição

TRAP – Transição Rápida

UEFA – *Union of European Football Associations*

UL-CUL – Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa

UPF – União Portuguesa de Futebol

VA – Vídeo-analista

Legendas

CJcpia – Centro de Jogo Com Pressão Inferioridade Absoluta

CJcpip – Centro de Jogo Com Pressão Igualdade Pressionada

CJcpir – Centro de Jogo Com Pressão Inferioridade Relativa

CJspinp – Centro de Jogo Sem Pressão Igualdade não Pressionada

CJspsa – Centro de Jogo Sem Pressão Superioridade Absoluta

CJspsr – Centro de Jogo Sem Pressão Superioridade Relativa

DPacrt – Desenvolvimento Processo Atraso Curto

DPamd – Desenvolvimento Processo Atraso Médio

DPalg – Desenvolvimento Processo Atraso Longo

DPdmcr – Desenvolvimento Processo Distribuição Mãos Curta

DPdmmd – Desenvolvimento Processo Distribuição Mãos Média

DPdmlg – Desenvolvimento Processo Distribuição Mãos Longa

DPdpct – Desenvolvimento Processo Distribuição Pés Curta

DPdpmd – Desenvolvimento Processo Distribuição Pés Média

DPdpplg – Desenvolvimento Processo Distribuição Pés Longa

DPlcrt – Desenvolvimento Processo Livre Curto

DPlmd – Desenvolvimento Processo Livre Médio

DPllg – Desenvolvimento Processo Livre Longo

DPpbct – Desenvolvimento Processo Pontapé de Baliza Curto

DPpbmd – Desenvolvimento Processo Pontapé de Baliza Médio

DPpblg – Desenvolvimento Processo Pontapé de Baliza Longo

DPpgrct – Desenvolvimento Processo Pontapé de Gr Curto

DPpgrmd – Desenvolvimento Processo Pontapé de Gr Médio

DPpgrlg – Desenvolvimento Processo Pontapé de Gr Longo

FPcm – Final Processo Manutenção da Posse de bola ½ Campo Defensivo

FPcmsmo – Final Processo Manutenção da Posse de bola Setor Médio Ofensivo

FPdcm – Final Processo Duelos Manutenção da Posse de bola

FPdf – Final Processo Duelos Finalização

FPdfg – Final Processo Duelos Finalização Golo
FPdso – Final Processo Duelos Atingir Setor Ofensivo
FPf – Final Processo Finalização
FPfg – Final Processo Finalização Golo
FPso – Final Processo Atingir Setor Ofensivo
IPa – Início Processo recuperação da posse de bola por Atraso
IPac – Início Processo recuperação da posse de bola por Atraso de Cabeça
IPc – Início Processo recuperação da posse de bola por Canto
IPcz – Início Processo recuperação da posse de bola por Cruzamento
IPgp – Início Processo recuperação da posse de bola por Grande Penalidade
IPld – Início Processo recuperação da posse de bola por Livre Direto
IPli – Início Processo recuperação da posse de bola por Livre Indireto
IPlll – Início Processo recuperação da posse de bola por Lançamento de Linha Lateral
IPpb – Início Processo recuperação da posse de bola Pontapé de baliza
IPpdadv- Início Processo recuperação indireta por perda da posse de bola pelo adversário
IPpl – Início Processo recuperação da posse de bola por Pontapé Livre
IPr – Início Processo recuperação da posse de bola por Remate
IPsm – Início Processo recuperação da posse de bola por Saída com as mãos
IPsp – Início Processo recuperação da posse de bola por Saída com os pés
ZDPO – Zona Desenvolvimento Processo Ofensivo
ZFPO – Zona Fim Processo Ofensivo
ZIPO – Zona Início Processo Ofensivo
Z1 – Zona da Pequena Área
Z2 – Zona Central Grande Área
Z3D - Zona do Campograma Grande Área pelo lado Direito
Z3E – Zona do Campograma Grande Área pelo lado Esquerdo
Z4D - Zona do Campograma Lateral do lado Direito no Setor Defensivo
Z4E – Zona do Campograma Lateral do lado Esquerdo no Setor Defensivo
Z5C - Zona do Campograma Lateral de fora da Área na Zona Central no Setor Defensivo
Z5D - Zona do Campograma Lateral de fora da Área do lado Direito no Setor Defensivo
Z5E – Zona do Campograma Lateral de fora da Área do lado Esquerdo no Setor Defensivo
Z6D - Zona do Campograma Lateral do lado Direito no Setor Médio Defensivo
Z6E – Zona do Campograma Lateral do lado Esquerdo no Setor Médio Defensivo
Z7D - Zona do Campograma Central Direito Setor Médio Defensivo
Z7E – Zona do Campograma Central Esquerdo Setor Médio Defensivo
Z8D - Zona do Campograma Lateral Direito Setor Médio Ofensivo
Z8E – Zona do Campograma Lateral Esquerdo Setor Médio Ofensivo
Z9D - Zona do Campograma Central Direito Setor Médio Ofensivo
Z9E – Zona do Campograma Central Esquerdo Setor Médio Ofensivo
Z10D - Zona do Campograma Lateral Direito Setor Ofensivo
Z10E – Zona do Campograma Lateral Esquerdo Setor Ofensivo
Z11D - Zona do Campograma Central Direito Setor Ofensivo
Z11E – Zona do Campograma Central Esquerdo Setor Ofensivo

Índice

EPÍGRAFE	III
AGRADECIMENTOS	IV
RESUMO	V
ABSTRACT	VI
INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DESPORTIVA DE ACOLHIMENTO	23
1.1. FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL	24
1.1.1. Enquadramento Histórico	24
1.1.2. Visão, Missão, Valores e Objetivos	26
1.1.3. Caracterização dos Recursos Estruturais	27
1.1.4. Caracterização dos Recursos Humanos	29
1.1.4.1. Estrutura Técnica Nacional de S15-S20	30
1.1.4.2. Área Técnica – Guarda-redes	30
1.1.5. Caracterização dos Recursos Materiais	31
CAPÍTULO II– PLANO FUNCIONAL DE ESTÁGIO	32
2.1. ENQUADRAMENTO	33
2.1.1. Seleção Nacional Sub. 17	33
2.1.2. Equipa Técnica	34
2.1.3. Staff	35
2.1.4. Plantel Sub.17	35
2.1.5. Objetivos	37
2.1.6. Cronograma e Calendarização das Competições	38
2.2. PLANEAMENTO E PERIODIZAÇÃO	39
2.2.1. Processo de Jogo	39
2.2.2. Aquecimento de Jogo	42
2.2.3. Processo de Treino	42
2.2.4. Análise e Observação Jogo	44
2.2.5. Avaliações	45
2.2.6. Contextos Competitivos	46
2.2.6.1. Estágios Aquisitivos	46
2.2.6.2. Estágios Competitivos / Torneios	46
2.2.6.3. Estágios de Fases de Apuramento	46
2.2.6.4. Estágios de Fases Finais	46
2.3. TAREFAS COMPLEMENTARES	47
2.3.1. Seleção Nacional Sub. 15	48
2.3.2. Seleção Nacional Sub. 16	48
2.3.3. Seleção Nacional Sub. 18	50
CAPÍTULO III– MATRIZ CONCETUAL TÉCNICO-CIENTÍFICA	51
3.1. O Guarda-redes de Futebol na Identidade de Jogo	52
3.2. A Análise de jogo e sua importância	55
3.3. Metodologia observacional	56

CAPÍTULO IV– ESTUDO TÉCNICO-CIENTÍFICO: INTERVENÇÃO DO GUARDA-REDES NO INÍCIO DO PROCESSO OFENSIVO DA EQUIPA	58
4.1. INTRODUÇÃO	59
4.2. MATERIAIS E MÉTODOS	60
4.2.1. Amostra	60
4.2.2. Instrumento de observação e sua caracterização	62
4.2.3. Desenvolvimento do sistema de observação	63
4.2.4. Qualidade dos Dados	71
4.2.5. Procedimento de observação e registo	72
4.2.6. Procedimentos da Análise Sequencial	74
4.2.7. Procedimentos Estatísticos	76
4.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	76
4.3.1. ANÁLISE DESCRITIVA	77
4.3.1.1. INÍCIO DO PROCESSO OFENSIVO PELO GUARDA-REDES (IPOGR)	77
4.3.1.1.1. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS	77
4.3.1.1.2. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS E MOMENTO DO JOGO	78
4.3.1.1.3. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS E RESULTADO MOMENTÂNEO	79
4.3.1.1.4. RELAÇÃO ENTRE O MOMENTO DO JOGO E O RESULTADO MOMENTÂNEO	80
4.3.1.2. DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO OFENSIVO PELO GUARDA-REDES (DPOGR)	81
4.3.1.2.1. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS	81
4.3.1.2.2. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS E MOMENTOS DO JOGO	83
4.3.1.2.3. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS E RESULTADO MOMENTÂNEO	84
4.3.1.2.4. RELAÇÃO MOMENTO DO JOGO E RESULTADO MOMENTÂNEO	85
4.3.1.3. FINAL DO PROCESSO OFENSIVO PELO GUARDA-REDES (FPOGR)	86
RELAÇÃO ADVERSÁRIOS	86
4.3.1.3.1.	86
4.3.1.3.2. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS E MOMENTOS DO JOGO	89
4.3.1.3.3. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS, MOMENTOS DO JOGO E RESULTADO MOMENTÂNEO	90
4.3.1.4. TRANSIÇÕES	92
4.3.1.4.1. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS	92
4.3.1.4.2. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS E MOMENTO DO JOGO	92
4.3.1.4.3. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS, MOMENTO DO JOGO E RESULTADO MOMENTÂNEO	93
4.3.1.5. CENTRO DE JOGO	93
4.3.1.5.1. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS	93
4.3.1.5.2. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS E MOMENTOS DO JOGO	94
4.3.1.5.3. RELAÇÃO ADVERSÁRIOS, MOMENTOS DO JOGO E RESULTADO MOMENTÂNEO	94
4.3.1.6. ZONAS INICIO PROCESSO OFENSIVO (ZIPO)	95
4.3.1.7. ZONAS DESENVOLVIMENTO PROCESSO OFENSIVO (ZDPO)	96
4.3.1.1. ZONAS FINAL PROCESSO OFENSIVO (ZFPO)	99
4.4. ANÁLISE SEQUENCIAL	101
4.4.1. INICIO PROCESSO OFENSIVO	101
4.4.1.1. SÍNTESE DA ANÁLISE SEQUENCIAL RELATIVA AO INICIO DO PROCESSO OFENSIVO	106
4.4.2. DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO OFENSIVO	107
4.4.2.1. SÍNTESE DA ANÁLISE SEQUENCIAL RELATIVA AO DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO OFENSIVO	115
4.4.3. FINAL DO PROCESSO OFENSIVO	116
4.4.3.1. FINAL DO PROCESSO OFENSIVO COM CONDUTAS FINAIS COM EFICÁCIA	117
4.4.3.1. FINAL DO PROCESSO OFENSIVO COM CONDUTAS FINAIS COM EFICÁCIA RELATIVA	119
4.4.3.2. FINAL DO PROCESSO OFENSIVO COM CONDUTAS FINAIS SEM EFICÁCIA	121
4.4.3.1. SÍNTESE DA ANÁLISE SEQUENCIAL RELATIVA AO FINAL DO PROCESSO OFENSIVO	123
4.5. RELAÇÃO ANÁLISE QUANTITATIVA Vs QUALITATIVA	124
4.5.1. RELAÇÃO DO INÍCIO, DESENVOLVIMENTO E FINAL DO PROCESSO OFENSIVO	124

4.5.1. RELAÇÃO DISTÂNCIA E EFICÁCIA	128
4.5.2. RELAÇÃO TRANSIÇÕES E EFICÁCIA	129
4.6. CONCLUSÕES	130
4.7. LIMITAÇÃO DO ESTUDO E RECOMENDAÇÕES	131
4.8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132
CAPÍTULO V– CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
ANEXO I	143
ANEXO II	152
ANEXO III	154
ANEXO IV	158
ANEXO V	159
ANEXO VI	163
ANEXO VII	164
ANEXO VIII	165
ANEXO IX	166
ANEXO X	167
ANEXO XI	169
ANEXO XII	172
ANEXO XIII	175

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Contexto Competitivo da Geração de 2005 (2019-2021).....	33
Tabela 2 – Dados antropométricos dos guarda-redes convocados.	45
Tabela 3 – Planificação da Época dos Sub.17, em função dos Momentos Competitivos UEFA.	47
Tabela 4 – Torneio da Dinamarca Sub.16.	48
Tabela 5 – Volume de Treinos e Jogos Sub.16.	48
Tabela 6 – Volume de Treinos Sub.16.	49
Tabela 7 – Torneio de Montaigu em França – Sub.16.	49
Tabela 8 – Volume de Treinos e Jogos dos guarda-redes da Seleção Sub.16.	49
Tabela 9 – Volume de Treinos e Jogos – Torneio 4 Nações Sub.18.	50
Tabela 10 – Volume de Treinos e Jogos.....	50
Tabela 11 – Jogos analisados na época de 2021/2022.....	60
Tabela 12 – Controlo da Qualidade dos Dados Inter observadores.	71
Tabela 13 – Controlo da Qualidade dos Dados.	72
Tabela 14 – Frequência Absoluta e Relativa Início Processo Ofensivo de acordo com os Adversários.....	77
Tabela 15 - Frequência Absoluta e Relativa Início Processo Ofensivo de acordo com os Adversários e Partes do Jogo.....	79
Tabela 16 - Frequência Absoluta e Relativa do Início Processo Ofensivo de acordo com os Adversários e o Resultado Momentâneo.	79
Tabela 17 - Frequência Absoluta e Relativa do Início Processo Ofensivo de acordo com as Partes do Jogo e o Resultado Momentâneo.	80
Tabela 18 - Frequência Absoluta e Relativa do Desenvolvimento Processo Ofensivo de acordo com os Adversários.....	81
Tabela 19 – Frequência Absoluta e Relativa Desenvolvimento Processo Ofensivo de acordo com os Adversários e as Partes do Jogo.	83
Tabela 20 - Frequência Absoluta e Relativa Desenvolvimento Processo Ofensivo de acordo com o Adversário e Resultado Momentâneo.....	84
Tabela 21 - Frequência Absoluta e Relativa Desenvolvimento Processo Ofensivo de acordo com as Partes do jogo e o Resultado Momentâneo.	85
Tabela 22 - Frequência Absoluta e Relativa do Final do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários.....	86
Tabela 23 - Frequência Absoluta e Relativa do Final do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários e as Partes do jogo.	89
Tabela 24 - Frequência Absoluta e Relativa do Final do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários, Partes do Jogo e Resultado Momentâneo.....	90
Tabela 25 - Frequência Absoluta e Relativa do Tipo de Transição acordo com os Adversários.....	92
Tabela 26 - Frequência Absoluta e Relativa do Tipo de Transição, de acordo com o Adversário e as Partes do Jogo.	93
Tabela 27 - Frequência Absoluta e Relativa do Tipo de Transição, de acordo com o Adversário, Partes do Jogo e Resultado Momentâneo.	93
Tabela 28 - Frequência Absoluta e Relativa do Centro de Jogo, de acordo com os Adversários.....	93
Tabela 29 - Frequência Absoluta e Relativa do Centro de Jogo, de acordo com os Adversários e as Partes do jogo.	94
Tabela 30 - Frequência Absoluta e Relativa das Zonas de Início do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários.....	95

Tabela 31 – Frequência Absoluta e Relativa das Zonas de Desenvolvimento do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários.	96
Tabela 32 – Frequência Absoluta e Relativa das Zonas de Final do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários.....	99
Tabela 33 – Padrão de Conduta Critério Pontapé de Baliza.....	101
Tabela 34 – Padrão de Conduta Critério Pontapé Livre.	101
Tabela 35 – Padrão de Conduta Critério Atraso.	102
Tabela 36 – Padrão de Conduta Critério Atraso Cabeça.	102
Tabela 37 – Padrão de Conduta Critério Saídas com as Mãos.	103
Tabela 38 – Padrão de Conduta Critério Saídas com os Pés.	103
Tabela 39 – Padrão de Conduta Critério Remate.	104
Tabela 40 – Padrão de Conduta Critério Cruzamento.	104
Tabela 41 – Padrão de Conduta Critério Canto.	105
Tabela 42 – Padrão de Conduta Critério Livre Direto.....	105
Tabela 43 – Padrão de Conduta Critério Livre Indireto.	105
Tabela 44 – Padrão de Conduta Critério Perda de bola pelo Adversário.	106
Tabela 45 – Padrão de Conduta Critério Pontapé de Baliza Curto.	107
Tabela 46 – Padrão de Conduta Critério Pontapé de Baliza Médio.	107
Tabela 47 – Padrão de Conduta Critério Pontapé de Baliza Longo.	108
Tabela 48 – Padrão de Conduta Critério Livre Curto.....	108
Tabela 49 – Padrão de Conduta Critério Livre Médio.	108
Tabela 50 – Padrão de Conduta Critério Livre Longo.	109
Tabela 51 – Padrão de Conduta Critério Distribuição Mãos Curta.	109
Tabela 52 – Padrão de Conduta Critério Distribuição Mãos Média.....	110
Tabela 53 – Padrão de Conduta Critério Distribuição Pés Curta.	111
Tabela 54 – Padrão de Conduta Critério Distribuição Pés Média.	111
Tabela 55 – Padrão de Conduta Critério Distribuição Pés Longa.	112
Tabela 56 – Padrão de Conduta Critério Atraso Curto.....	112
Tabela 57 – Padrão de Conduta Critério Atraso Médio.	113
Tabela 58 – Padrão de Conduta Critério Atraso Longo.	114
Tabela 59 – Padrão de Conduta Critério Pontapé de Guarda-Redes Longo.	114
Tabela 60 – Padrão de Conduta com Eficácia – Critério Manutenção Posse de Bola ½ Campo Defensivo.....	117
Tabela 61 – Padrão de Conduta com Eficácia – Critério Manutenção Posse de Bola no Setor Médio Ofensivo.	117
Tabela 62 – Padrão de Conduta com Eficácia – Critério Atingir o Setor Ofensivo.....	118
Tabela 63 – Padrão de Conduta com Eficácia - Critério Atingir Finalização.	118
Tabela 64 – Padrão de Conduta com Eficácia – Critério Obtenção de Golo.	118
Tabela 65 – Padrão de Conduta com Eficácia Relativa – Critério Manutenção Posse de Bola no Setor Defensivo, Setor Médio Defensivo e Setor Médio Ofensivo.....	119
Tabela 66 – Padrão de Conduta com Eficácia Relativa – Critério Atingir o Setor Ofensivo.....	119
Tabela 67 – Padrão de Conduta com Eficácia Relativa – Critério Atingir Finalização.	120
Tabela 68 – Padrão de Conduta com Eficácia Relativa – Critério Obtenção de Golo.	120
Tabela 69 – Padrão de Conduta sem Eficácia – Critério Recuperação de Bola pelo Adversário Após Duelo.	121
Tabela 70 – Padrão de Conduta sem Eficácia – Critério Bola direcionada diretamente para o Adversário.	121
Tabela 71 – Padrão de Conduta sem Eficácia Critério Bola direcionada para Fora.	122
Tabela 72 – Padrão de Conduta sem Eficácia Critério Infração.....	122

Índice de Quadros

Quadro 1 – Critérios do instrumento de observação.	62
Quadro 2 – Critério 1 do Formato de Campo: Início do Processo Ofensivo do Guarda-redes (IPOGR).....	63
Quadro 3 – Critério 2 do Formato de Campo: Desenvolvimento do Processo Ofensivo do Guarda-redes (DPOGR).	64
Quadro 4 – Critério 3 do Formato de Campo: Fim do Processo Ofensivo do Guarda-redes (FPOGR).....	66
Quadro 5 - Critério 4 do Formato de Campo: Caracterização Espacial (Exaustivo / Mutuamente exclusivo).	67
Quadro 6 – Critério 5 do Formato de Campo: Tipo de Transição do Guarda-redes.	68
Quadro 7 – Critério 6 do Formato de Campo: Centro de Jogo (CJ) (adapt. De Barreira, 2006).	69
Quadro 8 – Instrumento de Observação <i>ad hoc</i> : combinação formato de campo – sistema de categorias.	70

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Frequência Absoluta de Contextos Defensivos e Ofensivos, com relação aos Adversários e Partes do Jogo.....	78
Gráfico 2 - Frequência Absoluta e Relativa da agregação de Contextos Defensivos e Ofensivos, relativo às Partes do Jogo.	78
Gráfico 3 - Frequência Absoluta e Relativa do Início Processo Ofensivo através de Atraso, em relação aos Adversários e Resultado Momentâneo.	80
Gráfico 4 - Frequência Absoluta (A) e Percentual (B) da agregação de contextos defensivos e ofensivos (Início Processo Ofensivo), em relação às Partes do Jogo e o Resultado Momentâneo.	81
Gráfico 5 - Valores Absolutos (A) e Percentuais (B) da agregação das Distâncias Curtas, Médias ou Longas no Desenvolvimento Processo Ofensivo (Equipas Apuradas e Não Apuradas).....	82
Gráfico 6 - Valores Absolutos (A) e Percentuais (B) da agregação das Distâncias Curtas, Médias ou Longas no Desenvolvimento Processo Ofensivo através de Atrasos (Equipas Apuradas e Não Apuradas).....	83
Gráfico 7 – Valores Absolutos (A) e Percentuais (B) da agregação das Distâncias Curtas, Médias ou Longas no Desenvolvimento Processo Ofensivo (Momento do Jogo).....	84
Gráfico 8 - Valores Percentuais da agregação das Distâncias Curtas, Médias ou Longas no Desenvolvimento Processo Ofensivo, em relação aos Adversários e ao Resultado Momentâneo.	84
Gráfico 9 - Valores Percentuais da agregação das Distâncias Curtas, Médias ou Longas no Desenvolvimento Processo Ofensivo, em relação às Partes do Jogo e Resultado Momentâneo.	86
Gráfico 10 - Valores Absolutos da agregação de critérios do Final Processo Ofensivo, em relação aos Adversários.	87
Gráfico 11 - Valores Percentuais da agregação de critérios do Final Processo Ofensivo, em relação aos Adversários.	87
Gráfico 12 - Valores Absolutos (A) e Percentuais (B) da agregação de critérios Com Duelos e Sem Duelos do Final Processo Ofensivo, em relação aos Adversários.....	88
Gráfico 13 - Valores Absolutos (A) e Percentuais (B) da relação entre a agregação de critérios Com Duelos e da agregação das ações Com Eficácia Total e Sem Eficácia.	88
Gráfico 14 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Eficácia / Final Processo Setor Ofensivo, Finalização e Finalização Golo), em relação aos Adversários e às Partes do Jogo.	89
Gráfico 15 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Sem Duelo e Com Duelos), em relação aos Adversários e às Partes do Jogo.....	90
Gráfico 16 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Sem Eficácia / Final Processo Setor Ofensivo, Finalização e Finalização Golo), em relação aos Adversários e ao Resultado Momentâneo.	91
Gráfico 17 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Sem Duelo e Com Duelos), em relação aos Adversários e ao Resultado Momentâneo.	91
Gráfico 18 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Eficácia / Final Processo Setor Ofensivo, Finalização e Finalização Golo), em relação às Partes do Jogo e ao Resultado Momentâneo.	91
Gráfico 19 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Sem Duelo e Com Duelo), em relação às Partes do Jogo e ao Resultado Momentâneo.	92
Gráfico 20 - Frequência Absoluta e % de condutas com Final Eficaz.	116
Gráfico 21 - Frequência Absoluta e % de condutas com Final Eficácia Relativa.....	116

Gráfico 22 - Frequência Absoluta e % de condutas Sem Eficácia.	116
Gráfico 23 - Frequência Absoluta e % de acordo com as Condutas Finais.....	116

Índice de Figuras

Figura 1 - Linha Temporal dos Campeonatos da Europa de Sub.16/17 e Campeonatos do Mundo de Sub.17, realizados pelas Seleções Nacionais.	25
Figura 2 - Cidade do Futebol.	27
Figura 3 - Organograma da Federação Portuguesa de Futebol (adapt. Federação Portuguesa de Futebol, s.d.)	29
Figura 4 – Plantel dos Sub.17.	36
Figura 5 – Cronograma Anual Inicial da Época Desportiva 2021-2022.	38
Figura 6 - Organização Estrutural da Identidade de Jogo de Portugal.	39
Figura 7 - Momentos de Jogo e Momentos Específicos de Jogo do Guarda-Redes.	40
Figura 8 - Campograma (Fernandes, 2013, adapt. De Garganta, 1997).	68
Figura 9 - Campograma (adapt. De Baranda et al., 2008).	68
Figura 10 - Jogo Portugal vs Chéquia (1).	73
Figura 11 - Jogo Portugal vs Chéquia (2).	73
Figura 12 - Jogo Portugal vs Chéquia (3).	73
Figura 13 - Jogo Portugal vs Chéquia (4).	74
Figura 14 - Valores Absolutos e Relativos das Zonas Início Processo Ofensivo da agregação de critérios de acordo com a Grande Área e Setores do Campograma.	95
Figura 15 - Valores Absolutos e Relativos da agregação de critérios de acordo com a Grande Área e Setores do Campograma.	97
Figura 16 - Valores Absolutos e Relativos da agregação de critérios de acordo com os Corredores.	97
Figura 17 - Valores Absolutos e Relativos da agregação de Zonas no Setor Defensivo e restantes Zonas do Campograma, de acordo com a conduta critério Pontapé de Baliza.	98
Figura 18 – Valores Absolutos e Relativos da Agregação de Zonas no Setor do Campograma, de acordo com a conduta critério Atraso.	98
Figura 19 - Valores Absolutos e Relativos da Agregação de Zonas no Setor Defensivo e restantes Zonas do Campograma, de acordo com a conduta critério Distribuição com os Pés	99
Figura 20 - Valores Absolutos e Relativos da agregação de critérios de acordo com a Grande Área e Setores do Campograma.	100
Figura 21 – Valores Absolutos e Relativos da Agregação de Zonas no Setor Defensivo e restantes Zonas do Campograma.	100
Figura 22- Mapa espacial do Desenvolvimento Processo Ofensivo através de Pontapé de Baliza com relação ao Final do Processo Ofensivo.	124
Figura 23 - Mapa espacial do Desenvolvimento Processo Ofensivo através de Distribuição com os Pés após Atrasos, com relação ao Final do Processo Ofensivo.	125
Figura 24 - Mapa espacial do Desenvolvimento Processo Ofensivo através de Atrasos (Com Pressão), com relação ao Final do Processo Ofensivo.	126
Figura 25 - Mapa espacial do Desenvolvimento Processo Ofensivo através de Pontapé de Guarda-Redes, com relação ao Final do Processo Ofensivo.	126
Figura 26 – Mapa espacial do Desenvolvimento Ofensivo através de Livres, com relação ao Final do Processo Ofensivo.	127
Figura 27 - Mapa espacial do Desenvolvimento Processo Ofensivo através Distribuição com as Mãos, com relação ao Final do Processo Ofensivo.	127
Figura 28 - Mapa de relação entre o Desenvolvimento Processo Ofensivo e o Final Processo Ofensivo, em relação às Ações Curtas do Desenvolvimento Processo Ofensivo e à Eficácia do Final Processo Ofensivo (Total ou outro tipo de ação).	128

Figura 29 - Mapa de relação entre o Desenvolvimento Processo Ofensivo e Final Processo Ofensivo, em relação às Ações Médias do Desenvolvimento Processo Ofensivo e à Eficácia do Final Processo Ofensivo (Total ou outro tipo de ação).	128
Figura 30 - Mapa de relação entre o Desenvolvimento Processo Ofensivo e Final Processo Ofensivo, em relação às Ações Longas do Desenvolvimento Processo Ofensivo e à Eficácia do Final Processo Ofensivo (Total ou outro tipo de ação).	129
Figura 31 - Mapa de relação entre as Transições e Final Processo Ofensivo, em relação às Ações Longas do Desenvolvimento Processo Ofensivo e à Eficácia do Final Processo Ofensivo (Total ou outro tipo de ação).	129

INTRODUÇÃO

O Futebol é, sem dúvida, um desporto Universal, sendo a sua importância inegável, nos diversos setores da sociedade, pelo que será sempre um ambicionado objeto de estudo.

No entanto, o jogo de Futebol atual, pela sua complexidade, variabilidade e imprevisibilidade em que se circunscreve, encontra a sua dinâmica envolta num carácter de difícil convergência de entendimentos, perspectivas e análises (Barreira, 2006).

A função do guarda-redes (GR) neste jogo tem sofrido constantes alterações, em grande parte pela alteração das Leis de Jogo, fatores tecnológicos e pelo desenvolvimento de conhecimento. Aliás, o jogo de hoje obriga o GR a fazer muito mais, por isso ele tem de ser um atleta global (Oliveira, 2021).

Estas diferentes perspectivas estão ainda mais vincadas no processo de treino, apesar de nos últimos anos diversas áreas relativas ao papel do GR de Futebol, terem vindo a ser tratados de forma mais abrangente e complexa. Para Otte (2021) a área do Treino de GR dirige-se na direção certa, tanto que a formação de treinadores desempenha um papel importante. Também, o referido autor salienta ainda o papel da UEFA porque este organismo europeu permite continuar a desenvolver a melhor compreensão do jogo e a desenvolver os mais assertivos pressupostos e abordagens ao treino.

Desta forma, torna-se fulcral a realização de estudos científicos que utilizem como amostra os GR, indo de encontro às exigências do futebol atual e do de amanhã, na procura de melhores métodos de treino, de melhor e maior conhecimento do jogo e na transmissão dessas premissas aos maiores interessados, os *GUARDA-REDES*.

A elaboração do presente relatório de estágio e do estudo técnico-científico associado, visou valorizar a aprendizagem e a transmissão de conhecimento científico, promovendo a temática do treino e jogo do GR. Assim, e ao abrigo das boas relações institucionais entre a Faculdade de Educação Física e Desporto (FEFD) e a Federação Portuguesa de Futebol (FPF), na qual exerço profissionalmente as funções de TGR, tornando-se assim viável a realização deste estágio curricular, na área técnica de Treinador de Guarda-redes (TGR), inserido na Estrutura Técnica Nacional de Sub.15-Sub.20, especificamente na Seleção Nacional de Futebol masculina de Sub. 17, durante a época desportiva 2021/2022.

A realização deste estágio pretendeu ser uma peça fulcral numa valorização e no desenvolvimento pessoal e profissional, definindo-se os seguintes objetivos:

- Procurar efetuar ligações contextuais entre a academia e a prática desportiva;

- Estabelecer relações entre as diversas estruturas, com vista a uma maior e melhor partilha de ideias;
- Contribuir para o conhecimento teórico e prático do treino de Guarda-redes e seu desenvolvimento;
- Valorizar os treinadores de Guarda-redes.

Neste relatório apresentaram-se sugestões através de reflexões críticas acerca das suas práticas, no entanto devemos entender o pensamento crítico como a arte abstrata, algo pessoal e único, muitas das vezes não consensual entre os pares.

Este processo permitiu, enquanto treinador, experiências e vivências entre os diversos departamentos, permitindo assim potenciar a prática, através de momentos de partilha e reflexão, elevando desta forma os conhecimentos académico-científicos. Respeitando aspetos de confidencialidade e ética profissional, limitando assim a exposições de alguns conteúdos.

O relatório teve por base técnico-científica a intervenção do processo de treino de guarda-redes na Seleção Nacional de Sub.17 masculina. No entanto, e ao longo da época desportiva, várias foram as atividades e funções complementares e similares realizadas nas restantes seleções. Ao longo do estágio foram desenvolvidos momentos de prática (estágios, torneios de preparação e oficiais) e por momentos pré-competitivos, existindo nestes momentos, uma clara preocupação na avaliação e planeamento dos mesmos.

Também, e como ponto de interesse, partilha e reflexão, o relatório de estágio contemplou uma entrevista estruturada a um treinador de GR conceituado e de larga experiência nacional e internacional.

A estrutura do relatório foi determinado com o proposto nas normas e orientações para a redação de relatórios de estágios da FEFD e pelas normas APA.

A sua reprodução teve por base, como referido, a conclusão do Mestrado em Treino Desportivo, no entanto a sua finalidade foi mais além, pelo que este foi mais um passo de um longo processo de formação académica e desportiva.

O presente documento foi estruturado e organizado em diferentes capítulos e subcapítulos, iniciando-se pela Caracterização da Entidade de Acolhimento (Capítulo I), no qual se descreveu os pontos de maior relevância da instituição desportiva de acolhimento e o contexto onde o estágio decorreu. O Capítulo II, referiu-se ao Plano Funcional de Estágio, em que se apresentaram os contextos vivenciados e os diferentes elementos da equipa.

O Capítulo III, considerado como a base técnico-científica deste documento, o qual expôs literatura acerca do guarda-redes de Futebol, a Identidade de jogo e sua Análise e, por fim, sobre o tema da Metodologia Observacional.

O Capítulo IV apresentou um estudo técnico-científico intitulado: “INTERVENÇÃO DO GUARDA-REDES NO INÍCIO DO PROCESSO OFENSIVO DA EQUIPA”.

No Capítulo V apresentaram-se as considerações finais do presente relatório de estágio.

No final do documento foram apresentadas as referências bibliográficas utilizadas, tal como, os anexos.

CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DESPORTIVA DE ACOLHIMENTO

1.1. Federação Portuguesa de Futebol

1.1.1. Enquadramento Histórico

A FPF, no presente, é uma das instituições mais credenciadas tanto a nível desportivo como social, desempenhando um papel fulcral na sociedade portuguesa, tendo ao longo dos tempos dinamizado de forma estrutural a modalidade, e foi capaz de obter resultados muito positivos nas diversas áreas, designadamente nas modalidades – Futebol, Futsal e Futebol de Praia, tornando-se importante “*Pensar o passado, para compreender o presente e idealizar o futuro*” (Heródoto, 484-425 a.C.; adapt. de Sande, 2015).

Pelo qual deve ser enfatizadas e sinalizadas como de extrema importância a sua criação, história e desenvolvimento:

- ✦ 1914 é fundada a União Portuguesa de Futebol;
- ✦ 1923 candidatura de Portugal à FIFA é aceite no XII Congresso da FIFA;
- ✦ 1926 é alterada a denominação de UPF para Federação Portuguesa de Futebol (FPF);
- ✦ 1966 a Seleção Nacional estreia-se em Mundiais;
- ✦ 1984 a Seleção estreia-se em Europeus;
- ✦ 2004 o Europeu de Futebol em Portugal;
- ✦ 2011 a eleição do Dr. Fernando Gomes como Presidente da FPF;
- ✦ 2016 é considerado o ano de Ouro (inauguração da Cidade do Futebol, conquista do Europeu de Sub-17 e a 10 de Julho é escrita a mais bela página do futebol português, sendo Portugal Campeão Europeu de Futebol)

(Reis, 2020, pp.30-36)

Também, importa salientar a evolução dos escalões de formação de acordo com as competições estipuladas pela UEFA, uma vez que a seleção de Sub.17 somente em 2002 teve a sua primeira competição realizada, na altura a 1ª edição do Campeonato da Europa de Sub.17, na Dinamarca. Esta veio então substituir a existente, que desde 1980 se caracterizava por ser uma competição de Sub.16. Outra das competições importantes nestes escalões são os Campeonatos do Mundo de Sub.17, organizados pela FIFA.

Desde 2002 foram realizados 17 Campeonatos da Europa, e de forma interrupta até 2019, em 2019 e 2020 estes foram cancelados devido ao surto de coronavírus SARS-Cov2, de salientar a participação de Portugal por 7 ocasiões.

No que concerne ao Campeonatos do Mundo de sub.17, foram realizados 18, a cada 2 anos, desde 1985 até ao momento.

Desta forma, existem algumas datas importantes para estas seleções (Sub.16 e Sub.17):

- ✚ 1985- Portugal participou no seu 1º Europeu de Sub.16, na Hungria;
- ✚ 1989- Portugal conquistou o seu 1º Título Europeu de Sub.16, na Dinamarca;
- ✚ 1989- Portugal participou no seu 1º Campeonato do Mundo de Sub.17, na Escócia, obtendo uma honrosa 3ª posição;
- ✚ 1995 e 1996- Portugal conquistou dois Títulos Europeus consecutivos de Sub.16, na Bélgica e Áustria;
- ✚ 1995- Portugal participou no seu 2º Campeonato do Mundo de Sub.17, no Equador;
- ✚ 2000- Portugal conquistou o seu último Título de Sub.16, em Israel;
- ✚ 2003- Portugal conquistou o seu 1º Título Europeu de Sub.17, em Portugal;
- ✚ 2003- Portugal participou no seu 3º Campeonato do Mundo de Sub.17, na Finlândia;
- ✚ 2016- Portugal conquistou o Título Europeu de Sub.17, no Azerbaijão.

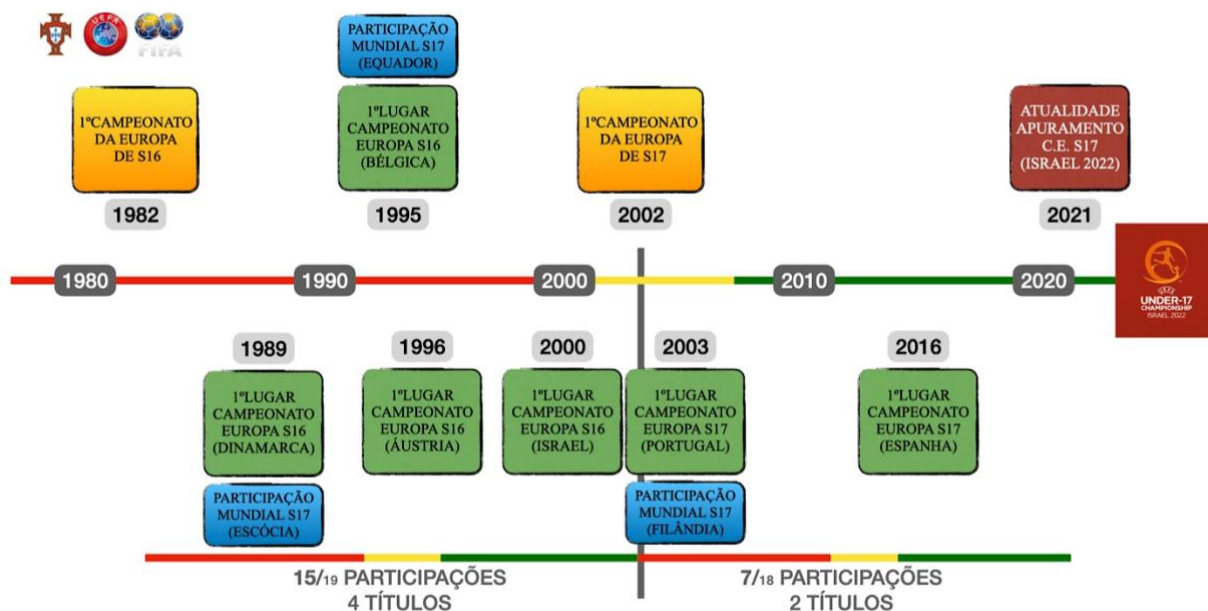


Figura 1 - Linha Temporal dos Campeonatos da Europa de Sub.16/17 e Campeonatos do Mundo de Sub.17, realizados pelas Seleções Nacionais.

1.1.2. Visão, Missão, Valores e Objetivos

A FPF tem definidos fatores fundamentais, naquela que é a sua função e responsabilidade pela gestão do Futebol em Portugal, elucidando a sua Visão, Missão e os seus Valores.

A FPF¹ assume-se como a “entidade dinamizadora do Futebol enquanto atividade desportiva, económica, social, educativa e de lazer”, tem como “missão coordenar, dinamizar, desenvolver e organizar o Futebol em todas as suas dimensões e categorias”, tem em si um conjunto de valores que exprimem a sua Visão e a Missão e que geram condições favoráveis para a concretização dos seus objetivos, apresentando os seguintes valores:

- A FPF acredita que só terá sucesso se todos os seus parceiros tiverem igualmente sucesso, pelo que será sempre solidária, transparente e leal com eles na prossecução dos seus objetivos;
- A FPF rege-se por princípios que permitem o desenvolvimento sustentado e promove sempre a obediência aos mais elevados padrões éticos, sociais e de responsabilidade ambiental;
- A FPF garante a verdade desportiva no cerne das suas decisões, através do funcionamento democrático da sua estrutura e do diálogo com os seus parceiros;
- A FPF encoraja a inclusão, a aquisição de conhecimentos e um estilo de vida saudável, sem prejuízo da salvaguarda do entretenimento e da atividade económica do futebol;
- A FPF defende a “Tolerância Zero” em relação ao racismo, à discriminação, à violência no futebol e à viciação de jogos ou resultados;
- A FPF defende a racionalidade e o sucesso económico do Futebol, garantindo a transparência, a integridade, a lealdade e a honestidade, mesmo na ausência de obrigações legais.

¹ <https://www.fpf.pt/pt/Institucional/Sobre-a-FPF/Visão-Missão-e-Valores>

Tornou-se evidente que ao longo destes anos a FPF tem vindo, de forma capaz, a cumprir com as premissas anteriormente descritas, desde o panorama desportivo, como estrutural e social.

Subjacente a estas premissas, está aquela que é a função da Estrutura Técnica Nacional Sub.15-Sub.20: desenvolvimento do jogador português e das Seleções Nacionais de Futebol.

Esta refere que para a formação desportiva se deve “delinear uma direção para permitir a evolução desportiva, social e educativa dos jogadores e respetivas equipas”, existindo “decisões desportivas políticas / estratégicas de formação”, sendo que “tudo é importante, mas o jogador é o mais importante”, respeitante ao desenvolvimento do treino, expõe ainda que se deve “proporcionar uma aprendizagem pelo jogo, global nos momentos iniciais e maior especificidade nos momentos finais da formação, proporcionará emoção, liberdade e evolução do jogador e equipa (...), o futebol é manifestação da diversidade (FPF²).

1.1.3. Caracterização dos Recursos Estruturais

A FPF tem atualmente ao seu dispor um espaço de grande qualidade e que promove o desenvolvimento do Futebol, nomeadamente das suas seleções.

A inauguração em 2016 daquela que é intitulada como a nova casa da FPF, a Cidade do Futebol³ (Figura 2), veio trazer uma estabilidade muito importante nos trabalhos das diferentes seleções, estabilidade essa que permitiu, nesse mesmo ano, a conquista dos Títulos Europeus de sub.17 e da Seleção A (Euro2016).



Figura 2 - Cidade do Futebol.

²<https://www.fpf.pt/Portals/0/Etapas%20de%20Desenvolvimento%20do%20Jogador%20no%20Futebol%20ETNF-%20S15-20%20Junho%202018.pdf>

³ <https://www.fpf.pt/pt/Institucional/Sobre-a-FPF/História-FPF>

A Cidade do Futebol é caracterizada por ter vários centros que são essenciais para o seu funcionamento, deste modo:

“O Centro Técnico está destinado ao trabalho dos jogadores, das equipas técnicas e staff técnico seja no relvado, com três campos de relva natural, e um outro para treino de guarda-redes, como fora dele: é aqui que está a Unidade de Saúde e *Performance* da FPF, com dois ginásios, onze balneários, uma piscina e sala de crioterapia.” (Reis, 2020; p.55)

O mesmo autor, salienta ainda que é no “Centro Técnico que se encontram os Gabinetes de Observação, Análise e *Scouting*, bem como os Gabinetes de trabalho para as equipas técnicas de Futebol, Futsal e Futebol de Praia.”

A FPF com este tipo de recursos tem conseguido um papel de extrema relevância no desenvolvimento do futebol, no entanto, foi particularmente implícita a dificuldade de espaços de treino, quando existem várias seleções em contexto competitivo e a Seleção A, em simultâneo. Este é um dos fatores que origina que por vezes as seleções jovens realizem os seus estágios noutros locais.

Estas instalações foram referidas por Fernando Gomes, Presidente da FPF, como um momento de viragem, salientando que:

“No dia 31 de março de 2016 foi o dia da grande mudança: a FPF completou 102 anos e passou a ter uma nova casa. Foi um marco histórico, de enorme carga emocional, que abriu as portas a um tempo novo. As seleções melhoraram significativamente as suas condições de trabalho e os diversos setores da Federação passaram a interagir de forma muito mais produtiva. A Cidade do Futebol mudou tudo.”
(Marcelino, 2021; p.138).

1.1.4. Caracterização dos Recursos Humanos

A FPF procura cada vez mais ter um papel como referência central no desenvolvimento do Futebol em Portugal, pelo que a sua estrutura dos recursos humanos tem vindo a ser cada vez mais extensa e habilitada nas suas áreas de competência.

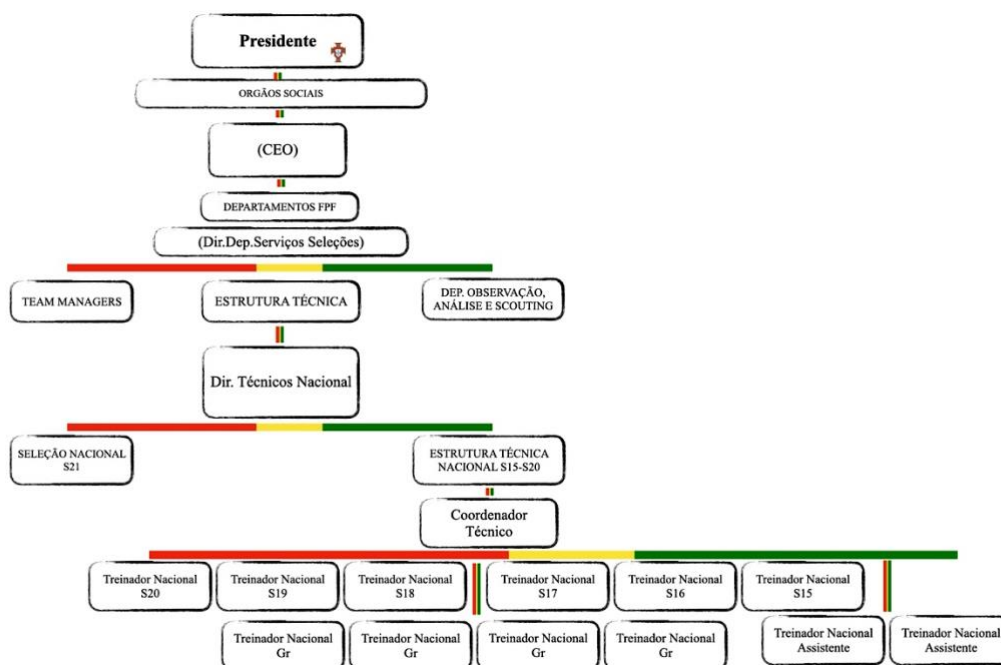


Figura 3 - Organograma da Federação Portuguesa de Futebol (adapt. Federação Portuguesa de Futebol, s.d.)

De acordo com o Organograma apresentado, a FPF é presidida pelo Dr. Fernando Gomes, fazendo parte dos seus Órgãos Sociais, tendo sido eleito a 10 de dezembro de 2011 e assumindo as suas funções a 17 de dezembro do mesmo ano.

No que concerne à componente organizacional, a coordenação é da responsabilidade do CEO, que entre outros departamentos, coordena o Departamento de Serviços das Seleções, encontrando-se diretamente ligado às Seleções Nacionais.

Para além do apresentado na figura 3, existem outros departamentos importantes e que desempenham um papel essencial em toda a estrutura da (ver FPF⁴).

⁴ <https://www.fpf.pt/pt/Institucional/Sobre-a-FPF/Organograma>

1.1.4.1. Estrutura Técnica Nacional de S15-S20

Relativamente à Estrutura Técnica Nacional de S15-S20, esta é da responsabilidade do Coordenador Técnico, fazendo parte da área de gestão um Diretor Técnico Nacional e um Diretor Técnico Nacional Adjunto.

A Estrutura Nacional Técnica de S15-S20 é constituída por seis Técnicos Nacionais, responsáveis por cada uma das Seleções, por dois Técnicos Nacionais Assistentes e quatro Técnicos Nacionais ligados à área técnica do treino de Guarda-redes.

As dinâmicas implementadas e coordenadas pelo coordenador foram realizadas para garantir uma maior estabilidade nas seleções de competição (Sub.17 e Sub.19), tendo sido fixado um técnico de Guarda-redes em cada uma delas. De referir que todos os técnicos foram coadjuvados pelos seus pares e pelos técnicos assistentes, através desta dinâmica foi possível uma grande partilha de experiências e de vivências entre os diversos escalões de formação.

Esta estrutura tem vindo ao longo dos anos a ter um papel fulcral no desenvolvimento do futebol nacional, nomeadamente na sua maior premissa, a do Desenvolvimento do Jogador Jovem Português.

Um dos departamentos que está ligado a esta estrutura é o de Observação, Análise e *Scouting*, uma vez que este tem a responsabilidade de atribuir vídeo analistas às diferentes seleções nacionais, salientando que as suas funções foram pré-estabelecidas por parte do seu departamento e da realização de tarefas em articulação com os Treinadores Nacionais e TGR.

1.1.4.2. Área Técnica – Guarda-redes

Na FPF, a área ligada ao treino de guarda-redes está estreitamente ligada à Estrutura Técnica Nacional de Sub.15-Sub.20, não possuindo qualquer estrutura ou departamento independente. No entanto, esta área segue as orientações/diretrizes do treinador de guarda-redes com uma vasta experiência de treino nas seleções nacionais e há vários anos a trabalhar nesta estrutura.

Assim, e complementarmente, foi realizada uma entrevista ao treinador de GR Pedro Espinha (PE) (Anexo I) com o objetivo de clarificar ideias subjacentes a esta área, em que o próprio defende a existência dum coordenador de TGR, com canais de comunicação definidos e onde possa existir uma maior proximidade com os clubes.

1.1.5. Caracterização dos Recursos Materiais

No que concerne aos materiais utilizados para a realização do estágio, eles foram os usuais num contexto de treino em Futebol (bolas, estacas, marcas).

A utilização de meios informáticos são, atualmente, uma ferramenta essencial na preparação e avaliação dos treinos e jogos, tendo sido também importantes ao longo da época desportiva. Não obstante, parece que esta é uma área na qual a FPF poderá evoluir, nomeadamente na construção de plataformas de dados e de programas informáticos mais modernos, que possam ajudar num mais rápido e melhor desempenho da Estrutura Técnica Nacional nas suas tarefas de planeamento e avaliação.

CAPÍTULO II– PLANO FUNCIONAL DE ESTÁGIO

2.1. Enquadramento

Neste capítulo procurou-se descrever os contextos vivenciados ao longo do estágio, numa perspetiva de prática profissional inerente às funções de Treinador de GR, inserido na Estrutura Técnica Nacional Sub.15-Sub.20.

Carneiro refere que “o escalão de Sub. 17 é considerado como a etapa intermédia dos Escalões de Formação da FPF, procurando que os jogadores já apresentem algumas consolidações das aptidões e dos princípios transmitidos nas etapas anteriores – Sub.15 e Sub.16” e que este “é o primeiro escalão de Formação a ter Competições Oficiais – Campeonato da Europa de Sub. 17.” (Carneiro, 2016, p.47)

2.1.1. Seleção Nacional Sub. 17

A Seleção Nacional de Sub. 17 foi representada principalmente pelos jogadores nascidos em 2005 – *Geração de 2005* -, esta iniciou o seu trajeto nas seleções jovens de Portugal nos Sub. 15 na época desportiva de 2019/20.

O impacto da Pandemia no processo de desenvolvimento individual e desportivo dos jogadores foi elevado, causando constrangimentos, tais como, o cancelamento de vários estágios e torneios competitivos. Pelo que na tabela 1 encontra-se exposto o desenvolvimento da geração nos escalões de Sub.15 e Sub.16.

Tabela 1 – Contexto Competitivo da Geração de 2005 (2019-2021).

SELEÇÃO	ESTÁGIO AQUISITIVOS	ESTÁGIO COMPETITIVOS	DIAS / TREINOS		JOGOS INTERNACIONAIS	CONTEXTO
SUB. 15					PORTUGAL – ITÁLIA (1 – 4 D)	TORNEIO DESENVOLVIMENTO DA UEFA PORTUGAL
(19/20)	7	1	22 / 27	3	PORTUGAL – FILÂNDIA (3 – 0 V)	
					PORTUGAL – ESPANHA (1 – 0 V)	
SUB. 16					PORTUGAL – DINAMARCA (2 – 1 V)	JOGOS PARTICULARES PORTUGAL
(20/21)	1	2	14 / 14	4	PORTUGAL – DINAMARCA (2 – 2 E)	
					PORTUGAL – ARMÉNIA (7 – 0 V)	
					PORTUGAL – ARMÉNIA (2 – 0 V)	

2.1.2. Equipa Técnica

A equipa técnica da seleção sub. 17 foi constituída por dois elementos fixos, o treinador principal e o treinador de GR, os restantes elementos diferiram consoante o contexto de estágio, desta forma:

- Em contextos de estágio aquisitivo e competitivo de torneios não oficiais existiu a presença de mais um elemento – Treinador Assistente;
- Em contexto de estágio competitivo em torneios oficiais de Apuramentos e Rondas de Elite existiu a presença de mais dois elementos – Treinadores-Assistentes;
- Em contexto de estágios competitivos em Fases Finais existiu a presença de mais três elementos – Dois Treinadores- Assistentes e a do Coordenador.

Como já referido, todos os treinadores nacionais coadjuvaram os treinadores principais das outras seleções, existindo a necessidade de alterações nas equipas técnicas.

A grande premissa existente no processo é a “Identidade de Portugal”, no entanto, existiu autonomia do treinador principal na planificação, definição e operacionalização de todo o processo inerente à sua equipa.

De acordo, com as orientações do treinador principal, as funções dos treinadores-assistentes passaram por áreas de extrema importância, tais como: a do treino, a da análise da equipa e da equipa adversária, numa estrita relação com o vídeo analista.

No que concerne à área de treino de GR, o treinador principal deu total autonomia ao TGR, no seu planeamento e operacionalização.

No entanto, apesar dessa autonomia, o processo enquadrrou-se numa dinâmica, na qual, não ficou dissociado do processo da equipa.

Procurando ter uma perspetiva mais clara, de seguida descrevem-se as funções desempenhadas enquanto treinador de GR:

- Observação e identificação de guarda-redes talentosos e com perfil que se enquadrem na Identidade de Portugal;
- Planeamento, organização do processo de treino, e registo do mesmo;
- Monotorização e avaliação dos treinos (vídeo);
- Análise e avaliação (relatórios de estágios e jogos).

2.1.3. Staff

Para além dos técnicos nacionais, nas seleções nacionais existem um conjunto de recursos humanos especializados nas diversas áreas de apoio, nos diferentes estágios aquisitivos e competitivos, a saber: um Diretor que tem a função de acompanhar e de ser o elemento institucional da FPF; um Team Manager que orienta e coordena todos os aspetos necessários para o bom funcionamento dos estágios; um médico, um enfermeiro e um fisioterapeuta (departamento médico); um técnico de equipamentos e um vídeo-analista.

A FPF, no espaço de formação, pretende formar jogadores para que possam vir a representar a Seleção A, no entanto um dos papéis formativos é, também, a formação humana e escolar, pelo que existe sempre preocupação a nível escolar, existindo em momentos específicos, nomeadamente em alguns estágios competitivos, a presença de um professor inserido no respetivo staff.

2.1.4. Plantel Sub.17

O contexto de seleção é de difícil caracterização devido à instabilidade do seu plantel, a verdade é que como refere Fernando Santos ⁵ “... treinar uma seleção é diferente de treinar um clube, esta leva-nos a uma realidade pela qual não podemos fugir, por um lado procura-se um plantel estável” e, por outro, como o treinador nacional José Lima ⁶ refere no *website* da FPF após mais um estágio aquisitivo “... encontrámos mais soluções.”.

Esta possibilidade é clara e objetiva, Fernando Santos ⁷ em entrevista ao Canal 11, refere que existe um “critério para a escolha dos jogadores e que dá muita importância aos jogadores que fizeram parte das seleções”, no entanto este não foi e nunca será exclusivo, visto que os jogadores são observados, referenciados e selecionados pelos treinadores nacionais, sempre na procura de novos talentos.

A seleção nacional tem um papel formativo, sem colocar de parte a vertente competitiva, procurando a excelência nas competições, pelo que o talento e a sua identificação é um fator crucial no desenrolar de todo este processo.

⁵ <https://www.jn.pt/desporto/fernando-santos-treinar-uma-selecao-e-diferente-de-treinar-um-clube-10997667.html>

⁶ <https://www.fpf.pt/pt/News/Todas-as-noticias/Noticia/news/31399>

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=17kjxsWkXQo>

Desta forma, o entrevistado PE (ver anexo I) referiu acerca da identificação de GR talentosos que:

“Agora existem indicadores específicos, que te levam a acreditar que determinado GR pode chegar ao alto nível ou ao futebol profissional. A habilidade inata para a posição, a postura dentro do campo na defesa da baliza (conhecimento do jogo, posicionamentos, deslocamentos e boas técnicas de base), bem como boa relação com a bola (lateralidade, boa qualidade de passe) e boas tomadas de decisão defensivas/ofensiva.”

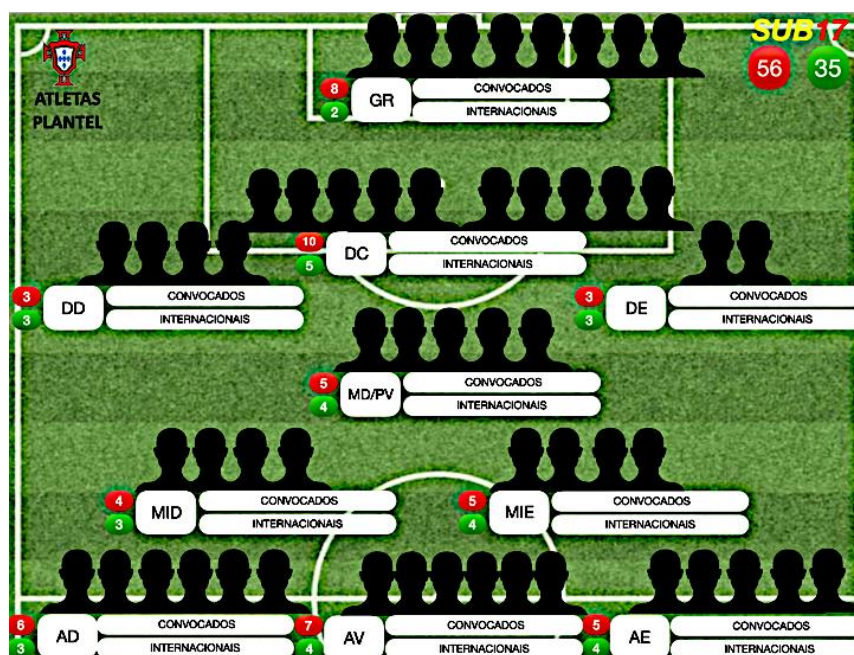


Figura 4 – Plantel dos Sub.17.

Como observado na figura 4, foram selecionados 56 jogadores, dos quais 35 foram internacionais. Ao longo da época apenas 2 jogadores estiveram presentes em todos os estágios, constatando-se assim a dificuldade existente no planeamento numa seleção nacional, visto ser na interação entre os jogadores que se formam laços e comportamentos que se pretendem observar em momentos competitivos de elite.

No entanto, na última competição importa referir que 14 dos jogadores estiveram em mais de 50% dos estágios e apenas 7 em menos estágios, observando-se na figura 4 8 GR convocados, dos quais, apenas 2 foram internacionais.

Para PE (Anexo I) existem três componentes que podem traçar um perfil de GR de Seleção (Física, Técnico-tática e Psicológica), a saber:

“Física – Bom perfil morfológico para a posição (estatura, envergadura); *mais importante que a estatura*, agilidade, impulsão vertical/horizontal e a velocidade específica para a posição, análise; *decisão e execução*. A questão da altura é uma das características que mais “discussão” gera. Na minha opinião é difícil ver atualmente um GR com 1,80cm de nível internacional, mas GR com 1,84/85cm que tenha melhor impulsão, calcule melhor trajetórias, tome melhores decisões, não será melhor que um de 1,90cm, mas que não possua estas características?

A meu ver, é. Se conseguirmos conciliar as duas, perfeito. No entanto Anthony Lopes (Lyon), Beto (Porto, Sevilha, Sporting...), Yann Sommer (Suíça A, Borussia Mönchengladbach), entre outros, são exemplos que se pode ser GR de bom nível e que não são altos.

Técnico/Tática – GR que domine e seja equilibrado nos Momentos Defensivos/Ofensivos.

Bom domínio das técnicas de base e qualidade na execução técnica (defensiva/ofensiva). Qualidade nas tomadas de decisão (pensamento tático). Capacidade de análise e perceção de jogo para resolver situações (GR Antecipativos). Nível bom e consistente na qualidade de desempenho. Perceção de projeção, no futuro.

Psicológica – Personalidade forte, líder (comunicação dentro de campo com mensagens precisas), confiante (autoconfiança para lidar bem com o erro), corajoso e bom equilíbrio emocional.”

2.1.5. Objetivos

A definição de objetivos é fundamental e imprescindível para o planeamento anual, servindo de orientação aos momentos competitivos existentes, servindo de orientação para os elementos da equipa de forma a que ao longo da época consigam perceber se se está a percorrer o caminho traçado no início da época (Santos, 2021).

Desta forma, os objetivos competitivos para o escalão de sub. 17, *geração 2005*, não obstante da dificuldade existente, passou por se tornar Campeão da Europa de Sub. 17, em Israel 2022. Consequentemente, a passagem nas diferentes Fases de Apuramento, nomeadamente a 1ª Fase de Apuramento realizada em Novembro de 2021 contra as seleções do Cazaquistão, País de Gales e Ucrânia, e a Fase de Elite em Março de 2022 contra as seleções da Finlândia, República da Irlanda e Bulgária.

De acordo com as anteriores 18 edições de Campeonatos da Europa de sub. 17, de 2002 a 2019 (2020 e 2021 cancelados devido covid-19), a Seleção Nacional apenas em 8 ocasiões esteve presente, conseguindo por duas vezes ser Campeão da Europa.

2.1.6. Cronograma e Calendarização das Competições

De forma a melhor se compreender o contexto competitivo existente durante a época desportiva, torna-se importante apresentar o cronograma dos diferentes momentos de estágio, Importa, também, salientar que este serviu apenas de orientação e preparação, no entanto, ao longo da época este foi sujeito a algumas alterações.

	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho
Seg				1 SUB 17								
Ter				2 SUB 17			1	1				
Qua		1 SUB 17		3 SUB 17	1 SUB 17		2	2			1 SUB 17	
Qui		2 SUB 17		4 SUB 17	2 SUB 17		3	3			2 SUB 17	
Sex		3 SUB 17	1	5 SUB 17	3 SUB 17		4	4	1		3	1
Sáb	31	4 SUB 17	2	6 SUB 17	4 SUB 17	1	5	5	2		4	2
Dom	1	5 SUB 17	3	7 SUB 17	5 SUB 17	2	6	6	3	1	5	3
Seg	2	6 SUB 17	4	8 SUB 17	6 SUB 17	3	7	7	4	2	6	4
Ter	3	7 SUB 17	5	9 SUB 17	7 SUB 17	4	8	8	5	3	7	5
Qua	4	8 SUB 17	6	10 SUB 17	8 SUB 17	5	9	9	6	4	8	6
Qui	5	9	7	11 SUB 17	9	6	10	10	7	5	9	7
Sex	6	REUNIÃO	8	12 SUB 17	10	7	11	11	8	6	10	8
Sáb	7	11	9	13 SUB 17	11	8	12	12	9	7	11	9
Dom	8	12	10	14 SUB 17	12	9	13	13	10	8	12	10
Seg	9	13	11	15 SUB 16	13	10	14	14	11	9	13	11
Ter	10	14	12	16 SUB 16	14	11	15	15	12	10	14	12
Qua	11	15	13	17 SUB 16	15	12	16	16	13	11	15	13
Qui	12	16	14	18	16	13	17	17	14	12	16	14
Sex	13	17	15	19	17	14	18	18	15	13	17	15
Sáb	14	18	16	20	18	15	19	19	16	14	18	16
Dom	15	19	17	21	19	16	20	20	17	15	19	17
Seg	16	SUB 17	20	22	20	17	21	21	18	16	20	18
Ter	17	SUB 17	21	23	21	18	22	22	19	17	21	19
Qua	18	SUB 17	22	24	22	19	23	23	20	18	SUB 14	20
Qui	19	23	21	25	23	20	REUNIÃO	24	21	19	SUB 14	21
Sex	20	24	22	26	24	21	25	25	22	20	SUB 14	22
Sáb	21	REUNIÃO / SUB 15	23	27	25	22	26	26	23	21	SUB 14	23
Dom	22	SUB 15	24	28	26	23	27	27	24	22	SUB 14	24
Seg	23	25	25	29	27	24	SUB 17	28	25	23	SUB 14	25
Ter	24	26	26	30	28	25	SUB 17	29	26	24	SUB 14	26
Qua	25	27	27	31	SUB 17	26	SUB 17	30	27	25	SUB 14	27
Qui	26	28	28			27		31	28	26	SUB 14	28
Sex	27	29	29		31	28			29	27	SUB 17	29
Sáb	28					29			30	28	SUB 17	30
Dom	29		31			30			31	29	SUB 17	31
Seg	30	SUB 17				31				30	SUB 17	
Ter	31	SUB 17							31	SUB 17		

Figura 5 – Cronograma Anual Inicial da Época Desportiva 2021-2022.

* Nota: A cor Azul-claro identifica as reuniões realizadas; A Verde-Claro identifica o Torneio Lopes da Silva em Sub.14; A Cinza identifica os estágios de Sub.15; A Verde identifica os estágios de Sub.16; A Amarelo identifica os estágios de Sub.17; A Azul-escuro identifica os estágios de Sub.18.

Importa referir que existem dois tipos de estágios, os *Aquisitivos*, tal como o nome indica são estágios de aquisição de conteúdos e de observação em contexto de treino, por vezes englobam jogos-treino, estes normalmente são mais reduzidos (2-3 dias), e os *Competitivos*, estágios mais extensos, que contemplam torneios e no caso dos Sub.17 torneios de Apuramento para o 21º Campeonato da Europa de Sub. 17, em Israel 2022.

O Campeonato da Europa de Sub. 17 decorreu em três fases distintas: a Fase de Qualificação⁸, a Ronda de Elite⁹ e a Fase Final¹⁰ (ver anexo II).

⁸ <https://pt.uefa.com/under17/draws/2022/2001389/>

⁹ <https://pt.uefa.com/under17/news/026b-12cca0758ef8-6f17abd63981-1000--ronda-de-elite-sub-17-sortada/>

¹⁰ <https://pt.uefa.com/under17/news/0261-105753c5dca4-89471b19dcc6-1000--sorteio-da-fase-final-do-euro-sub-17-de-2022/>

A Fase de Qualificação foi formada por 13 grupos de quatro equipas que jogaram num mini-torneio. As duas primeiras seleções de cada grupo passaram à fase seguinte, bem como as quatro equipas terceiras classificadas que tiveram melhor registo frente às duas primeiras dos respetivos grupos.

A Seleção Nacional disputou esta Fase em Novembro 2021, tendo sido apurada para a Ronda de Elite, que se realizou em Março de 2022.

Esta Ronda foi disputada entre 26 seleções apuradas na Fase de Qualificação, mais os cabeças de série Espanha e Holanda, apurados diretamente para esta ronda. As seleções disputaram novamente mini-torneios – 8 grupos de 4 equipas. Os vencedores e os 7 melhores segundos classificados com melhor registo frente ao primeiro e terceiro do seu grupo apuraram-se para a Fase Final, juntando-se ao anfitrião, a seleção de Israel.

A Fase Final foi caracterizada por possuir 4 grupos de 4 equipas, apurando-se para a fase a eliminar, dessa mesma competição, os dois primeiros classificados.

2.2. Planeamento e Periodização

2.2.1. Processo de Jogo

A Identidade de Jogo de Portugal tem sido uma ideia bem vincada nos últimos anos por parte da FPF, nomeadamente pela Estrutura Técnica Nacional de Futebol (ETNF). Nesta medida, as estratégias utilizadas visam um desenvolvimento coletivo para uma forma de jogar, uma determinada “Identidade”.

Esta Identidade, transversal a todas as equipas de formação da Seleção, assenta num sistema tático principal de 1-4-3-3 e um sistema tático alternativo de 1-4-4-2 Losango.



Figura 6 - Organização Estrutural da Identidade de Jogo de Portugal.

No entanto, devemos de entender a particularidade e singularidade de cada equipa, em que cada equipa da seleção nacional é única e que possui a sua própria Identidade, sendo estas sempre suportadas por um padrão idealizado ou IJP.

Igualmente, o processo de jogo do GR não ficou dissociado do modelo de jogo da equipa, visto serem primordiais para as suas ações e decisões, os referenciais partilhados pelos demais elementos da equipa, devendo estar “completamente interligados com o modelo de jogo utilizado pela própria equipa” (Santos, 2021, p.32).

Desta forma, essa especificidade leva-nos a focar os momentos específicos do jogo do GR (Figura 7).



Figura 7 - Momentos de Jogo e Momentos Específicos de Jogo do Guarda-Redes.

Para Cabezón (2001) o GR está obrigado a ser parte integrante da organização defensiva e ofensiva assumindo grande importância nos momentos de transição em função da desorganização/organização existente nesses momentos, pois tem de dominar tanto o jogo de mãos como o jogo de pés e, acima de tudo, tem de se enquadrar coletivamente nos movimentos da equipa. (Pereira, 2009, p.10)

Nesta medida, o GR deverá ter um conhecimento da Identidade de Jogo de Portugal pressupondo que nos determinados momentos e contexto de jogo entendemos ser importante certas ações, características e comportamentos específicos individuais e coletivos. Tendo as Seleções Nacionais um modelo e comportamentos de jogo predefinidos, no qual o GR se insere, apesar de cada escalão ter a sua vida própria (ver entrevista a PE).

Numa dimensão Tática, e em Processo Ofensivo, o GR deverá ter diversas competências:

- Circulação Rápida na Fase de Construção;
- Qualidade, Velocidade e Intensidade de passe curto/médio e longo;
- Ter solução antes de receber bola (Tomada de decisão);
- Assegurar constantemente linhas de passe seguras aos seus companheiros (sempre que possível em zonas centrais);
- Saídas rápidas com bola (com o pé e mão);
- Demonstrar tranquilidade, confiança e segurança à equipa para que assumam comportamentos mais ofensivos;

No Processo Defensivo:

- Proteção da baliza (Prioridade sempre a BALIZA);
- Profundidade defensiva (Distância com o Bloco);
- Liderar a equipa quer nas situações de jogo como nas situações de bola parada (Liderança/Comunicação);
- Segurança máxima nas ações táticas/técnicas;
- Estar constantemente a Ler o Jogo (Concentração);
- Demonstrar qualidade, tranquilidade e confiança.

Concomitantemente, existem fatores determinantes para a avaliação/rendimento dos GR de Seleção Nacional, pelo que eles devem ter:

- Uma Capacidade de análise e perceção do jogo para resolver as situações;
- Qualidade na tomada de decisão (Pensamento Tático);
- Qualidade de intervenção (Comunicação e Liderança);
- Qualidade da execução técnica (Defensiva e Ofensiva);
- Controlo no domínio das diversas variáveis psicológicas (ansiedade, autoconfiança, controlo emocional);
- Capacidade de lidar com o erro.

Aliás, e como reforçado pelo entrevistado PE (Anexo I), “um GR pode influenciar, potenciar e alterar alguns comportamentos da equipa, consoante possua determinadas características (pontapé longo e preciso, rápido e boa cobertura da profundidade, bom domínio do espaço aéreo, entre outras).”

Nos quadros descritos no Anexo III apresentam-se os princípios importantes nos diversos momentos e contextos de jogo que se pretendem para os GR, particularmente na Seleção Nacional de Sub. 17 – *Geração 2005*.

2.2.2. Aquecimento de Jogo

O aquecimento de jogo parece ainda ser um tema muito pouco explorado (Ribeiro, 2017), apesar de ser fundamental para a preparação do jogo, por englobar a sua especificidade funcional nas diferentes dimensões tático-técnicas e físico-psicológicas, por promover a que o jogador se sinta no seu estado perfeito de pré-competição e por otimizar a sua performance.

Este é claramente um momento onde o GR deverá ter essa consciência e estar focado no jogo, estando deste modo preparado para todos os constrangimentos que o jogo possa vir a ter, até porque este deverá estar relacionado com o jogar da equipa (Ribeiro 2017, 14).

Desta forma, o aquecimento de jogo consistiu pela passagem dos diversos momentos e contextos específicos de jogo, sendo geridos os momentos de ativação e consequente recuperação. Normalmente os aquecimentos tiveram uma duração entre os 20` e os 25`, estando este sempre abertos a pequenas alterações, designadamente de acordo com as necessidades individuais de cada GR (Anexo IV).

2.2.3. Processo de Treino

O processo de treino pretende criar conhecimentos específicos/imagens mentais, que permita ao jogador e à equipa agir nos diferentes momentos de jogo, perante os problemas criados, em função de uma ideia coletiva de jogo, o Modelo de Jogo da equipa. (Oliveira, 2004, p.149).

O desenvolvimento destas dinâmicas, em contexto de Seleção, requereu uma priorização eficaz e eficiente, devido ao menor tempo existente em processo de treino, tornou-se essencial uma congruência entre o modelo de jogo e treino e em concordância com IJP.

Deste modo o processo de treino consistiu na implementação de uma “cultura para jogar” que se traduziu num estado dinâmico de prontidão, com referência a conceitos e a princípios (Garganta, 2008, p.1), pelo que a integração do GR nesta realidade compreendeu que todo o processo de treino do GR fosse realizado de forma a que o próprio fosse parte integrante dessa identidade, procurando que o seu treino fosse o mais integrado com os restantes elementos da mesma, não deixando de o ser, desta forma específico.

Assim, o processo de treino de GR na seleção procurou essencialmente promover um treino contextualizado com a forma de jogar da IJP, desenvolvendo-se nas diferentes dimensões, sendo o exercício o veículo da especificidade pretendida (Pereira, 2009).

Tal como sugere Marques, o desempenho competitivo do Gr só poderá ser potenciado através dum processo de treino que lhe proporcione a participação em exercícios de carácter aberto e que fomentem decisões nas ações tático-técnicas. (Marques, 2021, pp.133-134)

Nesta medida, os exercícios de treino foram agrupados, em exercícios Específicos de Equipa, Específicos de Grupo de GR e Específicos Individuais.

Segundo P. Espinha (comunicação pessoal, 2022) o método específico de equipa é o PRINCIPAL na metodologia de treino dos GR de Seleção Nacional, planeando situações de jogo com bola em que estão presentes companheiros e adversários, pelo que a componente percetivo-decisória é muito elevada.

Defendendo ainda que os métodos de treino, dos GR que chegam à Seleção Nacional, dos S15 aos S20, devem ser idênticos, podendo variar a intensidade e a complexidade (P. Espinha, comunicação pessoal, 2022).

Desta forma, explicitamos a representatividade de um exercício de cada uma das unidades de treino, na estrutura de treino e da forma de jogar da IJP (Anexo V).

2.2.4. Análise e Observação Jogo

Carneiro (2016) refere que a informação obtida através da observação deve estar organizada pelos vários momentos de jogo, 6 momentos distintos, 3 em cada processo do jogo – Processo Ofensivo (Organização Ofensiva, Transição Ofensiva e Esquemas Táticos Ofensivo) e Processo Defensivo (Organização Defensiva, Transição Defensiva e Esquemas Táticos Defensivos), e que esta é corroborada pelas várias estruturas Técnicas.

Esta perspetiva foi também expressa naquelas que foram as orientações dadas aos vídeo-analistas para a realização das observações e dos relatórios realizados sobre a equipa e sobre os adversários, desde os momentos e contextos de jogo.

O procedimento de análise e observação na área de GR, contemplou a filmagem, recolha, elaboração de grafismos em vídeos indicados pelo TGR, por parte do VA. Apesar da inclusão, e da extrema importância que o VA tem na análise do treino e dos jogos, o processo de produção de vídeos e compactos finais foram sempre realizados pelo TGR.

Por norma, o VA elaborou vídeos individuais de jogadores da equipa adversária, vídeos esses que após o visionamento do TGR, foram filtrados de forma a serem entregues aos GR.

Nesta medida, as estratégias utilizadas na análise do desempenho e de indicadores tático-técnicos, passaram pela promoção de reuniões de grupo com os GR e pontualmente por sessões individuais. De salientar, que essas reuniões não se encontravam predefinidas, sendo estas realizadas de acordo com o contexto e as necessidades existentes.

Desta forma, tornou-se fundamental para TGR transmitir aos GR, determinados procedimentos, que são pedidos em contexto de jogo das seleções, requerendo uma adaptação ao espaço por parte dos GR (P. Espinha, comunicação pessoal, 2022).

Relativamente aos documentos/relatórios de avaliação existentes (relatório de estágio, o relatório de jogo e um compacto de vídeo do jogo), são realizados de forma a serem partilhados pelos restantes elementos da estrutura técnica (Anexo VI).

2.2.5. Avaliações

Os estágios na Seleção Nacional são de exigência máxima para os jogadores, verificando-se cargas de treino e de stress competitivo elevadas, ocorrendo em estágios competitivos por norma jogos a cada dois dias, implicando uma elevada capacidade de recuperação por parte dos atletas.

Segundo Tamarit¹¹ torna-se “imperativo periodizar para gerir e controlar as cargas de treino/repouso, ou seja, ajustar/alterar a exigência que é pretendida para cada sessão de treino” (Robalinho, 2018, p.33), de modo a obter-se uma intensidade máxima relativa dos jogadores.

Partindo deste pressuposto, a monitorização de cargas e esforços, mesmo em pequenos estágios, são de extrema importância, inclusive o método da PSE da sessão é uma estratégia de baixo custo, simples e confiável para o monitoramento das cargas de treino, em que outros “testes de desempenho e os questionários que avaliam o grau de fadiga devem ser implementadas em associação ao método da PSE” (Nakamura, 2010, p.9).

Nesta medida, foram realizadas avaliações por parte do staff médico de forma a monitorizar o estado dos jogadores, através da perceção de esforço e da realização de um questionário de bem-estar.

No que concerne aos guarda-redes, foram também realizadas avaliações, particularmente sobre os seus dados antropométricos (Tabela 2).

Tabela 2 – Dados antropométricos dos guarda-redes convocados.

DADOS ANTROPOMÉTRICOS								
ALTURA	189.5	183	187.5	182	183.5	185.5	188	197
ENVERGADURA	194	190	193	181.5	186	187	192	208
PESO	85.5	70.5	83	70	72.5	77	80	77

Durante o Campeonato Europeu, os atletas foram avaliados em contexto de treino e jogo através de GPS da StatSports, nomeadamente nas distâncias percorridas, nas quedas, nos passos, nas acelerações e desacelerações, velocidade máxima e corrida em alta intensidade.

¹¹ Tamarit, X.G. (2007). *Qué es la “Periodización Táctica”? Vivenciar el <<Juego>> para condicionar el juego*. Pontevedra. Mcsports.

2.2.6. Contextos Competitivos

De acordo com uma perspetiva macro pretendeu-se analisar e descrever de forma mais específica dois determinados tipos de estágio existentes ao longo da época.

2.2.6.1. Estágios Aquisitivos

Um Estágio Aquisitivo por norma é caracterizado por ter três dias de treinos, importando referenciar que nestes estágios são convocados três GR, não acontecendo normalmente em estágios competitivos, tendo desta forma um grande impacto nas dinâmicas de treino e planeamento.

A periodização do treino, também, possui algumas particularidades, nomeadamente por ser um estágio com uma densidade de treino maior do que o normal, sendo que em três dias são realizadas cinco sessões de treino, nas quais os conteúdos e objetivos devem ter uma interligação com a própria estrutura da sessão.

Ao longo da época foram quatro estágios aquisitivos (Tabela 3).

2.2.6.2. Estágios Competitivos / Torneios

Neste tipo de estágio a predominância é de preparar os GR, normalmente dois, de forma geral para os jogos em causa, existindo uma menor densidade de treinos, importando salientar que neste tipo de torneios existe apenas um dia entre cada jogo, dificultando muito as dinâmicas de treino.

2.2.6.3. Estágios de Fases de Apuramento

Caracteriza-se por ter um maior número de dias/treinos e de ter dois dias entre cada jogo, pelo que se realizou de uma forma gradual a preparação dos jogos, visando sempre o apuramento para as fases seguintes e para as grandes competições.

2.2.6.4. Estágios de Fases Finais

Claramente os estágios para os quais nos preparamos e aqueles que pretendemos que sejam os mais longos possíveis, neste caso, realizou-se um estágio de vinte sete dias, terminando com a eliminação nas meias-finais do Campeonato da Europa.

Quanto à planificação da época, e de acordo com as Competições, priorizou-se em quatro momentos (Tabela 3).

Tabela 3 – Planificação da Época dos Sub.17, em função dos Momentos Competitivos UEFA.

E.A		E.C	D / T	NºJ	DATAS	JOGOS INTERNACIONAIS	CONTEXTO
1 (01/08/21 - 16/11/21)	2	2	22 / 27	6	03/09/21	R. CHECA – PORTUGAL (1 – 4 V)	TORNEIO SYRENKA
					05/09/21	INGLATERRA – PORTUGAL (2 – 1 D)	POLÓNIA
					07/09/21	POLÓNIA – PORTUGAL (2 – 1 D)	
					10/11/21	PORTUGAL – CAZAQUISTÃO (5 – 0 V)	FASE DE APURAMENTO UEFA PORTUGAL
					13/11/21	PORTUGAL – PAIS DE GALES (2 – 0 V)	
					16/11/21	PORTUGAL – UCRÂNIA (2 – 3 D)	
TOTAIS	2	2	22/27	6	3V 0E 3D (15 GM / 8 GS)		
2 (17/11/21 – 15/02/22)	2	1	14 / 14	3		*	TORNEIO PREPARATÓRIO UEFA ISRAEL
					11/02/22	PORTUGAL – ALEMANHA (1 – 1 E)	TORNEIO ALGARVE PORTUGAL
					13/02/22	PORTUGAL – ESLOVÁQUIA (4 – 1 V)	
					15/02/22	PORTUGAL – ESPANHA (2 – 3 D)	
					TOTAIS	4	3
3 (16/02/22 – 31/03/22)	0	1	16/14	3	23/03/22	PORTUGAL – REP. IRLANDA (4 – 1 V)	RONDA ELITE
					26/03/22	PORTUGAL – BULGÁRIA (2 – 1 V)	UEFA PORTUGAL
					29/03/22	PORTUGAL – FINLÂNDIA (9 – 1 V)	
TOTAIS	4	4	52/55	9	7V 1E 4D (37 GM / 16 GS)		
4 (01/04/22 – 30/06/22)	0	1	27/23	5	26/05/22	PORTUGAL – ESCÓCIA (5 – 1 V)	EUROPEU SUB-17
					26/05/22	PORTUGAL – SUÉCIA (4 – 2 V)	
					26/05/22	PORTUGAL – DINAMARCA (1 – 3 D)	UEFA ISRAEL
					26/05/22	PORTUGAL – ESPANHA (2 – 1 V)	
					29/05/22	PORTUGAL – FRANÇA (2 – 2) (7-8 D)	
TOTAIS	4	5	79/78	17	10V 2E 5D (51 GM / 25 GS)		

* Nota: cancelado devido à Covid-19.

E.A – Estágios Aquisitivos
E.C – Estágios Competitivos
D / T – Dias / Treinos
NºJ – Número de Jogos

2.3. Tarefas Complementares

Tal como expresso no Cronograma Inicial, as funções de treinador de GR foram extensivas nas diversas Seleções Nacionais. Isto porque os quatro elementos da estrutura técnica que desempenhavam as funções de treinadores de GR não eram os suficientes para as seis seleções nacionais, compreendidas dos sub. 15 aos sub. 20. Assim, durante a época existiu sempre a possibilidade e necessidade de estar em estágios aquisitivos e/ou competitivos de outras seleções.

2.3.1. Seleção Nacional Sub. 15

A Seleção Nacional de sub. 15 é o escalão inicial nas Seleções Nacionais, caracterizado por ser uma geração em que a seleção de muitos desses jogadores passaram pela sua observação no contexto do Torneio Lopes da Silva. No entanto, a não realização deste torneio nos últimos dois anos devido aos constrangimentos da Covid-19 dificultou este processo.

Esta seleção realizou dois estágios aquisitivos iniciais, o primeiro com 48 atletas, dos quais 8 GR e o segundo estágio com 36 atletas, dos quais 6 foram GR.

A participação nestes dois estágios foi fundamental para a compreensão desta nova geração, através do processo de treino e pela observação dos GR em contexto competitivo.

Desta forma, os treinadores de GR elaboraram uma apreciação acerca dos GR presentes, definindo desta forma aqueles que se encontravam mais preparados e que apresentavam maior potencial para novas convocatórias.

2.3.2. Seleção Nacional Sub. 16

Na mesma ordem, a seleção participou no Torneio das 4 Nações, em Kolding na Dinamarca, entre os dias 13 e 20 de Setembro de 2021.

O torneio inicialmente denominado de 4 Nações foi alterado para torneio da Dinamarca, motivado pela não participação de uma seleção, devido aos constrangimentos da Covid-19, torneio esse que englobou as seleções da Dinamarca e Bélgica.

O estágio iniciou-se com três treinos em Portugal, na Cidade do Futebol, após viagem para Kolding, realizou-se um treino antecedente a cada um dos jogos.

Tabela 4 – Torneio da Dinamarca Sub.16.

SELEÇÃO	DIAS ESTÁGIO	TREINOS	JOGOS	DATAS	JOGOS INTERNACIONAIS	CONTEXTO
SUB 16	8	5	2	17/09/21	DINAMARCA – PORTUGAL (1 – 1 E)	TORNEIO
				19/09/21	PORTUGAL – BÉLGICA (2 – 0 V)	DINAMARCA

Na Tabela 5 descreve-se o volume da utilização dos GR durante o torneio.

Tabela 5 – Volume de Treinos e Jogos Sub.16.

	TOTAL	ESPECÍFICO	INTEGRADO	AQ. JOGO	JOGO	CONTEXTO
VOLUME	523	88	295	40	180	1 Gr (20 + 90)
						1 Gr (20 + 90)

Importa salientar que o torneio realizado na Dinamarca ficou marcado pela primeira internacionalização dos jogadores desta geração de 2006, realçando também a vitória nesse mesmo torneio.

Ainda referente a este escalão, foram realizados dois estágios aquisitivos, o primeiro entre os dias 13 e 15 de Dezembro de 2021, posteriormente, devido ao contágio de covid-19 por parte de um dos treinadores de Gr, terminando o estágio realizado entre os dias 8 e 9 de Março de 2022.

Tabela 6 – Volume de Treinos Sub.16.

SELEÇÃO	DIAS ESTÁGIO	TREINOS	VOLUME TOTAL	ESPECÍFICO	INTEGRADO	CONTEXTO
SUB 16	3	5	340	75	265	ESTÁGIO AQUISITIVO
	2	3	220	45	175	ESTÁGIO AQUISITIVO

Posteriormente, entre os dias 9 e 19 de Abril de 2022, a seleção participou no Torneio de Montaigu, em França.

Torneio referência nos escalões de formação, estando na sua 49ª Edição. A seleção de Portugal ficou inserida no Grupo B, com as seleções da França, Argentina e Bélgica, sendo o Grupo A constituído pelas seleções do Brasil, México, Holanda e Inglaterra.

O estágio iniciou-se com dois treinos em Portugal, na Cidade do Futebol, após viagem para Montaigu, realizou-se um treino antecedente a cada um dos jogos, de referir que apenas os GR efetuaram treinos nos dias antecedentes aos últimos dois jogos.

Tabela 7 – Torneio de Montaigu em França – Sub.16.

SELEÇÃO	DIAS ESTÁGIO	TREINOS	JOGOS	DATAS	JOGOS INTERNACIONAIS	CONTEXTO
SUB 16 (21/22)	11	4 (+2 treinos Gr)	4	12/04/22	FRANÇA – PORTUGAL (0 – 1 V)	TORNEIO MONTAIGU FRANÇA
				14/04/22	PORTUGAL – ARGENTINA (0 – 3 D)	
				16/04/22	PORTUGAL – BÉLGICA (1 – 1 E)	
				18/04/22	PORTUGAL – INGLATERRA (1 – 1 E)	

Na Tabela 8 descreve-se o volume da utilização dos GR durante o torneio.

Tabela 8 – Volume de Treinos e Jogos dos guarda-redes da Seleção Sub.16.

VOLUME	TOTAL	ESPECÍFICO	INTEGRADO	AQ. JOGO	JOGO	CONTEXTO
TORNEIO	280	75	205	80	360	1 Gr (20 + 90)
MONTAIGU	(+ Gr1 50'; Gr2 50')	(+ Gr1 50'; Gr2 50')				1 Gr (60 + 270)

2.3.3. Seleção Nacional Sub. 18

A participação nos sub. 18 ocorreu no Torneio das 4 Nações, em Bucareste na Roménia, entre os dias 4 e 13 de Outubro de 2021.

O torneio englobou as seleções da Roménia, Turquia e a da Espanha, sendo o seu quadro competitivo caracterizado por ter jogos a cada dois dias, existindo um único treino de preparação para o jogo seguinte.

O estágio iniciou-se com quatro treinos ainda em Portugal, na Cidade do Futebol. Após viagem para Bucareste, realizou-se um treino antes de cada jogo.

Tabela 9 – Volume de Treinos e Jogos – Torneio 4 Nações Sub.18.

SELEÇÃO	DIAS ESTÁGIO	TREINOS	JOGOS	DATAS	JOGOS INTERNACIONAIS	CONTEXTO
SUB 18 (21/22)	10	7	3	08/10/21	ROMÉNIA – PORTUGAL (1 – 2 V)	TORNEIO 4 NAÇÕES ROMÉNIA
				10/10/21	PORTUGAL – TURQUIA (3 – 0 V)	
				12/10/21	PORTUGAL – ESPANHA (0 – 1 D)	

Na Tabela 10 descreve-se o volume da utilização dos GR durante o torneio.

Tabela 10 – Volume de Treinos e Jogos.

	TOTAL	ESPECÍFICO	INTEGRADO	AQ. JOGO	JOGO	CONTEXTO
VOLUME	745	140	275	60	270	1 Gr (40 + 180)
						1 Gr (20 + 90)

CAPÍTULO III– MATRIZ CONCETUAL TÉCNICO-CIENTÍFICA

3.1. O Guarda-redes de Futebol na Identidade de Jogo

A evolução do jogo de Futebol tem originado um aumento da complexidade da função do GR no jogo, pelo que a sua envolvência na equipa tem vindo a ganhar cada vez mais importância e consistência (Pereira, 2009).

De acordo com Llopis (2003), as alterações regulamentares e a evolução nos sistemas táticos induziram alterações no jogo e no treino do GR, uma vez que o GR parece poder interferir no jogo e nos comportamentos coletivos de uma equipa. Barreira (2013) evidencia que das onze alterações ao regulamento da *Fédération Internationale de Football Association (FIFA)* entre 1982 e 2006, as que lhe parecem ter induzido maior impacto na evolução do jogo de Futebol, cinco delas foram imputadas ao GR.

Neste sentido, Frade¹² refere que o GR não deve ser um “atractor estranho” para os restantes elementos da equipa e por isso só será possível se o seu treino também incluir uma participação coletiva. (Pereira, 2009, p.2)

O modelo de jogo diz respeito à forma como os jogadores estabelecem as relações entre si e expressam a sua identidade (Azevedo, 2011), deste modo, o mesmo é definido como:

“A representação, sob a forma mais ou menos abstrata, de uma rede de inter-relações entre as unidades de um conjunto (jogadores), simulando a realidade de jogo e suas tendências evolutivas, ou parte dos aspetos dessa realidade (que se consubstancie e permita resolver todas as situações táticas momentâneas de jogo, com pleno sentido de equipa), que corresponde à pertinência do ponto de vista adotado, com implicações em vários níveis e em diferentes dimensões, dando uma identidade à equipa.” (Casanova e Pacheco, 2020, p.143)

Neste sentido, para Llopis (2003) é impensável melhorar o jogo defensivo e ofensivo do GR se não existirem situações globais de treino, onde o tempo para perceber, decidir e executar as ações devem ser variadas, obrigando o GR e aos seus companheiros a se adaptarem às diferentes situações. Esta interação entre o GR e a equipa tornou-se fundamental para uma melhor compreensão do que é pretendido enquanto Identidade de equipa e no seu jogar, representada por princípios inerentes a um determinado Modelo de Jogo.

Em suma, essa Identidade deverá ser expressa nos diferentes momentos do jogo (organização ofensiva, organização defensiva, nas transições) e nos esquemas táticos.

¹² Frade, V. (2006). Apontamentos das aulas da disciplina de Metodologia de Futebol I, FADEUP. Porto. Não Publicado

Para Casanova e Pacheco estes momentos significam:

A Organização Ofensiva representa uma das fases fundamentais do jogo de Futebol, a ofensiva, determinado pela equipa que se encontra em posse de bola, na qual a equipa evidencia um conjunto de ações tático-técnicas para manter/progredir com a bola equilibradamente, com vista à realização de ações ofensivas para a obtenção do golo, sem cometer infrações às leis do jogo (Casanova e Pacheco, 2020, p.150);

A Transição Defensiva (ataque-defesa), é descrita pelo momento do jogo caracterizado pela rápida alteração de comportamentos tático-técnicos individuais e coletivos imediatamente após a perda da posse de bola (estado momentâneo de desorganização posicional fruto das novas funções/missões dos jogadores) (Casanova e Pacheco, 2020, p.205);

A Organização Defensiva representa uma das fases fundamentais do jogo de Futebol, a defensiva, na qual uma equipa evidencia um conjunto de ações tático-técnicas para recuperar a posse de bola equilibradamente, com vista à realização de ações defensivas, sem cometer infrações e sem permitir que a equipa adversária obtenha golo (Casanova e Pacheco, 2020, p.150);

A Transição Ofensiva (defesa-ataque), é descrita pelo momento de jogo caracterizado pela rápida alteração de comportamentos tático-técnicos individuais e coletivos imediatamente após a recuperação da posse da bola (estado momentâneo de desorganização posicional fruto das novas funções/missões dos jogadores) (Casanova e Pacheco, 2020, p.206);

Os Esquemas Táticos Ofensivos ou Bola Parada Ofensiva, é descrita como uma ação tático-técnica coletiva complexa ofensiva previamente estudada e treinada para a execução dos pontapés livres (diretos, indiretos e de penalti), pontapés de saída, pontapés de canto e lançamentos da linha lateral, que apresentam soluções estereotipadas e que representam uma forma de combinação tática ofensiva, ou seja, a coordenação das ações individuais de vários jogadores de natureza ofensiva, que visam assegurar as condições mais favoráveis para a concretização imediata do golo durante as fases fixas do jogo, desta forma os Esquemas Táticos Defensivos ou Bola Parada Defensiva, visam assegurar condições mais favoráveis para a concretização imediata de um dos objetivos defensivos (impedir a finalização) durante as fases fixas do jogo (Casanova e Pacheco, 2020, pp.50-51);

O papel do GR nos diversos momentos de jogo é fulcral, nomeadamente na sua principal função que se destina à proteção da sua baliza. Não obstante desta primordial função, este tem cada vez mais funções no processo ofensivo das equipas, tanto na organização, como no aproveitamento de desequilíbrios dos adversários em momentos de transição. Deste modo Santos afirma que “os GR arriscam pouco nos passes que poderiam promover momentos de transição rápida” (Santos, 2019, p.44).

Todavia, sendo o jogo de futebol dinâmico, em constante oposição, a perceção e a interação entre os demais jogadores em campo é fulcral para o desenvolvimento dessas mesmas dinâmicas.

O GR de futebol é apenas mais um desses elementos que deverá procurar, aquando da posse de bola, encontrar as melhores soluções que deverá ter para o desenvolvimento do ataque da sua equipa.

Assim, Laranjeira (2009) entende que é importante estudar como as equipas, em confronto e face a constrangimentos estruturais (como o espaço de jogo) e contextuais (como a interação no *Centro de Jogo*), assumem determinados padrões de jogo através dos seus comportamentos individuais e coletivos, no intuito de tornar mais eficaz o jogo da equipa.

Para Casanova e Pacheco (2020) o Centro de Jogo é a circunferência estabelecida por um raio de 9.15 metros a partir do local da bola (deve ser compreendido como uma referência espacial dinâmica do espaço onde o jogo ocorre com maior intensidade/velocidade).

Por outro lado, Barreira (2006) alude ao método para definir centro de jogo, assente em distâncias relativas ao terreno de jogo, podem advir dois problemas: i) num instante do jogo, um jogador apesar de estar mais afastado (metricamente) do portador da bola do que outro, pode ter uma maior possibilidade de intervenção na situação de jogo do que o segundo, fazendo mais sentido que aquele seja incluído no centro do jogo; e ii) na observação das situações de jogo, o instrumento utilizado para concretizar a imagem das mesmas permite aumentar ou diminuir o campo de visão e, por conseguinte, faz variar a distância com que percecionamos a situação de jogo, o que pode induzir erros de análise.

Por sua vez, Hughes¹³ e Garganta et al.¹⁴ referem que:

“A zona de recuperação da posse de bola pode influenciar a eficácia de uma equipa, neste sentido são maiores as probabilidades de se conseguir um maior número de golos, caso se aumente o número de recuperações da posse de bola na zona ofensiva, sendo esta probabilidade, sete vezes maior do que em qualquer outra zona do campo.” (Lopes, 2007, p.120)

Desta forma, torna-se evidente a dificuldade de sucesso na obtenção de golo, através de um processo ofensivo iniciado pelo GR.

¹³ Hughes, C. (1990). *The Winning Formula*. London: William Collins & Co Ltd.

¹⁴ Garganta, J.; Marques, A.; Maia, J. (2002). Modelação tática do jogo de futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. In J. Garganta; A. Suares; C. Peñas (Eds.), *A Investigação em Futebol. Estudos Ibéricos* (51-66). FCDEF-UP.

3.2. A Análise de jogo e sua importância

A observação e análise comportamental dos jogadores e equipas torna-se numa temática que tem vindo a ser estudada de uma forma considerável, surgindo com diferentes designações, tais como: observação do jogo (*game observation*), análise notacional (*notational analysis*) e análise de jogo (*match analysis*) (Garganta, 2001; Gil, 2020).

Malta e Travassos (2014) salientam que em termos metodológicos identificar e interpretar as relações existentes entre jogadores tem sido um desafio para a análise de performance em desportos coletivos.

Uma das principais tarefas da Análise de Jogo é identificar os principais indicadores que estão diretamente relacionados com o resultado do jogo, nomeadamente com a vitória. Assim, importa salientar a preponderância do resultado no comportamento e nas dinâmicas das equipas, isto porque se uma equipa estiver a perder, ela pode apresentar um estilo de jogo mais direto, ou se a equipa estiver a ganhar, frequentemente prefere trocar passes laterais com o intuito de manter o domínio da posse de bola e impossibilitar o adversário de tomar iniciativa (Andrade, 2010, p.19).

Deste modo, a observação e análise do jogo, pode e deve ser reconhecido como um instrumento/técnica valioso(a), para que possa existir um conhecimento maior dos adversários, e da própria equipa, possibilitando desta forma de aumentar a qualidade do desempenho à equipa e aos jogadores, pela reprodução do jogo durante as treino (Lopes, 2007).

Por sua vez, Garganta (2008) entende que a análise do jogo, na sua vertente tática, pode ser extremamente útil, quer para treinadores, quer para investigadores desta área, de forma a identificarem regularidades e padrões de jogo, procurando depois que esta informação possa ser utilizada para a melhoria da performance e eficácia da equipa e na identificação dos fatores que podem fazer com que a performance desportiva seja cada vez superior.

De acordo com PE (Anexo I) o rendimento no jogo é uma consequência do que se treina, sendo que através da observação do jogo, o GR revela as suas virtudes e debilidades, tendo o TGR de as saber interpretar.

Segundo Barbosa, a observação e análise comportamental têm sido utilizadas com intuito científico, recorrendo a uma metodologia adequada para esse fim.

Para atingir o patamar científico, o mesmo autor, citando Anguera (1997), define quatro aspetos que a caracteriza como técnica científica:

- i) Servir um objeto já formulado de investigação:

- ii) Ser planeada sistematicamente;
- iii) Ser controlada e relacionada com proposições mais gerais, em vez de ser apresentada como uma série de curiosidades interessantes;
- iv) Estar sujeita a comprovações de validade e fiabilidade.

(Barbosa, 2013 , p.47)

3.3. Metodologia observacional

A observação no Futebol tem vindo ao longo dos tempos a ser fundamental, principalmente ao nível quantitativo, na maioria das vezes, no entanto, cada vez mais a observação qualitativa do próprio jogo tem vindo a ser uma realidade.

A função do GR de futebol é por vezes pouco estudada pela comunidade científica, que na maioria dos estudos realizados baseiam-se em estatísticas e frequências de ações, no entanto a metodologia observacional através da Análise sequencial, poderá fazer compreender um pouco melhor o porquê? O quando? E o como? Ocorrem essas ações.

Para Sarmento a grande parte dos estudos incidem sobre o processo ofensivo, sendo o menor número aqueles que se debruçam sobre o processo defensivo ou sobre a análise do GR (Sarmento, 2012, p.75). Neste contexto da análise do jogo, a metodologia observacional tem revelado um território fértil de investigação no domínio das ciências do desporto, nomeadamente no que concerne ao entendimento de condições que concorrem para o sucesso nos jogos desportivos (Garganta, 2008), deste modo:

“A Metodologia Observacional permite determinar sequências e/ou padrões conductuais provenientes de variáveis que emanam da dinâmica do próprio jogo, em geral, e dos diferentes Métodos de Jogo Ofensivo, em particular, e que utilizando a técnica da análise sequencial, uma técnica capaz de detetar – a partir do sistema de observação *ad hoc* – a existência de padrões de conduta ou configurações estáveis do comportamento.” (Lopes, 2007, p.71)

Desta forma, a metodologia observacional, e em particular a análise sequencial, possibilita uma análise quali-quantitativa, ordenada no tempo e em contexto natural, dos comportamentos dos jogadores e das equipas (Machado et al., 2013). A partir da técnica de retardos ou transições, é possível realçar configurações mais ou menos estáveis de conduta, ou seja, detetar padrões de conduta (Anguera, 1992), de forma prospetiva ou retrospectiva (Sarmento, 2012).

Segundo Anguera e Blanco (2003), citado por Lopes (2007), existem como instrumentos básicos da metodologia observacional o sistema de categorias (SC), o formato de campo (FC) e as *rating scales*. O sistema de categorias implica a formação de um corpo teórico

prévio e devidamente sustentado, sendo este um sistema fechado. Pelo contrário, o formato de campo (FC) constitui um instrumento mais flexível especialmente adequado a situações empíricas de elevada complexidade, como as que ocorrem num jogo de futebol.

No processo de investigação na metodologia observacional, Anguera (2003), refere que este processo deverá dividir-se em cinco grandes fases:

- i) Delimitação das condutas e situação de observação;
- ii) Construção de um instrumento de observação “*ad hoc*”;
- iii) Recolha e otimização dos dados;
- iv) Análise dos dados;
- v) Interpretação dos resultados.

(Barbosa, 2013, p.63-64)

CAPÍTULO IV – ESTUDO TÉCNICO-CIENTÍFICO: INTERVENÇÃO DO GUARDA-REDES NO INÍCIO DO PROCESSO OFENSIVO DA EQUIPA

4.1. Introdução

Os estudos que tomam por base metodológica a observacional, proporcionam, para além de outras, análises sequenciais do comportamento da equipa e do jogador. Este tipo de análise pode possibilitar por exemplo, a determinação de “padrões de jogo” para cada um dos desportos (Lopes, 2007).

O método de observação rege-se fundamentalmente pelo paradigma quantitativo (analisar acontecimentos procurando a relação entre as variáveis implicadas) e pelo paradigma qualitativo (explicar acontecimentos no seu contexto natural e num nível de observação mais realista e de elevada validade ecológica) (Louro & Rodrigues, 2016). Desta forma, o processo de observação permite descrever de forma objetiva a realidade que possa ser analisada, sendo indispensável uma rigorosa delimitação dos objetivos que se pretende concretizar (Anguera et al., 2000).

Partindo deste pressuposto, o estudo inseriu-se numa problemática de análise da performance tático-técnica em Futebol, efetuada a partir da observação do jogo, visando a otimização do rendimento desportivo. Nomeadamente, a análise concreta das ações dos GR de Futebol e em que contextos elas se inserem, procurando verificar a existência de tendências de ações similares e de padrões no processo ofensivo por parte do GR. Assim, tem existido um aumento de complexidade no papel do GR, na forma de jogar das equipas, pelo que se tornou evidente uma preocupação com a sua interferência nesse mesmo processo, pelo que parece ser pertinente identificar os padrões de conduta do GR que, com maior probabilidade, conduziram à eficácia da fase ofensiva.

Desta forma, os objetivos do presente estudo foram:

- ii) Desenvolver e validar um sistema de observação do processo ofensivo do Guarda-redes (POGR);
- iii) Identificar padrões de conduta no processo ofensivo iniciado e/ou desenvolvido pelo GR da Seleção Nacional de Futebol de Portugal de Sub.17 masculina que propiciaram uma maior eficácia no processo ofensivo;
- iv) Explorar instrumentos de observação e análise de jogo baseado na Análise Sequencial – SDIS-GSEQ.

Para tal, prevê-se que os padrões de conduta do GR sejam na utilização de um jogo mais curto, na garantia da posse de bola por parte da equipa; espera-se que o jogo curto do GR propicie a que a equipa consiga mais finalizações/golos e/ou chegada ao SO e, também, estima-

se que as transições rápidas, assumindo que existe um maior desequilíbrio por parte da equipa adversária neste comportamento, propiciem um maior número de finalizações/golos e/ou chegada ao SO;

4.2. Materiais e Métodos

4.2.1. Amostra

A amostra deste estudo foram as ações de 2 GR da Seleção Nacional de Portugal Sub. 17, durante os jogos realizados na época de 2021/22 (Tabela 11).

Tabela 11 – Jogos analisados na época de 2021/2022.

Sessão de Observação	Jogo	Resultado Intervalo	Resultado Final	Contexto Competitivo	Nº de Sequências observadas
1	CHÉQUIA – PORTUGAL	0 – 3 V	1 – 4 V	T. SYRENKA	26
2	INGLATERRA – PORTUGAL	0 – 1 V	2 – 1 D	T. SYRENKA	18
3	POLÓNIA – PORTUGAL	1 – 1 E	2 – 1 D	T. SYRENKA	20
4	PORTUGAL – CAZAQUISTÃO	2 – 0 V	5 – 0 V	T. APURAMENTO	18
5	PORTUGAL – PAIS DE GALES	1 – 0 V	2 – 0 V	T. APURAMENTO	30
6	PORTUGAL – UCRÂNIA	1 – 1 E	2 – 3 D	T. APURAMENTO	32
7	PORTUGAL – ALEMANHA	1 – 1 E	1 – 1 E	T. ALGARVE	24
8	PORTUGAL – ESLOVÁQUIA	1 – 0 V	4 – 1 V	T. ALGARVE	26
9	PORTUGAL – ESPANHA	0 – 2 D	2 – 3 D	T. ALGARVE	26
10	PORTUGAL – REPÚBLICA IRLANDA	2 – 0 V	4 – 1 V	RONDA ELITE	33
11	PORTUGAL – BULGÁRIA	1 – 1 E	2 – 1 V	RONDA ELITE	18
12	PORTUGAL – FINLÂNDIA	3 – 1 V	9 – 1 V	RONDA ELITE	26
13	PORTUGAL – ESCÓCIA	3 – 0 V	5 – 1 V	C. EUROPA	25
14	PORTUGAL – SUÉCIA	3 – 1 V	4 – 2 V	C. EUROPA	24
15	PORTUGAL – DINAMARCA	1 – 0 V	1 – 3 D	C. EUROPA	25
16	PORTUGAL – ESPANHA	1 – 1 E	2 – 1 V	C. EUROPA	23
17	PORTUGAL – FRANÇA	2 – 2 E	2- 2 E (7-8 D)	C. EUROPA	24

Deste modo, foi importante compreender alguns critérios relacionados com a própria amostra, de forma a entender de forma clara a possível limitação dos dados recolhidos do presente estudo. O critério da amostra selecionada não distinguiu a utilização de um determinado GR, procurando assim não se traçar comparações entre os GR da presente amostra.

Por outro lado, procurou-se encontrar critérios para a recolha das sequências de IPOGR, nomeadamente:

- **Critério 1:** Adversário (Adv.):
 - Durante a época foram defrontadas diversas seleções, procuramos estabelecer um critério de competências, pelo que foram caracterizadas equipas apuradas para o Europeu de sub.17 e equipas não apuradas. Neste caso, nove equipas não foram apuradas e oito sim.

- **Critério 2:** Resultado momentâneo do jogo (**Res.**):
 - VITÓRIA: Equipa observada possuiu mais golos válidos marcados do que o adversário no jogo observado.
 - EMPATE: Equipa observada possuiu o mesmo número de golos válidos marcados (ou nenhum golo marcado se não tiver sofrido) que o adversário no jogo observado.
 - DERROTA: Equipa observada possuiu menos golos marcados do que o adversário no jogo observado.
- **Critério 3:** Tempo de jogo (**Tj.**):
 - PRIMEIRA PARTE: Tempo de jogo que decorreu desde o apito do árbitro para o início da primeira parte até ao apito do mesmo para o final desta parte (0`-45`, mais um possível prolongamento).
 - SEGUNDA PARTE: Tempo de jogo que decorreu desde o apito do árbitro para o início da segunda parte até ao apito do mesmo para o final do jogo (45`-90`, mais um possível prolongamento).

No que concerne aos critérios que podiam delimitar a recolha das sequências de IPOGR, eles foram:

- A recolha de dados de um determinado jogo em que a equipa adversária terminou, a partir do momento que esta ficou em inferioridade permanente (Fator disciplinar ou por lesão);
- Todas as sequências que, por qualquer razão, não permitiram a completa observação das suas condutas, tornando impercetível e incompleto o seu registo, foram eliminadas;

No presente estudo foi definido que a posse de bola podia continuar com uma série de passes entre jogadores da mesma equipa, mas que terminava imediatamente quando um dos seguintes eventos ocorreu da seguinte forma:

- A bola estiver fora de Jogo;
- Obtenção de Golo;
- A bola tocou num jogador da equipa adversária (por exemplo, um desarme, um passe interceptado ou um remate defendido/bloqueado). Um toque momentâneo que não alterou significativamente a direção da bola foi excluído;

- Uma violação das regras (por exemplo, um jogador fora de jogo ou uma falta cometida).
- Existindo a exceção no critério 3, no qual ocorrendo um de livre direto ou penálti no final do processo ofensivo, ambas as situações foram registadas em finalização ou golo consoante o resultado e ação final.

4.2.2. Instrumento de observação e sua caracterização

Um dos passos metodológicos a assumir quando se utiliza a *Metodologia observacional* é a construção de um instrumento *ad hoc*. A elaboração de um instrumento deste tipo permite a construção de um sistema de categorias indispensável a uma resposta simultânea a um marco teórico e à especificidade do estudo (Laranjeira, 2009).

Neste sentido, foi importante construir e validar um instrumento que permitisse registar, de forma fidedigna, os comportamentos dos jogadores e equipas de futebol de elite mundial (Sarmiento, 2012). Tendo em conta a importância desta fase, e após uma revisão de literatura, tornou-se evidente o grande valor dos estudos realizados nesta vertente (Barreira, 2006; Baranda et al., 2008; Laranjeira, 2009; Barbosa, 2013), procurando uma adaptação do instrumento *ad hoc* de forma a garantir a sua aplicabilidade e fiabilidade, sendo este um processo demorado e que necessita de variadas etapas, tal como foi demonstrativo no estudo realizado por Barreira (2013).

De acordo com os estudos já referenciados, eles optam, dentro das possibilidades instrumentais da *Metodologia Observacional*, pela combinação do Sistema de Categorias e o Formato de Campo.

Segundo Barreira (2006) na Metodologia Observacional é fundamental a criação de um sistema de codificação que personifique as condutas e as situações importantes na perspetiva do investigador, no intuito de lhe permitir a exploração do problema.

Deste modo, o instrumento de observação foi formado por 6 critérios, criando-se um sistema de categorias exaustivo e mutuamente exclusivo (E/ME).

Quadro 1 – Critérios do instrumento de observação.

CRITÉRIO	
1	INICIO DO PROCESSO OFENSIVO
2	DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO OFENSIVO
3	FINAL DO PROCESSO OFENSIVO
4	CARACTERIZAÇÃO ESPACIAL (E/ME)
5	RITMO DE JOGO
6	CENTRO DE JOGO (E/ME)

4.2.3. Desenvolvimento do sistema de observação

Quadro 2 – Critério 1 do Formato de Campo: Início do Processo Ofensivo do Guarda-redes (IPOGR).

<u>Critério de Formato de Campo 1</u>		
<u>Início do Processo Ofensivo por parte do G.R (IP)</u>		
Consideramos o IPOGR sempre que o Guarda-redes passa a estar na posse de bola (quer de forma direta – no decorrer do jogo sem que qualquer infração regulamentar tenha sido sancionada. Ou indireta – por infração às leis do jogo por parte do adversário, seja por falta atacante ou fora-de-jogo). Propomos 14 categorias possíveis para o início do processo ofensivo.		
<u>Catálogo</u>	<u>Código</u>	<u>Descrição</u>
Recuperação Pontapé de baliza	Ippb	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma indireta, por erro (bola para fora do terreno de jogo pela linha final). O IPO é iniciado com pontapé de baliza.
Recuperação Indireta \ Pontapé Livre	Ippl	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma indireta, por infração às leis do jogo (por falta do atacante ou fora-de-jogo). O IPO é iniciado com pontapé livre.
Recuperação da posse de bola por Atraso	IPa	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma direta, por um Atraso feito pelo colega de equipa com qualquer parte do corpo, não podendo o guarda-redes recuperar a bola com as mãos.
Recuperação da posse de bola por Atraso Cabeça	Ipac	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma direta, por uma Atraso feito pelo colega de equipa com qualquer parte do corpo, podendo o guarda-redes recuperar a bola com as mãos.
Recuperação da posse de bola através de uma Saída com as Mãos	Ipsm	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma direta, por uma ação de Saída com as mãos.
Recuperação da posse de bola através de uma Saída com o Pés	Ipsp	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma direta, por uma ação de Saída com os pés.
Recuperação da posse de bola através de uma Ação a Remate	Ipr	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma direta, por uma ação feita após um remate adversário.
Recuperação da posse de bola através de uma ação a Cruzamento	Ipcz	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma direta, por uma ação feita após um cruzamento adversário.
Recuperação da posse de bola através de uma ação a Canto	Ipc	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma direta, por uma ação feita após um esquema tático adversário (Canto)

Recuperação da posse de bola através de uma ação a Livre Direto	Ipld	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma direta, por uma ação feita após um esquema tático adversário (Livre Direto)
Recuperação da posse de bola através de uma ação a Livre Indireto	Ipli	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma direta, por uma ação feita após um esquema tático adversário (Livre Indireto)
Recuperação da posse de bola através de uma ação a Grande Penalidade	Ipgp	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma direta, por uma ação feita após um esquema tático adversário (Grande Penalidade)
Recuperação da posse de bola através de uma ação a Lançamento Linha Lateral	Iplll	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma direta, por uma ação feita após um esquema tático adversário (Lançamento Lateral)
Recuperação da posse de bola através de Interceção / Bola perdida adv. / Bola ao Solo	Ippbind	Corresponde ao IPOGR através de uma posse de bola recuperada de forma indireta, pela interceção de um passe/remate do adversário e/ou um passe errado para o espaço vazio.

Quadro 3 – Critério 2 do Formato de Campo: Desenvolvimento do Processo Ofensivo do Guarda-redes (DPOGR).

<u>Critério de Formato de Campo 2</u> <u>Desenvolvimento do Processo Ofensivo por parte do G.R (DP)</u>		
Consideramos o DPOGR sempre todas as ações que o Guarda-redes realiza para manter de forma controlada, em termos técnico-táticos, a posse da bola e estar em disposição de dar continuidade ao processo ofensivo.		
Propomos 18 categorias possíveis para o desenvolvimento do processo ofensivo.		
<u>Catálogo</u>	<u>Código</u>	<u>Descrição</u>
Desenvolvimento por Pontapé de baliza Curto	DPpbcr	Corresponde ao DPOGR através de um pontapé de baliza, efetuado de maneira curta.
Desenvolvimento por Pontapé de baliza Médio	DPpbmd	Corresponde ao DPOGR através de um pontapé de baliza, efetuado com uma distância média.
Desenvolvimento por Pontapé de baliza Longo	DPpblg	Corresponde ao DPOGR através de um pontapé de baliza, efetuado de maneira longa.
Desenvolvimento por Livres D/I Curto	DPlcrt	Corresponde ao DPOGR através de uma reposição de bola através de esquema tático ofensivo, efetuado de maneira curta.

Desenvolvimento por Livres D/I Médio	DPImd	Corresponde ao DPOGR através de uma reposição de bola através de esquema tático ofensivo, efetuado com uma distância média.
Desenvolvimento por Livres D/I Longo	DPlllg	Corresponde ao DPOGR através de uma reposição de bola através de esquema tático ofensivo, efetuado de maneira longa.
Desenvolvimento por Distribuição com as Mãos curta	DPdmcr	Corresponde ao DPOGR através de uma reposição de bola com as mãos, efetuado de maneira curta.
Desenvolvimento por Distribuição com as Mãos Média	DPdmmd	Corresponde ao DPOGR através de uma reposição de bola com as mãos, efetuado com uma distância média.
Desenvolvimento por Distribuição com as Mãos Longa	DPdmlg	Corresponde ao DPOGR através de uma reposição de bola com as mãos, efetuado de maneira longa.
Desenvolvimento por Distribuição com os Pés curta	DPdpct	Corresponde ao DPOGR através de uma reposição de bola com os pés, efetuado de maneira curta.
Desenvolvimento por Distribuição com os Pés Média	DPdpmd	Corresponde ao DPOGR através de uma reposição de bola com os pés, efetuado com uma distância média.
Desenvolvimento por Distribuição com os Pés Longa	DPdp lg	Corresponde ao DPOGR através de uma reposição de bola com os pés, efetuado de maneira longa.
Desenvolvimento após Atraso curto	Dpacrt	Corresponde ao DPOGR através da recepção de um atraso, em que existe pressão do adversário, efetuado de maneira curta.
Desenvolvimento após Atraso médio	Dpamd	Corresponde ao DPOGR através da recepção de um atraso, em que existe pressão do adversário, efetuado com uma distância média.
Desenvolvimento após Atraso longo	Dpalg	Corresponde ao DPOGR através da recepção de um atraso, em que existe pressão do adversário, efetuado de maneira longa.
Pontapé G.R (G.R em posse) curto	DPpgrcrt	Corresponde ao DPOGR através da execução de um pontapé de guarda-redes, efetuado de maneira curta.
Pontapé G.R (G.R em posse) médio	DPpgrmd	Corresponde ao DPOGR através da execução de um pontapé de guarda-redes, efetuado com uma distância média.
Pontapé G.R (G.R em posse) longo	DPpgrlg	Corresponde ao DPOGR através da execução de um pontapé de guarda-redes, efetuado de maneira longa.

Quadro 4 – Critério 3 do Formato de Campo: Fim do Processo Ofensivo do Guarda-redes (FPOGR).

Critério de Formato de Campo 3				
Fim do Processo Ofensivo por parte do G.R (FP)				
Consideramos o FPOGR quando se concretiza uma das situações seguidamente apresentadas, existindo final com eficácia, eficácia relativa e sem eficácia.				
A manutenção da posse de bola, tal como o progresso para ataque poderão ser efetuados através de condução, drible ou passe sempre com o intuito de dar continuidade ao ataque.				
Catálogo		Código	Descrição	
Com Eficácia	Receção de bola por parte de um colega, que garanta condições favoráveis à manutenção da posse de bola na procura do ataque	½ Campo Defensivo (SD e SMD)	FPcm	Sempre que o G.R, através da sua intervenção, coloca a bola no colega, recebendo a bola com a manutenção da mesma no ½ campo defensivo (SD e SMD) ou perda da posse de bola na procura do ataque (p. ex. um passe longo intercetado)
		SMO	Fpcmsmo	O PO finaliza quando a bola atinge o SMO, tendo obrigatoriamente a bola estar controlada, dando continuidade à fase ofensiva no SMO.
		SO	Fpso	O PO finaliza quando a bola atinge o SO, tendo obrigatoriamente a bola estar controlada, dando continuidade à fase ofensiva no SO.
	Receção de bola por parte de um colega, com progressão para ataque atingindo o setor ofensivo, existir finalização ou golo	Finalização	FPf	O PO finaliza com a realização de uma ação de finalização (através de jogo corrido, livre direto ou penalti).
		Golo	FPfg	O PO finaliza com a obtenção de um golo a favor devidamente validado pelo árbitro (através de jogo corrido, livre direto ou penalti).
Eficácia Relativa		Manutenção da bola	FPdcm	Sempre que o G.R, através da sua intervenção, coloca a bola dividida entre um adversário e o colega, existe manutenção da posse de bola no ½ campo defensivo ou no SMO.
	Bola dividida entre um colega e adversário	SO	Fpdso	Sempre que o G.R, através da sua intervenção, coloca a bola dividida entre um adversário e o colega, o PO finaliza com perda da posse de bola no SO.
	(Bola por Duelo) (p. ex. uma bola em trajetória aérea não controlada por nenhum dos jogadores)	Finalização	FPdf	Sempre que o G.R, através da sua intervenção, coloca a bola dividida entre um adversário e o colega, o PO finaliza com a realização de uma finalização (através de jogo corrido, livre direto ou penalti).
		Golo	FPdfg	O PO finaliza com a obtenção de um golo a favor devidamente validado pelo árbitro (através de jogo corrido, livre direto ou penalti).
Sem Eficácia	Recuperação de bola por um adversário		Fpbrecadv	Sempre que o G.R, através da sua intervenção, coloca a bola dividida entre um adversário e o colega, existe a perda da posse de bola.
	Bola adversário		Fpbadv	Sempre que o G.R, através da sua intervenção, a bola é recuperada diretamente por um adversário
	Bola Fora		FPbf	Sempre que o G.R, através da sua intervenção, a bola é colocada fora.
	Infração às leis de jogo		Fpinf	O PO finaliza devido a uma infração às leis do jogo

Quadro 5 - Critério 4 do Formato de Campo: Caracterização Espacial (Exaustivo / Mutuamente exclusivo).**Critério de Formato de Campo 4****Espacialização do Terreno de Jogo (EP)**

Com vista ao registo espacial das condutas comportamentais do Guarda-redes, foi dividido o campo em 21 zonas, a que se atribui a designação de “Campograma”.

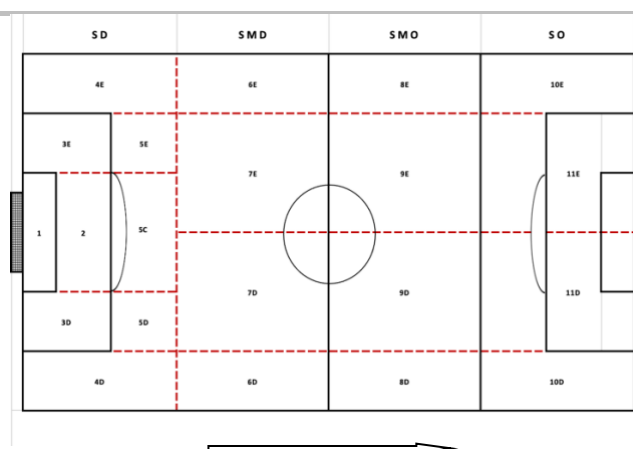
A cada zona corresponde uma categoria diferente, formando um sistema de categorias E /ME.

Campograma dividido em quatro setores (defensivo; médio-defensivo; médio ofensivo; ofensivo);

O setor defensivo inicia-se na linha final de baliza e finaliza numa linha imaginária que passa pela metade do ½ campo defensivo.

O setor médio-defensivo da linha imaginária que passa pela metade do ½ campo defensivo até ao meio campo;

O setor médio-ofensivo do meio campo até á linha imaginária que passa pela metade do ½ campo ofensivo, e desta até á linha final do campo se situa o setor ofensivo.



O Setor Defensivo está dividido em nove zonas, longitudinalmente em Cinco corredores (lateral esquerdo/direito fora da área; lateral esquerdo/direito dentro da área; e corredor central);

O corredor lateral da área foi ainda dividido em duas secções (dentro e fora da grande área)

O corredor central da área foi dividido em três secções (pequena área, centro da área, centro fora da área)

Os outros três Setores foram divididos longitudinalmente em quatro corredores (corredor lateral esquerdo e direito e corredor central esquerdo e direito)

Catálogo	Código	Descrição
Zona Um	1	Zona da Pequena Área
Zona Dois	2	Zona Central Grande Área
Zona Três Esquerda	3E	Zona Grande Área pelo lado Esquerdo
Zona Três Direita	3D	Zona Grande Área pelo lado Direito
Zona Quatro Esquerda	4E	Zona Lateral do lado Esquerdo no Sector Defensivo
Zona Quatro Direita	4D	Zona Lateral do lado Direito no Sector Defensivo
Zona Cinco Esquerda	5E	Zona Lateral de Fora da Área do lado Esquerdo no Sector Defensivo
Zona Cinco Direita	5D	Zona Lateral de Fora da Área do lado Direito no Sector Defensivo
Zona Cinco Centro	5 C	Zona Central de Fora da Área na Zona Central no Sector Defensivo
Zona Sete Esquerda	6E	Zona Lateral Esquerdo Sector Médio Defensivo
Zona Sete Direita	6D	Zona Lateral Direito Sector Médio Defensivo
Zona Oito Esquerda	7E	Zona Central Esquerdo Sector Médio Defensivo
Zona Oito Direita	7D	Zona Central Direito Sector Médio Defensivo
Zona Nove Esquerda	8E	Zona Lateral Esquerdo Sector Médio Ofensivo
Zona Nove Direita	8D	Zona Lateral Direito Sector Médio Ofensivo
Zona Dez Esquerda	9E	Zona Central Esquerdo Sector Médio Ofensivo
Zona Dez Direita	9D	Zona Central Direito Sector Médio Ofensivo
Zona Onze Esquerda	10E	Zona Lateral Esquerdo Sector Ofensivo
Zona Onze Direita	10D	Zona Lateral Direito Sector Ofensivo
Zona Doze Esquerda	11E	Zona Central Esquerdo Sector Ofensivo
Zona Doze Direita	11D	Zona Central Direito Sector Ofensivo

A espacialização do terreno de jogo torna-se fundamental para a contextualização do jogador e da equipa no espaço de jogo (Fernandes, 2013), isto porque a adoção de um Campograma, com corredores laterais a serem delimitados pelas linhas laterais da grande área, tornam mais claros os comportamentos específicos e mais característicos das zonas laterais do campo. Por outro lado, procurou-se adaptar o campograma de Baranda et al. (2008), de forma a entender a zona na qual o GR inicia o seu processo ofensivo.

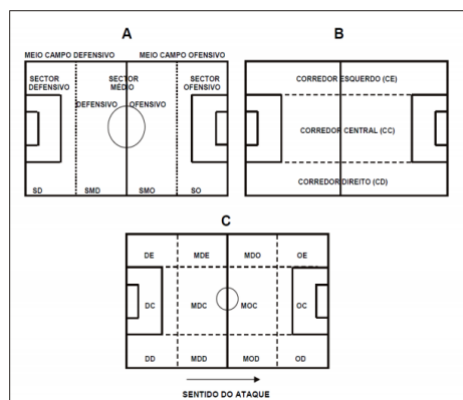


Figura 8 - Campograma (Fernandes, 2013, adapt. De Garganta, 1997).

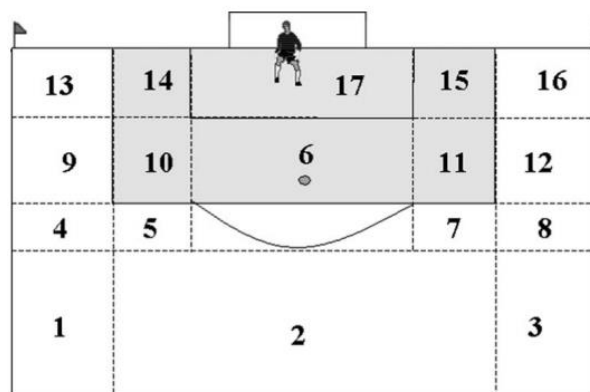


Figura 9 - Campograma (adapt. De Baranda et al., 2008).

De acordo com o desenvolvimento do Processo Ofensivo por parte do GR foram consideradas três distâncias, sendo delimitas pelos setores utilizados no Campograma, para uma identificação precisa, pelo que foram assim referidos como:

- CURTO – Dentro do mesmo setor;
- MÉDIO – Quando passa de um setor para outro;
- LONGO – Quando passam dois ou mais setores.

Quadro 6 – Critério 5 do Formato de Campo: Tipo de Transição do Guarda-redes.

Critério de Formato de Campo 5		
Tipo de Transição por parte do Guarda-Redes (T)		
Consideramos o TGR quando se concretiza uma das situações seguidamente apresentadas, com um final eficaz ou não.		
Propomos 3 categorias possíveis para o tipo de Transição por parte do Guarda-redes.		
Catálogo	Código	Descrição
Transição Rápida	Trap	Sempre que o G.R, através da sua intervenção, originou ou manteve um ritmo de jogo rápido, desencadeando ações rápidas.
Transição média/normal	Tlmd	Sempre que o G.R, através da sua intervenção, originou ou manteve um ritmo de jogo normal.
Transição lenta	Tlen	Sempre que o G.R, através da sua intervenção, originou ou manteve um ritmo de jogo lento, desencadeando ações lentas.

No seguinte momento de observação (Critério 6), caracterizado pelo Centro de Jogo, subentende-se que o momento de registo será efetuado aquando do contato da bola por parte do jogador ao qual a bola foi direcionada pelo GR.

Quadro 7 – Critério 6 do Formato de Campo: Centro de Jogo (CJ) (adapt. De Barreira, 2006).

Critério de Formato de Campo 6			
Centro de Jogo (CJ)			
Definição Conceptual: Define-se centro do jogo como a circunferência estabelecida por um raio de 9.15 metros a partir do local da bola (deve ser compreendido como uma referência espacial dinâmica do espaço onde o jogo ocorre com maior intensidade/velocidade (Casanova & Pacheco, 2020), isto é, através do contexto de cooperação e de oposição dos jogadores influentes no jogo na zona do campograma onde se encontra o portador da bola. Tendo por base o número, a zona, e a possível participação dos jogadores da equipa em processo ofensivo, e o número, a zona, e a possível participação dos jogadores adversários na zona do campograma em que se encontra o portador da bola distinguem-se 2 categorias da equipa observada no processo ofensivo: Sem pressão; Pressão (Barreira, 2006). Propomos duas categorias/seis subcategorias para a situação momentânea do centro do jogo.			
Catálogo		Código	Descrição
Pressão (P)	Inferioridade Relativa	Cjcpir	No centro do jogo, a equipa observada encontra-se numa relação numérica de inferioridade com a equipa adversária. Esta inferioridade corresponde à equipa observada ter no centro do jogo menos um ou dois jogadores que a equipa adversária. Por exemplo: situação de 1x2; 2x3; 3x4; 3x5.
	Inferioridade absoluta	Cjcpi	No centro do jogo, a equipa observada encontra-se numa relação numérica de inferioridade com a equipa adversária. Esta inferioridade corresponde à equipa observada ter no centro do jogo menos três ou mais jogadores que a equipa adversária. Por exemplo: situação de 1x4; 2x5; 2x6; 3x6.
	Igualdade Pressionada	Cjcpi	No centro do jogo: SD e SMD, ou SMO (quando o jogador portador da bola se encontra de costas para a baliza adversária, com um adversário em contenção e sem linhas de passe para zonas de maior ofensividade) – a equipa observada se encontra numa relação numérica de igualdade com a equipa adversária. Por exemplo: situação 1x1; 2x2; 3x3.
Sem Pressão (SP)	Igualdade não pressionada	Cjspin	No centro do jogo: SD e SMD, ou SMO (quando o jogador portador da bola se encontra de costas para a baliza adversária com linhas de passe de maior ofensividade, ou se encontra de frente para a baliza adversária), ou no SO, a equipa observada encontra-se numa relação numérica de igualdade com a equipa adversária. Por exemplo: situação 1x1; 2x2; 3x3 nas zonas 8/9/10/11
	Superioridade relativa	Cjspr	No centro do jogo, a equipa observada encontra-se numa relação numérica de superioridade com a equipa adversária. Esta superioridade corresponde à equipa observada ter no centro do jogo mais um ou dois jogadores que a equipa adversária. Por Exemplo: situação 2x1; 2x0; 3x2; 3x1
	Superioridade absoluta	Cjspsa	No centro do jogo, a equipa observada encontra-se numa relação numérica de superioridade com a equipa adversária. Esta superioridade corresponde à equipa observada ter no centro do jogo três ou mais jogadores que a equipa adversária. Por exemplo: situação 4x1; 5x2; 5x1.

CRITÉRIO 1	CRITÉRIO 2	CRITÉRIO 3	CRITÉRIO 4	CRITÉRIO 5	CRITÉRIO 6
INICIO OFENSIVO (IP)	PROCESSO DESENVOLVIMENTO OFENSIVO (DP)	PROCESSO FIM OFENSIVO (FP)	ESPACIALIZAÇÃO (EP)	TIPO TRANSIÇÃO (T)	JOGO CENTRO (CJ)
Recuperação PB por Pontapé de Baliza (IPpb)	Pontapé de Baliza Curto (DPpbcr)	COM EFICÁCIA	1	Transição Rápida (Trap)	PRESSÃO (P)
Recuperação PB por Pontapé livre (IPpl)	Pontapé de Baliza Médio (DPpbmd)	Receção da posse de bola de um colega, garantindo a manutenção da posse de bola no ½ campo Defensivo (SD e SMD) (FPcm), Setor Médio Ofensivo (FPcmsmo)	2	Transição Média/Normal (Tmd)	Inferioridade Relativa (Cjcpir)
Recuperação PB por Atraso (IPa)	Pontapé de Baliza Longo (DPpblg)		3E		Inferioridade Absoluta (Cjcpi)
Recuperação PB por Atraso Cabeça (IPac)	Livres D/I Curto (DPlcrt)		3D		
Recuperação PB por Saída Mãos (IPsm)	Livres D/I Médio (DPlmd)		4E		
Recuperação PB por Saída Pés (IPsp)	Livres D/I Longo (DPlg) Distribuição Mãos Curta (DPdmcr)		4D		
Recuperação PB por Remate (IPr)	Distribuição Mãos Média (DPdmmd)		5E		
Recuperação PB por Cruzamento (IPcz)	Distribuição Mãos Longa (DPdmlg)		5D		
Recuperação PB por Canto (IPc)	Distribuição Pés Curta (DPdpct)		5C		
Recuperação PB por Livre Direto (IPld)	Distribuição Pés Média (DPdpmd)		6E		
Recuperação PB por Livre Indireto (IPli)	Distribuição Pés Longa (DPdplg)	6D			
Recuperação PB por Grande Penalidade (IPgp)	Atraso Curto (Dpacrt)	EFICÁCIA RELATIVA	7E	Transição Lenta (Tlen)	
Recuperação PB por Lançamento Linha Lateral (IPlll)	Atraso Médio (Dpamd)	Bola dividida entre colega e adversário (Duelo), garantindo a manutenção da posse (FPdcm)	7D		Igualdade não pressionada (Cjspin)
Recuperação indireta por perda de bola adversário (IPpdadv)	Atraso Longo (Dpalg)		8E		
	PGR (Gr em Posse) Curto (DPpgrcrt)		8D		
	PGR (Gr em Posse) Médio (DPpgrmd)		9E		
	PGR (Gr em Posse) Longo (DPpgrlg)		9D		
			10E		
			10D		
			11E		
			11D		
		SEM EFICÁCIA			
		Recuperação de bola por um adversário (FPbrecadv)			Superioridade Absoluta (Cjspsa)
		Bola Adversário (FPbadv)			
		Bola Fora (FPbfb)			
		Final por infração (FPinf)			

Numa fase exploratória do estudo procurou-se identificar lacunas do instrumento inicial, para tal, e como forma de experimentação foram identificadas 10 sequências aleatoriamente dos jogos da amostra, sendo estas observadas e registadas por 3 observadores diferentes, todos eles com um grau de conhecimento acerca do treino e jogo, e com Licença de treinador UEFA-A.

Segundo Anguera (2003), a finalidade da fase exploratória passa por permitir uma adequada delimitação e/ou redefinição do problema em estudo, aumentar a identificação entre o observador e o instrumento a utilizar.

No decorrer desta fase identificaram-se diferenças entre os observadores, pelo que esta fase foi de extrema importância para a verificação de lacunas e reformulação do instrumento, de forma à concretização dos objetivos propostos (Tabela 12).

Tabela 12 – Controlo da Qualidade dos Dados Inter observadores.

RELAÇÃO ENTRE OBSERVADORES	K	ÍNDICE DE CONCORDÂNCIA
Observador 1 / Observador 2	,70	72%
Observador 1 / Observador 3	,58	61%
Observador 2 / Observador 3	,56	59%

4.2.4. Qualidade dos Dados

De acordo com Barreira (2006), é sobremaneira importante a estabilidade das observações, ou seja, a existência de fiabilidade na recolha de dados.

Neste caso, procurou-se a fiabilidade da análise e da qualidade de dados através da concordância Intra observador comparando os valores obtidos em duas observações do mesmo observador, realizadas em dois momentos diferentes e com um intervalo de quinze dias.

Para apurar a fiabilidade de observação para cada uma das variáveis em estudo, foram realizadas aleatoriamente três sessões de observação das diferentes partes dos seguintes jogos:

- 1ªParte do Jogo N°1 Chéquia-Portugal;
- 1ªParte do Jogo N°10 Portugal-República da Irlanda;
- 2ªParte do Jogo N°15 Portugal-Dinamarca.

Assim, observaram-se 42 ações num total de 428, cerca de 10% da totalidade das ações ocorridas. E, através do “software” SDIS-GSEQ (Bakeman & Quera, 1995) obtiveram-se os seguintes resultados (Tabela 13).

Tabela 13 – Controlo da Qualidade dos Dados.

CATEGORIAS DE OBSERVAÇÃO	κ	ÍNDICE DE CONCORDÂNCIA
INICIO DO PROCESSO OFENSIVO	,99	99%
DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO OFENSIVO	,84	91%
FINAL DO PROCESSO OFENSIVO	,99	99%
CARATERIZAÇÃO ESPACIAL (E/ME)	,85	86%
RITMO DE JOGO	,94	97%
CENTRO DE JOGO (E/ME)	,90	95%

4.2.5. Procedimento de observação e registo

Os procedimentos realizados neste estudo consistiram no seguinte:

1. Recolha das imagens relativas aos jogos analisados, disponibilizados pelo arquivo pessoal e da FPF;
2. Todos os registos foram analisados num computador, a partir da observação de vídeos em formato digital, pelo que cada sequência foi analisada (velocidade normal e câmara lenta) e registada, de forma a garantir dados fiáveis;
3. Tal como sugere Mendes (2019), o registo do processo ofensivo foi realizado de forma sequencial e baseou-se nos códigos de cada conduta observados e ordenados na medida em que ocorreram, ou seja, na ordem em que se sucederam ao longo de cada sequência ofensiva;
4. Tal como refere Barreira (2006), foi fundamental informar a forma de sinalizar o registo da observação, que correspondeu à linguagem do programa SDIS-GSEQ;
5. Sendo esta registada inicialmente num base de dados de Excel (Anexo VII) e, posteriormente, passados os registos finais para uma folha de Word, da qual se aplicou o programa SDIS-GSEQ (Anexo VIII), de forma a garantir a fiabilidade dos dados.

De acordo com Barreira (2006), para o registo corresponder à linguagem do programa SDIS-GSEQ, devemos registá-las da seguinte forma:

- a) Após o registo de uma conduta foi utilizado um ponto final (.) como passagem para a conduta seguinte da mesma sequência;
- b) Para definir o final de uma sequência foi utilizado o ponto e vírgula (;);
- c) Para definir o final de uma sessão de observação foi utilizado o sinal (/);

- d) Cada sequência recolhida foi relativo ao Processo Ofensivo por parte do GR (POGR).

Como forma de exemplificar o processo de registo, utilizou-se a 1ª sequência do 1º jogo analisado (Chéquia vs Portugal, no torneio do Syrenka).

Considerou-se o INÍCIO DO POGR quando existiu uma recuperação da posse de bola (direta ou indiretamente) ou após um atraso por parte de um dos colegas de equipa, sendo necessário o cumprimento dos requisitos do critério 1.

Início do POGR

O início do processo ofensivo por parte do guarda-redes, iniciou-se através de um atraso por parte de um colega, em que o GR recebeu a bola na zona 2 do campograma.



Figura 10 - Jogo Portugal vs Chéquia (1).



Figura 11 - Jogo Portugal vs Chéquia (2).

IPa 2

Desenvolvimento do POGR

A conduta do GR foi a de efetuar uma distribuição com os pés (passe curto) na zona 7D, desenvolvendo um ritmo de jogo normal, na qual ocorreu um contexto de interação no Centro do Jogo de superioridade numérica relativa.



Figura 12 - Jogo Portugal vs Chéquia (3).

IPa 2. DPdpert 7D Tmd CJsprl.

Final do POGR

De forma a concluir a codificação, considerou-se o FPOGR com eficácia, eficácia relativa ou sem eficácia, de acordo com os critérios definidos. Nesta etapa, não foi registado o critério Centro do Jogo, tendo sido apenas registada a conduta e zona onde esta ocorreu.

Neste caso, o final do PO finalizou quando existiu um corte de um adversário a um cruzamento efetuado no SO (zona 11D), como tal considerada como eficaz.



Figura 13 - Jogo Portugal vs Chéquia (4).

IPa 2. DPdpert 7D Tmd CJsprl. Fpcaso 11D.

4.2.6. Procedimentos da Análise Sequencial

Após a análise descritiva das condutas Estruturais e Contextuais pretendeu-se, através da análise sequencial, obter as medidas de sequencialidade que permitam estabelecer relações de dependência no fluxo das condutas (Lopes, 2007).

Desta forma, os dados observados e registados, numa perspetiva de análise sequencial, foram analisados, através da técnica de retardos ou de transições (*lag method*).

Segundo Barreira (2013), podem ser realizados com base em dois sentidos:

- Sentido retrospectivo: analisam-se os retardos negativos (-1,-2,-3...), ou seja, condutas que aparecem até chegar a conduta critério;
- Sentido prospectivo: analisam-se os retardos positivos (1,2,3...), ou seja, condutas que surgem a partir da conduta critério.

Os dados obtidos e registados em Excel, no decorrer das sessões de observação, foram introduzidos no programa SDIS-GSEQ para Windows (versão 5.1), resultando daí um ficheiro SDS. Após a verificação e correção de possíveis erros, foi criado um ficheiro MDS, com o qual foi possível a realização da análise sequencial.

Segundo Bakeman e Quera (2001), o GSEQ é uma caixa de ferramentas essencial para realizar análises sequenciais e sincrônicas de sequências de códigos comportamentais concorrentes e não concorrentes.

Algumas das considerações para o processo de determinação da excitatoriedade e da relação entre as condutas critério e as condutas objeto propostas por Barreira (2013) foram seguidas, a saber:

- Serem consideradas apenas as transições cujo valor de Z fosse igual ou superior a 1,96, pois este é o que representa uma maior probabilidade de ocorrência, que o esperado pelo mero conceito da sorte ou acaso, existindo assim uma dependência excitatória ou positiva. Se o valor Z é menor que 1,96, a dependência torna-se inibitória ou negativa (Bakeman & Gottman, 1989: 173);
- Quando num retardo existem duas ou mais condutas excitadas, considera-se como primária aquela cuja diferença entre a probabilidade condicional e incondicional for maior. A partir deste carácter de primariedade pode-se ordenar os diferentes padrões de conduta obtidos, em ordem da maior para a menor força de coesão entre os diferentes retardos (Anguera et al., 2008).

Segundo o mesmo autor, e de acordo com Anguera et al. (2008), foram introduzidas novas regras interpretativas de carácter convencional que facilitaram a adoção da forma definitiva de padrão:

1. Um padrão de conduta termina de forma natural quando não há mais *retardos* excitatórios. Neste estudo, o padrão condutural nunca excederá o *retardo* 5, tanto retrospectiva como prospectivamente, pois este foi convencionado como o *retardo* máximo.
2. Um padrão de conduta em que há dois *retardos* consecutivos vazios (sem condutas excitatórias) termina em consequência destes.
3. Quando num padrão de conduta há dois *retardos* consecutivos com várias condutas excitatórias, o primeiro deles denomina-se “*max-lag*”, e considera-se o último *retardo* interpretativo do padrão de conduta.

4.2.7. Procedimentos Estatísticos

De forma à obtenção de dados e sua interpretação, procurou-se obter a codificação das variáveis definidas utilizando uma folha de Excel (Anexo VII), na qual obtiveram-se linhas de código ou sequência de comportamentos. Para analisar os parâmetros recorreu-se ao software SDIS-GSEQ (Bakeman & Quera, 1996), isto porque o software possui um conjunto de algoritmos que permitem a obtenção de inúmeros dados e seu tratamento estatístico, resultando inicialmente um ficheiro com extensão .sds, o qual, e após a verificação de erros através das funções do próprio programa, criou-se um ficheiro MDS, a partir do qual permitiu-nos a realização das diversas análises estatísticas. Posteriormente, realizou-se uma análise descritiva (frequência / percentagens) e consequentemente a sua interpretação. Para a determinação de certos valores de agregação de variáveis foram utilizadas folhas de Excel devido à sua facilidade de cálculo.

Para proceder à análise sequencial, recorreu-se ao software SDIS-GSEQ, esta análise recorreu ao cálculo do qui-quadrado (χ^2), com um nível de significância $p \leq 0,05$. Após esse cálculo, recorreu-se ainda à estatística Z, onde os valores $\geq 1,96$ foram considerados estatisticamente significativos. Pelo que valores positivos demonstram relação de ativação dos comportamentos/conduita enquanto valores negativos demonstram relação de inibição.

4.3. Resultados e Discussão

A forma de se apresentar os resultados consistiu em isolar cada Conduta Critério e agrupar em cada *retardo* as Conduta Objeto associadas. Para cada conduta critério, e em cada *retardo* em que se observaram condutas ativadas, foi possível observar os respetivos padrões comportamentais (até que se atingiu o “*max-lag*” ou retardo máximo) relativamente aos diferentes critérios (Lopes, 2007).

Também, os resultados observados encontraram-se organizados em duas partes, uma primeira de acordo com a análise descritiva (frequência absoluta e frequência relativa) e a segunda através da análise sequencial, sendo esta realizada através da técnica de retardos (*lag method*). De referir que devido ao número elevado de códigos utilizados no presente estudo, apenas foram apresentados dados significativos e relevantes, sendo estes evidenciados através de tabelas e/ou gráficos.

No que concerne à leitura dos dados apresentados deve-se ter em conta o número de jogos observados entre Equipas Apuradas ($n=9$) e Equipas Não Apuradas ($n=8$).

4.3.1. Análise Descritiva

4.3.1.1. Início do Processo Ofensivo pelo Guarda-redes (IPOGR)

4.3.1.1.1. Relação Adversários

Podemos através da análise da tabela 14, inferir grande importância da intervenção do GR com os pés, deste modo, os dados indicaram-nos valores de IPOGR através do pontapé de baliza (n=100, 24%), livres (n=29, 7%), após atrasos (n=157, 38%) e por saídas com os pés (n=7, 2%), totalizando desta forma cerca de 71% das ações. Por outro lado, constatou-se que cerca de 15% das ações de IPO se iniciaram por recuperação indireta, ou seja, por perda de bola por parte do adversário.

A identificação de referências defensivas e ofensivas por parte do GR foi de extrema relevância, na forma como a equipa iniciou o seu processo ofensivo, deste modo, consideraram-se ações de contexto ofensivo os pontapé de baliza, livres, atrasos, atraso de cabeça e as perdas de bola indiretas. Por outro lado, identificaram-se as situações decorrentes de saídas com as mãos, com os pés, remates, cruzamentos, cantos, livres diretos, livres indiretos, penaltis e lançamentos linha lateral como ações decorrentes de contexto defensivo por parte do GR.

Tabela 14 – Frequência Absoluta e Relativa Início Processo Ofensivo de acordo com os Adversários.

IPO	APURADAS (N=9)			NÃO APURADAS (N=8)			TOTAIS		
	N	NR	N AÇÕES / J	N	NR	N AÇÕES / J	N	NR	N AÇÕES / J
PB	58	0,28	6,4	42	0,20	5,3	100	0,24	5,9
PL	11	0,05	1,2	18	0,09	2,3	29	0,07	1,7
A	73	0,35	8,1	84	0,40	10,5	157	0,38	9,2
AC	1	0,00	0,1	4	0,02	0,5	5	0,01	0,3
SM	11	0,05	1,2	3	0,01	0,4	14	0,03	0,8
SP	4	0,02	0,4	3	0,01	0,4	7	0,02	0,4
R	10	0,05	1,1	4	0,02	0,5	14	0,03	0,8
CZ	7	0,03	0,8	13	0,06	1,6	20	0,05	1,2
C	1	0,00	0,1	3	0,01	0,4	4	0,01	0,2
LD	0	0,00	0,0	1	0,00	0,1	1	0,00	0,1
LI	1	0,00	0,1	5	0,02	0,6	6	0,01	0,4
GP	0	0,00	0,0	0	0,00	0,0	0	0,00	0,0
LLL	0	0,00	0,0	0	0,00	0,0	0	0,00	0,0
PDIND	32	0,15	3,6	29	0,14	3,6	61	0,15	3,6
	209	1,00		209	1,00		418	1,00	

Legenda:

- PB – Pontapé de Baliza;
- PL – Pontapé Livre;
- A – Atraso;
- AC – Atraso Cabeça;
- SM – Saída com as Mãos;
- SP – Saída com os Pés;
- R – Remate;
- CZ – Cruzamento;
- C – Canto;
- LD – Livre direto;
- LI – Livre Indireto;
- GP – Grande penalidade;
- LLL – Lançamento Linha Lateral;
- PDIND – Perda de bola Indireta pelo Adversário.

Os resultados relativos à frequência do IPO relativamente ao tipo de Adversário foram expostos na Tabela 14, na qual, se constatou um número igual de ações entre equipas apuradas e não apuradas (N=209). Contra equipas apuradas verificaram-se valores superiores de ações por jogo através de Pontapé de baliza, saídas com as mãos e através de remates, perspetivando uma maior propensão ofensiva por parte dessas equipas.

4.3.1.1.2. Relação Adversários e Momento do Jogo

Analisando o gráfico 1, agregando-se as ações em contextos defensivos e ofensivos, constatou-se não existirem diferenças entre o tipo de equipas em relação às partes do jogo.

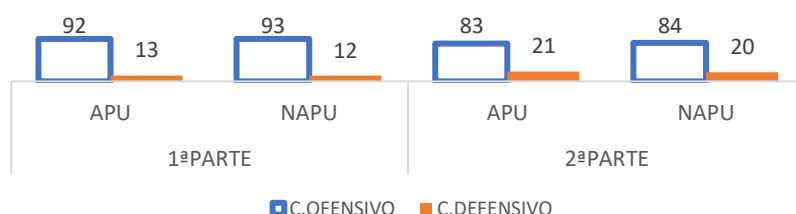


Gráfico 1 - Frequência Absoluta de Contextos Defensivos e Ofensivos, com relação aos Adversários e Partes do Jogo.

No gráfico 2, verificou-se um aumento na 2ª Parte de ações de contexto defensivo (20%) relativamente à 1ª Parte (12%), tendo em conta a agregação das ações em contextos ofensivos e defensivos, e os valores totais (Equipas Apuradas e Não Apuradas). Estes indicam uma tendência para situações de finalização por parte dos adversários, ou por outro lado, uma menor competência defensiva por parte da equipa durante a 2ª parte dos jogos.

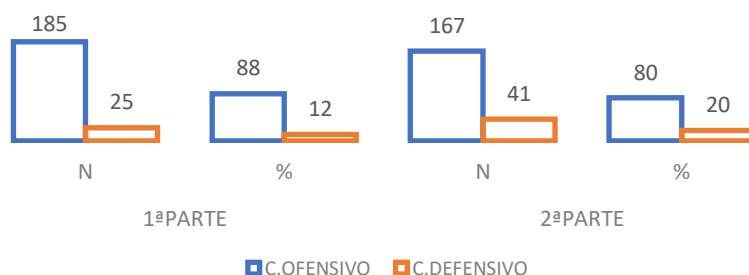


Gráfico 2 - Frequência Absoluta e Relativa da agregação de Contextos Defensivos e Ofensivos, relativo às Partes do Jogo.

O número de ações entre a 1ª Parte (n=210) e a 2ª Parte (n=208), tendo em conta o tipo de equipas e o momento do jogo, foi similar (Tabela 15).

Tabela 15 - Frequência Absoluta e Relativa Início Processo Ofensivo de acordo com os Adversários e Partes do Jogo

IPO	APURADAS (N=9)			NÃO APURADAS (N=8)			TOTAIS		
	1ªP. (N=22)	2ªP. (N=13)	T	1ªP. (N=16)	2ªP. (N=14)	T	1ªP. (N=38)	2ªP. (N=27)	T
PB	33 (0,31)	25 (0,24)	58 (0,28)	24 (0,23)	18 (0,17)	42 (0,20)	57 (0,27)	43 (0,21)	100 (0,24)
PL	8 (0,08)	3 (0,03)	11 (0,05)	10 (0,10)	8 (0,08)	18 (0,09)	18 (0,09)	11 (0,06)	29 (0,07)
A	33 (0,31)	40 (0,38)	73 (0,35)	44 (0,42)	40 (0,38)	84 (0,40)	77 (0,37)	80 (0,38)	157 (0,37)
AC	1 (0,01)	0	1	2 (0,02)	2 (0,02)	4 (0,02)	3 (0,02)	2 (0,01)	5 (0,01)
SM	6 (0,06)	5 (0,05)	11 (0,05)	1 (0,01)	2 (0,02)	3 (0,01)	7 (0,04)	7 (0,04)	14 (0,04)
SP	1 (0,01)	3 (0,03)	4 (0,02)	1 (0,01)	2 (0,02)	3 (0,01)	2 (0,01)	5 (0,03)	7 (0,02)
R	4 (0,04)	6 (0,06)	10 (0,05)	1 (0,01)	3 (0,03)	4 (0,02)	5 (0,03)	9 (0,05)	14 (0,04)
CZ	2 (0,02)	5 (0,05)	7 (0,03)	4 (0,04)	9 (0,09)	13 (0,06)	6 (0,03)	14 (0,07)	20 (0,05)
C	0	1 (0,01)	1 (0,01)	1 (0,01)	2 (0,02)	3 (0,01)	1 (0,01)	3 (0,02)	4 (0,01)
LD	0	0	0	1 (0,01)	0	1	1 (0,01)	0	1
LI	0	1	1	3 (0,03)	2 (0,02)	5 (0,02)	3 (0,02)	3 (0,02)	6 (0,02)
GP	0	0	0	0	0	0	0	0	0
LLL	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PDIND	17 (0,16)	15 (0,14)	32 (0,15)	13 (0,12)	16 (0,15)	29 (0,14)	30 (0,14)	31 (0,15)	61 (0,14)
	105	104	209	105	104	209	210	208	418

4.3.1.1.3. Relação Adversários e Resultado Momentâneo

A Tabela 16 apresenta os resultados relativos à frequência do IPO entre as equipas e o resultado momentâneo.

Tabela 16 - Frequência Absoluta e Relativa do Início Processo Ofensivo de acordo com os Adversários e o Resultado Momentâneo.

IPO	APURADAS (N=9)				NÃO APURADAS (N=8)				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
PB	23 (0,37)	20 (0,24)	15 (0,24)	58 (0,28)	1 (0,17)	14 (0,31)	27 (0,17)	42 (0,22)	24 (0,35)	34 (0,27)	42 (0,19)	100 (0,24)
PL	4 (0,06)	3 (0,04)	4 (0,06)	11 (0,05)	0	7 (0,16)	11 (0,07)	18 (0,08)	4 (0,06)	10 (0,08)	15 (0,07)	29 (0,07)
A	18 (0,29)	26 (0,31)	29 (0,46)	73 (0,35)	2 (0,33)	14 (0,31)	68 (0,43)	84 (0,36)	20 (0,29)	40 (0,31)	97 (0,44)	157 (0,38)
AC	1 (0,02)	0	0	1 (0,01)	0	0	4 (0,03)	4 (0,03)	1 (0,01)	0	4 (0,02)	5 (0,01)
SM	3 (0,05)	5 (0,06)	3 (0,05)	11 (0,05)	0	0	3 (0,02)	3 (0,01)	3 (0,04)	5 (0,04)	6 (0,03)	14 (0,03)
SP	1 (0,02)	2 (0,02)	1 (0,02)	4 (0,02)	1 (0,17)	0	2 (0,01)	3 (0,01)	2 (0,03)	2 (0,02)	3 (0,01)	7 (0,02)
R	4 (0,06)	4 (0,05)	2 (0,03)	10 (0,05)	0	1 (0,02)	3 (0,02)	4 (0,03)	4 (0,06)	5 (0,04)	5 (0,02)	14 (0,03)
CZ	1 (0,02)	5 (0,06)	1 (0,02)	7 (0,03)	0	3 (0,07)	10 (0,06)	13 (0,07)	1 (0,01)	8 (0,06)	11 (0,05)	20 (0,05)
C	1 (0,02)	0	0	1 (0,01)	1 (0,17)	0	2 (0,01)	3 (0,01)	2 (0,03)	0	2 (0,01)	4 (0,01)
LD	0	0	0	0	0	0	1 (0,01)	1 (0,01)	0	0	1 (0,01)	1
LI	1 (0,02)	0	0	1 (0,01)	0	1 (0,02)	4 (0,03)	5 (0,04)	1 (0,01)	1 (0,01)	4 (0,02)	6 (0,01)
GP	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
LLL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PDIN	6 (0,10)	18 (0,22)	8 (0,13)	32 (0,15)	1 (0,17)	5 (0,11)	23 (0,15)	29 (0,14)	7 (0,10)	23 (0,18)	31 (0,14)	61 (0,15)
	63	83	63	209	6	45	158	209	69	128	221	418

Os dados revelaram um maior número de ações em contexto de vitória contra equipas não apuradas (n=158), sendo que contra equipas apuradas o valor mais elevado foi em contexto de empate (n=83), ocorrendo maior homogeneidade de ações nos diferentes contextos contra equipas apuradas. De salientar, a maior percentagem de ações de início através do atraso num contexto de resultado favorável, contra equipas apuradas e não apuradas, tal como representado no gráfico 3.

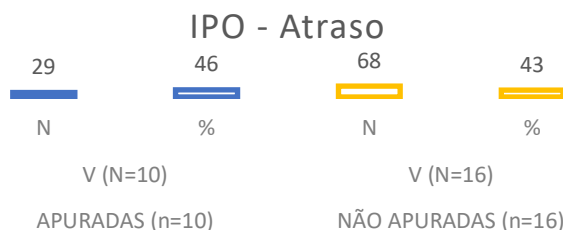


Gráfico 3 - Frequência Absoluta e Relativa do Início Processo Ofensivo através de Atraso, em relação aos Adversários e Resultado Momentâneo.

Estes dados parecem demonstrar a procura do controlo do jogo e de menor risco, através da manutenção da posse de bola e da sua circulação através do GR. Por outro lado, podem evidenciar uma menor capacidade da equipa em manter essa posse de bola em zonas mais avançadas no campo, devido a uma maior pressão adversária, ou na procura do adversário em alterar um resultado negativo.

4.3.1.1.4. Relação entre o Momento do Jogo e o Resultado Momentâneo

Analisando a Tabela 17, referente ao IPO com relação entre as Partes do Jogo e o Resultado Momentâneo, constatou-se que o valor absoluto em contextos ofensivos foi superior tanto na 1ª Parte como na 2ª Parte, em caso de vitória (Gráfico 4).

Tabela 17 - Frequência Absoluta e Relativa do Início Processo Ofensivo de acordo com as Partes do Jogo e o Resultado Momentâneo.

IPO	1ªPARTE				2ªPARTE				TOTAIS			
	D (N=7)	E (N=18)	V (N=13)	T	D (N=4)	E (N=10)	V (N=13)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
PB	17 (0,36)	21 (0,33)	19 (0,19)	57 (0,27)	7 (0,32)	13 (0,20)	23 (0,19)	43 (0,21)	24 (0,35)	34 (0,27)	42 (0,19)	100 (0,24)
PL	3 (0,06)	7 (0,11)	8 (0,08)	18 (0,09)	1 (0,05)	3 (0,05)	7 (0,06)	11 (0,05)	4 (0,06)	10 (0,08)	15 (0,07)	29 (0,07)
A	13 (0,28)	21 (0,33)	43 (0,35)	77 (0,37)	7 (0,32)	19 (0,30)	54 (0,44)	80 (0,38)	20 (0,29)	40 (0,31)	97 (0,44)	157 (0,38)
AC	1 (0,02)	0	2 (0,02)	3 (0,01)	0	0	2 (0,02)	2 (0,01)	1 (0,01)	0	4 (0,02)	5 (0,01)
SM	2 (0,04)	3 (0,05)	2 (0,02)	7 (0,03)	1 (0,05)	2 (0,03)	4 (0,03)	7 (0,03)	3 (0,04)	5 (0,04)	6 (0,03)	14 (0,03)
SP	0	0	2 (0,02)	2 (0,01)	2 (0,09)	2 (0,03)	1 (0,01)	5 (0,02)	2 (0,03)	2 (0,02)	3 (0,01)	7 (0,02)
R	4 (0,09)	1 (0,02)	0	5 (0,02)	0	4 (0,06)	5 (0,04)	9 (0,04)	4 (0,06)	5 (0,04)	5 (0,02)	14 (0,03)
CZ	1 (0,02)	1 (0,02)	4 (0,04)	6 (0,03)	0	7 (0,11)	7 (0,06)	14 (0,06)	1 (0,01)	8 (0,06)	11 (0,05)	20 (0,05)
C	0	0	1 (0,01)	1	2 (0,09)	0	1 (0,01)	3 (0,01)	2 (0,03)	0	2 (0,01)	4 (0,01)
LD	0	0	1 (0,01)	1	0	0	0	0	0	0	1 (0,01)	1
LI	0	0	3 (0,03)	3 (0,01)	1 (0,05)	1 (0,02)	1 (0,01)	3 (0,01)	1 (0,01)	1 (0,01)	4 (0,02)	6 (0,01)
GP	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
LLL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PDIN	6 (0,13)	10 (0,16)	14 (0,14)	30 (0,14)	1 (0,05)	13 (0,20)	17 (0,14)	31 (0,15)	7 (0,10)	23 (0,18)	31 (0,14)	61 (0,15)
	47	64	99	210	22	64	122	208	69	128	221	418

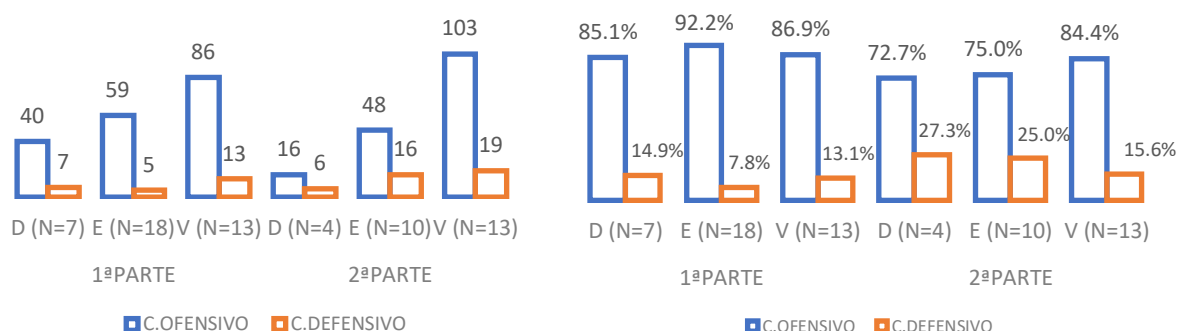


Gráfico 4 - Frequência Absoluta (A) e Percentual (B) da agregação de contextos defensivos e ofensivos (Início Processo Ofensivo), em relação às Partes do Jogo e o Resultado Momentâneo.

Partindo do mesmo pressuposto, pela interpretação do gráfico 4 também se denotou um aumento percentual em contextos defensivos na 2ª Parte, especialmente em contexto de derrota e empate. Este aumento, nomeadamente pela procura da equipa adversária em alterar o seu resultado negativo, constatando-se que a equipa nos 17 jogos observados encontrava-se a vencer no final da 1ª Parte por 10 ocasiões, a empatar por 6 ocasiões e somente a perder por uma ocasião.

4.3.1.2. Desenvolvimento do Processo Ofensivo pelo Guarda-redes (DPOGR)

4.3.1.2.1. Relação Adversários

A Tabela 18 apresenta os resultados relativos à frequência absoluta e relativa do DPO de acordo com os adversários.

Tabela 18 - Frequência Absoluta e Relativa do Desenvolvimento Processo Ofensivo de acordo com os Adversários.

DPO	APURADAS (N=9)		NÃO APURADAS (N=8)		TOTAIS	
	N	NR	N	NR	N	NR
DPPBCRT	41	0,17	31	0,13	72	0,15
DPPBMD	3	0,01	3	0,01	6	0,01
DPPBLG	14	0,06	8	0,03	22	0,05
DPLCRT	5	0,02	9	0,04	14	0,03
DPLMD	0	0,00	2	0,01	2	0,00
DPLLG	6	0,02	6	0,03	12	0,03
DPDMCR	35	0,14	38	0,16	73	0,15
DPDMMD	4	0,02	4	0,02	8	0,02
DPDMLG	0	0,00	0	0,00	0	0,00
DPDPCRT	63	0,26	69	0,29	132	0,28
DPDPMD	13	0,05	9	0,04	22	0,05
DPDPLG	25	0,10	20	0,08	45	0,09
DPACRT	5	0,02	4	0,02	9	0,02
DPAMD	15	0,06	17	0,07	32	0,07
DPALG	10	0,04	11	0,05	21	0,04
DPPGRCR	0	0,00	0	0,00	0	0,00
DPPGRM	0	0,00	1	0,00	1	0,00
DPPGRLG	4	0,02	4	0,02	8	0,02
	243	1,00	236	1,00	479	1,00

De acordo com os dados apresentados, o desenvolvimento através da distribuição curta com os pés (DPDPCRT) foi o que obteve valores mais elevados ($n=132$, $FR=0,28$), de seguida o DPpbcrt ($n=72$, $FR=0,15$) e o DPdmcrct ($n=73$, $FR=0,15$), pelo que se constatou uma predominância do desenvolvimento do processo ofensivo através de jogo curto por parte do GR.

Nesta perspetiva, identificaram-se referências relativamente às diferentes distâncias, nas quais observaram-se valores absolutos e percentuais mais elevados para distâncias curtas, tal como se observa no gráfico 5.

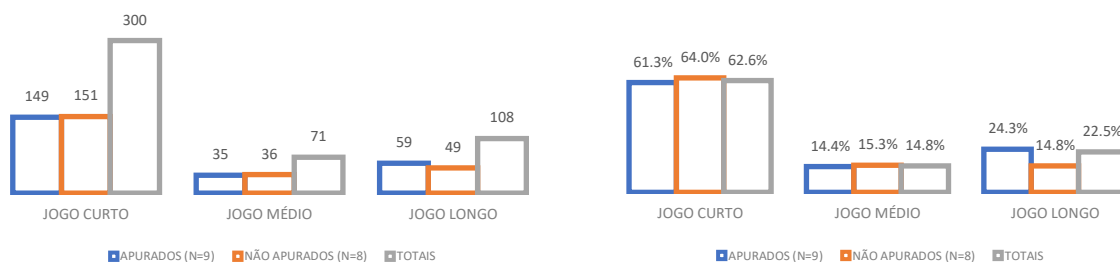


Gráfico 5 - Valores Absolutos (A) e Percentuais (B) da agregação das Distâncias Curtas, Médias ou Longas no Desenvolvimento Processo Ofensivo (Equipas Apuradas e Não Apuradas).

Relativamente ao jogo longo, verificou-se diferenças entre apurados (24,3%) e Não Apurados (14,8%), desta forma, constata-se uma maior dificuldade de saída de bola em jogo controlado desde trás contra equipas Apuradas, supondo-se uma maior pressão neste momento do jogo por parte dessas equipas. Por outro lado, as equipas Não Apuradas poderiam ter menor capacidade de pressão, ou de se apresentarem num bloco defensivo mais baixo.

Pela análise e interpretação do gráfico 6, verificou-se uma diferença nos valores obtidos em relação ao DPO por Atraso, existindo neste caso, valores absolutos e percentuais superiores em distâncias médias ($n=32$, 51,6%) e longas ($n=21$, 33,9%), relativamente às curtas ($n=9$, 14,5%).

Estes valores podem estar associados à pressão efetuada do adversário sobre o GR, originando menor tempo de tomada de decisão, promovendo desta forma, ações de menor risco por parte do GR.

Os valores obtidos não apresentaram valores diferenciados entre as equipas Apuradas e Não Apuradas.

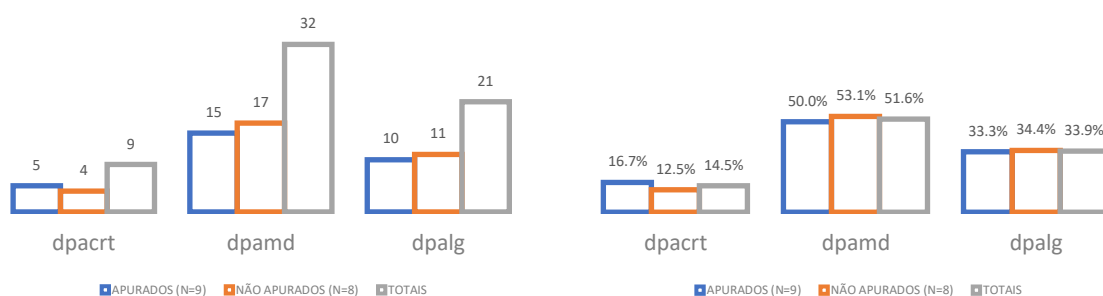


Gráfico 6 - Valores Absolutos (A) e Percentuais (B) da agregação das Distâncias Curtas, Médias ou Longas no Desenvolvimento Processo Ofensivo através de Atrasos (Equipas Apuradas e Não Apuradas).

4.3.1.2.2. Relação Adversários e Momentos do Jogo

Os resultados relativos à frequência do DPO, com relação aos Adversários e às Partes do Jogo foram expostos na Tabela 19.

Tabela 19 – Frequência Absoluta e Relativa Desenvolvimento Processo Ofensivo de acordo com os Adversários e as Partes do Jogo.

DPO	APURADAS (N=9)			NÃO APURADAS (N=8)			TOTAIS		
	1ªP. (N=22)	2ªP. (N=13)	T	1ªP. (N=16)	2ªP. (N=14)	T	1ªP. (N=38)	2ªP. (N=27)	T
DPPBCRT	25 (0,20)	16 (0,14)	41 (0,17)	19 (0,16)	12 (0,11)	31 (0,13)	44 (0,18)	28 (0,12)	72 (0,15)
DPPBMD	1	2	3	1	2	3	2	4	6
DPPBLG	7	7	14	4	4	8	11	11	22
DPLCRT	4	1	5	5	4	9	9	5	14
DPLMD	0	0	0	2	0	2	2	0	2
DPLLG	4	2	6	2	4	6	6	6	12
DPDMCRT	14 (0,11)	21 (0,18)	35 (0,14)	15 (0,12)	23 (0,20)	38 (0,16)	29 (0,12)	44 (0,19)	73 (0,15)
DPDMMD	2	2	4	3	1	4	5	3	8
DPDMLG	0	0	0	0	0	0	0	0	0
DPDPCRT	36 (0,29)	27 (0,23)	63 (0,26)	41 (0,34)	28 (0,25)	69 (0,29)	77 (0,31)	55 (0,24)	132 (0,28)
DPDPMD	5	8	13	4	5	9	9	13	22
DPDPLG	11	14	25	9	11	20	20	25	45
DPACRT	1	4	5	3	1	4	4	5	9
DPAMD	8	7	15	6	11	17	17	18	32
DPALG	5	5	10	6	5	11	11	10	21
DPPGRCR	0	0	0	0	0	0	0	0	0
DPPGRMD	0	0	0	0	1	1	0	1	1
DPPGRLG	3	1	4	2	2	4	5	3	8
	126	117	243	122	114	236	248	231	479

A partir dos resultados obtidos (Tabela 19), verificaram-se ser os mesmos parâmetros (DPPbcrt; DPdmcrt; DPdpct) a possuírem frequências absolutas e relativas mais elevadas.

Também, e a partir do gráfico 7, os dados obtidos revelaram uma diminuição do jogo curto e um aumento do médio e longo, da 1ª Parte para a 2ª Parte.

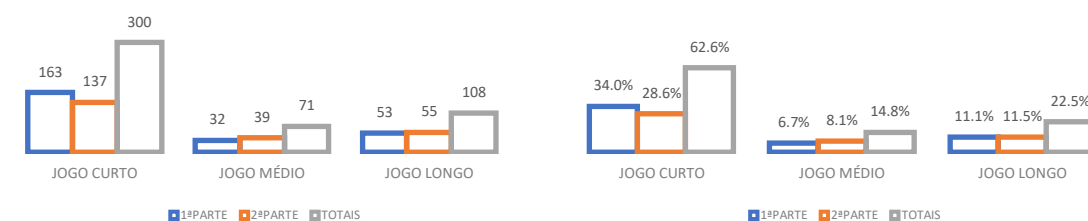


Gráfico 7 – Valores Absolutos (A) e Percentuais (B) da agregação das Distâncias Curtas, Médias ou Longas no Desenvolvimento Processo Ofensivo (Momento do Jogo).

4.3.1.2.3. Relação Adversários e Resultado Momentâneo

A Tabela 20 apresenta os resultados absolutos do DPO entre as equipas e o resultado momentâneo.

Tabela 20 - Frequência Absoluta e Relativa Desenvolvimento Processo Ofensivo de acordo com o Adversário e Resultado Momentâneo.

DPO	APURADAS (N=9)				NÃO APURADAS (N=8)				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
DPPBCRT	21 (0,30)	13	7	41	1	12 (0,25)	18	31	22 (0,29)	25	25	72
DPPBMD	0	1	2	3	0	0	3	3	0	1	5	6
DPPBLG	2	6	6	14	0	2	6	8	2	8	12	22
DPLCRT	3	0	2	5	0	3	6	9	3	3	8	14
DPLMD	0	0	0	0	0	2	0	2	0	2	0	2
DPLLG	1	3	2	6	0	1	5	6	1	4	7	12
DPDMCRT	9	19 (0,20)	7	35	0	6	32	38	9	25	39	73
DPDMMMD	2	2	0	4	0	1	3	4	2	3	3	8
DPDMLG	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
DPDPCRT	18 (0,25)	24 (0,22)	21 (0,25)	63 (0,26)	1	17 (0,31)	51 (0,25)	69 (0,29)	19 (0,25)	41 (0,28)	72 (0,28)	132 (0,28)
DPDPMD	2	8	3	13	0	1	8	9	2	9	11	22
DPDPLG	4	11	10	25	3 (0,50)	2	15	20	7	13	25	45
DPACRT	1	1	3	5	0	1	3	4	1	2	6	9
DPAMD	2	6	7	15	0	1	16	17	2	7	23	32
DPALG	2	2	6	10	0	0	11	11	2	2	17	21
DPPGRCR	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
DPPGRMD	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1
DPPGRLG	3	1	0	4	1	1	2	4	4	2	2	8
	70	97	76	243	6	50	180	236	76	147	256	479

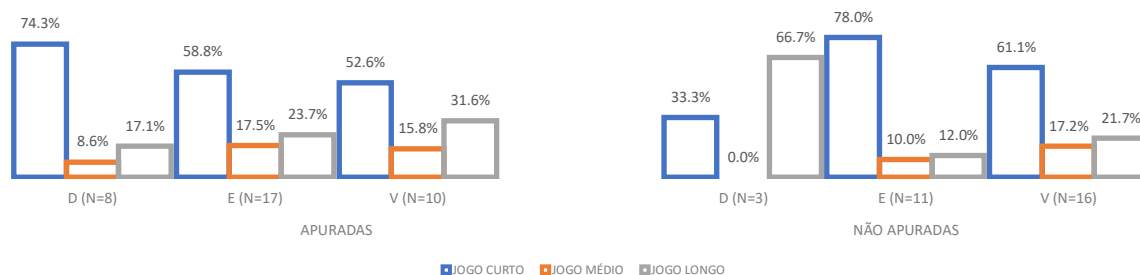


Gráfico 8 - Valores Percentuais da agregação das Distâncias Curtas, Médias ou Longas no Desenvolvimento Processo Ofensivo, em relação aos Adversários e ao Resultado Momentâneo.

Relativamente aos dados contra equipas Apuradas, constatou-se uma tendência para uma diminuição do jogo curto, consoante o resultado seja negativo ou positivo, desta forma obtiveram-se resultados de jogo curto com a equipa em desvantagem (74,3%), em contexto de empate (58,8%) e em contexto de vitória (52,6%).

Estes valores sugerem uma maior dificuldade no controlo de jogo contra equipas Apuradas, existindo uma maior percentagem de ações de jogo longo.

Nos dados contra equipas Não Apuradas, em momento de desvantagem obtiveram-se valores de jogo longo (66,7%) e de jogo curto (33,3%), devendo ter em conta a ocorrência deste momento de desvantagem contra este tipo de equipas (n=3), estes dados indicam a procura rápida de chegar ao setor ofensivo por parte do GR através do jogo longo, contrapondo os valores contra as equipas Apuradas.

Os dados relativos aos contextos de empate (78%) e de vitória (61,1%) revelam o jogo curto como predominante, estes indicam ligeiro aumento do jogo médio (17,2%) e longo (21,7%) em caso de vitória, sugerindo momentos de pressão adversária.

4.3.1.2.4. Relação Momento do Jogo e Resultado Momentâneo

A Tabela 21 apresenta os resultados absolutos do DPO entre as Partes do jogo e o Resultado Momentâneo.

Tabela 21 - Frequência Absoluta e Relativa Desenvolvimento Processo Ofensivo de acordo com as Partes do jogo e o Resultado Momentâneo.

DPO	1ªPARTE				2ªPARTE				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
DPPBCRT	15 (0,28)	17 (0,23)	12	44 (0,18)	7 (0,32)	8	13	28 (0,12)	22 (0,29)	25	25	72
DPPBMD	0	1	1	2	0	0	4	4	0	1	5	6
DPPBLG	2	3	6	11	0	5	6	11	2	8	12	22
DPLCRT	2	3	4	9	1	0	4	5	3	3	8	14
DPLMD	0	2	0	2	0	0	0	0	0	2	0	2
DPLL	1	1	4	6	0	3	3	6	1	4	7	12
DPDMCRT	6	8	15	29 (0,12)	3	17	24	44 (0,19)	9	25	39	73
DPDMMD	2	1	2	5	0	2	1	3	2	3	3	8
DPDMLG	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
DPDPCRT	17 (0,32)	20 (0,27)	31 (0,27)	68 (0,31)	1	16 (0,23)	31 (0,23)	48 (0,24)	18 (0,25)	36 (0,28)	62 (0,28)	116 (0,28)
DPDPMD	1	4	4	9	1	5	7	13	2	9	11	22
DPDPLG	2	7	11	20	5 (0,23)	6	14	25	7	13	25	45
DPACRT	0	1	3	4	1	1	3	5	1	2	6	9
DPAMD	1	4	9	14	1	3	14	18	2	7	23	32
DPALG	1	1	9	11	1	1	8	10	2	2	17	21
DPPGRCR	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
DPPGRMD	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1
DPPGRLG	3	0	2	5	1	2	0	3	4	2	2	8
	53	73	113	239	22	69	133	224	75	142	246	463

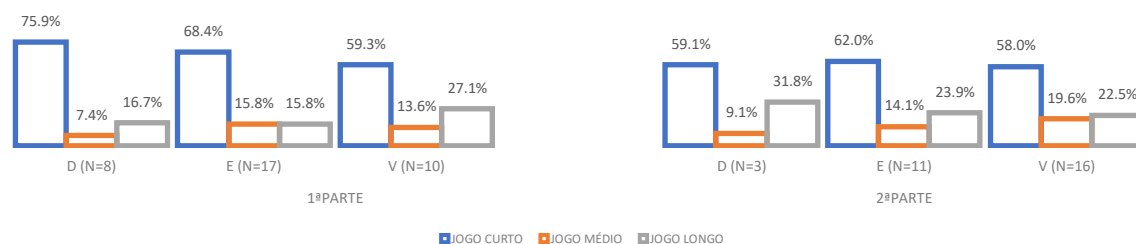


Gráfico 9 - Valores Percentuais da agregação das Distâncias Curtas, Médias ou Longas no Desenvolvimento Processo Ofensivo, em relação às Partes do Jogo e Resultado Momentâneo.

Relativamente aos dados apresentados no gráfico 9, estes indicaram uma tendência para a diminuição do jogo curto da 1ª para a 2ª Parte, não obstante do aumento através da distribuição com as mãos de forma curta (n=44, FR=0,19).

4.3.1.3. Final do Processo Ofensivo pelo Guarda-redes (FPOGR)

De acordo com o FPO agregaram-se as variáveis, tendo em conta dois fatores:

- De acordo com Eficácia Total / Sem Eficácia, neste caso todos os critérios em que existiram a obtenção de zonas do setor ofensivo, finalização e golo foram considerados como tendo eficácia, todos os outros critérios como não tendo eficácia;
- De acordo com a existência de Duelo / Sem Duelo, tal como foram descritos no instrumento de observação *ad hoc*.

4.3.1.3.1. Relação Adversários

A Tabela 22 apresenta os resultados obtidos relativos à frequência absoluta e relativa do FPO de acordo com os adversários.

Tabela 22 - Frequência Absoluta e Relativa do Final do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários.

FPO	APURADAS (N=9)		NÃO APURADAS (N=8)		TOTAIS	
	N	NR	N	NR	N	NR
FPCM	64	0,31	63	0,30	127	0,30
FPCMSMO	20	0,10	31	0,15	51	0,12
FPSO	33	0,16	30	0,14	63	0,15
FPF	6	0,03	13	0,06	19	0,05
FPFG	0	0,00	4	0,02	4	0,01
FPDCM	23	0,11	9	0,04	32	0,08
FPDSO	9	0,04	10	0,05	19	0,05
FPDF	6	0,03	2	0,01	8	0,02
FPDFG	0	0,00	1	0,00	1	0
FPBRECA	35	0,17	31	0,15	66	0,16
FPBADV	8	0,04	9	0,04	17	0,04
FPBF	4	0,02	5	0,02	9	0,02
FPINF	1	0,00	1	0,00	2	0
	209	1,00	209	1,00	418	1,00

De acordo com os valores obtidos foi possível identificar que o FPO através da manutenção da posse de bola no ½ campo defensivo (FPcm) ocorreu por 127 ocasiões, sendo o valor relativo mais elevado (FR=0,30), constatando-se valores idênticos entre equipa Apuradas (n=64, FR=0,31) e equipas Não Apuradas (n=63, FR=0,30).

Importando evidenciar a dificuldade da ocorrência de um golo através do início do processo ofensivo a partir do GR, apesar de se terem verificado por 5 ocasiões golos contra equipas Não Apuradas (FPfg, n=4; FPdfig, n=1).

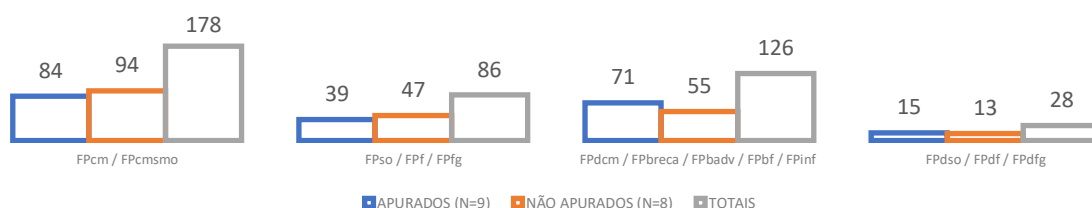


Gráfico 10 - Valores Absolutos da agregação de critérios do Final Processo Ofensivo, em relação aos Adversários.

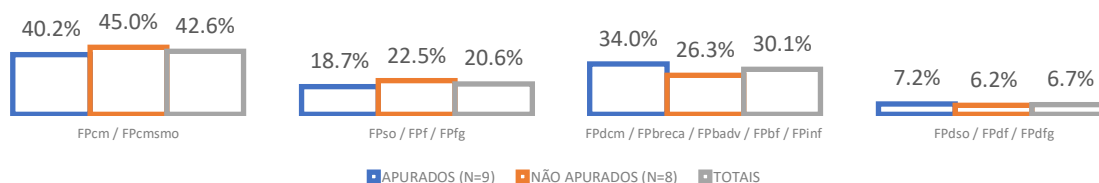


Gráfico 11 - Valores Percentuais da agregação de critérios do Final Processo Ofensivo, em relação aos Adversários.

Verificou-se como expetável uma menor percentagem na agregação dos critérios (SO, F, FG), tanto contra equipas Apuradas como contra equipas Não Apuradas, estes dados foram ainda menores aquando da existência de duelos, verificando-se valores de 7,2% para equipas Apuradas e de 6,2% para equipas Não Apuradas. Pelo contrário, quando não existiram duelos os valores aumentaram para 18,7% contra equipas Apuradas e 22,5% contra equipas Não Apuradas.

Estes valores sugerem uma menor probabilidade de se alcançar o setor ofensivo, de uma finalização ou da obtenção de um golo através de jogo longo, visto ser um tipo de jogo potenciador de duelos, existindo desta forma uma maior probabilidade da perda da posse de bola.

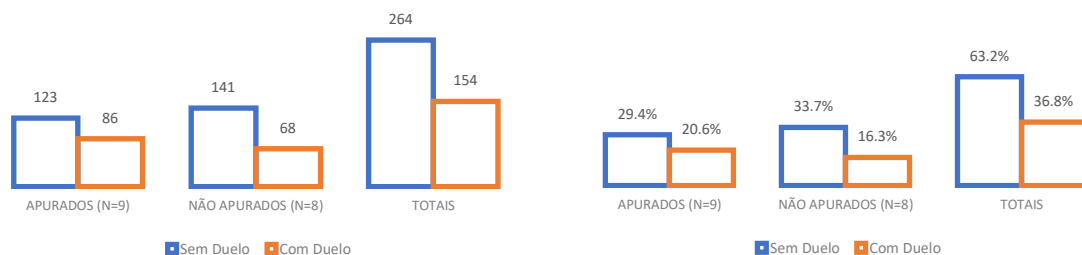


Gráfico 12 - Valores Absolutos (A) e Percentuais (B) da agregação de critérios Com Duelos e Sem Duelos do Final Processo Ofensivo, em relação aos Adversários.

No que concerne aos dados entre as ações com e sem duelos, obtiveram-se valores superiores de ações sem duelos, contra os dois tipos de equipas, suscetível de indicar o jogo curto como o predominante, tal como referido anteriormente.

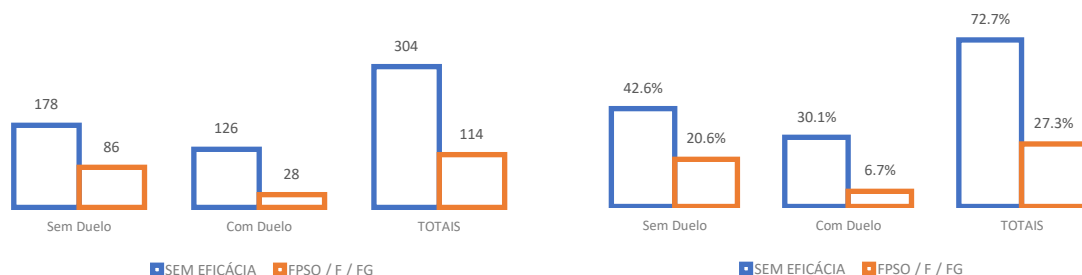


Gráfico 13 - Valores Absolutos (A) e Percentuais (B) da relação entre a agregação de critérios Com Duelos e da agregação das ações Com Eficácia Total e Sem Eficácia.

Analisando o gráfico 13, verificou-se um maior número total de ações Sem Eficácia (n=304, 72,7%), decorrendo de ações sem duelos (n=178, 42,6%) e em contexto de duelos (n=126, 30,1%), em contrapartida com as ações totais com Eficácia Total (n=114, 27,3%), decorridas de ações sem duelos (n=86, 20,6%) e com duelos (n=28, 6,7%).

Nesta relação ficou demonstrada a dificuldade na obtenção do SO, F e FG, nomeadamente através de ações onde ocorreram duelos.

4.3.1.3.2. Relação Adversários e Momentos do Jogo

A Tabela 23 mostra os resultados relativos à frequência absoluta do FPO de acordo com os adversários e as Partes do jogo.

Tabela 23 - Frequência Absoluta e Relativa do Final do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários e as Partes do jogo.

FPO	APURADAS (N=9)			NÃO APURADAS (N=8)			TOTAIS		
	1ªP. (N=22)	2ªP. (N=13)	T	1ªP. (N=16)	2ªP. (N=14)	T	1ªP. (N=38)	2ªP. (N=27)	T
FPCM	36 (0,34)	28 (0,27)	64 (0,31)	29 (0,28)	34 (0,33)	63 (0,30)	65 (0,31)	62 (0,30)	127 (0,30)
FPCMSMO	8 (0,08)	12 (0,12)	20 (0,10)	18 (0,17)	13 (0,13)	31 (0,14)	26 (0,12)	25 (0,12)	51 (0,12)
FPSO	18 (0,17)	15 (0,14)	33 (0,16)	16 (0,15)	14 (0,13)	30 (0,14)	34 (0,16)	29 (0,14)	63 (0,15)
FPF	1	5	6	6	7	13	7	12	19 (0,05)
FPFG	0	0	0	1	3	4	1	3	4 (0,01)
FPDCM	10	13	23	6	3	9	16	16	32 (0,08)
FPDSO	4	5	9	6	4	10	10	9	19 (0,05)
FPDF	0	6	6	2	0	2	2	6	8 (0,02)
FPDFG	0	0	0	0	1	1	0	1	1
FPBRECA	20 (0,19)	15 (0,14)	35 (0,17)	12 (0,11)	19 (0,18)	31 (0,15)	32 (0,15)	34 (0,16)	66 (0,16)
FPBADV	5	3	8	4	5	9	9	8	17 (0,04)
FPBF	2	2	4	4	1	5	6	3	9 (0,02)
FPINF	1	0	1	1	0	1	2	0	2

Analisando a Tabela 23, não se denotou grande diversidade, na qual se constatou que o FPO com manutenção da posse de bola no ½ campo defensivo (FPcm) foi aquele que apresentou maiores valores absolutos e relativos nos diferentes contextos.

Os valores do gráfico 14 evidenciaram pouca diversidade nos resultados relativos à obtenção de Eficácia Total ou Sem Eficácia, de acordo com o tipo de equipas e o momento do jogo.

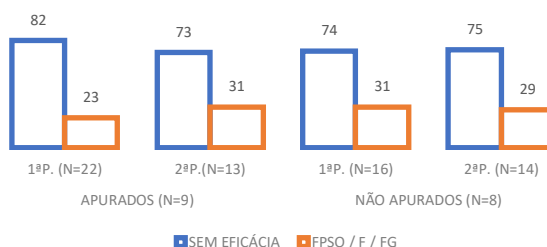


Gráfico 14 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Eficácia / Final Processo Setor Ofensivo, Finalização e Finalização Golo), em relação aos Adversários e às Partes do Jogo.

Similarmente, os valores do gráfico 15 também apresentaram pouca diversidade nos resultados relativos ao tipo de ações, de acordo com o tipo de equipas e o momento do jogo.

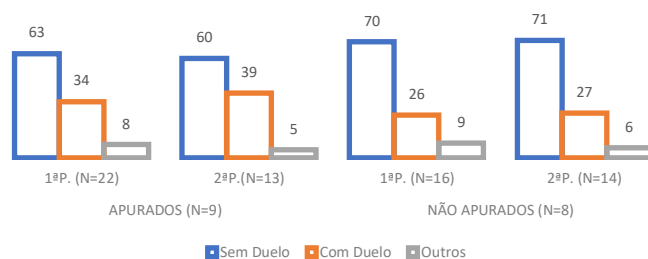


Gráfico 15 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Sem Duelo e Com Duelos), em relação aos Adversários e às Partes do Jogo.

Estes valores constataam a capacidade de a equipa em manter os seus princípios de jogo, nos diversos momentos do jogo, independentemente do grau de dificuldade apresentado pelas equipas adversárias, revelando desta forma uma Identidade de Jogo apresentado pelas Seleções Nacionais de Portugal.

4.3.1.3.3. Relação Adversários, Momentos do Jogo e Resultado Momentâneo

A Tabela 24 mostra os resultados relativos à frequência absoluta do FPO de acordo com os Adversários, Momentos do Jogo e com o Resultado Momentâneo, constatando não existir grande diversidade.

Tabela 24 - Frequência Absoluta e Relativa do Final do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários, Partes do Jogo e Resultado Momentâneo.

FPO	APURADAS (N=9)				NÃO APURADAS (N=8)				1ªPARTE				2ªPARTE				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
FPCM	29 (0,46)	23 (0,28)	12	64 (0,31)	1	18 (0,40)	44 (0,28)	63 (0,30)	19 (0,40)	23 (0,36)	23 (0,23)	65 (0,31)	11 (0,50)	18 (0,28)	33 (0,27)	62 (0,30)	30 (0,43)	41 (0,32)	56 (0,25)	127 (0,30)
FPCMSMO	5	12	3	20	0	10 (0,22)	21	31	4	10	12	26	1	12	12	25	5	22	24	51
FPDO	13 (0,21)	14	6	33	1	4	25	30	12 (0,26)	8	14	34	2	10	17	29	14 (0,20)	18	31	63
FPF	0	3	3	6	1	1	11	13	1	1	5	7	0	3	9	12	1	4	14	19
FPFG	0	0	0	0	0	1	3	4	0	1	0	1	0	0	3	3	0	1	3	4
FPDCM	2	8	13 (0,21)	23	0	1	8	9	0	5	11	16	2	4	10	16	2	9	21	32
FPDSO	2	4	3	9	0	2	8	10	1	3	6	10	1	3	5	9	2	6	11	19
FPDF	2	2	2	6	0	1	1	2	0	1	1	2	2	2	2	6	2	3	3	8
FPDFG	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1
FPBRECA	8	14	13 (0,21)	35	2 (0,33)	5	24	31	8	10	14	32	2	9	23	34	10	19	37	66
FPBADV	2	2	4	8	1	1	7	9	2	0	7	9	1	3	4	8	3	3	11	17
FPBF	0	0	4	4	0	1	4	5	0	1	5	6	0	0	3	3	0	1	8	9
FPINF	0	1	0	1	0	0	1	1	0	1	1	2	0	0	0	0	0	1	1	2

Analisando os gráficos 16 e 17, constatou-se uma tendência para o jogo sem duelos, no entanto esse valor foi contraditório em contexto de vitória contra Equipas Apuradas (n=31), verificando-se neste caso uma relação direta entre a não eficácia e o jogo com duelos.

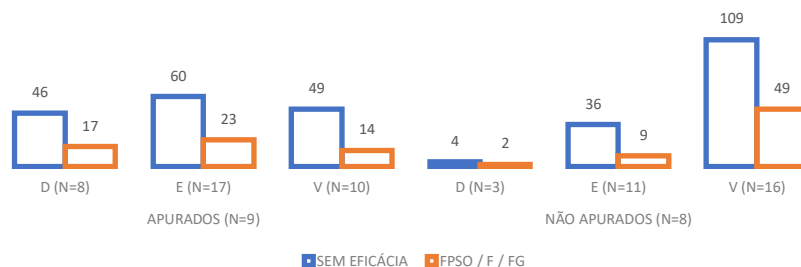


Gráfico 16 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Sem Eficácia / Final Processo Setor Ofensivo, Finalização e Finalização Golo), em relação aos Adversários e ao Resultado Momentâneo.

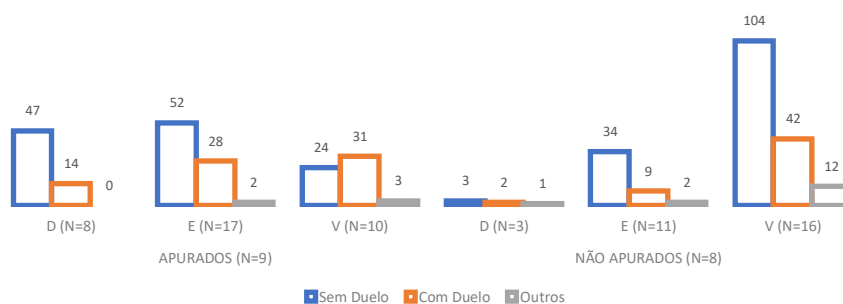


Gráfico 17 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Sem Duelo e Com Duelos), em relação aos Adversários e ao Resultado Momentâneo.

Analisando os gráficos 18 e 19 relativos aos momentos do jogo, verificou-se que os valores encontrados não apresentaram diferenças relevantes entre os diversos contextos.

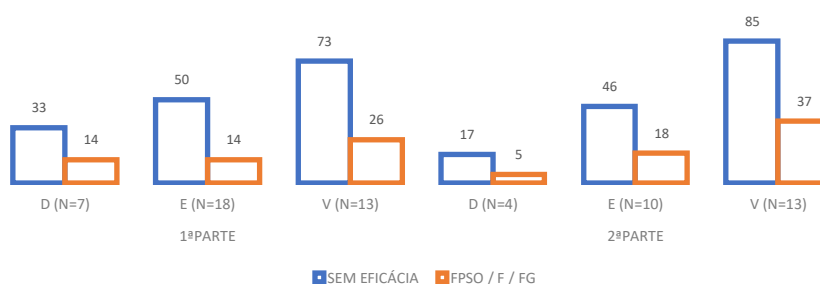


Gráfico 18 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Eficácia / Final Processo Setor Ofensivo, Finalização e Finalização Golo), em relação às Partes do Jogo e ao Resultado Momentâneo.

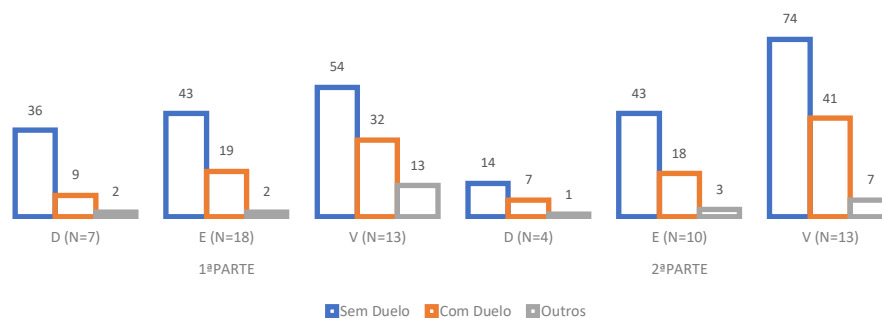


Gráfico 19 - Valores Absolutos da agregação de critérios (Sem Duelo e Com Duelo), em relação às Partes do Jogo e ao Resultado Momentâneo.

4.3.1.4. Transições

4.3.1.4.1. Relação Adversários

A Tabela 25 apresenta os resultados relativos à frequência absoluta e relativa do tipo de Transição.

Tabela 25 - Frequência Absoluta e Relativa do Tipo de Transição acordo com os Adversários.

TRANSIÇÕES	APURADAS (N=9)		NÃO APURADAS (N=8)		TOTAIS	
	N	NR	N	NR	N	NR
TRAP	60	0,27	43	0,20	103	0,23
TMD	145	0,65	165	0,76	310	0,70
TLEN	19	0,09	8	0,04	27	0,06
	224		216		440	

Deste modo, o tipo de Transição Média (TMD) apresentou valores superiores contra equipas Apuradas (n=145), tal como para equipas Não Apuradas (n=165), totalizando 70% das ações.

Relativamente à TRAP e TLEN, estas apresentaram valores superiores contra as equipas Apuradas. Estes valores sugerem a existência de momentos de maior pressão do adversário, procurando o GR soluções de maior desequilíbrio do adversário através de TRAP, ou, por outro lado, de maior controlo do jogo através de TLEN.

4.3.1.4.2. Relação Adversários e Momento do Jogo

A Tabela 26 apresenta os resultados relativos à frequência absoluta do tipo de Transição, em relação aos Adversários e às Partes do jogo. Os valores absolutos obtidos sugerem a não diversidade do tipo de Transição.

Tabela 26 - Frequência Absoluta e Relativa do Tipo de Transição, de acordo com o Adversário e as Partes do Jogo.

TRANSIÇÕES	APURADAS (N=9)			NÃO APURADAS (N=8)			TOTAIS		
	1ªP. (N=22)	2ªP. (N=13)	T	1ªP. (N=16)	2ªP. (N=14)	T	1ªP. (N=38)	2ªP. (N=27)	T
TRAP	29 (0,25)	31 (0,28)	60 (0,27)	22 (0,20)	21 (0,20)	43 (0,20)	51 (0,23)	52 (0,24)	103 (0,23)
TMD	77 (0,67)	68 (0,62)	145 (0,65)	87 (0,78)	78 (0,74)	165 (0,76)	164 (0,73)	146 (0,68)	310 (0,70)
TLEN	9 (0,08)	10 (0,09)	19 (0,08)	2 (0,02)	6 (0,06)	8 (0,04)	11 (0,05)	16 (0,07)	27 (0,06)

4.3.1.4.3. Relação Adversários, Momento do Jogo e Resultado Momentâneo

A Tabela 27 apresenta os resultados relativos à frequência absoluta e relativa do tipo de Transição, em relação aos Adversários, Momento do Jogo e do Resultado Momentâneo.

Tabela 27 - Frequência Absoluta e Relativa do Tipo de Transição, de acordo com o Adversário, Partes do Jogo e Resultado Momentâneo.

TRANSIÇÃO	APURADAS (N=9)				NÃO APURADAS (N=8)				1ªPARTE				2ªPARTE				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
TRAP	25 (0,38)	19 (0,21)	16 (0,23)	60 (0,27)	3 (0,50)	8 (0,17)	32 (0,20)	43 (0,20)	18 (0,37)	10 (0,14)	23 (0,21)	51 (0,23)	10 (0,45)	17 (0,25)	25 (0,20)	52 (0,24)	28 (0,39)	27 (0,20)	48 (0,21)	103 (0,23)
TMD	39 (0,60)	63 (0,70)	43 (0,62)	145 (0,65)	3 (0,50)	38 (0,80)	124 (0,76)	165 (0,76)	30 (0,61)	56 (0,81)	78 (0,72)	164 (0,73)	12 (0,55)	45 (0,48)	89 (0,71)	146 (0,68)	42 (0,59)	101 (0,74)	167 (0,72)	310 (0,70)
TLEN	1 (0,02)	8 (0,09)	10 (0,14)	19 (0,08)	0	0	8 (0,05)	8 (0,05)	1 (0,02)	3 (0,04)	7 (0,06)	11 (0,05)	0	5 (0,07)	11 (0,09)	16 (0,07)	1 (0,01)	8 (0,06)	18 (0,08)	27 (0,06)

De acordo com os resultados obtidos, constatarem-se valores superiores em contexto de derrota para transições rápidas (TRAP) contra equipas Apuradas (38%) e contra equipas Não Apuradas (50%), em contextos de empate e vitória. Resultados idênticos na 1ª e 2ª parte sugerem uma tendência para TRAP do GR em contextos de derrota.

4.3.1.5. Centro de Jogo

4.3.1.5.1. Relação Adversários

A Tabela 28 mostra os resultados relativos à frequência absoluta e relativa ao Centro de Jogo.

Tabela 28 - Frequência Absoluta e Relativa do Centro de Jogo, de acordo com os Adversários.

CENTRO JOGO	APURADAS (N=9)		NÃO APURADAS (N=8)		TOTAIS	
	N	NR	N	NR	N	NR
CJCPPIR	16	0,07	33	0,15	49	0,11
CJCPIA	14	0,06	7	0,03	21	0,05
CJCPIP	63	0,28	48	0,22	111	0,25
CJSPINP	11	0,05	7	0,03	18	0,04
CJSPSR	0	0,00	2	0,01	2	0,00
CJSPSA	120	0,54	119	0,55	239	0,54
	224	1,00	216	1,00	440	1,00

Relativamente ao critério Centro de Jogo, constatou-se a ocorrência de momentos de interação, nomeadamente em situações Sem Pressão Com Superioridade Absoluta (CJspsa), totalizando 54% das ações. Por outro lado, em situações de pressão esse valor foi superior aquando da igualdade pressionada (CJcpio; n=111, 25%), existindo também um ligeiro aumento do contextos (CJcpir), em jogos contra equipas Não Apuradas (Ap-7%; NAp-15%).

4.3.1.5.2. Relação Adversários e Momentos do Jogo

A Tabela 29 apresenta os valores da frequência absoluta e relativa do Centro de Jogo obtidos em relação ao adversário e partes do jogo. Os resultados obtidos sugerem uma não diversidade nos comportamentos em torno do Centro de Jogo.

Tabela 29 - Frequência Absoluta e Relativa do Centro de Jogo, de acordo com os Adversários e as Partes do jogo.

CENTRO JOGO	APURADAS (N=9)			NÃO APURADAS (N=8)			TOTAIS		
	1ªP. (N=22)	2ªP. (N=13)	T	1ªP. (N=16)	2ªP. (N=14)	T	1ªP. (N=38)	2ªP. (N=27)	T
CJCPIR	7	9	16	18	15	33	25	24	49
CJCPIA	7	7	14	3	4	7	10	11	21
CJCPIP	30 (0,26)	33 (0,30)	63 (0,28)	25 (0,23)	23 (0,22)	48 (0,22)	55 (0,25)	56 (0,26)	111 (0,25)
CJSPIN	6	5	11	2	5	7	8	10	18
CJSPSR	0	0	0	1	1	2	1	1	2
CJSPSA	64	56	120	61	58	119	125	114	239
	114	110	224	110	106	216	224	216	440

4.3.1.5.3. Relação Adversários, Momentos do Jogo e Resultado Momentâneo

De referir que os dados obtidos de acordo com a parte do jogo / resultado momentâneo e adversário / resultado momentâneo, também, não denotaram diversidade (Anexo IX).

4.3.1.6. Zonas Início Processo Ofensivo (ZIPO)

Relativamente às Zonas onde ocorreu o IPO, a Tabela 30 apresenta os resultados relativos à frequência da ZIPO contra os diferentes adversários.

Tabela 30 - Frequência Absoluta e Relativa das Zonas de Início do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários.

ZONAS IPO	APURADAS (N=9)		NÃO APURADAS (N=8)		TOTAIS	
	N	NR	N	NR	N	NR
1	84	0,40	76	0,36	160	0,38
2	63	0,30	73	0,35	136	0,33
3E	15	0,07	15	0,07	30	0,07
3D	17	0,08	11	0,05	28	0,07
4E	1	0,01	4	0,03	5	0,01
4D	1	0,01	3	0,01	4	0,01
5C	18	0,09	15	0,07	33	0,08
5E	3	0,01	4	0,03	7	0,02
5D	3	0,01	3	0,01	6	0,01
6E	0	0,00	0	0,00	0	0,00
6D	1	0,00	0	0,00	1	0,00
7E	1	0,01	3	0,01	4	0,01
7D	2	0,01	2	0,01	4	0,01

Numa primeira análise, e como era expetável, não ocorreram situações de IPO no meio-campo ofensivo, pelo que foram excluídas da tabela as Zonas (8/9/10/11 E; 8/9/10/11 D).

Os resultados apresentaram valores superiores na Zona 1 (38%), valores esses expetáveis, pelo número elevado de IPO através de Pontapé de Baliza, estando esta ação inerente à Zona 1 (leis do jogo). O que nos permite referir que as zonas centrais do campo Z1, Z2, e Z5C representaram a maioria das ações ocorridas (n=229, 79%).

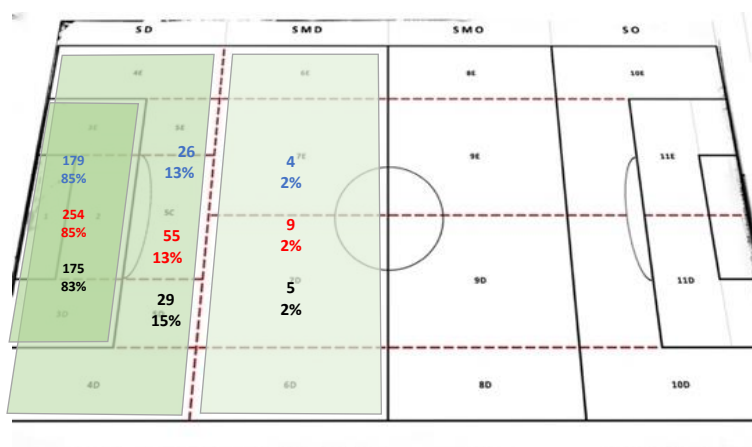


Figura 14 - Valores Absolutos e Relativos das Zonas Início Processo Ofensivo da agregação de critérios de acordo com a Grande Área e Setores do Campograma.

Analisando a figura 14, constata-se valores superiores das ações a serem iniciadas dentro da grande área ou área de penálti (Z1, Z2, Z3E e Z3D) (n=254, 85%), apresentando

valores inferiores no setor defensivo fora da área (n=55, 13%) e no setor médio defensivo (n=9, 2%), estes valores foram idênticos em Equipa Apuradas e Não Apuradas.

Os resultados obtidos da frequência absoluta e relativa das ZONAS de IPO, de acordo com os diferentes critérios, não apresentaram diversidades nos valores obtidos (Anexo X).

4.3.1.7. Zonas Desenvolvimento Processo Ofensivo (ZDPO)

Relativamente às Zonas onde ocorreram as situações de DPO, na Tabela 31 apresenta-se os resultados relativos à frequência da ZDPO contra os diferentes adversários.

Tabela 31 – Frequência Absoluta e Relativa das Zonas de Desenvolvimento do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários.

ZONAS DPO	APURADAS (N=9)		NÃO APURADAS (N=8)		TOTAIS	
	N	NR	N	NR	N	NR
1	0	0,00	0	0,00	0	0,00
2	7	0,03	5	0,02	12	0,03
3E	34	0,14	30	0,13	64	0,13
3D	26	0,11	28	0,12	54	0,11
4E	14	0,06	12	0,05	26	0,05
4D	13	0,05	10	0,04	23	0,05
5C	10	0,04	8	0,03	18	0,04
5E	21	0,09	31	0,13	52	0,11
5D	20	0,08	25	0,11	45	0,09
6E	10	0,04	13	0,06	23	0,05
6D	12	0,05	7	0,03	19	0,04
7E	8	0,03	6	0,03	14	0,03
7D	9	0,04	10	0,04	19	0,04
8E	12	0,05	6	0,03	18	0,04
8D	9	0,04	5	0,02	14	0,03
9E	15	0,06	18	0,08	33	0,07
9D	14	0,06	16	0,07	30	0,06
10E	2	0,01	1	0,00	3	0,01
10D	2	0,01	0	0,00	2	0,00
11E	5	0,02	4	0,02	9	0,02
11D	0	0,00	1	0,00	1	0,00

Relativamente aos resultados obtidos da frequência absoluta e relativa das ZONAS de DPO, observaram-se valores para o desenvolvimento com ações dentro da grande área ou área de penálti (n=130, 27%), nas restantes zonas do SD (4E, 4D, 5C, 5E e 5D) (n=164; 34%), totalizando 61% das ações neste setor.

Desta forma, constatou-se o jogo curto como o preferencial para o desenvolvimento do processo ofensivo por parte do GR.

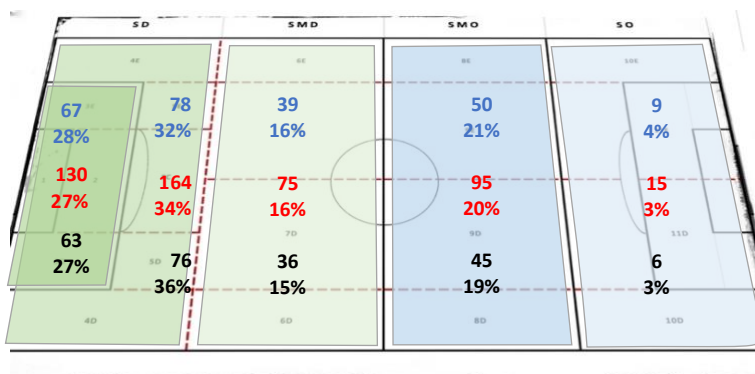


Figura 15 - Valores Absolutos e Relativos da agregação de critérios de acordo com a Grande Área e Setores do Campograma.

No que concerne aos outros setores referenciados no estudo, observaram-se valores relativos no SMD (16%) contra equipas Apuradas de 16% e contra equipas Não Apuradas de 15%, os valores do SMO (20%) contra equipas Apuradas foram de 21% e contra equipas Não Apuradas de 19%, por último, no setor ofensivo (3%) contra equipas Apuradas foram de 4% e contra equipas Não Apuradas de 3%.

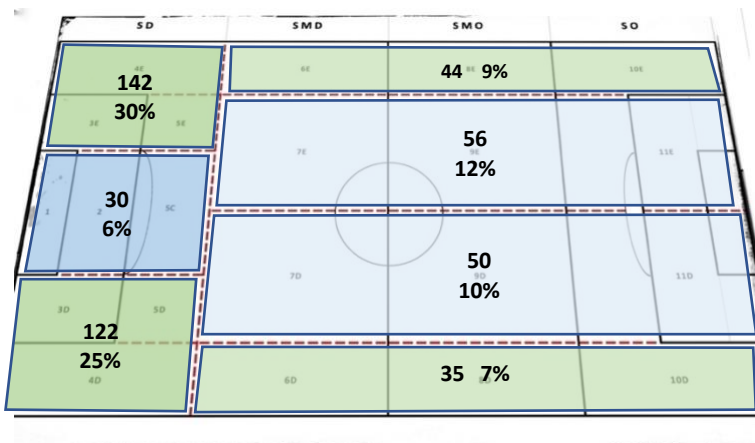


Figura 16 - Valores Absolutos e Relativos da agregação de critérios de acordo com os Corredores.

Para um entendimento sobre a direcionalidade, agruparam-se as Zonas por corredores, o qual se verificou que o corredor esquerdo do SD foi aquele que revelou valor superior (n=142, 30%).

Relativamente aos SMD, SMO e SO, de acordo com o campograma, verificaram-se valores semelhantes, tanto no corredor esquerdo (n=44, 9%), no corredor direito (n=35, 7%), no corredor central esquerdo (n=56, 12%) e no corredor central direito (n=50, 10%). Agrupando os diferentes setores, constatarem-se valores superiores no corredor esquerdo (n=186, 39%), comparando com o corredor direito (n=157, 33%).

Relativamente aos resultados obtidos da frequência absoluta e relativa das ZONAS de DPO, de acordo com os diferentes critérios (Adversários, Partes do Jogo e Resultado Momentâneo), estes não apresentam diversidades (Anexo XI).

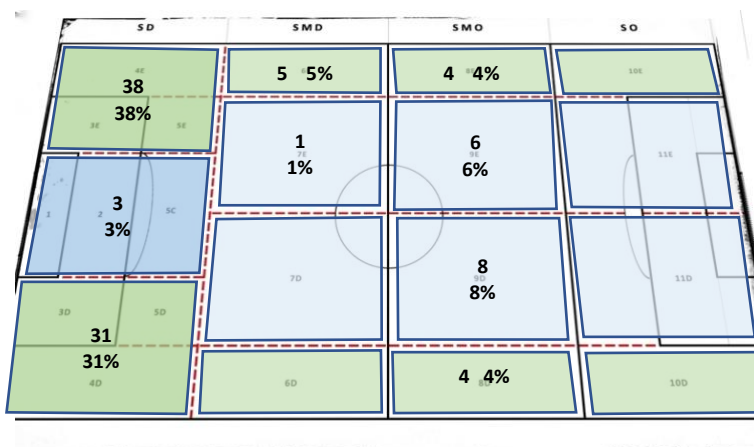


Figura 17 - Valores Absolutos e Relativos da agregação de Zonas no Setor Defensivo e restantes Zonas do Campograma, de acordo com a conduta critério Pontapé de Baliza.

Anteriormente identificou-se como preferencial a utilização por PBCRT, pelo que as zonas de maior percentagem foram as do SD, zonas (3E, 4E e 5E, n=38, 38%) e zonas (3D, 4D e 5D, n=31, 31%), no SMD apenas no corredor esquerdo, zonas 6E e 7E (n=6, 6%) foram utilizadas, onde as zonas do SMO apresentaram valores semelhantes.

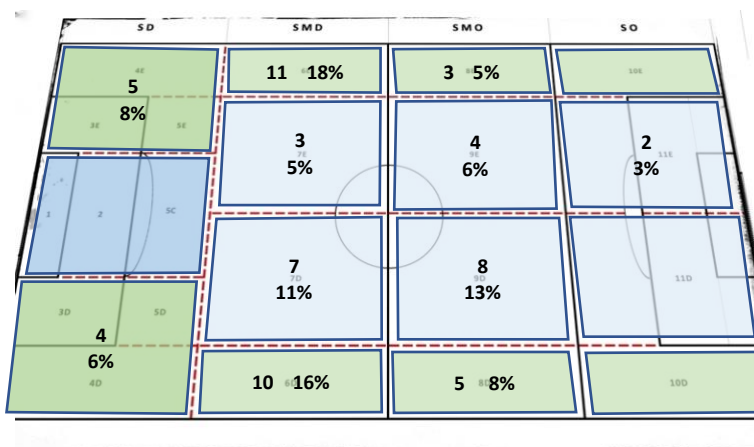


Figura 18 – Valores Absolutos e Relativos da Agregação de Zonas no Setor do Campograma, de acordo com a conduta critério Atraso.

Relativamente aos valores, de acordo com o critério de Atraso, verificaram-se como predominantes as zonas laterais do SMD, a zona 6E (n=11, 18%) e a 6D (n=10, 16%), objetivando lateralidade, neste contexto observou-se ainda ações no SO (Z11E).

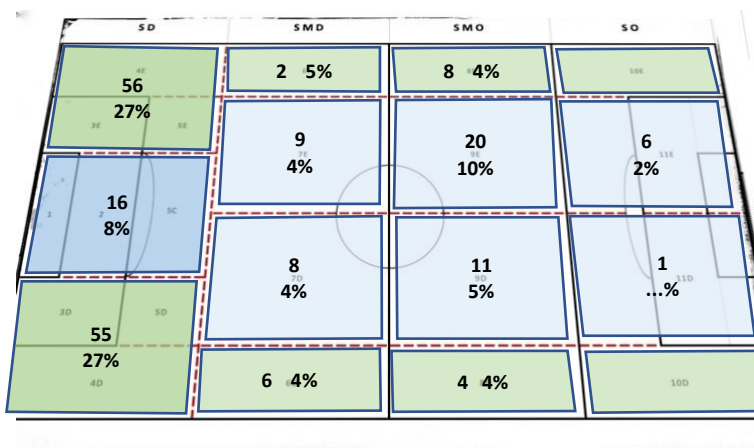


Figura 19 - Valores Absolutos e Relativos da Agregação de Zonas no Setor Defensivo e restantes Zonas do Campograma, de acordo com a conduta critério Distribuição com os Pés

Depreendendo que uma ação de distribuição com os pés, é caracterizada por não ter qualquer tipo de pressão por parte dos adversários, seria espetável que as zonas do SD apresentassem o maior número de ações, numa abordagem de jogo construído desde trás (CE, n=56, 27%), (CC, n=16, 8%) e CD (n=55, 27%).

Neste tipo de ação, ao contrário do que aconteceu nos atrasos, as zonas laterais do SMD não foram zonas com valores expressivos, verificando-se um maior número de ações nos SMO e SO, perspetivando desta forma a procura de espaços mais avançados do terreno por parte do GR.

4.3.1.1. Zonas Final Processo Ofensivo (ZFPO)

Relativamente às Zonas onde ocorreu o FPO, observa-se na Tabela 32 a apresentação global dos resultados relativos à frequência da ZFPO contra os diferentes adversários.

Tabela 32 – Frequência Absoluta e Relativa das Zonas de Final do Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários.

ZONAS FPO	APURADAS (N=9)		NÃO APURADAS (N=8)		TOTAIS	
	N	NR	N	NR	N	NR
1	0	0,00	0	0,00	0	0,00
2	1	0,00	0	0,00	1	0,00
3E	3	0,01	1	0,00	4	0,01
3D	2	0,01	4	0,02	6	0,01
4E	6	0,03	7	0,03	13	0,03
4D	11	0,05	6	0,03	17	0,04
5C	0	0,00	0	0,00	0	0,00
5E	5	0,02	0	0,00	5	0,01
5D	1	0,00	0	0,00	1	0,00
6E	26	0,12	17	0,08	43	0,10
6D	16	0,08	16	0,08	32	0,08
7E	10	0,05	17	0,08	27	0,06
7D	12	0,06	17	0,08	29	0,07
8E	14	0,07	13	0,06	27	0,06
8D	12	0,06	10	0,05	22	0,05
9E	16	0,08	17	0,08	33	0,08
9D	14	0,07	20	0,10	34	0,08
10E	25	0,12	15	0,07	40	0,10
10D	12	0,06	15	0,07	27	0,06
11E	13	0,06	17	0,08	30	0,07
11D	10	0,05	17	0,08	27	0,06

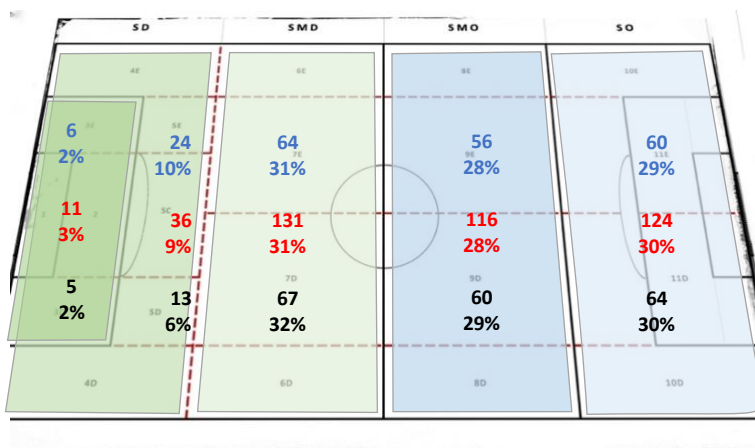


Figura 20 - Valores Absolutos e Relativos da agregação de critérios de acordo com a Grande Área e Setores do Campograma.

Agrupando as Zonas por Setores, constatou-se que o setor defensivo (Grande Área e SD) apresentou valores inferiores ($n=47$, 12%) em comparação com os restantes setores, SMD ($n=131$, 31%), SMO ($n=116$, 28%) e SO ($n=124$, 30%), verificando-se valores percentuais idênticos entre Equipas Apuradas (azul) e Não Apuradas (preto).

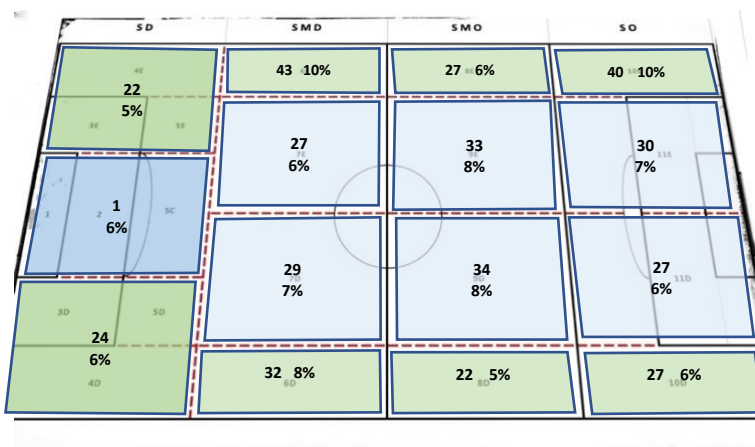


Figura 21 – Valores Absolutos e Relativos da Agregação de Zonas no Setor Defensivo e restantes Zonas do Campograma.

Analisando a figura 21, observa-se valores idênticos nos diferentes corredores, CE ($n=132$, 32%), CD ($n=105$, 25%), CCE ($n=90$, 22%) e CCD ($n=90$, 22%)

Relativamente aos resultados obtidos da frequência absoluta e relativa das ZONAS de FPO, e de acordo com os diferentes critérios (Adversários, Partes do Jogo e Resultado Momentâneo), não revelaram diversidades nos valores encontrados (Anexo XII).

4.4. Análise Sequencial

4.4.1. Início Processo Ofensivo

Na análise do IPO depreendemos uma análise prospetiva, verificando-se a *Lag 0* inerente à própria conduta critério, sendo essa análise efetuada para condutas comportamentais (*Desenvolvimento e Final*), condutas estruturais e contextuais, *Espacialização do terreno de jogo*, *Centro do Jogo e Tipo de Transição* respetivamente, à conduta tomada como critério (Barreira, 2013).

Nesse sentido, procurou-se apresentar resultados de acordo com as diferentes condutas critério, desta forma e para melhor compreensão, os dados apresentados com a cor cinza corresponderam aos dados pós *max lag*, podendo estes ser de padrões/condutas comportamentais, estruturais ou de interação.

Tabela 33 – Padrão de Conduta Critério Pontapé de Baliza.

IPO – PONTAPÉ DE BALIZA						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPPBCRT (16,63) DPPBMD (4,40) DPPBLG (8,59)				
FPO			FPCM (3,79)			
ZONAS	1 (14,56)	3E (4,79) 3D (4,63)	5E (1,96)			
CJ.						
TRANS.		TMD (2,55)				

A zona 1 verifica-se implícita na *Lag 0*, constatando-se uma probabilidade elevada de ocorrência de pontapé de baliza curto (DPPBCRT: $z=16,63$), nas zonas 3E ($z=4,79$) e 3D ($z=4,63$), mantendo-se um ritmo de jogo normal, através de transição média.

Na *Lag 2* verificou-se a *max lag*, evidenciando-se ativada (FPCM: $z=3,79$), constatando-se desta forma, a garantia da manutenção da posse de bola no meio-campo defensivo (SD e SMD). Por outro lado, a perda da mesma por parte de um dos colegas na procura do ataque (p. ex. um passe longo intercetado), nomeadamente desde a zona 5E ($z=1,96$).

Tabela 34 – Padrão de Conduta Critério Pontapé Livre.

IPO – PONTAPÉ LIVRE						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPLCRT (13,94) DPLMD (5,19) DPLLG (12,87)				
FPO			FPBRECA (3,57)			
ZONAS	4E (4,70)	8E (4,70)	8E (2,45) 9E (2,56)	10D (3,43)		
C.J.						
TRANS.			TRAP (2,18)			

Na *Lag 1*, as condutas comportamentais de DPLCRT ($z=13,94$) e DPLLG ($z=12,87$), apresentaram valores superiores às de DPLMD ($z=5,19$), existindo grande probabilidade que este tenha sido executado para a zona 8E ($z=4,70$), valor aparentemente normal, tendo em conta a zona de maior probabilidade de início por pontapé livre 4E ($z=4,70$) ser ativada na *Lag 0*, optando o GR por menor risco através de jogo longo no mesmo corredor. Desta forma, verificaram-se ativadas as zonas 8E e 9E, existindo um final de processo ofensivo com a bola recuperada pelo adversário.

Observando-se na *Lag 3* ativada a zona 10D, constatou-se a possibilidade de a bola voltar ao GR, provavelmente após o início por livre curto, verificando-se ativada na *Lag 2* uma determinada ação desconhecida, realizada através de uma transição rápida.

Tabela 35 – Padrão de Conduta Critério Atraso.

IPO – ATRASO						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPCRT (8,88) DPMD (3,50) DPLG (2,69) DPACRT (3,18) DPAMD (6,65) DPALG (5,43)				
FPO			FPDCM (2,39) FPBADV (2,09) FPBF (2,32)			
ZONAS	2 (7,31) 5C (5,47)	6D (2,87) 7E (2,11)	7E (2,19)			
C.J.		CPIR (2,46)				
TRANS.						

Analisando o quadro 10, verificaram-se as zonas 2 ($z=7,31$) e 5C ($z=2,11$) com maior probabilidade de início através de atraso, optando o GR maioritariamente por receber atrasos no corredor central, apesar da *max Lag* se verificar na *Lag 0* para as condutas estruturais de espacialização, constatou-se na *Lag 1* a utilização dos corredores laterais como preponderantes no desenvolvimento do atraso, nomeadamente as zonas 6D ($z=2,87$) e 7E ($z=2,11$). Apesar do GR evitar zonas de menor risco (corredor central), este não encontrou contextos favoráveis para a manutenção da posse de bola (CJCPIR, $z=2,46$).

Na *Lag 1* observaram-se condutas comportamentais ativadas, principalmente, a partir do desenvolvimento por distribuição com pés curto ($z=8,88$) e atraso médio ($z=6,65$).

Tabela 36 – Padrão de Conduta Critério Atraso Cabeça.

IPO – ATRASO CABEÇA						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPDMCRT (2,52)				
FPO						
ZONAS	2 (2,28)	2 (2,31)	3E (2,97)			
C.J.						
TRANS.						

Analisando a tabela 36, observou-se a zona 2 ($z=2,28$) na *lag 0*, na *Lag 1* a DPDMCRT ($z=2,52$) como comportamento ativado na zona 2 ($z=2,31$).

Tabela 37 – Padrão de Conduta Critério Saídas com as Mãos.

IPO – SAÍDAS MÃOS						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPDMCRT (7,56)				
FPO						
ZONAS	3E (2,10)	3E (4,69)	3D (2,45)	5D (4,95)		
	3D (6,59)	5C (3,35)	4E (2,07)	9E (2,67)		
C.J.		SPSA (2,23)		CPIA (2,67)		
TRANS.						

Na *lag 0* verificaram-se as zonas laterais da grande área 3E ($z=2,10$) e 3D ($z=6,59$), com um desenvolvimento na *Lag 1* de distribuição com as mãos curta ($z=7,56$) como comportamento ativado nas zonas 3E ($z=4,69$) e 5C ($z=3,35$), num contexto de interação favorável à manutenção da posse de bola (CJSPSA, $z=2,23$).

Tabela 38 – Padrão de Conduta Critério Saídas com os Pés.

IPO – SAÍDAS PÉS						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPDPLG (6,81)				
FPO		FPDF (4,84) FPBADV (3,17)				
ZONAS	4E (3,21)	9E (2,27)				
	5E (5,59)	9D (2,47)				
	7E (7,57)	11E (2,41)				
	7D (7,57)					
C.J.		CPIA (5,07) CPIP (2,06)				
TRANS.						

De acordo com a tabela 38, verificaram-se como expectáveis as zonas fora da grande-área ativadas, 4E ($z=3,21$), 5E ($z=5,59$), 7E ($z=7,57$) e 7D ($z=7,57$), deste modo encontrou-se ativado na *Lag 1* o comportamento de distribuição com os pés longa ($z=6,81$), optando o GR por situações de passe longo e de menor risco, visto ser uma situação onde o GR se encontra fora da sua zona de baliza.

Na *Lag 0* verificou-se a *max lag* para as condutas estruturais de espacialização, visto esta ser ativada por mais de uma zona na *Lag 1*.

Na *Lag 2* observaram-se dois tipos de final de processo ofensivo, um com eficácia relativa (FPDF, $z=4,84$) ocorrendo finalização e outro sem eficácia em que a bola foi recuperada pelo adversário (FPBADV, $z=3,17$).

Tabela 39 – Padrão de Conduta Critério Remate.

IPO – REMATE						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPDMCRT (2,55) DPDMMD (3,44) DPPGRLG (7,40)				
FPO						
ZONAS	1 (4,83)	10E (2,90) 10D (7,62)	8D (2,76)	10E (3,43)		
C.J.						
TRANS.		TRAP (2,64) TLEN (2,32)				

Analisando a tabela 39, verificou-se como expectável a zona 1 na *Lag 0* ($z=4,83$).

Na *Lag 1*, a conduta de DPPGRLG ($z=7,40$) apresentou valores superiores às de DPDMCRT ($z=2,55$) e DPDMMD ($z=3,44$), existindo uma grande probabilidade para que este seja executado para a zona 10D ($z=7,62$) e 10E ($z=2,90$), em situações de transição rápida (TRAP, $z=2,64$) ou em transição lenta (TLEN, $z=2,32$). Estes valores denotaram uma preocupação do GR em procurar momentos de desequilíbrios na equipa adversária após um ataque adversário.

Tabela 40 – Padrão de Conduta Critério Cruzamento.

IPO – CRUZAMENTO						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPDMCRT (6,95) DPDMMD (4,38)				
FPO			FPCSMO (2,85)	FPBADV (6,32)		
ZONAS	1 (3,93)		5D (2,48)	5E (3,86) 11E (2,06)	10D (2,11)	
C.J.		SPINP (2,67)	CPIA (2,06)			
TRANS.		TLEN (3,46)				

De acordo com a tabela 40, verificou-se a zona 1 ativada ($z=3,93$), denotando pouca intervenção por parte do GR fora da zona da pequena área.

A *Lag 1* revelou um padrão de distribuição curta com as mãos ($z=6,95$) e média ($z=4,38$) em situação de transições lenta, num contexto favorável de interação (CJSPINP, $z=2,67$), revelando preocupação por parte do GR na manutenção da posse de bola, objetivando a recuperação e a reorganização defensiva (Barreira, 2013).

Na *Lag 2*, constatou-se a probabilidade da equipa em conseguir alcançar o setor médio ofensivo, revelando assim eficácia através do jogo curto.

Por outro lado, verificou-se ativada na *Lag 2* a zona 5D ($z=2,48$) e na *Lag 3* a zona 5E ($z=3,86$), sugerindo novo desenvolvimento através da circulação da bola através do GR.

Ainda na *Lag 2* verificou-se o desenvolvimento em contexto desfavorável de interação (CJCPIA, $z=2,06$), apesar de possuir uma reduzida força de coesão, revelando-se na *Lag 3* o

final de processo ofensivo, onde bola foi direcionada para o adversário ($z=6,32$), provavelmente na zona 11E ($z=2,06$), na *Lag 4* a zona 10D ($z=2,11$) foi ativada com pouca força de coesão.

Tabela 41 – Padrão de Conduta Critério Canto.

IPO – CANTO						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPDMMD (3,39) DPPGRLG (3,39)				
FPO			FPBADV (2,04)			
ZONAS		6D (2,13)				
C.J.		CPIA (2,05)				
TRANS.		TRAP (3,84)				

Analisando a tabela 41, não se verificaram zonas ativadas na *Lag 0*.

Na *Lag 1*, o desenvolvimento do processo foi ativado pela DPDMMD ($z=3,39$), tal como o DPPGRLG ($z=3,39$), existindo a probabilidade de ocorrer uma distribuição com as mãos na zona 6D ($z=2,13$). Ainda neste retardo, observou-se um desenvolvimento em contextos de interação desfavoráveis (CJCPIA, $z=2,05$), através de situações de transição rápida ($z=3,84$).

A *Lag 2* foi ativada, com final de processo ofensivo em que a bola foi direcionada para o adversário ($z=2,04$), apesar do reduzido fator de coesão.

Desta forma, denotou-se intencionalidade no GR em procurar desequilíbrios na equipa adversária, no entanto sem eficácia.

Tabela 42 – Padrão de Conduta Critério Livre Direto.

IPO – LIVRE DIRETO						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPDMMD (7,17)				
FPO			FPSO (2,29)			
ZONAS		6D (4,86)	10D (3,97)			
C.J.						
TRANS.						

Analisando a tabela 42, não se verificaram zonas ativadas na *Lag 0*.

Na *Lag 1*, o desenvolvimento do processo foi ativado pela DPDMMD ($z=7,17$), com probabilidade de ocorrer uma distribuição com as mãos na zona 6D ($z=4,86$).

A *Lag 2* foi ativada, com final de processo ofensivo onde a equipa atingiu o setor ofensivo ($z=2,29$), com probabilidade de ocorrer na zona 10D ($z=3,97$).

Tabela 43 – Padrão de Conduta Critério Livre Indireto.

IPO – LIVRE INDIRETO						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPDMCRT (4,28) DPPGRLG (2,66)				
FPO						
ZONAS	2 (2,68)					
C.J.						
TRANS.						

Analisando a tabela 43, a zona 2 foi ativada na *Lag 0* ($z=2,68$), revelando maior intervenção por parte do GR na área, provavelmente por ser uma situação onde a bola estava longe da área, existindo espaço de intervenção entre a baliza e a linha defensiva.

Na *Lag 2*, o desenvolvimento do processo foi ativado pela DPDMCART ($z=4,28$) e por DPPGRLG ($z=2,66$).

Tabela 44 – Padrão de Conduta Critério Perda de bola pelo Adversário.

IPO – PERDA DE BOLA ADVERSÁRIO						
	L0	L1	L2	L3	L4	L5
DPO		DPDMCART (6,70) DPDPCRT (2,08) DPPGRMD (2,42)				
FPO			FPSO (2,07) FPFG (2,14)			
ZONAS	3E (5,70) 3D (3,28) 4D (3,44)	5E (3,52) 11D (2,42)	11D (3,56)			
C.J.		SPSA (3,19)				
TRANS.		TLEN (2,85)				

Analisando a tabela 44, verificou-se na *lag 0* ativadas as zonas 3E ($z=5,70$), 3D ($z=3,28$) e 4D ($z=3,44$), com maior probabilidade de desenvolvimento através de distribuição curta com as mãos ($z=6,70$), ocorrendo o *max lag* na *Lag 1*.

Na *Lag 1* verificaram-se ativadas as zonas 5E ($z=3,52$) e 11D ($z=2,42$), existindo desenvolvimento em contextos de interação favoráveis (CJSPSA, $z=3,19$), através de situações de transição lenta ($z=2,85$).

4.4.1.1. Síntese da Análise Sequencial relativa ao Início do Processo Ofensivo

Interpretando os resultados da análise sequencial realizada sobre o início do processo ofensivo por parte do GR, identificaram-se padrões estruturais de acordo com a zona de início. Assim, a maioria das condutas iniciaram-se nas zonas centrais da área, exceto nas ações de saídas por parte do GR, livres e pela perda da posse de bola por parte do adversário, implicando movimentação para zonas laterais por parte do GR.

Nos padrões comportamentais inferimos a preponderância do jogo curto por parte do GR, verificando-se elevados fatores de coesão em oito das condutas critério, no entanto, podemos também afirmar que existiu grande diversidade nas diferentes condutas apesar do seu menor fator de coesão.

Relativamente a condutas de interação, constatou-se pouca ativação nas condutas critério, no entanto, observaram-se contextos sem pressão em momentos em que o GR possuía a bola nas suas mãos, revelando boas decisões.

A estruturação do instrumento de observação realizado, induziu a uma reduzida longevidade de ativação das condutas critério, no entanto, constatou-se que em seis dessas condutas existiram condutas comportamentais de FPO, verificando-se homogeneidade no seu grau de eficácia.

Neste sentido, podemos descrever a conduta critério de Cruzamento como a que obteve maior longevidade de ativação, alcançando a *Lag 4*, verificando-se várias ações comportamentais por parte do GR na mesma sequência de observação.

4.4.2. Desenvolvimento do Processo Ofensivo

A análise das condutas critério do DPO implicaram uma análise prospetiva e outra retrospectiva. Deste modo, analisando as tabelas 45, 46 e 47 referentes à conduta de desenvolvimento por pontapé de baliza, compreende-se que na *lag -1* exista o padrão ativado de IPO através de pontapé de baliza na zona 1.

Tabela 45 – Padrão de Conduta Critério Pontapé de Baliza Curto.

DPO – PONTAPÉ DE BALIZA CURTO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPPB (16,63)		FPCM (6,17)		
ZONAS			1 (13,00)	3E (7,28) 3D (6,42)	2 (2,38) 3D (3,16) 5E (2,20) 6E (2,73)	5C (2,15) 11D (2,15)	
CJ				CJSPSA (4,34)			
TRANS.				TMD (2,28)			

Na tabela 45 verificaram-se as zonas 3E ($z=7,28$) e 3D ($z=6,42$) ativadas na *Lag 0*, com um contexto de interação favorável (CJSPSA, $z=4,34$), através de situações de transição média ou normal (TMD, $z=2,28$).

Observou-se na *lag 1* como padrão excitatório o FPCM ($z=6,17$), ocorrendo um fluxo de jogo pouco eficaz, o qual apenas garantiu a manutenção da posse de bola no setor defensivo e médio-defensivo, verificando-se a *max lag* na *lag 1* para as condutas espaciais.

Tabela 46 – Padrão de Conduta Critério Pontapé de Baliza Médio.

DPO – PONTAPÉ DE BALIZA MÉDIO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPPB (4,40)		FPBRECA (2,31)		
ZONAS			1 (3,48)	6E (9,05) 7E (2,01)	6E (3,43)		
CJ				CJCPIP (4,39)			
TRANS.							

Na tabela 46 verificou-se a *Lag 0* ativada nas zonas 6E ($z=9,05$) e 7E ($z=2,01$), com um contexto de interação desfavorável (CJCPIR, $z=4,39$), subentendendo-se direcionalidade, no corredor esquerdo. No entanto, a *lag 1* revelou pouca eficácia do processo, observando-se valores superiores ($z=2,31$) para bola recuperada pelo adversário.

Tabela 47 – Padrão de Conduta Critério Pontapé de Baliza Longo.

DPO – PONTAPÉ DE BALIZA LONGO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPPB (8,59)		FPDF (2,52) FPBRECA (5,72)		
ZONAS			1 (6,78)	8E (3,64) 8D (4,35) 9E (3,86) 9D (5,97)			
CJ				CJCPIR (5,58)			
TRANS.							

Na tabela 47 verificou-se a *Lag 0* ativada de forma idêntica às zonas do SMO, apresentando contextos de interação desfavoráveis (CJCPIR, $z=5,58$).

A *Lag 1* apresentou dois tipos de padrões finais, um com ineficácia (FPBRECA, $z=5,72$), apresentando um maior fator de coesão, no entanto constatou-se que o PB longo conferiu alguma possibilidade de eficácia, neste caso ao alcançar o setor ofensivo com finalização ($n=2,52$).

As seguintes tabelas referem-se ao desenvolvimento através de livres.

Tabela 48 – Padrão de Conduta Critério Livre Curto.

DPO – LIVRE CURTO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPPL (13,94)		FPCM (2,06)		
ZONAS				3D (2,93)	7E (2,45) 8E (2,52)	6E (2,06) 10D (2,52)	
CJ				CJSPSA (2,74)			
TRANS.					TRAP (2,29)		

Na tabela 48 verifica-se a *Lag 0* ativada na zona 3D ($z=2,93$), com um contexto de interação favorável (CJSPSA, $z=2,74$), desenvolvendo na *lag 1* um padrão ativado de FPCM ($z=2,06$), nas zonas 7E ($z=2,45$) e 8E ($z=2,52$).

Tabela 49 – Padrão de Conduta Critério Livre Médio.

DPO – LIVRE MÉDIO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPPL (5,19)		FPDSO (3,09)		
ZONAS			7E (7,66)	7D (3,34)	9E (2,24) 11D (2,73)		
CJ							
TRANS.							

Na tabela 49 verificou-se a zona 7D ativada ($z=3,34$) na *Lag 0*, desenvolvendo-se na *lag 1* um padrão ativado de FPDSO ($z=3,09$), nas zonas 9E ($z=2,24$) e 11D ($z=2,73$), revelando eficácia através de alcance do SO, após duelos com adversários.

Tabela 50 – Padrão de Conduta Critério Livre Longo.

DPO – LIVRE LONGO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPPL (12,87)		FPDSO (2,05) FPBRECA (4,90)		
ZONAS			4E (3,37)	8E (6,99) 9D (2,71) 10E (3,43)	9E (2,27) 9D (2,22)		
CJ				CJCPIA (2,10) CJCPIP (2,82)			
TRANS.							

Na tabela 50 verifica-se a *Lag 0* na zona 8E com forte fator de coesão ($z=6,99$), decorrendo na *lag 1* um padrão excitatório de ineficácia FPBRECA ($z=4,09$) e outro de eficácia FPDSO ($z=2,05$).

As seguintes tabelas referem-se ao DPO através de distribuição com as mãos.

Tabela 51 – Padrão de Conduta Critério Distribuição Mãos Curta.

DPO – DISTRIBUIÇÃO COM AS MÃOS CURTA							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPAC (2,52) IPSM (7,56) IPR (2,55) IPCZ (6,95) IPLI (4,28) IPPDIND (6,70)		FPCMSMO (3,55) FPSO (2,18)	FPBADV (2,16)	FPSO (2,11)
ZONAS			3E (3,87)	2 (3,39) 3E (4,20) 5E (2,48)	3D (2,36)		10D (2,22)
CJ				CJSPSA (5,97)	CJCPIA (2,25)		
TRANS.				TMD (2,69)			

Analisando a tabela 51 de forma retrospectiva, verificou-se que o desenvolvimento através de distribuição curta com as mãos, ocorrendo com elevada probabilidade após momentos defensivos por parte do GR.

Verificou-se na *lag 0* exitadas as zonas 2 ($z=3,39$), 3E ($z=4,20$) e 5E ($z=2,48$), num contexto de interação favorável (CJSPSA, $z=5,48$), através de situações de transições médias ou normais.

Na *lag 1* foram apresentados dois prováveis padrões de conduta de FPO para este critério, ambos com eficácia (FPCMSMO, $z=3,55$) e (FPSO, $z=2,18$), revelando capacidade de a equipa chegar a zonas mais ofensivas através de jogo curto.

Observando-se a conduta de distribuição com as mãos um padrão temporal maior que as restantes condutas, através de uma análise prospetiva, alcançando a *lag 3*, compreendendo a circulação da posse de bola pelo GR, no entanto, nem sempre com o melhor critério, ocorrendo na *lag 2* o desenvolvimento com perda da posse de bola (FPBADV, $z=2,16$) em contextos de interação desfavoráveis (CJCPIA, $z=2,25$). No entanto, na *lag 3* manifestou-se desenvolvimento com eficácia, existindo a probabilidade de alcance do setor ofensivo (FPSO, $z=2,11$), na zona 10D ($z=2,22$).

Tabela 52 – Padrão de Conduta Critério Distribuição Mãos Média.

DPO – DISTRIBUIÇÃO COM AS MÃOS MÉDIA							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPR (3,44) IPCZ (4,38) IPC (3,39) IPLD (7,17)		FPCMSMO (3,30)		
ZONAS			1 (2,52)	6E (2,69) 6D (4,90) 7D (4,90)	10D (2,39)		
CJ				CJSPINP (5,06)			
TRANS.				TRAP (5,35)			

Na tabela 52 indicou-se na *lag -1* o IPO através de momentos defensivos, ocorrendo o seu desenvolvimento nas zonas 6E ($z=2,69$), 6D ($z=4,90$) e 7D ($z=4,90$), num contexto de interação favorável (CJSPINP, $z=5,06$) através de transições rápidas ($z=5,35$).

O padrão de comportamento descrito revelou situações de FPO com alcance do setor médio ofensivo (FPCMSMO, $z=3,30$), apesar de ser a zona 10D ($z=2,39$) no setor ofensivo com maior probabilidade de ocorrência.

Em suma, uma distribuição média e rápida com as mãos, tende a alcançar zonas ofensivas por parte da equipa, procurando o GR, desta forma, desequilíbrios na equipa adversária.

As seguintes tabelas referem-se ao DPO através de distribuição com os pés.

Tabela 53 – Padrão de Conduta Critério Distribuição Pés Curta.

DPO – DISTRIBUIÇÃO COM OS PÉS CURTA							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPA (8,88) IPPDIND (2,08) IPC (3,39)		FPCM (3,22) FPSO (4,02) FPF (2,39)		
ZONAS		2 (2,19)	2 (3,47) 3D (2,66) 5D (2,78)	4E (3,09) 5C (4,32) 5E (5,81) 5D (6,17)			
CJ				CJSPSA (9,20)			
TRANS.				TMD (4,49)			

Analisando a conduta de distribuição com os pés curta, a *lag 0* revelou as zonas perto da área ativadas, num contexto de interação favorável (CJSPSA, $z=9,20$), através de transições médias ou normais ($z=4,49$).

A *lag -1* apresentou o padrão de conduta atrasos ($z=8,88$) como o de maior probabilidade de ocorrência, revelando assim uma preponderância do jogo curto por parte do GR, de acordo com as zonas ativadas na *lag 0*.

Na *lag -1* verificou-se ativado o início através de cantos ($z=3,39$) para a conduta critério de distribuição com os pés curta, podendo assim ser compreendida desde o posicionamento da equipa no seu setor defensivo desde um esquema tático defensivo, existindo, desta forma, um menor número de referências de saída para o ataque, promovendo a colocação da bola no solo por parte do GR, evitando assim a lei dos 6``.

Tabela 54 – Padrão de Conduta Critério Distribuição Pés Média.

DPO – DISTRIBUIÇÃO COM OS PÉS MÉDIA							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPA (3,50)			FCM (2,19)	
ZONAS			5C (6,32)	6E (3,01) 6D (4,62) 7E (6,94) 7D (6,85)		6E (2,60)	
CJ							
TRANS.							

A tabela 54 indicou na *lag 0* uma diversidade de zonas, não demonstrando qualquer tipo de direccionalidade. A *lag -1* revelou o padrão de conduta com maior probabilidade de ocorrência ser através de atrasos ($z=3,50$).

Numa análise prospetiva, esta conduta não apresentou comportamentos ativados na *lag 1*, revelando-se na *lag 2* com o FPO a ter a probabilidade de alcançar apenas o setor médio defensivo (FPCM, $z=2,19$), na zona 6E ($z=2,60$).

Tabela 55 – Padrão de Conduta Critério Distribuição Pés Longa.

DPO – DISTRIBUIÇÃO COM OS PÉS LONGA							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPA (2,69) IPSP (7,33)		FPFG (2,54) FPDSO (3,75) FPDF (3,62) FPBRECA (3,42) FPBADV (2,53)		
ZONAS	2 (2,07)	4E (2,42) 5D (2,42)	5E (2,50) 7E (4,52) 7D (3,06)	8E (3,55) 8D (2,50) 9E (9,21) 9D (4,64) 11E (5,95) 11D (3,11)	9E (5,00) 11E (3,88)		
CJ				CJCPIR (5,37) CJCPIA (5,38) CJCPIP (3,37)			
TRANS.				TRAP (7,56)			

De acordo com a tabela 55, o desenvolvimento através da distribuição longa com os pés foi observado com elevada probabilidade, suscetível de uma ação indutora de eficácia ofensiva, tais como: FPFG ($z=2,54$), FPDSO ($z=3,75$) e FPDF ($z=3,62$), apesar de ser uma ação com uma probabilidade de finalizar com a perda de bola, visto ser uma ação que propicia situações de duelos com os adversários.

Na *lag 0* constatou-se que as zonas do lado esquerdo do campograma apresentaram valores de referência superiores aos do lado direito, perspetivando assim uma direcionalidade, na distribuição por parte do GR.

Relativamente ao contexto interativo, observou-se um centro de jogo com pressão adversária, em contextos de transições rápidas.

Analisando a *lag -3,-2 e -1*, observaram-se condutas ativadas nas zonas mais recuadas do campo, perspetivando-se padrões de jogo de posse e circulação através do GR, indo ao encontro do estudo de Barreira (2013) o qual, refere que antes da ocorrência do passe longo, o fluxo de jogo desenvolve-se por zonas recuadas do terreno (setor defensivo e setor médio-defensivo). Na *lag -1* foram apresentados dois prováveis padrões de conduta de IPO para este critério, sendo eles o atraso (IPA, $z=2,54$) e a saída com os pés (IPSP, $z=7,33$).

As seguintes tabelas referem-se ao DPO através de atrasos.

Tabela 56 – Padrão de Conduta Critério Atraso Curto.

DPO – ATRASO CURTO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPA (3,18)		FPBF (6,95)		
ZONAS		5E (3,00)	4D (2,44)	4E (2,24) 4D (4,04)	4E (4,71) 4D (4,16)	5E (3,81)	
CJ				CJCPIP (3,02)			
TRANS.							

Analisando a conduta de atraso curto, a *lag 0* indicou ativadas as zonas laterais (4E, $z=2,24$ e 4D, $z=4,04$), num contexto de interação desfavorável (CJCPIP, $z=3,02$).

Na *lag 1* constatou-se com grande probabilidade a existência de um FPO com bola fora (FPBF, $z=6,95$), procurando, desta forma que o GR evite riscos em situações de pressão adversária, retirando a bola do corredor central.

Na *lag -1 e -2* existiram zonas ativadas, indicando a probabilidade de ocorrer circulação da posse de bola com o GR.

Tabela 57 – Padrão de Conduta Critério Atraso Médio.

DPO – ATRASO MÉDIO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPA (6,65)		FPDCM (3,84) FPBRECA (2,50) FPBADV (3,44) FPBF (4,20)		
ZONAS		2 (3,04)		6E (8,10) 6D (8,19) 7E (2,24) 7D (5,37)	6E (2,50) 6D (2,66) 7E (2,35) 7D (2,26)		
CJ			CJCPIP (2,09)	CJCPIP (6,13) CJSPSR (2,46)			
TRANS.							

Na tabela 57 verificou-se na *lag 0* uma diversidade de zonas, não se verificando direcionalidade, tal como a conduta de distribuição média com os pés. De acordo com a *lag 1*, observou-se com maior probabilidade condutas de FPO não eficazes (FPBRECA, $z=2,50$), (FPBADV, $z=3,44$) e (FPBF, $z=4,20$). Ainda assim verificou-se a conduta de FPDCM ($z=3,84$) a qual se refere a situações de eficácia relativa, com manutenção da posse de bola no $\frac{1}{2}$ campo defensivo ou no SMO, após situações de duelos.

Em suma, constatou-se a dificuldade de o GR sob pressão encontrar colegas claramente livres e com linhas de passe em zonas médias, ocorrendo alguma falta de critério nas suas ações, ou por sua vez, a pouca mobilidade dos seus colegas em encontrar zonas livres e de ser opção para o GR através da criação de linhas de passe.

Desta forma, PE (Anexo I) referiu ser muito importante treinar o que se joga e por isso o treino deve ser o mais direcionado possível, para as ações que um GR tem em jogo, onde o tipo de treino *Específico de Equipa* planeia situações de jogo com bola em que estão presentes companheiros e adversários, pelo que a componente percetivo-decisória é muito elevada.

Tabela 58 – Padrão de Conduta Critério Atraso Longo.

DPO – ATRASO LONGO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPA (5,43)		FPDFG (4,47) FPBRECA (4,30) FPINF (3,00)	FPDCM (3,03)	
ZONAS			5C (3,05)	8E (2,59) 8D (4,49) 9E (2,25) 9D (6,16) 11E (2,64)	9D (6,06)	7D (3,37)	
CJ				CJCPIR (5,78) CJCPIA (4,45)			
TRANS.			TLEN (2,26)	TRAP (2,34)			

Através da tabela 58 verificou-se que o desenvolvimento através de atraso longo foi, com elevada probabilidade, suscetível de uma ação indutora de eficácia ofensiva, FPDFG ($z=4,47$), em contrapartida, constatarem-se comportamentos ineficazes FPBRECA ($z=4,30$) e FPINF ($z=3,00$), como se verificou na *lag 1*. A *lag 0* revelou o corredor direito com valores superiores de coesão (8D, $z=4,49$ e 9D $z=6,16$).

Relativamente ao contexto interativo, observou-se o centro de jogo com pressão adversária através de transições rápidas.

Analisando esta conduta, os dados obtidos revelaram existir situações de circulação da posse de bola com o GR, verificando-se na *lag 2*, FPO com garantia da posse de bola no $\frac{1}{2}$ campo defensivo ou no SMO, após duelos com o adversário

De acordo com as condutas de PGR, apenas a de PGR longo teve algum fator de coesão, visto o PGR curto não ter tido nenhuma ocorrência e a de PGR média apenas uma, tal como apresentado nos quadros de análise descritiva do DPO (Anexo XIII).

Tabela 59 – Padrão de Conduta Critério Pontapé de Guarda-Redes Longo.

DPO – PONTAPÉ DE GR LONGO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPR (7,40) IPC (3,39) IPLI (2,66)		FPBRECA (2,68) FPBADV (4,83)		
ZONAS			1 (2,52)	9E (2,04) 10E (8,81) 10D (10,87) 11E (2,23)			
CJ				CJCPIR (2,57) CJCPIA (2,87)			
TRANS.				TRAP (5,35)			

Através dos dados apresentados na tabela 59, verificou-se que o desenvolvimento através PGR longo foi, com elevada probabilidade, suscetível de uma ação indutora de

ineficácia ofensiva, tais como: FPBRECA ($z=2,68$) e FPADV ($z=4,83$), em contextos de pressão adversária (CJCPIR, $z=2,57$ e CJCPIA, $z=2,87$) e transições rápidas.

4.4.2.1. Síntese da Análise Sequencial relativa ao Desenvolvimento do Processo Ofensivo

A interpretação dos resultados da análise sequencial realizada sobre o desenvolvimento do processo ofensivo por parte do GR, levou-nos a identificar uma grande diversidade de padrões estruturais de acordo com a zona de desenvolvimento.

Nos padrões comportamentais e contextuais de interação, existiram três perspetivas de desenvolvimento a partir da sua distância (curta, média, e longa).

Nas condutas critério de ações com distâncias curtas, verificou-se uma maior probabilidade de contextos de interação sem pressão e de condutas comportamentais de FPO com eficácia, nomeadamente de manutenção da posse de bola no $\frac{1}{2}$ campo defensivo, médio-ofensivo e até com momentos de alcance do setor ofensivo.

Neste sentido, podemos aferir que os padrões de conduta a partir de esquemas táticos tiveram tendência a terminar em manutenção da posse de bola no $\frac{1}{2}$ campo defensivo (FPCM), não se verificando dinâmicas de sucesso por parte da equipa nestes momentos, tal como em situações de atraso ao GR, sendo que neste momento estas ações de desenvolvimento por atraso curto sugeriram ser ações de erros ou de ações defensivas por parte do GR, procurando a colocação da bola fora (FPBF). Por outro lado, os padrões de distribuição com as mãos e com os pés demonstraram dinâmicas de sucesso (FPSMO / SO / F), provavelmente devido ao GR possuir mais tempo neste momento de 1ª fase de construção, demonstrando maior capacidade de decisão e perceção das dinâmicas da equipa,

As condutas critério com ações de distâncias médias apresentaram resultados muito diversificados, por sua vez, as condutas critério com ações de distâncias longas apresentaram resultados de contextos de interação com pressão. Constatando-se para condutas comportamentais de FPO resultados de eficácia relativa, com o alcance do setor ofensivo, de finalizações e golos, contrapondo os resultados de ineficácia com a bola a ser recuperada pelos adversários neste tipo de jogo.

As condutas critério com distâncias curtas revelaram transições médias ou normais, ao invés das condutas com distâncias médias e longas, as quais revelaram maior probabilidade de transições rápidas.

4.4.3. Final do Processo Ofensivo

De forma a finalizar a análise do presente estudo, pretendeu-se encontrar através de uma análise retrospectiva, indicadores que permitiram relacionar os diversos comportamentos finais.

Dividindo-se desta forma em três tipos de condutas finais:

- Condutas de final eficaz: receção da posse de bola de um colega, garantindo a manutenção da posse de bola no ½ campo defensivo (FPcm), atingindo o setor médio ofensivo (Fpcmsmo), receção da posse de bola de um colega, com progressão para o ataque atingindo o setor ofensivo (Fpso), atingindo finalização (FPf) e com obtenção de golo (FPfg);
- Condutas de final com eficácia relativa: passe do GR com bola dividida entre companheiro e adversário (Duelo), garantindo a manutenção da posse de bola no ½ campo defensivo e no SMO (FPdcm), com progressão para o ataque atingindo o setor ofensivo (Fpdso), atingindo finalização (FPdf) e Obtenção de golo (FPdfg);
- Condutas de final sem eficácia: recuperação da bola por um adversário após duelo (Fpbrecadv), bola diretamente colocada no adversário (Fpbadv), bola para fora (FPbf) e bola colocada num colega onde ocorre infração por parte deste (Fpinf).



Gráfico 20 - Frequência Absoluta e % de condutas com Final Eficaz.

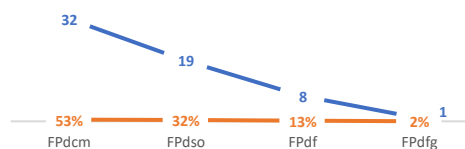


Gráfico 21 - Frequência Absoluta e % de condutas com Final Eficácia Relativa

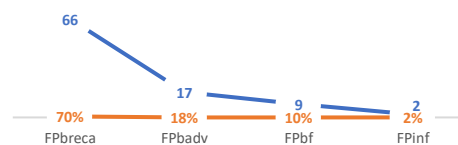


Gráfico 22 - Frequência Absoluta e % de condutas Sem Eficácia.

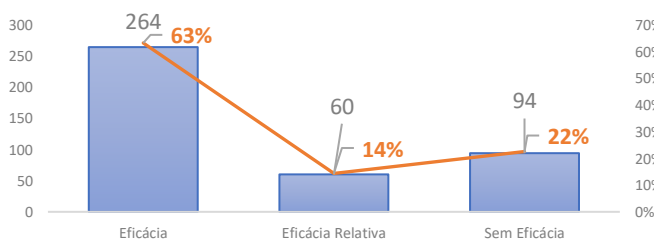


Gráfico 23 - Frequência Absoluta e % de acordo com as Condutas Finais.

4.4.3.1. Final do Processo Ofensivo com Condutas Finais com Eficácia

A apresentação e análise dos seguintes quadros apresentaram o fluxo condutural do jogo que permitem relacionar a eficácia do FPO com os comportamentos adotados (Barreira, 2013), numa análise retrospectiva, estando a *Lag 0* inerente à própria conduta critério.

Tabela 60 – Padrão de Conduta com Eficácia – Critério Manutenção Posse de Bola ½ Campo Defensivo.

FPO – MANUTENÇÃO POSSE BOLA ½ CAMPO DEFENSIVO						
	L -5	L -4	L -3	L -2	L -1	L0
IPO				IPPB (3,79)		
DPO				DPDPMD (2,19)	DPPBCRT (6,17) DPLCRT (2,06) DPDPCRT (3,22) DPACRT (1,99)	
ZONAS			3D (2,66) 5C (2,19)	1 (2,45) 3D (2,39)	3E (3,93) 3D (4,40) 4E (3,45) 4D (3,45)	3D (3,73) 4E (3,09) 4D (4,76) 5E (3,41) 6E (6,28) 6D (3,31) 7E (4,67) 7D (3,43)
CJ.					CJSPSA (7,00)	
TRANS.					TLEN (2,67)	

Deste modo, através da tabela 60, verificou-se na *Lag 0* uma grande diversidade de zonas referentes ao final de processo ofensivo, de acordo com esta conduta padrão.

Interpretando os resultados relativos às diferentes condutas, constatou-se que o padrão com maior forte associação entre as condutas objeto e a conduta critério foi, com maior probabilidade de ocorrência, na *Lag -2*, o início do processo através de um Pontapé de baliza ($z=3,79$), desenvolvido da maneira curta ($z=6,17$) para a zona 3D ($z=4,40$), numa situação de não pressão e superioridade absoluta ($z=7,00$), e num contexto de transição lenta ($z=2,67$).

Constatou-se na *Lag -2* o comportamento de desenvolvimento do processo (DPDPMD, $z=2,19$), apesar do seu reduzido fator de coesão, inferindo os momentos de circulação da posse de bola com o GR após um início desconhecido.

Tabela 61 – Padrão de Conduta com Eficácia – Critério Manutenção Posse de Bola no Setor Médio Ofensivo.

FPO – MANUTENÇÃO POSSE BOLA NO SETOR MÉDIO OFENSIVO						
	L -5	L -4	L -3	L -2	L -1	L0
IPO				IPCZ (2,85)		
DPO					DPDMCRT (3,55) DPDMMD (3,30)	
ZONAS				3E (2,30)	5C (5,24)	8E (9,55) 8D (5,57) 9E (2,76) 9D (2,65)
CJ.					CJSPINP (2,37) CJSPSA (4,80)	
TRANS.						

Na tabela 61 observou-se que a *Lag 0* apresentou todas as zonas do SMO ativas, existindo grande probabilidade de ocorrer na zona 8E ($z=9,55$). A *Lag -2* apresentou como conduta ativada a do início do processo através de cruzamento ($z=2,85$), desenvolvido por distribuição curta ($z=3,55$) e média com as mãos ($z=3,30$), em situações de não pressão e superioridade absoluta ($z=4,80$) e igualdade não pressionada ($z=2,37$). Desta forma, inferimos uma decisão assertiva do GR aquando da posse de bola nas suas mãos, procurando a sua distribuição em contextos favoráveis de interação.

Tabela 62 – Padrão de Conduta com Eficácia – Critério Atingir o Setor Ofensivo.

FPO – ATINGIR O SETOR OFENSIVO						
	L -5	L -4	L -3	L -2	L -1	L0
IPO		IPCZ (1,98)	IPR (3,56)	IPLD (2,29) IPPDIND (2,07)		
DPO			DPDMCRT (2,11)		DPDMCRT (2,18) DPDPCRT (4,02)	
ZONAS				6D (2,38) 7E (1,96)	5E (4,07) 5D (2,98) 11D (2,38)	10E (10,68) 10D (8,86) 11E (2,37)
CJ.					CJSPSA (6,21)	
TRANS.			TLEN (3,16)			

Analisando a tabela 62, na *Lag 0* verificou-se a zona 10E ($z=10,68$) com maior fator de coesão. Constatou-se na *Lag -1* que o desenvolvimento do processo se efetuou através de jogo curto, principalmente através da distribuição com os pés ($z=4,02$). Existindo para este critério grande diversidade de condutas de IPO, sendo que o seu desenvolvimento foi com maior probabilidade efetuado de forma curta.

Tabela 63 – Padrão de Conduta com Eficácia - Critério Atingir Finalização.

FPO – FINALIZAÇÃO						
	L -5	L -4	L -3	L -2	L -1	L0
IPO						
DPO					DPDPCRT (2,39)	
ZONAS				5D (2,05)		11E (6,95) 11D (7,43)
CJ.						
TRANS.						

Constatou-se apenas ativada a conduta de distribuição curta com os pés na *Lag -1*, verificando-se um fluxo de condutas muito reduzido, apesar de ter existido algo desconhecido na *Lag -2*, na zona 5D ($z=2,05$).

Tabela 64 – Padrão de Conduta com Eficácia – Critério Obtenção de Golo.

FPO – GOLO						
	L -5	L -4	L -3	L -2	L -1	L0
IPO				IPPDIND (2,14)		
DPO					DPDPLG (2,54)	
ZONAS						11D (5,60)
CJ.						
TRANS.						

Analisando a tabela 64, na *Lag 0* observou-se uma grande probabilidade de obtenção na zona 11D ($z=5,60$). Na *Lag -1* e *Lag -2* as condutas de desenvolvimento através de distribuição longa com os pés e de um início após a recuperação da posse de bola de forma indireta encontraram-se ativadas.

Desta forma, uma ação de jogo aparentemente simples, como um passe longo, pode induzir desequilíbrio no balanço ataque/defesa e provocar ruturas no sistema defensivo do adversário (Garganta, Marques e Maia, 2002; cit. Por Lopes, 2007).

4.4.3.1. Final do Processo Ofensivo com Condutas Finais com Eficácia Relativa

Tabela 65 – Padrão de Conduta com Eficácia Relativa – Critério Manutenção Posse de Bola no Setor Defensivo, Setor Médio Defensivo e Setor Médio Ofensivo.

FPO – MANUTENÇÃO DA POSSE DE BOLA NO SD, SMD E SMO APÓS DUELO						
	L -5	L -4	L -3	L -2	L -1	L 0
IPO				IPA (2,39)		
DPO				DPALG (3,03)	DPAMD (3,84)	
ZONAS		3E (2,11)		9D (3,48)	6D (2,25) 8E (3,28) 9E (2,37) 10D (2,26)	4E (2,12)
CJ.				CJCPIR (3,03)	CJCPIP (3,58)	
TRANS.					TRAP (2,69)	

Analisando a tabela 65, verificou-se na *Lag 0* a zona 4E ($z=2,12$), apesar do seu baixo fator de coesão. Através da análise retrospectiva, constatou-se na *Lag -1* o desenvolvimento por o atraso médio ($z=3,84$), em situação de igualdade pressionada ($z=3,58$) e num contexto de transição rápida ($z=2,69$). A *Lag -2* encontrou-se ativada por início através de atraso (2,39), e desenvolvimento por atraso longo, em contexto de pressão com inferioridade relativa.

Na *Lag -4* algo desconhecido aconteceu na zona 3E ($z=2,11$), sendo que a *Lag -3* não foi ativada.

Esta diversidade de ocorrências nas diferentes *Lag*, em diversas zonas, sugerem a utilização do GR como um elemento ativo na construção do jogo.

Tabela 66 – Padrão de Conduta com Eficácia Relativa – Critério Atingir o Setor Ofensivo.

FPO – ATINGIR SETOR OFENSIVO APÓS DUELO						
	L -5	L -4	L -3	L -2	L -1	L 0
IPO						
DPO					DPLMD (3,09) DPLLG (20,05) DPDPLG (3,75)	
ZONAS					8E (2,52) 10E (2,40)	10E (3,34) 10D (3,60) 11D (2,65)
CJ.					CJCPIP (4,27)	
TRANS.					TRAP (4,06)	

Relativamente à conduta de atingir o SO após duelos, parece ser compreensível a preponderância de um jogo médio/longo para que tal ocorra, existindo grande probabilidade de finalizar em 3 das 4 zonas do SO, tal como se verificou na *Lag 0*.

Na *Lag -1*, verificou-se o desenvolvimento com maior probabilidade através de livres longos ($z=20,05$), tal como através da distribuição longa com os pés ($z=3,75$), constatando-se que as transições rápidas foram, com alguma probabilidade, um meio de se poder chegar ao SO.

Tabela 67 – Padrão de Conduta com Eficácia Relativa – Critério Atingir Finalização.

FPO – ATINGIR FINALIZAÇÃO APÓS DUELO						
	L -5	L -4	L -3	L -2	L -1	L0
IPO				IPSP (4,84)		
DPO					DPPBLG (2,52) DPDPLG (3,62)	
ZONAS				7E (3,39) 7D (2,41)	9D (2,03) 11E (4,50)	11D (6,51)
CJ.					CJCPIA (2,61)	
TRANS.					TRAP (2,56)	

Analisando a tabela 67, na *Lag 0* encontrou-se ativada a zona 11D ($z=6,51$).

Na *Lag -1* verificou-se com maior probabilidade um desenvolvimento desde pontapé de baliza longo ($z=2,52$), através de distribuição longa com os pés ($z=3,62$), para as zonas 9D ($z=2,03$) e 11E ($z=4,50$), no contexto desfavorável de inferioridade absoluta ($z=2,61$) através de transições rápidas.

Analisando a *Lag -2*, constatou-se o início do processo através de saídas com os pés ($z=4,84$) com um forte fator de coesão, não se relevando uma relação direta entre esta conduta critério e a intervenção do GR, particularmente pelo número reduzido de ocorrência deste tipo de IPO ($n=7$: 2%) e por ser uma ação na qual o GR procurou eficácia através da distribuição longa para zonas distantes da sua baliza, evitando assim o erro.

Tabela 68 – Padrão de Conduta com Eficácia Relativa – Critério Obtenção de Golo.

FPO – OBTENÇÃO DE GOLO APÓS DUELO						
	L -5	L -4	L -3	L -2	L -1	L0
IPO						
DPO					DPALG (4,47)	
ZONAS					9E (3,42)	11E (3,60)
CJ.					CJCPIR (2,78)	
TRANS.						

Também, se observou a existência de um fluxo de condutas muito reduzido, no qual, o desenvolvimento por atraso longo ($z=4,47$) na *Lag -1* encontrou-se ativado, num contexto de inferioridade relativa.

4.4.3.2. Final do Processo Ofensivo com Condutas Finais sem Eficácia

Por fim, procurou-se entender os padrões de conduta Sem Eficácia, sabendo que o grau de sucesso das ações ofensivas dos guarda-redes está muito associado ao grau de compatibilidade de comportamentos da equipa (Santos, 2019), ou seja, a equipa deve ter bem definido as zonas onde quer receber a bola, após a mesma estar na posse do GR.

Tabela 69 – Padrão de Conduta sem Eficácia – Critério Recuperação de Bola pelo Adversário Após Duelo.

FPO – RECUPERAÇÃO DE BOLA PELO ADVERSÁRIO APÓS DUELO						
	L -5	L – 4	L -3	L -2	L -1	L0
IPO	IPPL (3,57)					
DPO					DPPBMD (2,31) DPPBLG (5,72) DPLLG (4,90) DPDPLG (3,42) DPAMD (2,50) DPALG (4,30) DPPGRMD (2,31) DPPGRLG (2,68)	
ZONAS			4E (2,02) 5D (2,02)	4E (2,13)	8D (4,32) 9E (4,37) 9D (7,08) 10E (2,43)	9E (5,37) 9D (5,22)
CJ.				CJCPIP (4,17)	CJCPIR (6,07) CJCPIA (3,49) CJCPIP (5,07))	
TRANS.					TRAP (2,25)	

A *Lag -1* foi ativada por grande diversidade de condutas de desenvolvimento do processo ofensivo, como se constata a partir da análise da tabela 69.

Tabela 70 – Padrão de Conduta sem Eficácia – Critério Bola direcionada diretamente para o Adversário.

FPO – BOLA DIRETA NO ADVERSÁRIO						
	L -5	L – 4	L -3	L -2	L -1	L0
IPO			IPCZ (6,32)	IPA (2,09) IPSP (3,17) IPC (2,04)		
DPO				DPDMCRT (2,16)	DPDPLG (2,53) DPAMD (3,44) DPPGRLG (4,83)	
ZONAS			1 (2,16)	5E (2,24)	7D (3,03) 11E (4,49)	
CJ.					CJCPIR (3,92) CJCPIA (5,83) CJSPSR (3,30)	
TRANS.						

Analisando a tabela 70, constatou-se não existirem na *Lag 0* qualquer zona ativada, dando a ideia de existir uma *max-lag* na *Lag -1*, no entanto verificou-se um desenvolvimento na *lag -1*, referentes de forma direta ao início da *lag -2*, e o desenvolvimento da *lag -2* referente ao início na *lag -3*.

Desta forma, a *lag* -3 foi ativada com início desde o cruzamento ($z=6,32$), originando a distribuição média com as mãos ($z=2,16$), apesar do seu baixo fator de coesão.

Verificou-se na *Lag* -1 o desenvolvimento desde o Pontapé de GR longo ser o critério com maior fator de coesão ($z=4,83$). Este dado foi compreensível, por ser uma ação com um grau de dificuldade elevado e por ocorrer maioritariamente em contextos de interação de igualdade ou inferioridade numérica

Tabela 71 – Padrão de Conduta sem Eficácia Critério Bola direcionada para Fora.

FPO – BOLA FORA						
	L -5	L -4	L -3	L -2	L -1	L0
IPO				IPA (2,32)		
DPO					DPACRT (6,95) DPAMD (4,20)	
ZONAS			2 (2,49)	5E (3,51)	4D (2,48) 6E (5,18) 8E (2,68)	4D (2,79) 6E (3,41)
CJ.					CJCPIP (4,31)	
TRANS.						

Analisando a tabela 71, constatou-se serem as situações de atraso a terem maior probabilidade de ocorrência de acordo com a conduta de critério de bola fora, ações estas suscetíveis de maior dificuldade e de menor tempo de decisão por parte do GR.

Desta forma, o GR no seu processo ofensivo deverá ter soluções antes de receber a bola (antecipação) e nunca deve pôr em risco a equipa com decisões não-assertivas (Anexo I), nem que essa decisão seja a de colocar a bola fora.

Tabela 72 – Padrão de Conduta sem Eficácia Critério Infração.

FPO – POR INFRAÇÃO						
	L -5	L -4	L -3	L -2	L -1	L0
IPO						
DPO					DPALG (3,00)	
ZONAS				2 (2,25)	9D (5,19)	9D (4,76)
CJ.						
TRANS.					CJCPIA (2,92)	

Verificou-se um fluxo de condutas muito reduzido, em que a *Lag* -1 encontrando-se ativada pelo desenvolvimento por atraso longo ($z=3,00$), com referência à zona 9D ($z=5,19$), num contexto de inferioridade absoluta ($z=2,92$). Desta forma, os dados pareceram sugerir pouca preparação dos atacantes aquando da pressão sobre o GR, visto ser um momento em que o GR ao procurar evitar riscos procura zonas mais avançadas do campo.

4.4.3.1. Síntese da Análise Sequencial relativa ao Final do Processo Ofensivo

De acordo com os objetivos e características do estudo, a interpretação do final do processo ofensivo tornou-se vital para a percepção da forma de jogar por parte do GR.

No entanto, o seu grau de sucesso não foi exclusivo das suas ações, mas sim, de uma dinâmica de interação com os seus companheiros, neste sentido os diferentes padrões de conduta inferiram diferentes perspetivas de eficácia e ineficácia do processo ofensivo.

Relativamente aos padrões de condutas sem eficácia, constataram-se situações de atrasos (pressão adversária) que promoveram condutas comportamentais ineficazes, no entanto, constatou-se que através de um jogo mais direto ou de um jogo mais apoiado e de posse, ambos revelaram situações de sucesso por parte da equipa, pelo que os princípios de jogo e treino devem estar assentes numa alternância de processos e de tomadas de decisão constantes, promovendo uma perspetiva de conhecimento do jogo por parte de todos os intervenientes.

O treino deverá promover a integração do GR no processo de treino da equipa, com situações de alternância de ritmos de jogo, promovendo o reconhecimento dos diversos contextos.

Desta forma, tornou-se importante a identificação clara de estratégias, desde o início do processo ofensivo por parte do GR, que promovam opções válidas para o seu desenvolvimento, deixando de parte a subjetividade e a aleatoriedade própria do jogo, sem que com isto se queira um jogo formatado ou orientado de forma mecânica.

4.5. Relação Análise Quantitativa Vs Qualitativa

Anguera et al. (2014) abordam o tema dos métodos misto no tratamento de dados, e como se podem relacionar, de acordo com os diferentes objetivos, tais como: a informação descritiva (*frequência*), de associação (*chi-quadrado*, χ^2) e de sequencialidade (*análise sequencial de retardos*).

Desta forma, procurou-se através das imagens abaixo descritas demonstrar, de forma sucinta, a objetividade do estudo realizado através de dados quantitativos e qualitativos, do desenvolvimento do processo ofensivo do GR.

4.5.1. Relação do Início, Desenvolvimento e Final do Processo Ofensivo

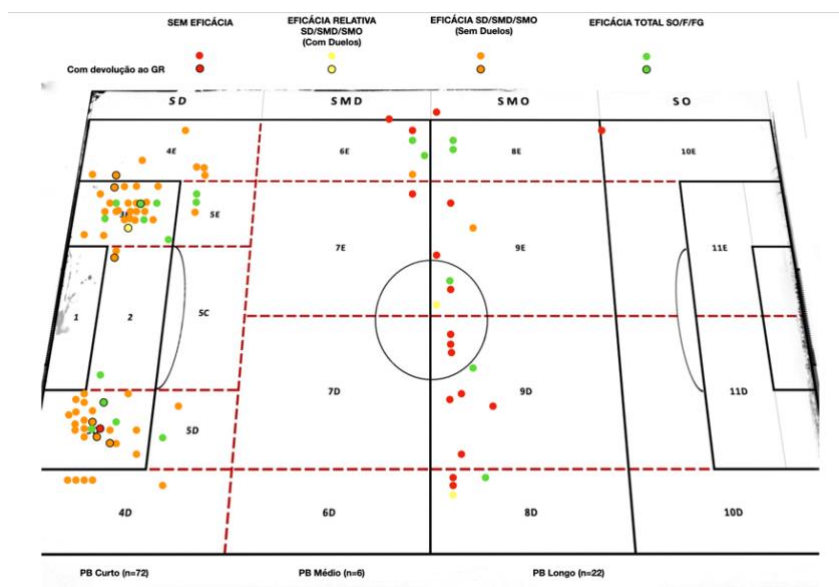


Figura 22- Mapa espacial do Desenvolvimento Processo Ofensivo através de Pontapé de Baliza com relação ao Final do Processo Ofensivo.

Para uma melhor compreensão da Figura 22 poderemos identificar:

- Círculo Vermelho- Ações Sem Eficácia;
- Círculo Vermelho com Borda- Ações Sem Eficácia em que existiu devolução ao GR;
- Círculo Amarelo- Todas as Ações em que ocorreu Duelos e se atingiu o SD/SMD/SMO;
- Círculo Amarelo com Borda- Todas as Ações em que ocorreu Duelos e se atingiu o SD/SMD/SMO;
- Círculo Laranja- Todas as Ações que se atingiu o SD/SMD/SMO sem duelos;
- Círculo Laranja com Borda- Todas as Ações que se atingiu o SD/SMD/SMO sem duelos, existindo devolução ao GR;
- Círculo Verde- Todas as Ações que se atingiu o SO/F/FG com ou sem duelos;
- Círculo Verde com Borda- Todas as Ações que se atingiu o SO/F/FG com ou sem duelos, existindo devolução ao GR.

Analisando a figura 22, os dados obtidos revelaram que o início através de pontapé de baliza curto foi o mais utilizado, tal como demonstrado na análise descritiva, existindo a possibilidade de circulação e manutenção da posse de bola através de novo atraso ao GR.

Observou-se uma grande diversidade de zonas relativamente ao pontapé de baliza longo, 4 zonas do SMO foram observadas, ao invés da realização média, a qual utilizou as zonas do corredor esquerdo como predominantes, ocorrendo nesse corredor uma maior probabilidade de sucesso.

Em suma, verificando-se apenas as ações em que terminaram com Eficácia Total (Atingir o SO, Finalização e Obtenção de Golo), constatou-se que estas ocorreram mais vezes através do pontapé de baliza curto (n=13) do que através do pontapé de baliza médio/longo (n=7), no entanto, o número de pontapés de baliza efetuados de forma curta foi visivelmente superior (n=72). Pelo que em termos percentuais, observou-se uma eficácia superior através do pontapé de baliza médio/longo (25%) do que do curto (18%).

Alexander D. (s.d.) refere que o efeito da nova lei do pontapé de baliza na *Premier League*, induz a que as equipas construam desde trás, apesar dos muitos erros ocorridos. O mesmo autor refere, por outro lado, que os pontapés de baliza curtos são mais eficazes do que o longo, no entanto, entende que o eterno equilíbrio do futebol entre espaço, tempo e leis é inabalável.

As figuras 23 e 24 representam o DPO por distribuição com os pés (sem pressão) e atrasos (com pressão), relacionados com o FPO.

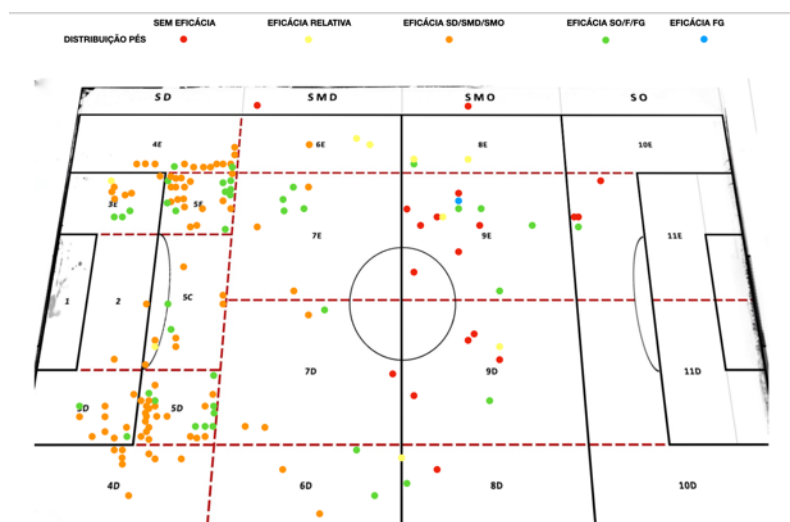


Figura 23 - Mapa espacial do Desenvolvimento Processo Ofensivo através de Distribuição com os Pés após Atrasos, com relação ao Final do Processo Ofensivo.

Constatou-se não existirem situações sem eficácia através de distribuição curta, evitando-se assim perdas de bolas perto da zona de baliza.

Tendência para a utilização do CE, originando golo numa delas.

Para uma melhor compreensão da Figura 23 poderemos identificar:

- Vermelho- Ações Sem Eficácia;
- Amarelo- Todas as Ações em que ocorreu Duelos e se atingiu o SD/SMD/SMO;
- Laranja- Todas as Ações que se atingiu o SD/SMD/SMO sem duelos;
- Verde- Todas as Ações que se atingiu o SO/F/FG com ou sem duelos;
- Azul- Todas as Ações que terminaram com a obtenção de golo.

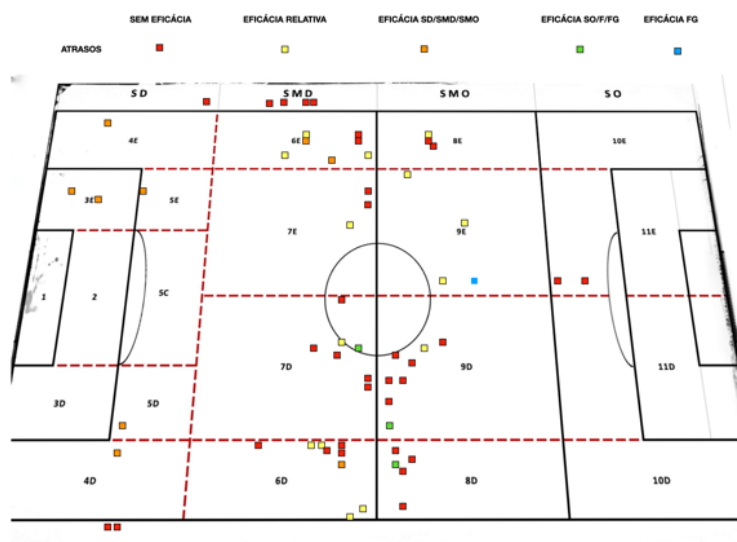


Figura 24 - Mapa espacial do Desenvolvimento Processo Ofensivo através de Atrasos (Com Pressão), com relação ao Final do Processo Ofensivo.

Verificou-se uma tendência para o desenvolvimento pelos corredores laterais, com algumas bolas direcionadas para fora, existindo redução de risco e preponderância de jogo médio e longo. Probabilidade muito reduzida de ações com sucesso, no entanto uma delas originou golo.

As figuras 25, 26 e 27 representam o DPO através de PGR, de Livres e de Reposições com as Mãos.

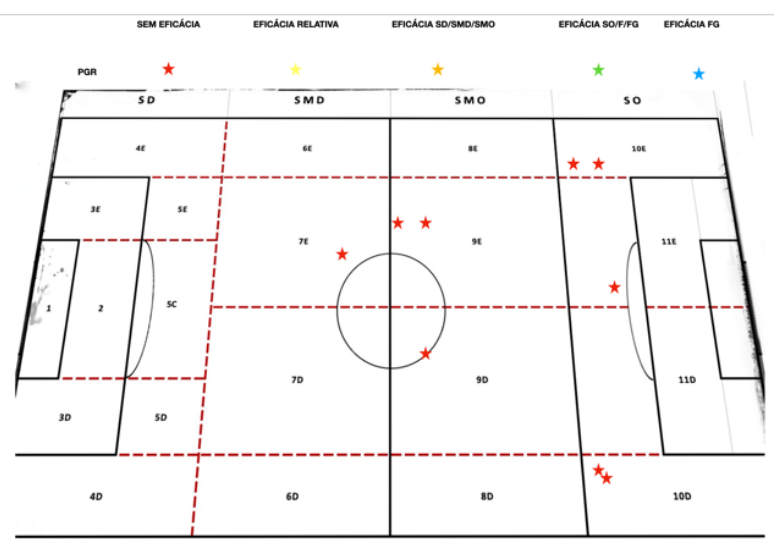


Figura 25 - Mapa espacial do Desenvolvimento Processo Ofensivo através de Pontapé de Guarda-Redes, com relação ao Final do Processo Ofensivo.

Constatou-se ineficácia das ações de PGR no desenvolvimento do processo ofensivo.

Para uma melhor compreensão da Figura 24 e 25 poderemos identificar:

- Vermelho- Ações Sem Eficácia;
- Amarelo- Todas as Ações em que ocorreu Duelos e se atingiu o SD/SMD/SMO;
- Laranja- Todas as Ações que se atingiu o SD/SMD/SMO sem duelos;
- Verde- Todas as Ações que se atingiu o SO/F/FG com ou sem duelos;
- Azul- Todas as Ações que terminaram com a obtenção de golo.

Verificou-se uma maior ineficácia das ações de distribuição longa com os pés após Livres, no entanto, idênticas situações de Eficácia Total (SO/F/FG) em comparação com curtas/médias.

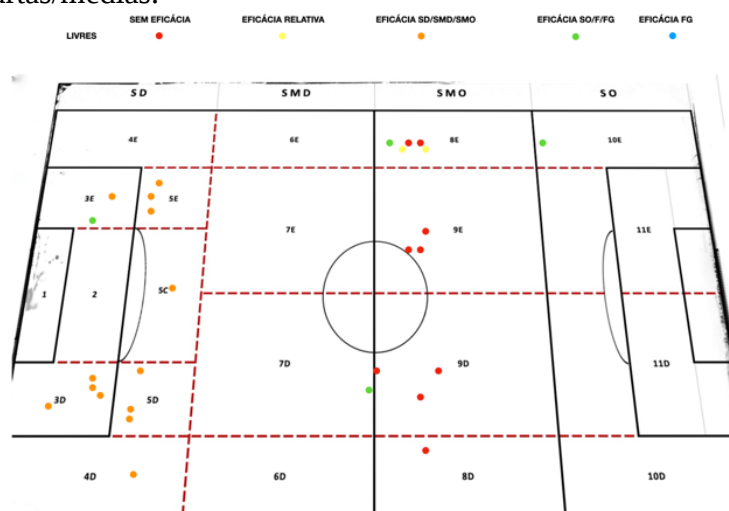


Figura 26 – Mapa espacial do Desenvolvimento Ofensivo através de Livres, com relação ao Final do Processo Ofensivo.

Momentos de saída curta com grande probabilidade de terminar com eficácia nos SD, SMD ou SMO.

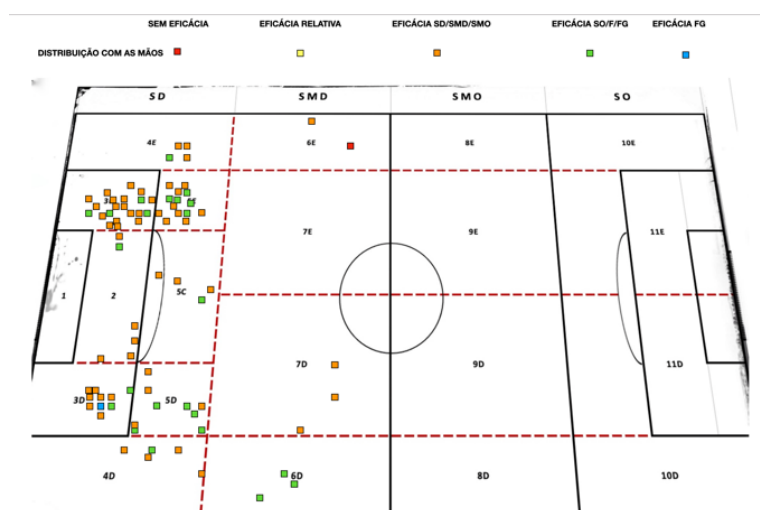


Figura 27 - Mapa espacial do Desenvolvimento Processo Ofensivo através Distribuição com as Mãos, com relação ao Final do Processo Ofensivo.

Constatou-se a inexistência de ações de distribuição longa com as Mãos.

Distribuição idêntica relativamente aos corredores, no entanto na Z6D sempre com chegadas a SO/F/FG.

Uma situação de distribuição com as mãos na Z3D que originou em golo.

Para uma melhor compreensão da Figura 26 e 27 poderemos identificar:

- Vermelho- Ações Sem Eficácia;
- Amarelo- Todas as Ações em que ocorreu Duelos e se atingiu o SD/SMD/SMO;
- Laranja- Todas as Ações que se atingiu o SD/SMD/SMO sem duelos;
- Verde- Todas as Ações que se atingiu o SO/F/FG com ou sem duelos;
- Azul- Todas as Ações que terminaram com a obtenção de golo.

4.5.1. Relação Distância e Eficácia

Nas seguintes figuras relacionaram-se as ações de desenvolvimento do processo ofensivo de forma curta, média e longa, com os diferentes tipos de FPO, nomeadamente com as ações de Final Eficaz Total (Atingir SO, Finalização e/ou Golo).

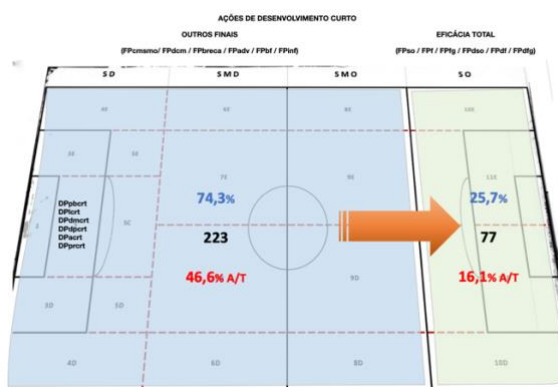


Figura 28 - Mapa de relação entre o Desenvolvimento Processo Ofensivo e o Final Processo Ofensivo, em relação às Ações Curtas do Desenvolvimento Processo Ofensivo e à Eficácia do Final Processo Ofensivo (Total ou outro tipo de ação).

Ao analisarmos as ações curtas do DPO, constataram-se números com Eficácia Total de 25,7% (n=77), em contrapartida aos restantes tipos de final (n=223, 74,3%).

De forma percentual da totalidade das ações (n=479), as ações com Eficácia Total totalizaram 16,1%, prevalecendo ações sem esse tipo de eficácia (46,6%).

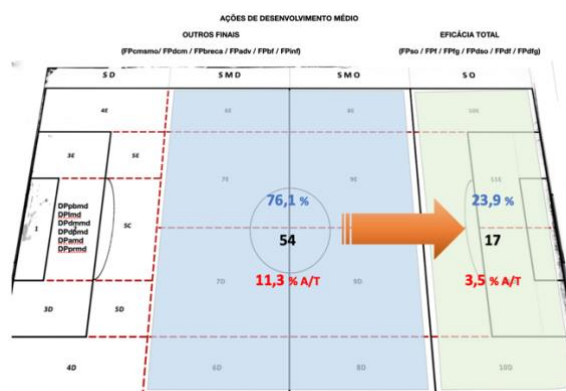


Figura 29 - Mapa de relação entre o Desenvolvimento Processo Ofensivo e Final Processo Ofensivo, em relação às Ações Médias do Desenvolvimento Processo Ofensivo e à Eficácia do Final Processo Ofensivo (Total ou outro tipo de ação).

Analisando as ações do processo ofensivo através do desenvolvimento médio, os valores obtidos revelaram-se com uma Eficácia Total de 23,9% (n=17), em contrapartida aos restantes tipos de final (n=54, 76,1%). Tendo em conta a totalidade das ações (n=479), apenas 3,5% foram ações com Eficácia Total, contrapondo os restantes tipos de final (11,3%).

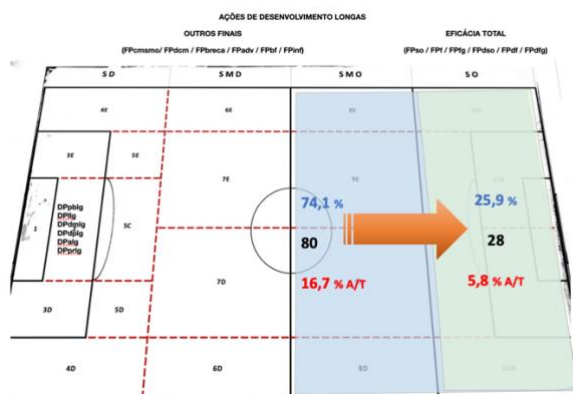


Figura 30 - Mapa de relação entre o Desenvolvimento Processo Ofensivo e Final Processo Ofensivo, em relação às Ações Longas do Desenvolvimento Processo Ofensivo e à Eficácia do Final Processo Ofensivo (Total ou outro tipo de ação).

Desta forma, e através do DPO por ações longas, verificou-se que o número de ações em que se alcançou a Eficácia Total foi de 25,9% (n=28), em contrapartida com os restantes tipos de final (n=80, 74,1%).

De forma percentual da totalidade das ações (n=479), as ações com Eficácia Total totalizaram 5,8%, prevalecendo ações sem esse tipo de eficácia 16,7%.

4.5.2. Relação Transições e Eficácia

A Figura 31 apresenta a relação entre o tipo de transição e a eficácia do FPO.

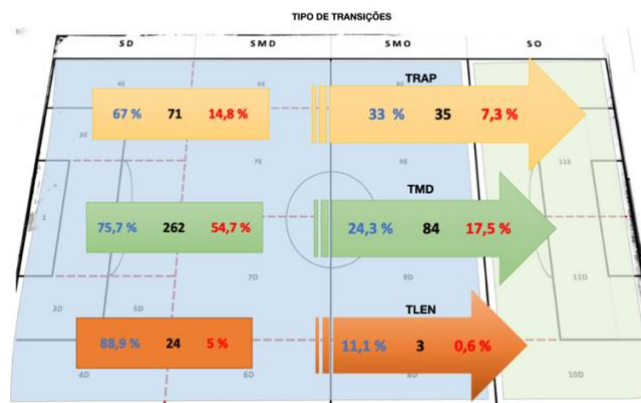


Figura 31 - Mapa de relação entre as Transições e Final Processo Ofensivo, em relação às Ações Longas do Desenvolvimento Processo Ofensivo e à Eficácia do Final Processo Ofensivo (Total ou outro tipo de ação).

Analisando os três tipos de Transição (TRAP, TMD e TLE), verificaram-se valores absolutos (preto) para situações em que ocorre eficácia total de TRAP (35), TMD (84) e TLEN (3).

No total das ações (n=479), a TMD representou 17,5% das ações com Eficácia Total, enquanto as TRAP representaram cerca de 7,3%. No entanto, verificou-se que quando utilizada uma TRAP, esta teve maior probabilidade de originar um ataque com Eficácia Total (33%).

4.6. Conclusões

A importância da investigação na procura de respostas a questões existentes, é de extrema relevância, nomeadamente quando são escassas as investigações sobre esse mesmo tema, pelo que a abrangência do trabalho realizado foi ao encontro dessas mesmas questões, tendo em conta todas as limitações que o estudo possa contemplar.

Por conseguinte, os resultados obtidos pela análise descritiva e sequencial considera-se que:

- Os dados relativos ao DPO revelaram valores destacados, nos diferentes critérios de observação, para ações de desenvolvimento curto por parte do GR.
- O valor absoluto de ações com eficácia através de um jogo curto, num total de 479 ações, foi superior aos encontrados no jogo longo. No entanto, de referir que, através da análise sequencial, das seis condutas critério referentes aos critérios de se atingir de forma controlada o setor ofensivo, de se atingir uma finalização e de se obter golo, em quatro delas observou-se uma probabilidade de o DPO ser efetuado através de jogo longo (FPfg, FPdso, FPdf e FPdfg).
- Os valores de Transição Média para finais do processo ofensivo com Eficácia Total (SO, F ou FG) foram superiores aos encontrados na Transição Rápida. No entanto, verificou-se, através da análise sequencial, que a conduta de TRAP foi ativada em duas condutas critério de Final Eficaz Total.

4.7. Limitação do estudo e Recomendações

A realização de um estudo desta natureza, leva-nos para momentos de dúvida e de incerteza, nomeadamente pela complexidade dos dados recolhidos, no entanto, é dentro desta imensidão que podemos dissipar essas mesmas dúvidas, permitindo-nos um diferente entendimento do jogo.

Assim, e como limitações e/ou recomendações do presente estudo salientamos:

- O estudo a ser realizado num contexto no qual não existe uma regularidade de competição poderá levar a um entendimento distinto;
- O estudo foi realizado com diferentes GR e diferentes linhas defensivas;
- As distâncias ao serem definidas por linhas setoriais, por vezes, podem ser indutoras de distâncias diferentes;
- A não utilização de condutas critério entre o DPO do GR e o FPO, foi de certa forma limitativo de um fluxo condutural do jogo, desta forma poderemos não ter a ideia concreta do seu desenvolvimento (por exemplo: passe longo do colega e perda de bola longe ou perda de bola perto), desta forma, a estruturação do instrumento de observação induziu a uma reduzida longevidade de ativação das condutas critério;
- Procurar definir condutas, as quais permitirão identificar comportamentos dos GR a quebrar linhas;
- A importância da realização de mais e variados estudos sobre os GR, nomeadamente em grandes competições.

4.8. Referências Bibliográficas

Alexander, D. (n.d). *The Exploration of space through goal kicks*. Statsperform

Anguera, M. T. (1992). *Metodologia de la observación em las ciências humanas*. Madrid: Ed. Cátedra Teorema.

Anguera, M. T., Blanco, A., Lopez, J., & Mendo, A. H. (2000). *La metodologia observacional en el deporte: conceptos básicos*. Efdeportes.

Anguera, M.T. (2003). Metodologia Observacional. *Comunicação apresentada no Mestrado em Actividade Física Adaptada*. Porto: FCDEF-UP. Em Barreira, D. (2006). *Transição defensiva-ataque em Futebol. Análise Sequencial de padrões de jogo relativos ao Campeonato Português 2004/05*. [Dissertação de Licenciatura]. Faculdade Desporto da Universidade do Porto.

Anguera, M. T., Chacón, S.; Blanco, A. (2008). *Evaluación de programas sociales y sanitários. Um Abordage metodológico*. Editorial Sintesis. Espanha.

Anguera M. T., Camerino O., Castañer M. & Algarra S.T. (2014). Mixed methods em la investigación de la actividad física y el deporte. *Revista de Psicologia del Deporte*. 23(1), 123-130.

Andrade, C. (2010). *Análise do Processo Defensivo no Futebol. Acções e comportamentos defensivos associados à recuperação da posse de bola em diferentes contextos do jogo (Estudo de caso com uma equipa da Liga Portuguesa de Futebol Profissional – Liga Sagres 2009/2010)*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade Motricidade Humana da Universidade de Lisboa.

Azevedo, J. P. (2011). *Por dentro da Tática: A construção de uma forma de jogar específica*. S. Pedro de Estoril: Prime Books.

Bakeman, R. & Quera, V. (1995). *Analyzing interaction: Sequential analysis with SDIS y GSEQ*. Cambridge, UK: University Press.

Bakeman, R. & Quera, V. (1996). *Análisis de la Interacción-Análisis Secuencial com SDIS y GSEQ*. Madrid: Ra-Ma.

Bakeman, R. & Quera, V. (2001). *GSEQ for Windows: New software for the analysis of interaction sequences*. Departamento de Metodologia de las Ciencias del Comportamiento. Universidade de Barcelona.

Barbosa, A. (2013). *Métodos de Jogo Ofensivo no Futebol – Comparação dos padrões de jogo das equipas Internacional de Milão e Real Madrid*. [Dissertação de Doutoramento]. Institut Nacional d'Educació Física de Catalunya de Lleida.

Barreira, D. (2006). *Transição defesa-ataque em Futebol. Análise Sequencial de padrões de jogo relativos ao campeonato português 2004/05*. [Dissertação de Licenciatura]. Faculdade Desporto da Universidade do Porto.

Barreira, D. (2013). *Tendências evolutivas da dinâmica tática em Futebol de alto rendimento. Estudo da fase ofensiva nos Campeonatos da Europa e do Mundo, entre 1982 e 2010*. Porto: D. Barreira. [Dissertação de Doutoramento]. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Casanova F., & Pacheco, R. (2020). *O Léxico do Futebol Português* (1ª Ed.). Edições Universitárias Lusófonas.

De Baranda, Pilar Sainz, Ortega, Enrique and Palao, José M. (2008) 'Analysis of goalkeepers' defence in the World Cup in Korea and Japan in 2002', *European Journal of Sport Science*, 8 (3), 127-134. <http://doi.org/10.1080/17461390801919045>

Fernandes, D. (2013). *Análises das Sequências ofensivas resultantes em golo no Campeonato Mundial de Futebol de 2010*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1(1), 57-64. <https://doi.org/10.5628/rpcd.01.01.57>

Garganta, J. (2008). Modelação Tática em jogos desportivos – A desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. Em F. Tavares, A. Graça, J. Garganta & I. Mesquita (Eds.), *Olhares e Contextos da Performance nos jogos desportivos*, 108-121. Universidade do Porto: Faculdade de Desporto.

Gil, A. (2020). *A Imprescindível Relação entre Jogo, Análise e Treino no Futebol - Relatório de Estágio Profissionalizante realizado na equipa Sub-17 do Sporting Clube de Braga*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Laranjeira, J. (2009). *Análise Sequencial do Processo Ofensivo em Futebol. Chelsea FC: época desportiva de 2004-2005. Um estudo de caso*. [Dissertação de Licenciatura]. Faculdade Desporto da Universidade do Porto.

Lopes, J. (2007). *Análise Diacrónica Heterocontigente dos Métodos de Ofensivo no Futebol. Estudo em equipas de Nível Competitivo Superior*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade Desporto da Universidade do Porto.

Louro H. & Rodrigues J. (2016). Observação e Análise das Habilidades Desportivas. Plano Nacional De Formação de Treinadores, *Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P.*

Llopis, L. (2003). *Implicación y relación del portero em el juego colectivo*. Abfutbol.

Machado, JC., Barreira, D., Garganta, J. (2013). Eficácia ofensiva e variabilidade de padrões de jogo em futebol, *Revista Brasileira Educação Física Esporte*, São Paulo, 27(4), 667-77.

Malta, P. & Travasso, B. (2014). Caracterização da transição defesa-ataque de uma equipa de Futebol. *Motricidade – Fundação Técnica e Científica do Desporto*, 10 (1), 27-37.

Mendes, D. (2019). *Análise de Padrões de Jogo Ofensivo associados à eficácia no jogo de futsal*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Oliveira, G. (2004). *Conhecimento específico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino aprendizagem/treino do jogo*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Pereira, P. (2009). *O Processo de Treino do Guarda-redes de Futebol – Da Prática à Teoria. Um estudo com Will Coort e Ricardo Peres*. [Dissertação de Licenciatura]. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Santos, J. (2019). *A análise das ações ofensivas e defensivas dos guarda-redes no futebol de formação*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Superior Ciências Educativas.

Sarmiento, H. (2012). *Análise do Jogo de Futebol – Padrões de jogo ofensivo em equipas de alto rendimento: uma abordagem qualitativa*. [Dissertação de Doutoramento]. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

CAPÍTULO V– CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do relatório de estágio, foi sem dúvida, a conclusão de um processo complexo e de difícil realização, pelos mais variados motivos.

No entanto, foi enorme a satisfação quando por fim vemos algo projetado a ser finalizado, pelo que considero ter sido mais uma dignificante etapa na minha formação académica.

Procurando estabelecer uma relação estrita entre a prática e a vertente científica, a elaboração do estudo apresentado foi de extrema valência no desenvolvimento de novos conhecimentos.

Desta forma os objetivos gerais propostos neste relatório foram superados, tendo contribuído para o desenvolvimento de ideias, que visam o desenvolvimento do conhecimento teórico e prático do treino/jogo do Gr e, consequentemente, a valorização do treinador de Gr.

Ao longo desta época foi importante o processo de planeamento e operacionalização, estando este inerente a um processo conjunto de toda uma estrutura, promovendo-se através destas relações os momentos de partilha e de mútuas reflexões.

Ficando desta forma, com a ideia clara de que o TGR não pode, e não deve, estar dissociado do modelo ou identidade da equipa, pelo que o processo de treino deverá estar o mais sincronizado possível, tendo o TGR um papel para a evolução e melhoria dos exercícios propostos pelo TP para a equipa, pois só assim, é que todo o processo se torna coerente com essa mesma Identidade.

A realização do estudo, e dadas as suas características, permitiu retirar indicadores e informações precisas de diversos momentos do jogo, principalmente do envolvimento do Gr nesse processo, pelo que foi de extrema importância, tanto pelas novas competências dadas como pelo conhecimento adquirido.

Também, e não menos importante, o apreço pela realização da entrevista ao Treinador Nacional de Guarda-redes PE, com larga experiência no seio das Seleções Nacionais, vindo desta forma, valorizar de forma não mensurável, o trabalho e a forma como devem ser reconhecidos os TGR e, principalmente, os Gr de Futebol.

Por último, expõe-se alguns pontos pessoais que surgiram no decorrer do estágio, a saber:

- Enquanto TGr, com uma experiência de mais de dez anos, continuo e continuarei a debater sobre a real importância dada ao papel do TGr;

- A exigência do Futebol fundamenta-se numa elevada preparação do processo de treino, do jogo e no desenvolvimento dos jogadores, sendo desta forma fundamental uma estrita relação entre os diversos treinadores,
- O TGr não pode e não deve estar dissociado do modelo ou identidade da equipa, pelo que o processo de treino deverá estar o mais sincronizado possível, tendo o TGr um papel para a evolução e melhoria dos exercícios propostos pelo TP para a equipa, pois só assim, é que todo o processo se torna coerente com essa mesma Identidade;
- Em todas as estruturas técnicas torna-se importante desenvolver padrões ou referenciais que tornem os processos eficazes;
- Implementar mais e melhor formação na área do treino de guarda-redes, de forma que exista uma maior valorização do Treinador de Guarda-redes.

“Goalkeeper coaches should not just help in warm-ups, but rather have a more active role within the technical team. Today, these professionals are not really integrated into the technical team or have the recognition they deserve.”

(Zuberbühler, FIFA 2021)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barreira, D. (2006). *Transição defesa-ataque em Futebol. Análise Sequencial de padrões de jogo relativos ao campeonato português 2004/05*. [Dissertação de Licenciatura]. Faculdade Desporto da Universidade do Porto.

Cabezón, J.M (2001). Proposta de um modelo de entrenamiento del portero de fútbol moderno. *Revista digital EF Deportes*. Nº38. Buenos Aires.

Carneiro, J. (2016). *O modus operandi de um Analista do Jogo de Futebol*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade Desporto da Universidade do Porto.

Federação Portuguesa de Futebol (n.d.). *Associações*. FPF. Consultado a 29 de Novembro de 2021. <https://www.fpf.pt/pt/Institucional/Sobre-a-FPF/Visão-Missão-e-Valores>

Federação Portuguesa de Futebol (2018). *Identidade Portugal – Observação, Seleção e Desenvolvimento do jogador da formação S15-20*. FPF.

<https://www.fpf.pt/Portals/0/Etapas%20de%20Desenvolvimento%20do%20Jogador%20no%20Futebol%20ETNF-%20S15-20%20Junho%202018.pdf>

Federação Portuguesa de Futebol (n.d.). *História FPF*. FPF. Consultado a 29 de Novembro de 2021.

<https://www.fpf.pt/pt/Institucional/Sobre-a-FPF/História-FPF>

Federação Portuguesa de Futebol (n.d.). *História FPF*. FPF. Consultado a 29 de Novembro de 2021.

<https://www.fpf.pt/pt/Institucional/Sobre-a-FPF/Organograma>

Federação Portuguesa de Futebol (n.d.). *História FPF*. FPF. Consultado a 29 de Novembro de 2021.

<https://www.fpf.pt/pt/News/Todas-as-not%C3%ADcias/Not%C3%ADcia/news/31399>

Federação Portuguesa de Futebol (2021). *José Lima: “Encontrámos mais soluções”*. FPF. Consultado a 29 de Novembro de 2021.

<https://www.fpf.pt/pt/News/Todas-as-not%C3%ADcias/Not%C3%ADcia/news/31399>

Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1(1), 57-64.

Garganta, J. (2008). Modelação Tática em jogos desportivos – A desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. Em F. Tavares, A. Graça, J. Garganta & I. Mesquita (Eds.), *Olhares e Contextos da Performance nos jogos desportivos*, 108-121. Universidade do Porto: Faculdade de Desporto.

Gil, A. (2020). *A Imprescindível Relação entre Jogo, Análise e Treino no Futebol - Relatório de Estágio Profissionalizante realizado na equipa Sub-17 do Sporting Clube de Braga*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade Desporto da Universidade do Porto.

Marcelino, J. (2021). *Fernando Gomes – 10 Anos de Presidência na FPF*. Cultura Editora, Pp-138.

Marques, R. (2021). *Relatório Final de Estágio na equipa de sub19 Rio Ave FC – Modelação* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona.

Nakamura F., Moreira A., Aoki M. (2010). Monitoramento da carga de treinamento: A Percepção subjetiva do esforço da sessão é um método Confiável?. *Revista da Educação Física/UEM*, 21(1), 1-11. DOI: 10.4025/reveducfis.v21i1.6713

Oliveira, H. (2021). *Entrevista #7: Hugo Oliveira | O guarda-redes “global”, a Paz e a Pausa, do consciente para o inconsciente e o parar para jogar bem*. Samouco, V., Consultado a 30 de Novembro de 2021.

<https://vascosamouco.com/entrevista-7-hugo-oliveira-o-guarda-redes-global-a-paz-e-a-pausa-do-consciente-para-o-incosciente-e-o-parar-para-jogar-bem/>

Oliveira, G. (2004). *Conhecimento específico em Futebol - contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino aprendizagem/ treino do jogo*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Otte, F. (2021). *Nous devons aider les joueurs à éduquer leur attention*. Nosotros, Consultado a 9 de Dezembro de 2021..

<https://nosotrosxp.com/entretien-avec-fabian-otte/>

Pereira, P. (2009). *O Processo de Treino do Guarda-redes de Futebol – Da Prática à Teoria. Um estudo com Will Coort e Ricardo Peres. Porto: P.Pereira.* [Dissertação de Licenciatura]. Faculdade Desporto da Universidade do Porto.

Reis, A. (2020). *Relatório de Estágio no Departamento de Observação, Análise e Scouting da Federação Portuguesa de Futebol.* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona.

Ribeiro, P. (2017). *Caracterização do aquecimento no futebol. Estudo realizado com treinadores, treinadores-adjuntos e preparadores físicos das equipas profissionais de futebol da I e II Ligas da Federação Portuguesa de Futebol (época 2016/2017).* [Dissertação de Mestrado]. Universidade da Beira Interior.

Robalinho, C. (2018). *Especificidade de um Jogo e de um Processo de Treino no contexto do Futebol Feminino: Análise do Pressing Defensivo da Equipa.* Porto: C.Robalinho. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade Desporto da Universidade do Porto.

Sande, P. (2015). *O Futuro é Passado no Presente.* Prazer da Escrita (editora virtual).

Santos, F. (2019). Fernando Santos: "Treinar uma Seleção é diferente de treinar um clube". *Jornal de Notícias.* Consultado a 29 de Novembro de 2021.
<https://www.jn.pt/desporto/fernando-santos-treinar-uma-selecao-e-diferente-de-treinar-um-clube-10997667.html/>

Santos, F. (2021). Treinar Clubes e Seleções: Fernando Santos explica as diferenças. *Canal 11.* Consultado a 29 de Novembro de 2021.
<https://www.youtube.com/watch?v=17kjxsWkXQo>

Santos, P. (2021). *Relatório Final de Estágio na Equipa de Futebol Séniores do Real Sport Clube – 2019/2020: Treino Específico de Guarda-Redes de Futebol.* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona.

Uefa (2020). *Sorteio da fase de qualificação Sub-17 2021/22.* UEFA.com, Consultado a 9 de Dezembro de 2021.
<https://pt.uefa.com/under17/draws/2022/2001389/>

Uefa (2021). *Sorteio define ronda de elite do Euro Sub-17 2021/22*. UEFA.com, Consultado a 9 de Dezembro de 2021.

<https://pt.uefa.com/under17/news/026b-12cca0758ef8-6f17abd63981-1000--ronda-de-elite-sub-17-sorteada/>

UEFA (2022). *Sorteio define grupos do Euro Sub-17 2021/22*. UEFA.com, Consultado a 7 de Abril de 2022.

<https://pt.uefa.com/under17/draws/>

Zuberbuhler, P. (2021). The Importance of a Goalkeeper Coach. *Professional Football Journal (FIFA)*, 2, Consultado a 9 de Dezembro de 2021.

<https://www.professionalfootballjournal.fifa.com/pfj2-91-the-importance-of-a-goalkeeper-coach>

ANEXO I

Eu, _____, treinador de Guarda-redes das Seleções Nacionais Jovens S.15 a S.20, autorizo a publicação da entrevista realizada por Márcio Alexandre Henriques Gonçalves dos Santos, no âmbito do relatório de estágio na área técnica de Guarda-redes, no escalão de Sub. 17 da Federação Portuguesa de Futebol - Época 2021/22.

_____, aos _____ de _____ 20__

Assinatura

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- I. Ao longo destes anos, podes identificar indicadores que te levem a identificar GR talentosos?
- II. Existe um perfil de GR de Seleção?
- III. Como é feita a seleção dos GR nos diferentes escalões?
- IV. Qual o relacionamento com os Clubes nessa mesma seleção, e no desenvolvimento dos GR ao longo das gerações?
- V. Refere-se muito à Identidade de Portugal, qual o papel do GR nessa Identidade e de que forma os seus comportamentos são expressos?
- VI. Qual o papel do treino de GR na construção dessa mesma Identidade?
- VII. Existe um modelo de desenvolvimento de GR, ao longo dos diferentes escalões? De que forma?
- VIII. Qual o papel da observação de jogo no desenvolvimento do treino de GR nas seleções?
- IX. De que forma podemos valorizar mais o papel do treinador de GR, e que contributo podemos dar para a evolução do GR Português?

Márcio Santos - Relatório de Estágio – Área Técnica de Guarda-Redes da FPF (Sub. 17)

ANEXO I

Eu, PEDRO MANUEL ESPINHA FERREIRA, treinador de Guarda-redes das Seleções Nacionais Jovens S.15 a S.20, autorizo a publicação da entrevista realizada por Márcio Alexandre Henriques Gonçalves dos Santos, no âmbito do relatório de estágio na área técnica de Guarda-redes, no escalão de Sub. 17 da Federação Portuguesa de Futebol - Época 2021/22.

LISBOA, aos 17 de DEZEMBRO 2022

Assinatura



ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- I. Ao longo destes anos, podes identificar indicadores que te levem a identificar GR talentosos?
- II. Existe um perfil de GR de Seleção?
- III. Como é feita a seleção dos GR nos diferentes escalões?
- IV. Qual o relacionamento com os Clubes nessa mesma seleção, e no desenvolvimento dos GR ao longo das gerações?
- V. Refere-se muito à Identidade de Portugal, qual o papel do GR nessa Identidade e de que forma os seus comportamentos são expressos?
- VI. Qual o papel do treino de GR na construção dessa mesma Identidade?
- VII. Existe um modelo de desenvolvimento de GR, ao longo dos diferentes escalões? De que forma?
- VIII. Qual o papel da observação de jogo no desenvolvimento do treino de GR nas seleções?
- IX. De que forma podemos valorizar mais o papel do treinador de GR, e que contributo podemos dar para a evolução do GR Português?

1 - Antes de identificar indicadores, temos de ter a noção do que vamos observar. Ter conhecimento da realidade, do que existe e o que se exige dum GR em formação. Quando comecei a carreira de treinador, vinha de um contexto do futebol profissional, o meu conhecimento sobre o futebol de formação, era escasso e só ao fim do 2º ano de trabalho e de visionar muitos jogos e contactar com realidades distintas (contexto clube/selecção), pude auferir melhor e ter termos de comparação dos GR existentes na formação. Um dos maiores erros que podemos cometer, é comparar GR dos Jun B e C, com os dos séniores. Há que deixar queimar todas as etapas de desenvolvimento. Agora existem indicadores específicos, que te levam a acreditar que determinado GR pode chegar ao alto nível ou ao futebol profissional.

A habilidade inata para a posição, a postura dentro do campo na defesa da baliza (conhecimento do jogo, posicionamentos, deslocamentos e boas técnicas de base), bem como boa relação com a bola (lateralidade, boa qualidade de passe) e boas tomadas de decisão defensivas/ofensivas.

2 – Existe, aliás esta resposta vem um pouco na sequência da anterior. Podemos dividi-los em três componentes: Vertente **física, técnico/tática e psicológica**.

Física – Bom perfil morfológico para a posição (estatura, envergadura; *mais importante que a estatura*, agilidade, impulsão vertical/horizontal e a velocidade específica para a posição, análise; *decisão e execução*. A questão da altura é uma das características que mais “discussão” gera. Na minha opinião é difícil ver atualmente um GR com 1,80cm de nível internacional, mas GR com 1,84/85cm que tenha melhor impulsão, calcule melhor trajetórias, tome melhores decisões, não será melhor que um de 1,90cm, mas que não possua estas características?

A meu ver, é. Se conseguirmos conciliar as duas, perfeito. No entanto Anthony Lopes (Lyon), Beto (Porto, Sevilha, Sporting...), Yann Sommer (Suíça A, Borussia Mönchengladbach), entre outros, são exemplos que se pode ser GR de bom nível e que não são altos.

Técnico/Tática – GR que domine e seja equilibrado nos Momentos Defensivos/Ofensivos. Bom domínio das técnicas de base e qualidade na execução técnica (defensiva/ofensiva). Qualidade nas tomadas de decisão (pensamento tático). Capacidade de análise e perceção de jogo para resolver situações (GR Antecipativos). Nível bom e consistente na qualidade de desempenho. Perceção de projeção, no futuro.

Psicológica – Personalidade forte, líder (comunicação dentro de campo com mensagens precisas), confiante (autoconfiança para lidar bem com o erro), corajoso e bom equilíbrio emocional.

3 – A seleção inicial é feita com base no Torneio Lopes da Silva. Posteriormente é feita a observação nos campeonatos nacionais e distritais. Estas observações são feitas não só pelos TGR, como também pelos Treinadores Nacionais. Assim como nós não nos limitamos a observar só GR, mas também jogadores de campo, porque apesar de TGR, somos também treinadores.

No 1º estágio dos Sub-15, são chamados 8 GR, no 2º estágio 6 GR. A partir daqui, 3 GR. As observações/avaliações, continuam nos estágios, nos jogos preparatórios, competições oficiais e jogos nos clubes. A observação no estrangeiro é muito complicada para os Treinadores Nacionais, existindo algumas pessoas de confiança em alguns países, que nos fazem chegar informações. Também poderá ser feita observação, através do visionamento de imagens.

A seleção de GR nas diferentes seleções é feita de forma transversal. Os TGR opinam sobre os GR a convocar e jogar (neste espaço o TGR é respeitado e tem credibilidade), mas quem decide é o treinador principal.

4 – Estando num espaço há quase duas décadas, houve três momentos distintos. Um em que não havia diálogo com os clubes por parte dos TGR, até porque nessa altura havia muitos clubes sem TGR (mesmo nas seleções só existe há 20 anos) e o contacto era feito pelos treinadores principais, com os coordenadores dos clubes. Posteriormente já com mais TGR neste espaço, foram-se criando dinâmicas, tanto a nível desportivo como a nível estrutural. Passou a haver um coordenador de TGR e passou a haver maior organização e com o trabalho repartido. Passou a haver canais de comunicação, o coordenador dos TGR falava com os coordenadores dos TGR dos clubes (se eles existissem), mas também os outros TGR contactavam pontualmente com os TGR dos clubes, se entendessem haver motivos para tal. Havia uma maior proximidade com os TGR das instituições, tendo inclusive havido visitas a clubes. Quando deixou de haver um coordenador de TGR instituído, o contacto existe, mas é um contacto mais aleatório e feito normalmente entre os treinadores do mesmo escalão. Defendo a existência dum coordenador de TGR, com canais de comunicação definidos e onde exista uma maior proximidade com os clubes. Isto permite maior conhecimento antecipado do

nível dos GR e caso haja deficiências grosseiras detetadas, haver esse diálogo, para que o GR (o principal visado) possa evoluir. No entanto entendo que esses contactos devem ser criteriosos. De salientar também, que não podemos ser “influenciados” (sobrevalorização por parte dos TGR dos clubes), temos que ver com os nossos próprios olhos.

5 – Claro que o GR é muito importante na ID de Portugal. As Seleções Nacionais têm um modelo e comportamentos de jogo predefinidos, no qual o GR se insere, mas cada escalão tem vida própria e o treinador principal pode e deve fazer alguns ajustes. Como tal o GR tem de possuir um conhecimento tático ofensivo e defensivo da equipa. Posicionamentos ajustados nos diferentes contextos e momentos do jogo. Alguns tópicos:

Processo Ofensivo

Circulação Rápida na fase de construção.

Qualidade, Velocidade e intensidade de passe.

Dominar os ritmos de jogo (acelerar ou temporizar), jogar curto, médio ou longo e para zonas predefinidas pelo treinador principal. Nestes momentos, nunca deve pôr em risco a equipa com más decisões.

Assegurar constantemente linhas de passe seguras aos seus companheiros.

Ter solução antes de receber bola (tomada de decisão).

Demonstrar tranquilidade, confiança e segurança à equipa para que assumam comportamentos mais ofensivos.

Processo Defensivo

Proteção da baliza (prioridade sempre BALIZA)

Profundidade defensiva (distancia com o bloco)

Liderar a equipa quer nas situações de jogo, como nas situações de bola parada (liderança/comunicação).

Segurança máxima nas ações tático/técnicas.

Estar constantemente a ler o jogo (concentração).

Demonstrar qualidade, tranquilidade e confiança

Um GR pode influenciar, potenciar e alterar alguns comportamentos da equipa, consoante possua determinadas características (pontapé longo e preciso, rápido e boa cobertura da profundidade, bom domínio do espaço aéreo...).

6 – É muito importante treinar o que jogas e por isso o treino deve ser o mais direcionado possível, para as ações que um GR tem no jogo. Podemos dividir o treino de GR, em três modelos: Específico Equipa, Específico Grupo GR e Específico Individual.

Específico Equipa - O Específico Equipa planeia situações de jogo com bola em que estão presentes companheiros e adversários, pelo que a componente percetivo-decisória é muito elevada. Trabalham-se simultaneamente aspetos técnicos, táticos, físicos e psicológicos.

Numa ideia de jogo em que o GR é cada vez mais parte integrante da equipa é fundamental a sua participação na maioria dos exercícios que visam potenciar a nossa organização de jogo. Analisar e trazer para o exercício uma situação real do jogo e permite um maior conhecimento e identificação do GR com a forma de jogar da equipa. Visa também preparar GR inteligentes, com capacidade de decisão e estarem mais bem preparados para um bom desempenho em competição.

É o método PRINCIPAL na metodologia de treino dos GR de Seleção Nacional.

Específico Grupo GR - O Específico Grupo GR introduz a tomada de decisão para poder resolver o contexto e momento apresentado no exercício (Cruzamento, remate, saída, atraso, GPB,

O. Ofensiva, E. T. Ofensivos e Defensivos).

Neste tipo de tarefas está sempre presente a bola e um nível variável de incerteza, pelo que os GR deverão eleger entre as várias possibilidades a melhor, para poder ter êxito. Este modelo é o mais utilizado quando se trabalha com o grupo de GR (3,4,5...), principalmente na parte inicial da Unidade de Treino que antecede a integração dos GR nos exercícios com a equipa. Num jogo em que não conhecemos antecipadamente as trajetórias da bola, nem o momento em que o GR tem de intervir, é importante introduzir estas variáveis nos exercícios para que se aproxime da realidade da competição (criar situações da nossa organização de jogo). Este modelo de treino visa criar situações combinadas do jogo: defensivas e ofensivas, utilizando o grupo de GR. Dar alguma variabilidade e dinâmica aos exercícios. Direcionar e potenciar as funções táticas específicas e poder trabalhar uma situação defensiva e ofensiva com os GR no mesmo exercício.

Específico Individual - O Específico individual utiliza-se para a automatização do gesto técnico.

O elemento a trabalhar em especificidade, visa melhorar uma ação individual que tem como dominância o aperfeiçoamento das técnicas de base. Nas primeiras etapas evolutivas será um método que pode ter maior incidência no treino do jovem GR.

É um modelo utilizado em espaço de Seleção Nacional quando estamos com 1 GR e precisamos de automatizar ou corrigir alguma situação mais específica do GR (Técnica Defensiva/Ofensiva).

É um método COMPLEMENTAR no espaço de Seleção Nacional.

7 – Os GR chegam à Seleção Nacional com 14 anos (S15) até aos S20, na Formação.

Eu sou apologista que os métodos de treino nestas idades sejam idênticos. O que pode variar, é a intensidade e a complexidade. Como já foi explicado anteriormente, o treino visa essencialmente preparar o GR para a competição, visando um modelo de jogo e a nossa forma de jogar, no entanto quem trabalha na formação (seleção, clube), não pode descurar treinar um GR em todas as vertentes do jogo. Quando se treina um GR na formação, não sabemos a que patamar ele poderá chegar. Pretende-se que treinemos para ele poder chegar à seleção A, mas aí poucos chegam. É preciso prepará-los e mentalizá-los para possíveis cenários (1ª Liga, 2ª Liga, Liga 3...) e para diferentes formas de jogar, porque nem todos os treinadores, têm a mesma forma de pensar o jogo. Por exemplo, se um GR for formatado a sair a jogar predominantemente curto e não treinar o pontapé longo e em potência, vai ter dificuldades, quando a isso for exigido.

Outro fator importante para um TGR, é ter noção que tem de preparar o treino direcionado para o GR e não para ele próprio. Só assim fará sentido ser TGR.

8 – Eu diria a observação de jogo e de treino (se possível, registos através de imagens) são extremamente importantes. O rendimento no jogo é uma consequência do que treinas. Eu acredito nisso e ainda é mais visível num GR em formação. Na observação de jogo, o GR revela as suas virtudes e debilidades e o TGR tem de saber interpretá-las. Neste espaço o TGR reúne com os GR depois do jogo (normalmente no dia a seguir se possível) e através do visionamento das imagens que o TGR selecionou, chegamos a conclusões (se as imagens forem de um só GR, também servem para os outros). Neste espaço, existe um constrangimento de tempo para treinar em competição (pouco tempo entre os jogos), mas tentamos potenciar as debilidades reveladas. Antes da competição ou nos estágios aquisitivos,

o mesmo procedimento é feito através de imagens do treino, que o TGR seleciona. De qualquer forma é nos clubes que os GR passam mais tempo e onde podem desenvolver melhor as suas capacidades. Por isso é importante o diálogo com os clubes nas lacunas mais visíveis. Fundamental é o TGR transmitir ao GR, que certos procedimentos que são pedidos no contexto de seleção, poderem ser diferentes do que realizam nos clubes, e aí os GR têm de saber adaptar-se a cada espaço, o que às vezes nem sempre é fácil.

9 – Em primeiro lugar congratular-me por este ano ter sido dado um passo importante, que foi o primeiro curso de TGR em Portugal na FPF e sob a chancela da UEFA. Há alguns anos que esperávamos por isto, só que foi sendo adiado. Numa conversa em 2019 com Pat Bonner e Frans Hoek, responsáveis por estes cursos na UEFA, diziam-nos que só Portugal e Itália, entre os principais países, não tinham cursos de TGR certificados pela UEFA e que estavam dispostos a que rapidamente a situação se alterasse. Finalmente foi conseguido, falta agora aperfeiçoar temáticas e conteúdos. Haverá dois níveis Uefa A e B. De qualquer forma os TGR para poderem se inscrever nestes cursos, terão de ter o I e II nível, porque antes de sermos TGR, também somos treinadores e é importante ter esta formação. Com esta certificação o TGR, além de poder ficar mais habilitado, poderá haver uma maior uniformização do treino de GR e até se poder criar uma **ID do GR Português** (não será fácil). Além disso ganha um estatuto e maior credibilidade perante os treinadores principais, dirigentes, entidades e até jogadores.

Alguns tópicos que acho importante um TGR (seleção/clube) dominar e poder “reclamar”:

- Participação na planificação anual / na escolha do modelo de jogo / na escolha do modelo de GR (scouting) / na elaboração-construção da unidade treino e microciclo

- **Modelo de jogo** – Qual a importância do GR na equipa e o seu rendimento? Pontos fracos/fortes - definição de objetivos / como queremos jogar?

- **Perfil GR** (Scouting) – GR mais altos atualmente e mais fortes mentalmente / Jogo está mais rápido / Gr joga mais subido / É mais solicitado e está mais exposto / Maior percentagem das ações com pés / valorizar o primado defensivo ou ofensivo? / Juventude ou experiência?

- **Intervenção na construção UT** – propor exercícios / intervenção e liderança nos momentos de OD / abertura na discussão com TR principal.

- **Análise Jogo** – Transfer para o treino / escolha dos exercícios específicos – participação integrada – **ASSIM TREINAMOS, ASSIM QUEREMOS QUE O NOSSO GR JOGUE.**

- **Papel durante a sessão treino:** Introdução (objetivos) / Demonstração / Feedbacks / Ação / reflexão.
- **Status** do TGR para mudar mentalidade do TR principal.
- **Conhecimento sobre Psicologia** (Motivação, Liderança, Honestidade) como fator positivo para a criação de empatia forte entre os vários GR da equipa. Gerir objetivos individuais, definir estratégias, para liderar com o GR que joga e os que não jogam.

Refletir, Partilhar, Reciclar, Evoluir, sempre no sentido de querermos um TGR como parte integrante de todo o processo, proactivo e não simplesmente como o elemento responsável pela preparação dos GR.

Estes são alguns pontos que acho importantes para a evolução do treino dos GR em Portugal. Na formação na minha opinião, temos de treinar os GR, para poderem jogar sob qualquer modelo, qualquer campeonato, qualquer país e a qualquer nível.

Se fizermos isto, estaremos mais próximos de contribuir para o desenvolvimento do treino, mas acima de tudo, para o **CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DOS GR.**

ANEXO II



Portugal no Grupo 13 na Fase de Apuramento.



Portugal no Grupo 8 na Ronda de Elite.



Portugal no Grupo D no Euro Sub.17.

ANEXO III

ORGANIZAÇÃO OFENSIVA

ETO



Posicionamento Inicial na procura do Homem Livre – Análise, Perceção e Decisão

Capacidade, Qualidade e Intensidade de Passe Curto, Médio e Longo

1ª opção – Defesas Centrais / Médio Defensivo (se possível sair a jogar)

2ª opção – Defesas Laterais (Médios Interiores em zonas interiores)

3ª opção – Médios Interiores (procura de jogo entre linha defensiva e média adversária)

4ª opção – Avançado em zona lateral

5ª opção – Avançado (procura de jogo entre linha defensiva e média adversária)

6ª opção – Procura do espaço nas costas da defesa adversária



7ª opção – Procura do espaço contrário ao da equipa (saída para Av. Lat. Com bloqueio do DL contrário)

(FASE CONSTRUÇÃO)



Mesmos Princípios que na Fase de Início do Processo Ofensivo através de Pontapé de Baliza

(ATRASOS)



Linhas de Passe sempre que possível em Zonas Centrais

TRANSIÇÃO OFENSIVA

ETO



GPB



GR Proactivos na procura de soluções rápidas nas TO, procurando desequilíbrios nas equipas adversárias.
Capacidade de leitura das situações e de tomada de decisão entre acelerar ou temporizar.

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA

ETD (LIVRES)



Posicionamentos adequados às diferentes zonas onde o livre é efetuado (Baixo/Alto) (Central/1ºP/2ºP)
Adequar o n° de jogadores nas barreiras (Adversários)
Liderança / Comunicação

ETD

PENALTIS



GR explosivo e confiante

LIVRES FRONTAIS



Posicionamentos adequados e nº de elementos na Barreira (4+1) / Liderança / Comunicação

REMATES

FRONTAIS

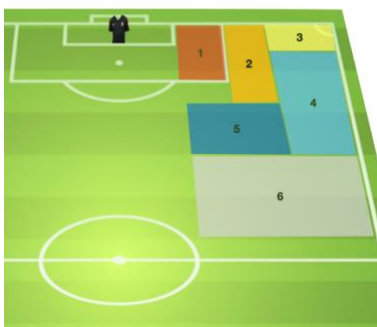


Posicionamentos de acordo com distância / lateralidade da bola / Posição estável (equilíbrio corporal) / Potência e velocidade nas ações

LATERAIS



CRUZAMENTOS



Posicionamentos adequados cosoante determinadas zonas

(Situação não estanque devido à capacidade individual de cada GR)

Zona 1 – Preocupação com Baliza / Capacidade de intervenção em cruz. Dentro da pequena área

Zona 2 – Preocupação com Baliza / Capacidade de intervenção em zona entre Gr e Defesas

Zona 3/4/6 – Gr com menor preocupação com baliza / Mais alto / Capacidade de Intervenção na área

Zona 5 – Zona morta com preocupação na baliza, no controlo da profundidade e Cruz. na área

GR confiantes, posicionados e concentrados principalmente na bola, e nos movimentos e posicionamentos adversários. Com capacidade técnica, de leitura da situação (JOGO) e correta tomada de decisão.

SAÍDAS



Posicionamentos adequados cosoante determinadas zonas

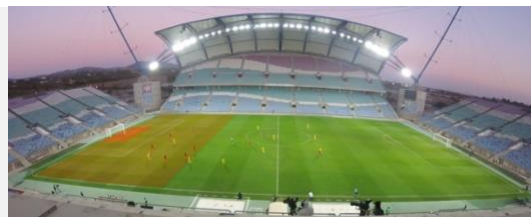
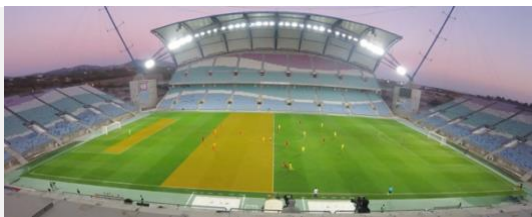
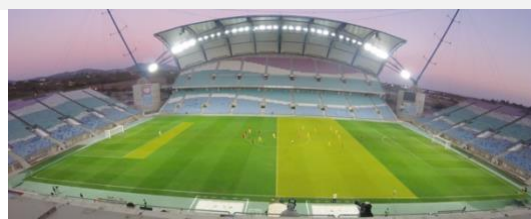
Mais Altos / Mais Baixos

Mais Laterais / Mais Centrais

(Situação não estanque devido à capacidade individual de cada GR)

GR confiantes, posicionados e concentrados principalmente na bola, nos movimentos e posicionamentos adversários.

Com capacidade técnica, de leitura da situação (JOGO) e boa tomada de decisão.



ANEXO IV

AQUECIMENTO JOGO

Ativação geral entre 20°-25°



Mobilidade



Jogo de Pés / Atrasos



Adaptação Corporal



Posicionamentos / Deslocamentos / T.Receções



Posicionamentos / Deslocamentos / T.Receções



T.Receções / Distribuição Mãos (TO)



Cruzamentos (Diversas Zonas)



Cruzamentos (Diversas Zonas) / Distribuição Mãos (TO) / (TD) Remates



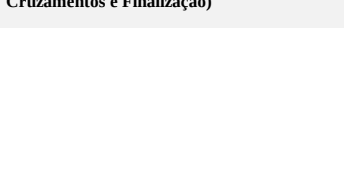
Distribuição Pés (OO)



Remates (3 Zonas) / Saídas 1x1



Integrado com a equipa (Distribuição Pés / Cruzamentos e Finalização)



Concentrado / Activo / Confiante



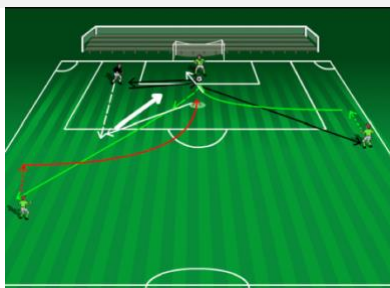
ANEXO V

1º ESTÁGIO AQUISITIVO (16-18/08/21)

1º ESTÁGIO AQUISITIVO (1º TREINO)

CONTEXTO: ETO / CRUZAMENTOS / DISTRIBUIÇÃO / REMATES

MOMENTOS DE JOGO: O.O + O.D + T.O



INSTRUÇÃO:

GR inicia através de pontapé de baliza no T recebendo atraso para variar jogo no GRS1 posicionando-se para cruzamento, podendo existir finalização do T, após receção de bola o GR inicia TO distribuição rápida com as mãos no GRS2 (V).

De seguida reposiciona-se para a receção de novo cruzamento (V), podendo existir finalização do T, após receção de bola o GR inicia TO através de distribuição com as mãos no T, reposicionando-se para Remate do T (B).

CRITÉRIOS ÊXITO:

- RECEÇÕES ORIENTADAS PARA O JOGO;
- VISUALIZAÇÃO DOS REFERENCIAIS (PRESSÃO / LINHAS DE PASSE);
- DISTRIBUIÇÃO TENSA E DIRETA;
- REPOSICIONAMENTOS / DESLOCAMENTOS;
- COMUNICAÇÃO;
- TOMADA DE DECISÃO

TREINO INTEGRADO:

ORGANIZAÇÃO OFENSIVA (10 x 0+GR)

COMPETITIVO (JOGO 2 EQUIPAS)

(1º TREINO NORMALMENTE COM MAIOR RECUPERAÇÃO)

REPRESENTATIVIDADE:

- PROCURA DE SAÍDA CURTA EM ETO (P.B) E DE LINHAS DE PASSE EM CONTEXTO DE ATRASO;
- ADOÇÃO DE POSICIONAMENTOS/TOMADA DE DECISÃO EM CONTEXTO DE CRUZAMENTO
- INTENCIONALIDADE DE TRANSIÇÕES OFENSIVAS RÁPIDAS (MÃOS);

1º ESTÁGIO AQUISITIVO (2º TREINO)

CONTEXTO: ATRASOS / CRUZAMENTOS / DISTRIBUIÇÃO

MOMENTOS DE JOGO: O.O + O.D + T.O



INSTRUÇÃO:

GR recebe atraso por parte do GRS1 sendo pressionado (1), existindo movimentações por parte do T e do GRS2 de forma a dar linhas de passe Baixas (P) / Altas (V).

De seguida reposiciona-se para a receção de um cruzamento (B), podendo existir finalização do GRS1, após receção de bola o GR inicia TO através de distribuição com os pés através de PGR (V) ou mãos.

CRITÉRIOS ÊXITO:

- RECEÇÕES ORIENTADAS PARA O JOGO;
- VISUALIZAÇÃO DOS REFERENCIAIS (PRESSÃO / LINHAS DE PASSE);
- DISTRIBUIÇÃO TENSA E DIRETA;
- REPOSICIONAMENTOS / DESLOCAMENTOS;
- COMUNICAÇÃO;
- TOMADA DE DECISÃO

TREINO INTEGRADO:

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA / TRANSIÇÃO OFENSIVA (7x5+GR)

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA / TRANSIÇÃO OFENSIVA (10x7+GR)

COMPETITIVO (JOGO 2 EQUIPAS)

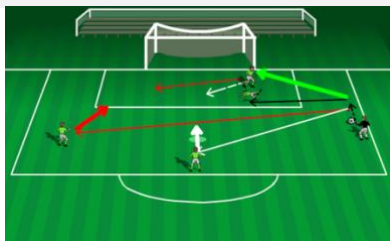
REPRESENTATIVIDADE:

- PROCURA DE LINHAS DE PASSE CURTAS/LONGAS EM CONTEXTO DE ATRASO;
- ADOÇÃO DE POSICIONAMENTOS/TOMADA DE DECISÃO EM CONTEXTO DE CRUZAMENTO
- INTENCIONALIDADE DE TRANSIÇÕES OFENSIVAS RÁPIDAS (MÃOS/PÉS);

1º ESTÁGIO AQUISITIVO (3º TREINO)

CONTEXTO: CRUZAMENTOS / REMATES

MOMENTOS DE JOGO: O.D



INSTRUÇÃO:

GR recebe cruzamento (P) / Remate (V) por parte do T (Dentro da área).

O T pode também colocar a bola num dos grs (B) ou (V) para remate por parte destes.

CRITÉRIOS ÊXITO:

- VISUALIZAÇÃO DAS AMEAÇAS (NA ÁREA)
- REPOSICIONAMENTOS / DESLOCAMENTOS;
- ATAQUE NA BOLA (ZONA DA P.ÁREA)
- TOMADA DE DECISÃO

TREINO INTEGRADO:

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA (GR + 10 x 8 + GR) / TRANSIÇÃO OFENSIVA (5x3+GR)

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA (GR + 10 x 10 + GR) / TRANSIÇÃO OFENSIVA (5x3+GR)

REPRESENTATIVIDADE:

- ADOÇÃO DE POSICIONAMENTOS/TOMADA DE DECISÃO EM CONTEXTO DE CRUZAMENTO E REMATE

1º ESTÁGIO AQUISITIVO (4º TREINO)

CONTEXTO: REMATES / DISTRIBUIÇÃO

MOMENTOS DE JOGO: O.D + T.O



INSTRUÇÃO:

GR recebe remate por parte do T (P), de seguida uma bola para R.A, entrando em T.O através de P.GR (V).

GRS podem ou não estar dispostos a receber bola (Virados de frente ou de costas)

CRITÉRIOS ÊXITO:

- POSICIONAMENTOS / DESLOCAMENTOS;
- COMUNICAÇÃO;
- TOMADA DE DECISÃO;
- DISTRIBUIÇÃO RÁPIDA / TENSA e DIRETA

TREINO INTEGRADO:

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA + T.O (GR) (10 x 0+GR)

ORGANIZAÇÃO GERAL (GR+10 x 10+GR)

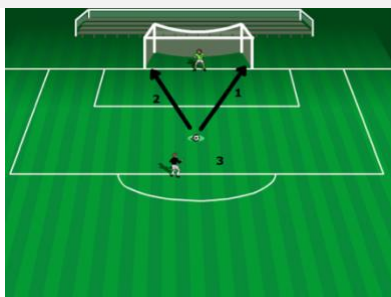
REPRESENTATIVIDADE:

- INTENCIONALIDADE DE TRANSIÇÕES OFENSIVAS RÁPIDAS (PÉS);

1º ESTÁGIO AQUISITIVO (5º TREINO)

CONTEXTO: ETD (G.PENALIDADE)

MOMENTOS DE JOGO: O.D



INSTRUÇÃO:

GR recebe grande penalidades, as primeiras duas o GR sabe o lado da bola (1,2), no (3) o T não indica o lado.

CRITÉRIOS ÊXITO:

- EXPLOSIVOS EM CONTEXTO DE ANTECIPAÇÃO

TREINO INTEGRADO:

ORGANIZAÇÃO OFENSIVA (10x2+GR)

COMPETITIVO (JOGO 2 EQUIPAS)

REPRESENTATIVIDADE:

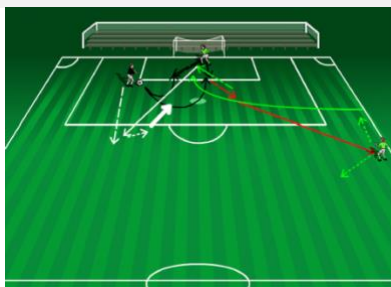
- CAPACIDADE DE EXPLOÇÃO E ANTECIPATIVA EM CONTEXTO DE GRANDES PENALIDADE

1ºESTÁGIO COMPETITIVO (30-05/09/21)

1º ESTÁGIO COMPETITIVO (1ºTREINO)

CONTEXTO: CRUZAMENTOS / DISTRIBUIÇÃO / REMATES

MOMENTOS DE JOGO: O.D + T.O



INSTRUÇÃO:

GR recebe duas bolas para R.A (Zona 1ªPoste/Zona central), de seguida entra em T.O com distribuição da bola com as mãos no GRS(V), reposicionando-se para situação de cruzamento (V), podendo existir finalização do T, após receção de bola o GR inicia TO através de distribuição com as mãos no T, rposicionando-se para Remate do T (B).

CRITÉRIOS ÊXITO:

- RECEÇÕES ORIENTADAS PARA O JOGO;
- VISUALIZAÇÃO DOS REFERENCIAIS (PRESSÃO / LINHAS DE PASSE);
- DISTRIBUIÇÃO TENSA E DIRETA;
- REPOSICIONAMENTOS / DESLOCAMENTOS;
- COMUNICAÇÃO;
- TOMADA DE DECISÃO

TREINO INTEGRADO:

ORGANIZAÇÃO OFENSIVA (10 x 0+GR)
COMPETITIVO (JOGO 2 EQUIPAS)

REPRESENTATIVIDADE:

- ADOÇÃO DE POSICIONAMENTOS/TOMADA DE DECISÃO EM CONTEXTO DE CRUZAMENTO
- INTENCIONALIDADE DE TRANSIÇÕES OFENSIVAS RÁPIDAS (MÃOS);

(1ºTREINO NORMALMENTE COM MAIOR RECUPERAÇÃO)

1º ESTÁGIO COMPETITIVO (2ºTREINO)

CONTEXTO: ATRASOS

MOMENTOS DE JOGO: O.O



INSTRUÇÃO:

GR recebe atraso por parte do T (P), a qq momento o T pressiona obrigando o GR a retirar a bola de pressão e distribuir no GRS (V).

Na 2ªsituação o T coloca uma bola curta para distribuição de 1ª por parte do GR no GRS (V).

CRITÉRIOS ÊXITO:

- RECEÇÕES ORIENTADAS PARA O JOGO;
- VISUALIZAÇÃO DOS REFERENCIAIS (PRESSÃO / LINHAS DE PASSE);
- DISTRIBUIÇÃO TENSA E DIRETA;
- TOMADA DE DECISÃO

TREINO INTEGRADO:

ORGANIZAÇÃO GERAL (GR+9x9+GR)
COMPETITIVO (JOGO 2 EQUIPAS)

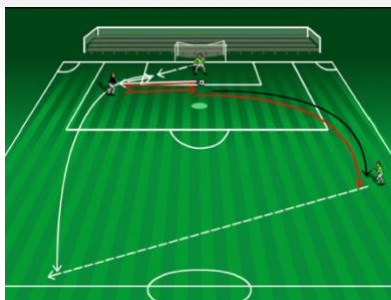
REPRESENTATIVIDADE:

- CAPCIDADE DE JOGO DE PÉS EM CONTEXTO DE ATRASO

1º ESTÁGIO COMPETITIVO (3ºTREINO)

CONTEXTO: ETO (P.BALIZA)

MOMENTOS DE JOGO: O.O



INSTRUÇÃO:

GR efetua recebe cruzamento (P) / Remate (V) por parte do T (Dentro da área).

O T pode também colocar a bola num dos grs (B) ou (V) para remate por parte destes.

T poderá pressionar o GR

CRITÉRIOS ÊXITO:

- RECEÇÕES ORIENTADAS PARA O JOGO;
- VISUALIZAÇÃO DOS REFERENCIAIS (PRESSÃO / LINHAS DE PASSE);
- DISTRIBUIÇÃO TENSA E DIRETA;
- REPOSICIONAMENTOS / DESLOCAMENTOS;
- COMUNICAÇÃO;
- TOMADA DE DECISÃO

TREINO INTEGRADO:

ORGANIZAÇÃO OFENSIVA (Saída de bola pelo GR / P.Baliza)
ORGANIZAÇÃO GERAL (GR+9x9+GR)

REPRESENTATIVIDADE:

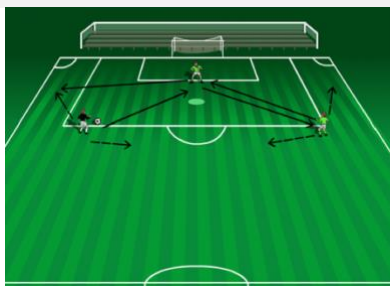
- PROCURA DE SAIDA CURTA/LONGA EM ETO (P.B) E DE LINHAS DE PASSE EM CONTEXTO DE ATRASO;

JOGO

1º ESTÁGIO COMPETITIVO (4º TREINO)

CONTEXTO: ATRASOS

MOMENTOS DE JOGO: O.O



INSTRUÇÃO:

GR recebe atrasos sem pressão, em que procura ser rápido nas ações de recepção e passe.

Pode devolver ao mesmo

(Variante): Gr antes de receber bola tem de identificar quantos braços o Gr do corredor contrário tem no ar e verbalizar.

CRITÉRIOS ÊXITO:

- RECEÇÕES ORIENTADAS PARA O JOGO;
- VISUALIZAÇÃO DOS REFERENCIAIS (PRESSÃO / LINHAS DE PASSE);
- DISTRIBUIÇÃO TENSA E DIRETA;
- REPOSICIONAMENTOS / DESLOCAMENTOS;
- COMUNICAÇÃO;

TREINO INTEGRADO:

ORGANIZAÇÃO GERAL (GR+10 x 10+GR) (PASSIVO)
COMPETITIVO (JOGO 2 EQUIPAS)

REPRESENTATIVIDADE:

- QUALIDADE DE PASSE E CIRCULAÇÃO

JOGO

1º ESTÁGIO COMPETITIVO (5º TREINO)

CONTEXTO: ETD (G.PENALIDADE)

MOMENTOS DE JOGO: O.D



INSTRUÇÃO:

T nas costas do GRS, coloca a bola em profundidade (Várias distâncias)

Para situações de de finalização (P), 1xGr (V). ou saída do Gr para desarme (V).

CRITÉRIOS ÊXITO:

- CAPACIDADE DE FIXAÇÃO NA BALIZA E DE ENCURTAMENTOS;
- VELOCIDADE DE EXECUÇÃO;
- TOMADA DE DECISÃO;

TREINO INTEGRADO:

TREINO DE RECUPERAÇÃO DA EQUIPA
APENAS TREINO ESPECIFICO DE GR

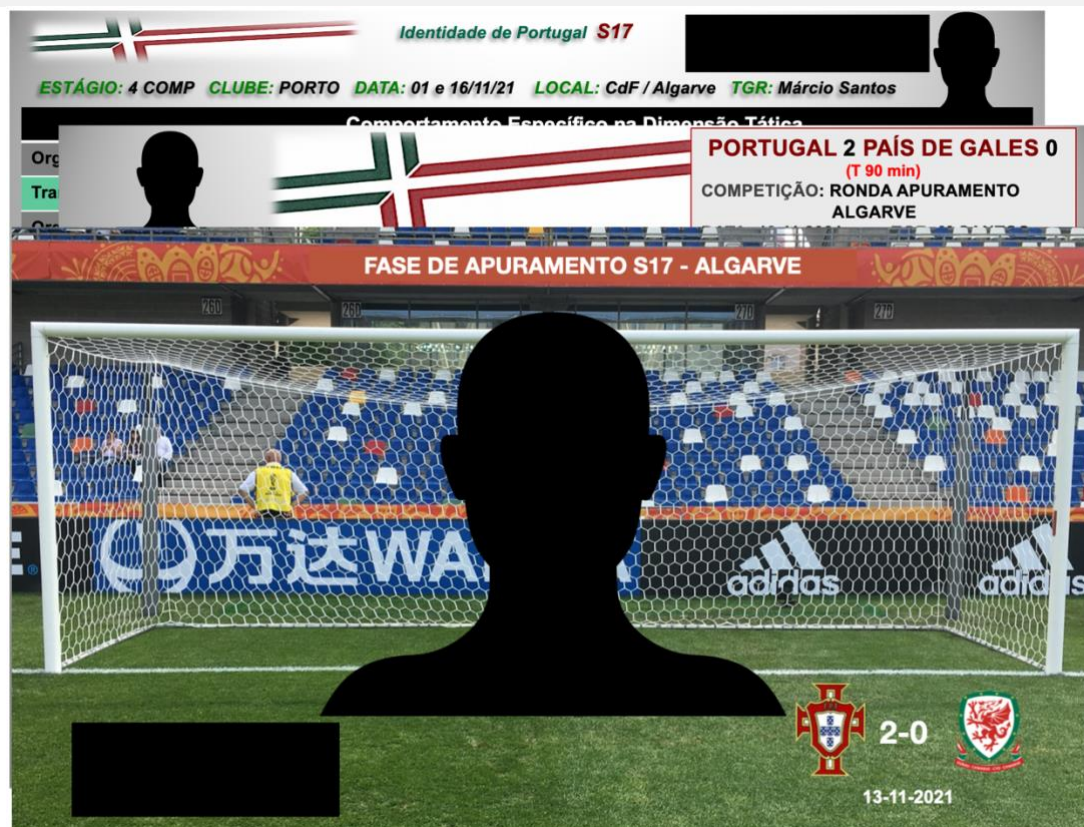
REPRESENTATIVIDADE:

-SITUAÇÕES DE 1XGR

JOGO

ANEXO VI

RELATÓRIOS DE ANÁLISE E AVALIAÇÃO



SÃO REALIZADOS 3 TIPOS DE DOCUMENTOS:

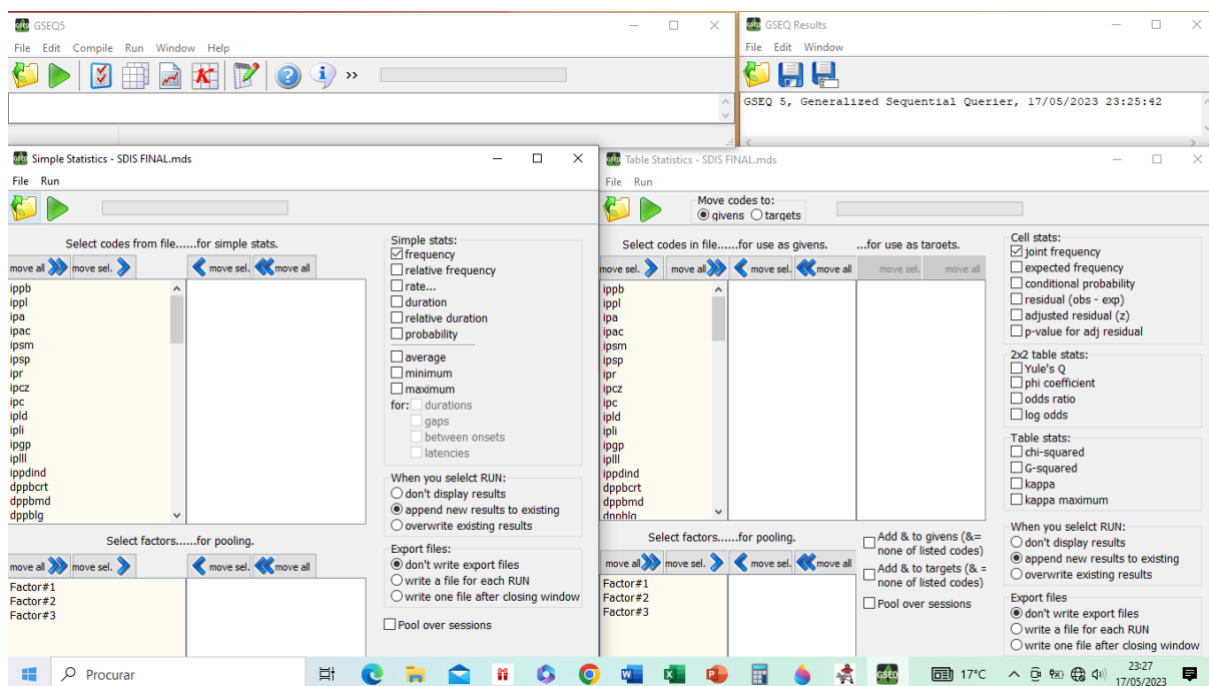
- 1-RELATÓRIO DE JOGO
- 2-RELATÓRIO DE ESTÁGIO
- 3-RELATÓRIO JOGO (VIDEO)

ANEXO VII

[illegible]

A			B			C			D			E			F			G			H			I			J			K			L			M			N			O			P			Q			R			S			T			U			V			W			X			Y			Z			AA			AB			AC			AD			AE			AF			AG			AH			AI			AJ			AK			AL			AM			AN			AO			AP			AQ			AR			AS			AT			AU			AV			AW			AX			AY			AZ			BA			BB			BC			BD			BE			BF			BG			BH			BI			BJ			BK			BL			BM			BN			BO			BP			BQ			BR			BS			BT			BU			BV			BW			BX			BY			BZ			CA			CB			CC			CD			CE			CF			CG			CH			CI			CJ			CK			CL			CM			CN			CO			CP			CQ			CR			CS			CT			CU			CV			CW			CX			CY			CZ			DA			DB			DC			DD			DE			DF			DG			DH			DI			DJ			DK			DL			DM			DN			DO			DP			DQ			DR			DS			DT			DU			DV			DW			DX			DY			DZ			EA			EB			EC			ED			EE			EF			EG			EH			EI			EJ			EK			EL			EM			EN			EO			EP			EQ			ER			ES			ET			EU			EV			EW			EX			EY			EZ			FA			FB			FC			FD			FE			FF			FG			FH			FI			FJ			FK			FL			FM			FN			FO			FP			FQ			FR			FS			FT			FU			FV			FW			FX			FY			FZ			GA			GB			GC			GD			GE			GF			GG			GH			GI			GJ			GK			GL			GM			GN			GO			GP			GQ			GR			GS			GT			GU			GV			GW			GX			GY			GZ			HA			HB			HC			HD			HE			HF			HG			HH			HI			HJ			HK			HL			HM			HN			HO			HP			HQ			HR			HS			HT			HU			HV			HW			HX			HY			HZ			IA			IB			IC			ID			IE			IF			IG			IH			II			IJ			IK			IL			IM			IN			IO			IP			IQ			IR			IS			IT			IU			IV			IW			IX			IY			IZ			JA			JB			JC			JD			JE			JF			JG			JH			JI			JJ			JK			JL			JM			JN			JO			JP			JQ			JR			JS			JT			JU			JV			JW			JX			JY			JZ			KA			KB			KC			KD			KE			KF			KG			KH			KI			KJ			KK			KL			KM			KN			KO			KP			KQ			KR			KS			KT			KU			KV			KW			KX			KY			KZ			LA			LB			LC			LD			LE			LF			LG			LH			LI			LJ			LK			LL			LM			LN			LO			LP			LQ			LR			LS			LT			LU			LV			LW			LX			LY			LZ			MA			MB			MC			MD			ME			MF			MG			MH			MI			MJ			MK			ML			MN			MO			MP			MQ			MR			MS			MT			MU			MV			MW			MX			MY			MZ			NA			NB			NC			ND			NE			NF			NG			NH			NI			NJ			NK			NL			NM			NN			NO			NP			NQ			NR			NS			NT			NU			NV			NW			NX			NY			NZ			OA			OB			OC			OD			OE			OF			OG			OH			OI			OJ			OK			OL			OM			ON			OO			OP			OQ			OR			OS			OT			OU			OV			OW			OX			OY			OZ			PA			PB			PC			PD			PE			PF			PG			PH			PI			PJ			PK			PL			PM			PN			PO			PP			PQ			PR			PS			PT			PU			PV			PW			PX			PY			PZ			QA			QB			QC			QD			QE			QF			QG			QH			QI			QJ			QK			QL			QM			QN			QO			QP			QQ			QR			QS			QT			QU			QV			QW			QX			QY			QZ			RA			RB			RC			RD			RE			RF			RG			RH			RI			RJ			RK			RL			RM			RN			RO			RP			RQ			RR			RS			RT			RU			RV			RW			RX			RY			RZ			SA			SB			SC			SD			SE			SF			SG			SH			SI			SJ			SK			SL			SM			SN			SO			SP			SQ			SR			SS			ST			SU			SV			SW			SX			SY			SZ			TA			TB			TC			TD			TE			TF			TG			TH			TI			TJ			TK			TL			TM			TN			TO			TP			TQ			TR			TS			TT			TU			TV			TW			TX			TY			TZ			UA			UB			UC			UD			UE			UF			UG			UH			UI			UJ			UK			UL			UM			UN			UO			UP			UQ			UR			US			UT			UU			UV			UW			UX			UY			UZ			VA			VB			VC			VD			VE			VF			VG			VH			VI			VJ			VK			VL			VM			VN			VO			VP			VQ			VR			VS			VT			VU			VV			VW			VX			VY			VZ			WA			WB			WC			WD			WE			WF			WG			WH			WI			WJ			WK			WL			WM			WN			WO			WP			WQ			WR			WS			WT			WU			WV			WW			WX			WY			WZ			XA			XB			XC			XD			XE			XF			XG			XH			XI			XJ			XK			XL			XM			XN			XO			XP			XQ			XR			XS			XT			XU			XV			XW			XX			XY			XZ			YA			YB			YC			YD			YE			YF			YG			YH			YI			YJ			YK			YL			YM			YN			YO			YP			YQ			YR			YS			YT			YU			YV			YW			YX			YY			YZ			ZA			ZB			ZC			ZD			ZE			ZF			ZG			ZH			ZI			ZJ			ZK			ZL			ZM			ZN			ZO			ZP			ZQ			ZR			ZS			ZT			ZU			ZV			ZW			ZX			ZY			ZZ		
1	Pha	L	DHpanel	65	Total	Cables																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																													</																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																			

ANEXO VIII



ANEXO IX**CENTRO DE JOGO****Tabela IX-1** – Frequência Absoluta de acordo com o Adversário e o Resultado Momentâneo.

TRANSIÇÕES	APURADAS (N=9)				NÃO APURADAS (N=8)				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
CJCPIR	2	7	7	16	2	4	27	33	4	11	34	49
CJCPIA	4	6	4	14	1	1	5	7	5	7	9	21
CJCPIP	16	20	27	63	1	9	38	48	17	29	65	111
CJSPINP	3	4	4	11	0	1	6	7	3	5	10	18
CJSPSR	0	0	0	0	0	1	1	2	0	1	1	2
CJSPSA	38	54	28	120	2	29	88	119	40	83	116	239

Tabela IX-2 – Frequência Relativa de acordo com o Adversário e o Resultado Momentâneo.

TRANSIÇÕES	APURADAS (N=9)				NÃO APURADAS (N=8)				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
CJCPIR	0,03	0,08	0,1	0,07	0,33	0,09	0,16	0,19	0,18	0,09	0,13	0,13
CJCPIA	0,06	0,07	0,06	0,06	0,17	0,02	0,03	0,07	0,12	0,05	0,05	0,07
CJCPIP	0,25	0,22	0,39	0,29	0,17	0,2	0,23	0,20	0,21	0,21	0,31	0,24
CJSPINP	0,05	0,04	0,06	0,05	0	0,02	0,04	0,02	0,03	0,03	0,05	0,04
CJSPSR	0	0	0	0,00	0	0,02	0,01	0,01	0,00	0,01	0,01	0,01
CJSPSA	0,6	0,59	0,4	0,53	0,33	0,64	0,53	0,50	0,47	0,62	0,47	0,52

Tabela IX-3 – Frequência Absoluta de acordo com as Partes do Jogo e o Resultado Momentâneo.

TRANSIÇÕES	1ªPARTE				2ªPARTE				TOTAIS			
	D (N=7)	E (N=18)	V (N=13)	T	D (N=4)	E (N=10)	V (N=13)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
CJCPIR	3	4	18	25	1	7	16	24	4	11	34	49
CJCPIA	2	3	5	10	3	4	4	11	5	7	9	21
CJCPIP	9	18	28	55	8	11	37	56	17	29	65	111
CJSPINP	2	2	4	8	1	3	6	10	3	5	10	18
CJSPSR	0	1	0	1	0	0	1	1	0	1	1	2
CJSPSA	31	41	53	125	9	42	63	114	40	83	116	239

Tabela IX-4 – Frequência Relativa de acordo com as Partes do Jogo e o Resultado Momentâneo.

TRANSIÇÕES	1ªPARTE				2ªPARTE				TOTAIS			
	D (N=7)	E (N=18)	V (N=13)	T	D (N=4)	E (N=10)	V (N=13)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
CJCPIR	0,06	0,06	0,17	0,10	0,05	0,1	0,13	0,09	0,06	0,08	0,15	0,10
CJCPIA	0,04	0,04	0,05	0,04	0,14	0,06	0,03	0,08	0,09	0,05	0,04	0,06
CJCPIP	0,19	0,26	0,26	0,24	0,36	0,16	0,29	0,27	0,28	0,21	0,28	0,25
CJSPINP	0,04	0,03	0,04	0,04	0,05	0,04	0,05	0,05	0,05	0,04	0,05	0,04
CJSPSR	0	0,01	0	0,00	0	0	0,01	0,00	0,00	0,01	0,01	0,00
CJSPSA	0,66	0,59	0,49	0,58	0,41	0,63	0,5	0,51	0,54	0,61	0,50	0,55

ANEXO X

ZONAS IPO

Tabela X-1 – Frequência absoluta das ZONAS de Início Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários e as Partes do jogo.

ZONAS IPO	APURADAS (N=9)			NÃO APURADAS (N=8)			TOTAIS		
	1ºP. (N=22)	2ºP. (N=13)	T	1ºP. (N=16)	2ºP. (N=14)	T	1ºP. (N=38)	2ºP. (N=27)	T
1	44	40	84	40	36	76	84	76	160
2	32	31	63	35	38	73	67	69	136
3E	8	7	15	9	6	15	17	13	30
3D	9	8	17	5	6	11	14	14	28
4E	1	0	1	3	1	4	4	1	5
4D	1	0	1	1	2	3	2	2	4
5C	7	11	18	8	7	15	15	18	33
5E	1	2	3	2	2	4	3	4	7
5D	0	3	3	1	2	3	1	5	6
6E	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6D	1	0	1	0	0	0	1	0	1
7E	0	1	1	1	2	3	1	3	4
7D	1	1	2	0	2	2	1	3	4
	105	104		105	104		210	208	

Tabela X-2 – Frequência Relativa das ZONAS de Início Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários e as Partes do jogo.

ZONAS IPO	APURADAS (N=9)			NÃO APURADAS (N=8)			TOTAIS		
	1ºP. (N=22)	2ºP. (N=13)	T	1ºP. (N=16)	2ºP. (N=14)	T	1ºP. (N=38)	2ºP. (N=27)	T
1	0,42	0,38	0,40	0,38	0,35	0,36	0,40	0,37	0,38
2	0,30	0,30	0,30	0,33	0,37	0,35	0,32	0,33	0,33
3E	0,08	0,07	0,07	0,09	0,06	0,07	0,08	0,06	0,07
3D	0,09	0,08	0,08	0,05	0,06	0,05	0,07	0,07	0,07
4E	0,01	0,00	0,00	0,03	0,01	0,02	0,02	0,00	0,01
4D	0,01	0,00	0,00	0,01	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01
5C	0,07	0,11	0,09	0,08	0,07	0,07	0,07	0,09	0,08
5E	0,01	0,02	0,01	0,02	0,02	0,02	0,01	0,02	0,02
5D	0,00	0,03	0,01	0,01	0,02	0,01	0,00	0,02	0,01
6E	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
6D	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
7E	0,00	0,01	0,00	0,01	0,02	0,01	0,00	0,01	0,01
7D	0,01	0,01	0,01	0,00	0,02	0,01	0,00	0,01	0,01
	105	104		105	104		210	208	

Tabela X-3 – Frequência Absoluta e Relativa das ZONAS de Início Processo Ofensivo, de acordo com o Adversário e Resultado Momentâneo.

IPO	APURADAS (N=9)				NÃO APURADAS (N=8)				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
1	32 (0,51)	31 (0,37)	21 (0,33)	84 (0,40)	2 (0,33)	21 (0,47)	53 (0,34)	76 (0,36)	34 (0,49)	52 (0,41)	74 (0,33)	160 (0,38)
2	17 (0,27)	25 (0,30)	21 (0,33)	63 (0,30)	0	9 (0,20)	64 (0,41)	73 (0,35)	17 (0,25)	34 (0,27)	85 (0,38)	136 (0,33)
3E	2 (0,03)	9 (0,11)	4 (0,06)	15 (0,07)	0	4 (0,09)	11 (0,07)	15 (0,07)	2 (0,03)	13 (0,10)	15 (0,07)	30 (0,07)
3D	6 (0,10)	5 (0,06)	6 (0,10)	17 (0,08)	0	3 (0,07)	8 (0,05)	11 (0,05)	6 (0,09)	8 (0,06)	14 (0,06)	28 (0,07)
4E	0	0	1 (0,02)	1	0	3 (0,07)	1 (0,01)	4 (0,02)	0	3 (0,02)	2 (0,01)	5 (0,01)
4D	1 (0,02)	0	0	1	0	0	3 (0,02)	3 (0,01)	1 (0,01)	0	3 (0,01)	4 (0,01)
5C	2 (0,03)	8 (0,10)	8 (0,13)	18 (0,09)	1 (0,17)	2 (0,04)	12 (0,08)	15 (0,07)	3 (0,04)	10 (0,08)	20 (0,09)	33 (0,08)
5E	0	2 (0,02)	1 (0,02)	3 (0,01)	0	2 (0,04)	2 (0,01)	4 (0,02)	0	4 (0,03)	3 (0,01)	7 (0,02)
5D	0	2 (0,02)	1 (0,02)	3 (0,01)	1 (0,17)	0	2 (0,01)	3 (0,01)	1 (0,01)	2 (0,02)	3 (0,01)	6 (0,01)
6E	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6D	1 (0,02)	0	0	1	0	0	0	0	1 (0,01)	0	0	1
7E	0	1 (0,01)	0	1	1 (0,17)	1 (0,02)	1 (0,01)	3 (0,01)	1 (0,01)	2 (0,02)	1	4 (0,01)
7D	2 (0,03)	0	0	2 (0,01)	1 (0,17)	0	1 (0,01)	2 (0,01)	3 (0,04)	0	1	4 (0,01)
	63 (0,30)	83 (0,40)	63 (0,30)	209	6 (0,03)	45 (0,22)	158 (0,76)	209	69 (0,17)	128 (0,31)	221 (0,53)	418

Tabela X-4 – Frequência Absoluta das ZONAS de Início Processo Ofensivo, de acordo com as Partes do Jogo e Resultado Momentâneo.

IPO	1ªPARTE				2ªPARTE				TOTAIS			
	D (N=7)	E (N=18)	V (N=13)	T	D (N=4)	E (N=10)	V (N=13)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
1	23 (0,49)	27 (0,42)	34 (0,34)	84 (0,40)	11 (0,50)	25 (0,39)	40 (0,33)	76 (0,37)	34 (0,49)	52 (0,41)	74 (0,34)	160 (0,38)
2	12 (0,26)	17 (0,27)	38 (0,38)	67 (0,32)	5 (0,23)	17 (0,27)	47 (0,39)	69 (0,33)	17 (0,24)	34 (0,27)	85 (0,38)	136 (0,33)
3E	1 (0,02)	10 (0,16)	6 (0,08)	17 (0,08)	1 (0,05)	3 (0,05)	9 (0,07)	13 (0,06)	2 (0,03)	13 (0,10)	15 (0,07)	30 (0,07)
3D	5 (0,11)	2 (0,03)	7 (0,07)	14 (0,07)	1 (0,05)	6 (0,09)	7 (0,06)	14 (0,07)	6 (0,08)	8 (0,06)	14 (0,06)	28 (0,07)
4E	0	2 (0,03)	2 (0,02)	4 (0,02)	0	1 (0,02)	0	1	0	3 (0,02)	2 (0,01)	5 (0,01)
4D	1 (0,02)	0	1 (0,01)	2 (0,01)	0	0	2 (0,02)	2 (0,01)	1 (0,01)	0	3 (0,01)	4 (0,01)
5C	2 (0,04)	4 (0,06)	9 (0,09)	15 (0,07)	1 (0,05)	6 (0,09)	11 (0,09)	18 (0,09)	3 (0,04)	10 (0,08)	20 (0,09)	33 (0,08)
5E	0	1 (0,02)	2 (0,02)	3 (0,01)	0	3 (0,01)	1 (0,01)	4 (0,02)	0	4 (0,03)	3 (0,01)	7 (0,02)
5D	1 (0,02)	0	0	1	0	2 (0,03)	3 (0,02)	5 (0,02)	1 (0,01)	2 (0,02)	3 (0,01)	6 (0,01)
6E	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6D	1 (0,02)	0	0	1	0	0	0	0	1 (0,01)	0	0	1
7E	0	1 (0,02)	0	1	1 (0,05)	1 (0,02)	1 (0,01)	3 (0,01)	1 (0,01)	2 (0,02)	1	4 (0,01)
7D	1 (0,02)	0	0	1	2 (0,09)	0	1 (0,01)	3 (0,01)	3 (0,06)	0	1	4 (0,01)
	47 (0,22)	64 (0,30)	99 (0,47)	210	22 (0,11)	64 (0,31)	122 (0,59)	208	69 (0,17)	128 (0,31)	221 (0,53)	418

ANEXO XI

Zonas DPO**Tabela XI-1** – Frequência absoluta e relativa das ZONAS de Desenvolvimento Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários e as Partes do jogo.

ZONAS DPO	APURADAS (N=9)			NÃO APURADAS (N=8)			TOTAIS		
	1ªP.	2ªP.	T	1ªP.	2ªP.	T	1ªP.	2ªP.	T
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	3 (0,02)	4 (0,03)	7 (0,03)	4 (0,03)	1 (0,01)	5 (0,02)	7 (0,03)	5 (0,02)	12 (0,02)
3E	23 (0,18)	11 (0,09)	34 (0,14)	16 (0,13)	14 (0,12)	30 (0,13)	39 (0,16)	25 (0,11)	64 (0,13)
3D	15 (0,12)	11 (0,09)	26 (0,11)	14 (0,11)	14 (0,12)	28 (0,12)	29 (0,12)	25 (0,11)	54 (0,11)
4E	6 (0,05)	8 (0,07)	14 (0,06)	10 (0,08)	2 (0,02)	12 (0,05)	16 (0,06)	10 (0,04)	26 (0,05)
4D	5 (0,04)	8 (0,07)	13 (0,05)	5 (0,04)	5 (0,04)	10 (0,04)	10 (0,04)	13 (0,06)	23 (0,05)
5C	3 (0,02)	7 (0,06)	10 (0,04)	3 (0,02)	5 (0,04)	8 (0,03)	6 (0,02)	12 (0,05)	18 (0,04)
5E	13 (0,10)	8 (0,07)	21 (0,09)	16 (0,13)	15 (0,13)	31 (0,13)	29 (0,12)	23 (0,10)	52 (0,11)
5D	10 (0,08)	10 (0,09)	20 (0,08)	14 (0,11)	11 (0,10)	25 (0,11)	24 (0,10)	21 (0,09)	45 (0,09)
6E	5 (0,04)	5 (0,04)	10 (0,04)	7 (0,06)	6 (0,05)	13 (0,06)	12 (0,05)	11 (0,05)	23 (0,05)
6D	7 (0,06)	5 (0,04)	12 (0,05)	2 (0,02)	5 (0,04)	7 (0,03)	9 (0,04)	10 (0,04)	19 (0,04)
7E	2 (0,02)	6 (0,05)	8 (0,03)	1 (0,01)	5 (0,04)	6 (0,03)	3 (0,01)	11 (0,05)	14 (0,03)
7D	4 (0,03)	5 (0,04)	9 (0,04)	6 (0,05)	4 (0,04)	10 (0,04)	10 (0,04)	9 (0,04)	19 (0,04)
8E	8 (0,06)	4 (0,03)	12 (0,05)	5 (0,04)	1 (0,01)	6 (0,02)	13 (0,05)	5 (0,02)	18 (0,04)
8D	6 (0,05)	3 (0,03)	9 (0,04)	0	5 (0,04)	5 (0,02)	6 (0,02)	8 (0,03)	14 (0,03)
9E	5 (0,04)	10 (0,09)	15 (0,06)	5 (0,04)	13 (0,11)	18 (0,08)	10 (0,04)	23 (0,10)	33 (0,07)
9D	8 (0,06)	6 (0,05)	14 (0,06)	9 (0,07)	7 (0,06)	16 (0,07)	17 (0,07)	13 (0,06)	30 (0,06)
10E	1 (0,01)	1 (0,01)	2 (0,01)	1 (0,01)	0	1	2 (0,01)	1	3 (0,01)
10D	1 (0,01)	1 (0,01)	2 (0,01)	0	0	0	1	1	2
11E	1 (0,01)	4 (0,03)	5 (0,02)	4 (0,03)	0	4 (0,02)	5 (0,02)	4 (0,02)	9 (0,02)
11D	0	0	0	0	1 (0,01)	1	0	1	1
	126 (0,52)	117 (0,48)	243	122 (0,52)	114 (0,48)	236	248 (0,52)	231 (0,48)	479

Tabela XI-2 – Frequência Absoluta e Relativa das ZONAS de Desenvolvimento Processo Ofensivo, de acordo com o Adversário e Resultado Momentâneo.

ZONAS DPO	APURADAS (N=9)				NÃO APURADAS (N=8)				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	3 (0,04)	4 (0,04)	0	7 (0,03)	0	1 (0,02)	4 (0,02)	5 (0,02)	3 (0,04)	5 (0,03)	4 (0,02)	12 (0,03)
3E	12 (0,17)	10 (0,10)	12 (0,16)	34 (0,14)	0	9 (0,18)	21 (0,12)	30 (0,13)	12 (0,16)	19 (0,13)	33 (0,13)	64 (0,13)
3D	9 (0,13)	11 (0,11)	6 (0,08)	26 (0,11)	1 (0,17)	6 (0,12)	21 (0,12)	28 (0,12)	10 (0,13)	17 (0,12)	27 (0,11)	54 (0,11)
4E	4 (0,06)	6 (0,06)	4 (0,05)	14 (0,06)	0	2 (0,04)	10 (0,06)	12 (0,05)	4 (0,05)	8 (0,05)	14 (0,05)	26 (0,05)
4D	5 (0,07)	3 (0,03)	5 (0,07)	13 (0,05)	0	3 (0,06)	7 (0,04)	10 (0,04)	5 (0,07)	6 (0,04)	12 (0,05)	23 (0,05)
5C	2 (0,03)	5 (0,05)	3 (0,04)	10 (0,04)	0	2 (0,04)	6 (0,03)	8 (0,03)	2 (0,03)	7 (0,05)	9 (0,04)	18 (0,04)
5E	7 (0,10)	9 (0,09)	5 (0,07)	21 (0,09)	1 (0,17)	7 (0,14)	23 (0,13)	31 (0,13)	8 (0,11)	16 (0,11)	28 (0,11)	52 (0,11)
5D	8 (0,11)	7 (0,07)	5 (0,07)	20 (0,08)	0	8 (0,16)	17 (0,09)	25 (0,11)	8 (0,11)	15 (0,10)	22 (0,09)	45 (0,09)
6E	1 (0,01)	2 (0,02)	7 (0,09)	10 (0,04)	0	2 (0,04)	11 (0,06)	13 (0,06)	1 (0,01)	4 (0,03)	18 (0,07)	23 (0,05)
6D	4 (0,06)	5 (0,05)	3 (0,04)	12 (0,05)	0	0	7 (0,04)	7 (0,03)	4 (0,05)	5 (0,03)	10 (0,04)	19 (0,04)
7E	1 (0,01)	6 (0,06)	1 (0,01)	8 (0,03)	0	0	6 (0,03)	6 (0,03)	1 (0,01)	6 (0,04)	7 (0,03)	14 (0,03)
7D	2 (0,03)	6 (0,06)	1 (0,01)	9 (0,04)	0	3 (0,06)	7 (0,04)	10 (0,04)	2 (0,03)	9 (0,06)	8 (0,03)	19 (0,04)
8E	1 (0,01)	3 (0,03)	8 (0,11)	12 (0,05)	0	3 (0,06)	3 (0,02)	6 (0,03)	1 (0,01)	6 (0,04)	11 (0,04)	18 (0,04)
8D	1 (0,01)	2 (0,02)	6 (0,08)	9 (0,04)	0	0	5 (0,03)	5 (0,02)	1 (0,01)	2 (0,01)	11 (0,04)	14 (0,03)
9E	4 (0,06)	7 (0,07)	4 (0,05)	15 (0,06)	0	3 (0,06)	15 (0,08)	18 (0,08)	4 (0,05)	10 (0,07)	19 (0,07)	33 (0,07)
9D	2 (0,03)	7 (0,07)	5 (0,07)	14 (0,06)	2 (0,33)	1 (0,02)	13 (0,07)	16 (0,07)	4 (0,05)	8 (0,05)	18 (0,07)	30 (0,06)
10E	1 (0,01)	1 (0,01)	0	2 (0,01)	0	0	1 (0,01)	1	1 (0,01)	1 (0,01)	1	3 (0,01)
10D	1 (0,01)	1 (0,01)	0	2 (0,01)	0	0	0	0	1 (0,01)	1 (0,01)	0	2
11E	2 (0,02)	2 (0,02)	1 (0,01)	5 (0,02)	1 (0,17)	0	3 (0,02)	4 (0,02)	3 (0,04)	2 (0,01)	4 (0,02)	9 (0,02)
11D	0	0	0	0	1 (0,17)	0	0	1	1 (0,01)	0	0	1
	70 (0,29)	97 (0,40)	76 (0,31)	243 (0,51)	6 (0,03)	50 (0,21)	180 (0,76)	236 (0,49)	76 (0,16)	147 (0,31)	256 (0,53)	479

Gráfico XI-1– Valores Absolutos da agregação de critérios de acordo com área e setores do campograma, em relação com os Adversários e o Resultado Momentâneo.

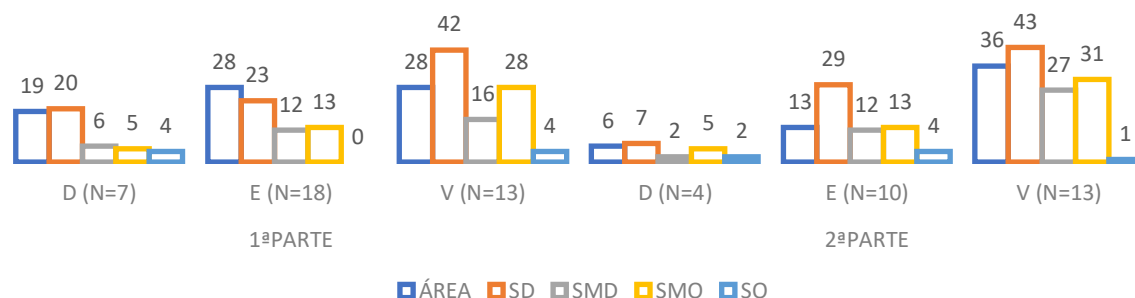


Gráfico XI-2 – Valores relativos da agregação de critérios de acordo com área e setores do campograma, em relação com os Adversários e o Resultado Momentâneo.

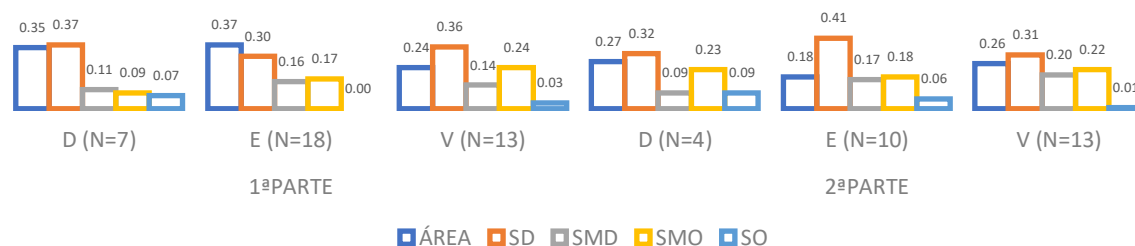


Tabela XI-3 – Frequência Absoluta e Relativa das ZONAS de Desenvolvimento Processo Ofensivo, de acordo com as Partes do Jogo e Resultado Momentâneo.

ZONAS DPO	1ªPARTE				2ªPARTE				TOTAIS			
	D (N=7)	E (N=18)	V (N=13)	T	D (N=4)	E (N=10)	V (N=13)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	2 (0,04)	2 (0,03)	3 (0,03)	7 (0,03)	1 (0,05)	3 (0,04)	1 (0,01)	5 (0,02)	3 (0,04)	5 (0,03)	4 (0,02)	12 (0,03)
3E	10 (0,19)	14 (0,18)	15 (0,13)	39 (0,16)	2 (0,09)	5 (0,07)	18 (0,13)	25 (0,11)	12 (0,16)	19 (0,13)	33 (0,13)	64 (0,13)
3D	7 (0,13)	12 (0,16)	10 (0,08)	29 (0,12)	3 (0,14)	5 (0,07)	17 (0,12)	25 (0,11)	10 (0,13)	17 (0,12)	27 (0,11)	54 (0,11)
4E	2 (0,04)	5 (0,07)	9 (0,08)	16 (0,06)	2 (0,09)	3 (0,04)	5 (0,04)	10 (0,04)	4 (0,05)	8 (0,05)	14 (0,05)	26 (0,05)
4D	2 (0,04)	3 (0,04)	5 (0,04)	10 (0,04)	3 (0,14)	3 (0,04)	7 (0,05)	13 (0,06)	5 (0,07)	6 (0,04)	12 (0,05)	23 (0,05)
5C	2 (0,04)	1 (0,01)	3 (0,03)	6 (0,02)	0	6 (0,08)	6 (0,04)	12 (0,05)	2 (0,03)	7 (0,05)	9 (0,04)	18 (0,04)
5E	8 (0,15)	7 (0,09)	14 (0,12)	29 (0,12)	0	9 (0,13)	14 (0,10)	23 (0,10)	8 (0,11)	16 (0,11)	28 (0,11)	52 (0,11)
5D	6 (0,11)	7 (0,09)	11 (0,09)	24 (0,10)	2 (0,09)	8 (0,11)	11 (0,08)	21 (0,09)	8 (0,11)	15 (0,10)	22 (0,09)	45 (0,09)
6E	1 (0,02)	4 (0,05)	7 (0,06)	12 (0,05)	0	0	11 (0,08)	11 (0,05)	1 (0,01)	4 (0,03)	18 (0,07)	23 (0,05)
6D	2 (0,04)	3 (0,04)	4 (0,03)	9 (0,04)	2 (0,09)	2 (0,03)	6 (0,04)	10 (0,04)	4 (0,05)	5 (0,04)	10 (0,04)	19 (0,04)
7E	1 (0,02)	1 (0,01)	1 (0,01)	3 (0,01)	0	5 (0,07)	6 (0,04)	11 (0,05)	1 (0,01)	6 (0,06)	7 (0,03)	14 (0,03)
7D	2 (0,04)	4 (0,05)	4 (0,03)	10 (0,04)	0	5 (0,07)	4 (0,03)	9 (0,04)	2 (0,03)	9 (0,04)	8 (0,03)	19 (0,04)
8E	0	4 (0,05)	9 (0,08)	13 (0,05)	1 (0,05)	2 (0,03)	2 (0,01)	5 (0,02)	1 (0,01)	6 (0,01)	11 (0,04)	18 (0,04)
8D	1 (0,02)	1 (0,01)	4 (0,03)	6 (0,02)	0	1 (0,01)	7 (0,05)	8 (0,03)	1 (0,01)	2 (0,07)	11 (0,04)	14 (0,03)
9E	3 (0,06)	4 (0,05)	3 (0,03)	10 (0,04)	1 (0,05)	6 (0,08)	16 (0,12)	23 (0,10)	4 (0,05)	10 (0,05)	19 (0,07)	33 (0,07)
9D	1 (0,02)	4 (0,05)	12 (0,10)	17 (0,07)	3 (0,14)	4 (0,06)	6 (0,04)	13 (0,06)	4 (0,05)	8 (0,01)	18 (0,07)	30 (0,06)
10E	1 (0,02)	0	1 (0,01)	2 (0,01)	0	1 (0,01)	0	1	1 (0,01)	1 (0,01)	1	3 (0,01)
10D	1 (0,02)	0	0	1	0	1 (0,01)	0	1	1 (0,01)	1 (0,01)	0	2
11E	2 (0,04)	0	3 (0,03)	5 (0,02)	1 (0,05)	2 (0,03)	1 (0,01)	4 (0,02)	3 (0,04)	2 (0,01)	4 (0,02)	9 (0,02)
11D	0	0	0	0	1 (0,05)	0	0	1	1 (0,01)	0	0	1
	54	76	118	248	22	71	138	231	76	147	256	479

Gráfico XI-3 – Valores Absolutos da agregação de critérios de acordo com área e setores do campograma, em relação com as Partes do Jogo e o Resultado Momentâneo.

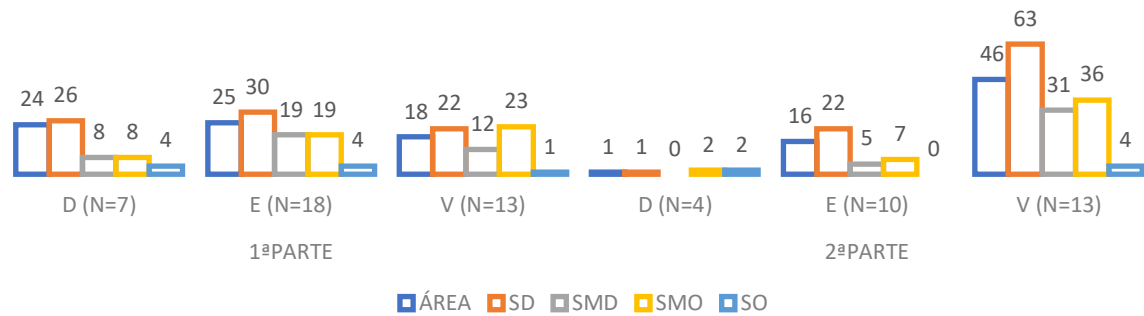
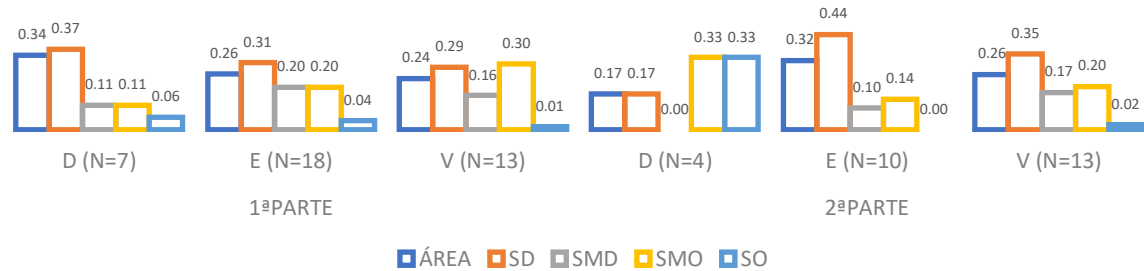


Gráfico XI-4 – Valores relativos da agregação de critérios de acordo com área e setores do campograma, em relação com as Partes do Jogo e o Resultado Momentâneo.



ANEXO XII

Zonas FPO**Tabela XII-1** – Frequência absoluta e relativa das ZONAS de Final Processo Ofensivo, de acordo com os Adversários e Partes do jogo.

ZONAS FPO	APURADAS (N=9)			NÃO APURADAS (N=8)			TOTAIS		
	1ªP.	2ªP.	T	1ªP.	2ªP.	T	1ªP.	2ªP.	T
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	0	1 (0,01)	1	0	0	0	0	1	1
3E	1 (0,01)	2 (0,02)	3 (0,01)	1 (0,01)	0	1	2 (0,01)	2 (0,01)	4 (0,01)
3D	1 (0,01)	1 (0,01)	2 (0,01)	2 (0,02)	2 (0,02)	4 (0,02)	3 (0,01)	3 (0,01)	6 (0,01)
4E	3 (0,03)	3 (0,03)	6 (0,03)	6 (0,06)	1 (0,01)	7 (0,03)	9 (0,04)	4 (0,02)	13 (0,03)
4D	4 (0,04)	7 (0,07)	11 (0,05)	3 (0,03)	3 (0,03)	6 (0,03)	7 (0,03)	10 (0,05)	17 (0,04)
5C	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5E	3 (0,03)	2 (0,02)	5 (0,02)	0	0	0	3 (0,01)	2 (0,01)	5 (0,01)
5D	1 (0,01)	0	1	0	0	0	1	0	1
6E	15 (0,14)	11 (0,11)	26 (0,12)	6 (0,06)	11 (0,11)	17 (0,08)	21 (0,10)	22 (0,11)	43 (0,10)
6D	11 (0,10)	5 (0,05)	16 (0,08)	5 (0,05)	11 (0,11)	16 (0,08)	16 (0,08)	16 (0,08)	32 (0,08)
7E	6 (0,06)	4 (0,04)	10 (0,05)	8 (0,08)	9 (0,09)	17 (0,08)	14 (0,07)	13 (0,06)	27 (0,06)
7D	8 (0,08)	4 (0,04)	12 (0,06)	8 (0,08)	9 (0,09)	17 (0,08)	16 (0,08)	13 (0,06)	29 (0,07)
8E	7 (0,07)	7 (0,07)	14 (0,07)	11 (0,10)	2 (0,02)	13 (0,06)	18 (0,09)	9 (0,04)	27 (0,06)
8D	5 (0,05)	7 (0,07)	12 (0,06)	3 (0,03)	7 (0,07)	10 (0,05)	8 (0,04)	14 (0,07)	22 (0,05)
9E	8 (0,08)	8 (0,08)	16 (0,08)	7 (0,07)	10 (0,10)	17 (0,08)	15 (0,07)	18 (0,09)	33 (0,08)
9D	6 (0,06)	8 (0,08)	14 (0,07)	9 (0,09)	11 (0,11)	20 (0,10)	15 (0,07)	19 (0,09)	34 (0,08)
10E	14 (0,13)	11 (0,11)	25 (0,12)	7 (0,07)	8 (0,08)	15 (0,07)	21 (0,10)	19 (0,09)	40 (0,10)
10D	4 (0,04)	8 (0,08)	12 (0,06)	09 (0,09)	6 (0,06)	15 (0,07)	13 (0,06)	14 (0,07)	27 (0,06)
11E	4 (0,04)	9 (0,09)	13 (0,06)	8 (0,08)	9 (0,09)	17 (0,08)	12 (0,06)	18 (0,09)	30 (0,07)
11D	4 (0,04)	6 (0,06)	10 (0,05)	12 (0,11)	5 (0,05)	17 (0,08)	16 (0,08)	11 (0,05)	27 (0,06)
	105 (0,50)	104 (0,50)	209	105 (0,50)	104 (0,50)	209	210 (0,52)	208 (0,48)	418

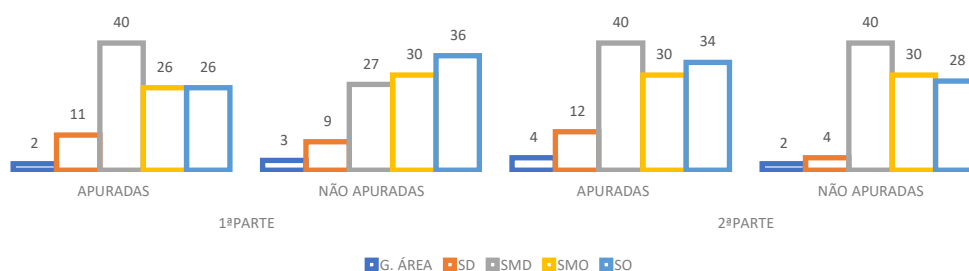
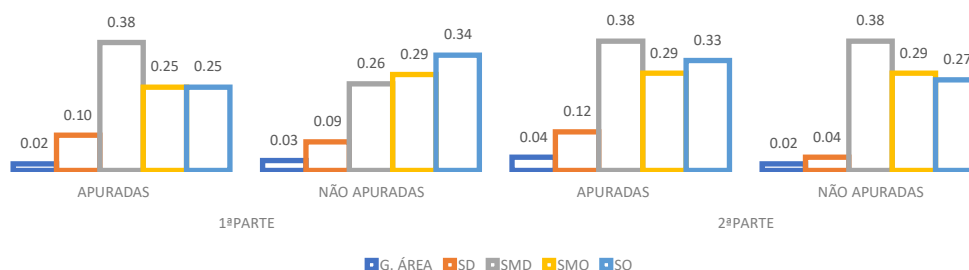
Gráfico XII-1 – Valores absolutos da agregação de critérios de acordo com a Grande Área e setores do campograma.**Gráfico XII-2** – Valores relativos da agregação de critérios de acordo com a Grande Área e setores do campograma.

Tabela XII-2 – Frequência Absoluta e Relativa das ZONAS de Final Processo Ofensivo, de acordo com o Adversário e Resultado Momentâneo.

ZONAS FPO	APURADAS (N=9)				NÃO APURADAS (N=8)				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	1 (0,02)	0	0	1 (0,01)	0	0	0	0	1 (0,01)	0	0	1
3E	1 (0,02)	1 (0,01)	1 (0,02)	3 (0,01)	0	0	1 (0,01)	1	1 (0,01)	1 (0,01)	2 (0,01)	4 (0,01)
3D	0	1 (0,01)	1 (0,02)	2 (0,01)	0	1 (0,02)	3 (0,02)	4 (0,02)	0	2 (0,02)	4 (0,02)	6 (0,01)
4E	2 (0,03)	2 (0,02)	2 (0,03)	6 (0,03)	0	3 (0,07)	4 (0,03)	7 (0,03)	2 (0,03)	5 (0,04)	6 (0,03)	13 (0,03)
4D	6 (0,10)	3 (0,04)	2 (0,03)	11 (0,05)	0	3 (0,07)	3 (0,02)	6 (0,03)	6 (0,09)	6 (0,05)	5 (0,02)	17 (0,04)
5C	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5E	1 (0,02)	1 (0,01)	3 (0,05)	5 (0,03)	0	0	0	0	1 (0,01)	1 (0,01)	3 (0,01)	5 (0,01)
5D	1 (0,02)	0	0	1 (0,01)	0	0	0	0	1 (0,01)	0	0	1
6E	8 (0,13)	8 (0,10)	10 (0,16)	26 (0,13)	0	2 (0,04)	15 (0,09)	17 (0,08)	8 (0,12)	10 (0,08)	25 (0,11)	43 (0,10)
6D	5 (0,08)	5 (0,06)	6 (0,10)	16 (0,08)	1 (0,17)	6 (0,13)	9 (0,06)	16 (0,08)	6 (0,09)	11 (0,09)	15 (0,07)	32 (0,08)
7E	6 (0,10)	3 (0,04)	1 (0,02)	10 (0,05)	0	3 (0,07)	14 (0,09)	17 (0,08)	6 (0,09)	6 (0,05)	15 (0,07)	27 (0,07)
7D	3 (0,05)	8 (0,10)	1 (0,02)	12 (0,05)	0	3 (0,07)	14 (0,09)	17 (0,08)	3 (0,04)	11 (0,09)	15 (0,07)	29 (0,07)
8E	3 (0,05)	2 (0,02)	9 (0,14)	14 (0,07)	0	5 (0,11)	8 (0,04)	13 (0,06)	3 (0,04)	7 (0,05)	17 (0,08)	27 (0,07)
8D	0	10 (0,12)	2 (0,03)	12 (0,05)	0	3 (0,07)	7 (0,05)	10 (0,05)	0	13 (0,10)	9 (0,04)	22 (0,05)
9E	4 (0,06)	8 (0,10)	4 (0,06)	16 (0,07)	0	6 (0,13)	11 (0,07)	17 (0,08)	4 (0,06)	14 (0,11)	15 (0,07)	33 (0,08)
9D	3 (0,05)	6 (0,07)	5 (0,08)	14 (0,07)	2 (0,33)	1 (0,02)	17 (0,11)	20 (0,10)	5 (0,07)	7 (0,05)	22 (0,10)	34 (0,08)
10E	10 (0,16)	9 (0,11)	6 (0,10)	25 (0,12)	0	0	15 (0,09)	15 (0,07)	10 (0,14)	9 (0,07)	21 (0,10)	40 (0,10)
10D	5 (0,08)	5 (0,06)	2 (0,03)	12 (0,06)	0	2 (0,04)	13 (0,08)	15 (0,07)	5 (0,07)	7 (0,05)	15 (0,07)	27 (0,06)
11E	3 (0,05)	6 (0,07)	4 (0,06)	13 (0,06)	3 (0,50)	1 (0,02)	13 (0,08)	17 (0,08)	6 (0,09)	7 (0,05)	17 (0,08)	30 (0,07)
11D	1 (0,02)	5 (0,06)	4 (0,06)	10 (0,05)	0	6 (0,13)	11 (0,07)	17 (0,08)	1 (0,01)	11 (0,09)	15 (0,07)	27 (0,06)
	63 (0,30)	83 (0,40)	63 (0,30)	209 (0,50)	6 (0,03)	45 (0,21)	158 (0,76)	209 (0,50)	69 (0,16)	128 (0,31)	221 (0,53)	418

Tabela XII-3 – Frequência Absoluta e Relativa das ZONAS de Final Processo Ofensivo, da agregação de critérios de acordo com a Grande Área e setores do campograma, de acordo com o Adversário e Resultado Momentâneo.

ZONAS FPO	APURADAS (N=9)				NÃO APURADAS (N=8)				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
1	2	2	2	6		1	4	5	2	3	6	11
2												
3E	3%	2%	3%	3%		2%	3%	2%	3%	2%	3%	3%
3D												
4E												
4D	10	6	7	23		6	7	13	10	12	14	36
5C												
5E	16%	7%	11%	11%		13%	4%	6%	14%	9%	6%	9%
5D												
6E												
6D	22	24	18	64	1	14	52	67	23	38	70	131
7E												
7D	35%	29%	29%	31%	17%	31%	33%	32%	33%	30%	32%	31%
8E												
8D	10	26	20	36	2	15	43	60	12	41	63	116
9E												
9D	16%	31%	32%	27%	33%	33%	27%	29%	17%	32%	29%	28%
10E												
10D	19	25	16	60	3	9	52	64	22	34	68	124
11E												
11D	30%	30%	25%	29%	50%	20%	33%	31%	32%	27%	31%	30%
	63 (0,30)	83 (0,40)	63 (0,30)	209 (0,50)	6 (0,03)	45 (0,21)	158 (0,76)	209 (0,50)	69 (0,16)	128 (0,31)	221 (0,53)	418

Tabela XII-4 – Frequência Absoluta e Relativa das ZONAS de Final Processo Ofensivo, de acordo com as Partes do Jogo e Resultado Momentâneo.

ZONAS FPO	1ªPARTE				2ªPARTE				TOTAIS			
	D (N=7)	E (N=18)	V (N=13)	T	D (N=4)	E (N=10)	V (N=13)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	0	0	0	0	1 (0,05)	0	0	1	1 (0,01)	0	0	1
3E	0	1 (0,02)	1 (0,01)	2 (0,01)	1 (0,05)	0	1 (0,01)	2 (0,01)	1 (0,01)	1 (0,01)	2 (0,01)	4 (0,01)
3D	0	2 (0,03)	1 (0,01)	3 (0,01)	0	0	3 (0,02)	3 (0,01)	0	2 (0,02)	4 (0,02)	6 (0,01)
4E	2 (0,04)	4 (0,06)	3 (0,03)	9 (0,04)	0	1 (0,02)	3 (0,02)	4 (0,02)	2 (0,03)	5 (0,04)	6 (0,03)	13 (0,03)
4D	3 (0,06)	1 (0,02)	3 (0,03)	7 (0,03)	3 (0,14)	5 (0,08)	2 (0,02)	10 (0,05)	6 (0,09)	6 (0,05)	5 (0,02)	17 (0,04)
5C	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5E	1 (0,02)	0	2 (0,02)	3 (0,01)	0	1 (0,02)	1 (0,01)	2 (0,01)	1 (0,01)	1 (0,01)	3 (0,01)	5 (0,01)
5D	1 (0,02)	0	0	1	0	0	0	0	1 (0,01)	0	0	1
6E	6 (0,13)	7 (0,11)	8 (0,08)	21 (0,10)	2	3 (0,05)	17 (0,14)	22 (0,11)	8 (0,12)	10 (0,08)	25 (0,11)	43 (0,10)
6D	4 (0,09)	7 (0,11)	5 (0,05)	16 (0,08)	2 (0,09)	4 (0,06)	10 (0,08)	16 (0,08)	6 (0,09)	11 (0,09)	15 (0,07)	32 (0,08)
7E	4 (0,09)	5 (0,08)	5 (0,05)	14 (0,07)	2	1 (0,02)	10 (0,08)	13 (0,06)	6 (0,09)	6 (0,05)	15 (0,07)	27 (0,06)
7D	2 (0,04)	6 (0,09)	8 (0,08)	16 (0,08)	1	5 (0,08)	7 (0,06)	13 (0,06)	3 (0,04)	11 (0,09)	15 (0,07)	29 (0,07)
8E	2 (0,04)	4 (0,06)	12 (0,12)	18 (0,09)	1 (0,05)	3 (0,05)	5 (0,04)	9 (0,04)	3 (0,04)	7 (0,05)	17 (0,08)	27 (0,06)
8D	0	5 (0,08)	3 (0,03)	8 (0,04)	0	8 (0,13)	6 (0,05)	14 (0,07)	0	13 (0,10)	9 (0,04)	22 (0,05)
9E	4 (0,09)	6 (0,09)	5 (0,05)	15 (0,07)	0	8 (0,13)	10 (0,08)	18 (0,09)	4 (0,06)	14 (0,11)	15 (0,07)	33 (0,08)
9D	1 (0,02)	2 (0,03)	12 (0,12)	15 (0,07)	4 (0,14)	5 (0,08)	10 (0,08)	19 (0,09)	5 (0,07)	7 (0,05)	22 (0,10)	34 (0,08)
10E	9 (0,19)	4 (0,06)	8 (0,08)	21 (0,10)	1	5 (0,08)	13 (0,11)	19 (0,09)	10 (0,14)	9 (0,07)	21 (0,10)	40 (0,10)
10D	4 (0,09)	1 (0,02)	8 (0,08)	13 (0,06)	1	6 (0,09)	7 (0,06)	14 (0,07)	5 (0,07)	7 (0,05)	15 (0,07)	27 (0,06)
11E	4 (0,09)	2 (0,03)	6 (0,06)	12 (0,06)	2 (0,05)	5 (0,08)	11 (0,09)	18 (0,09)	6 (0,09)	7 (0,05)	17 (0,08)	30 (0,07)
11D	0	7 (0,11)	9 (0,09)	16 (0,08)	1 (0,05)	4 (0,06)	6 (0,05)	11 (0,05)	1 (0,01)	11 (0,09)	15 (0,07)	27 (0,06)
	47 (0,22)	64 (0,30)	99 (0,47)	210	22 (0,11)	64 (0,31)	122 (0,59)	208	69 (0,17)	128 (0,31)	221 (0,53)	418

Tabela XII-5 – Frequência Absoluta e Relativa das ZONAS de Final Processo Ofensivo, da agregação de critérios de acordo com a Grande Área e setores do campograma, de acordo com o Adversário e Resultado Momentâneo.

ZONAS FPO	1ªPARTE				2ªPARTE				TOTAIS			
	D (N=8)	E (N=17)	V (N=10)	T	D (N=3)	E (N=11)	V (N=16)	T	D (N=11)	E (N=28)	V (N=26)	T
1												
2		3	2	5	2		4	6	2	3	6	11
3E		5%	2%	2%	9%		3%	3%	3%	2%	3%	3%
3D												
4E												
4D	7	5	8	20	3	7	6	16	10	12	14	36
5C												
5E	15%	8%	8%	10%	14%	11%	5%	8%	14%	9%	6%	9%
5D												
6E	16	25	26	67	7	13	44	64	23	38	70	131
6D												
7E	35	39%	26%	32%	32%	20%	36%	31%	33%	30%	32%	31%
7D	4%											
8E												
8D	7	17	32	56	5	24	31	60	12	41	63	116
9E												
9D	15%	27%	32%	27%	23%	38%	25%	29%	17%	32%	29%	28%
10E												
10D	17	14	31	62	5	20	37	62	22	34	68	124
11E												
11D	36%	22%	31%	30%	23%	31%	30%	30%	32%	27%	31%	30%
	63 (0,30)	83 (0,40)	63 (0,30)	209 (0,50)	6 (0,03)	45 (0,21)	158 (0,76)	209 (0,50)	69 (0,16)	128 (0,31)	221 (0,53)	418

ANEXO XIII

Quadro XIII-1 - Padrão de Conduta Critério Pontapé de GR Curto.

DPO – PONTAPÉ DE GR CURTO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO							
ZONAS							
CJ							
TRANS.							

Quadro XIII-2 - Padrão de Conduta Critério Pontapé de GR Médio.

DPO – PONTAPÉ DE GR MÉDIO							
	L-3	L-2	L-1	L0	L1	L2	L3
IPO/FPO			IPPDIND (2,42)		FPBRECA (2,31)		
ZONAS				7E (5,77)	7E (3,94)		
CJ							
TRANS.							